

MANDY HUBBARD

*Faça  
seu  
pedido*



MANDY HUBBARD

*Faça  
seu  
pedido*



MANDY HUBBARD

*Faça  
seu  
pedido*



 GUTENBERG

Copyright © 2010 Mandy Hubbard

Copyright © 2010 Razor Bill, uma divisão da Penguin Young Readers Group

Copyright desta edição © 2013 Editora Gutenberg

TÍTULO ORIGINAL: ... *You Wish*

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios

mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

#### PROJETO GRÁFICO DE CAPA

*Diogo Droschi*

#### EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

*Waldênia Alvarenga S. Ataíde*

#### TRADUÇÃO

*Ana Paula Corradini*

#### PREPARAÇÃO

*Karina Danza*

#### EDIÇÃO DE TEXTO

*Ab Aeterno Produção Editorial*

#### REVISÃO

*Camile Mendrot*

*Lilian de Oliveira*

#### EDITORA RESPONSÁVEL

*Rejane Dias*

PRODUÇÃO DO E-BOOK

[Schaffer Editorial](#)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

Hubbard, Mandy

Faça seu pedido / Mandy Hubbard ; tradução de Ana Paula Corradini. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013.

Título original: You wish.

ISBN 978-85-6538-374-5

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

12-09001

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

**A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Televentas: 0800 283 13 22

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

Para Brooke.

Que todos os seus desejos se realizem,  
contanto que você não queira um cachorrinho.

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

Agradecimentos

1

As pessoas dizem que sou alguém do tipo “copo meio vazio”. Eu acho que elas estão

certas, porque eu nunca entendi como é possível enxergar o copo meio cheio quando está na

cara que está faltando alguma coisa. Mas, pensando bem, talvez seja porque passei o último verão

trabalhando numa lanchonete, e um copo meio vazio queria dizer que eu estava atrasada com o

serviço.

Ou, então, talvez seja a minha natureza pessimista, mas, quando estou na aula de Biologia,

duas carteiras atrás da minha melhor amiga, Nicole, não consigo parar de pensar no segredo que

ela obviamente guarda. Estou segurando meu lápis cheio de marcas de dentadas, como se

daquilo dependesse a minha vida, enquanto a observo, quando deveria estar usando o coitado

para copiar o diagrama desenhado na lousa.

Na verdade, a Nicole, em toda a sua glória de “copo meio cheio”, não é boa em guardar

segredos. Nesse momento, ela evita totalmente o meu olhar, e anota tudo, como se a Biologia

fosse desaparecer numa liquidação de ponta de estoque; a ponta de sua botinha, de cano curto e

de camurça cinza, super na moda, batendo contra o piso bege mais rápido que o batimento

cardíaco de um beija-flor. Ela brinca com seu cabelo loiro e comprido, jogando-o na frente do

rosto, para que eu não veja a expressão de seus olhos azuis.

Eu ainda não decidi se vou perguntar ou não a ela o que está rolando. Minha festa de

aniversário é hoje à noite e o segredo dela pode ser alguma coisa incrivelmente espetacular, o

que significa que seria melhor que fosse uma surpresa.

Mesmo assim, isso me leva de volta ao “copo meio vazio” e ao fato de que eu duvido muito

de que seja algo espetacular. A Nicole é uma dessas pessoas fáceis de ler, como um livro aberto.

E, nesse momento, o livro está aberto na definição de “nervosa”. O restante da classe está caindo

de sono, os alunos estão debruçados sobre carteiras e cadernos. Na verdade, eu tenho certeza de

que aquele cara no fundão, com moletom de capuz azul-escuro, está dormindo mesmo.

Mas não a Nicole. A Nicole está irradiando mais energia que uma criancinha de dois anos

que se entupiu de açúcar. Ela finalmente levanta a cabeça e olha de relance para mim, e aqueles

olhos azuis sensacionais se arregalam quando ela vê que a estou encarando. Ela volta para o

caderno, rabiscando alguma coisa, furiosamente. Ou ela está anotando tudo ao pé da letra ou está

escrevendo o próximo Guerra e paz.

Suspiro e volto a prestar atenção no Sr. Gordon, que está nomeando cada parte do desenho

de uma célula. As palavras em giz vermelho desbotado estão apertadas e tortas, quase ilegíveis.

Seu colete de lã xadrez azul e vermelho está levemente torto, e ele sua e enxuga as sobrelhas

grossas e grisalhas com as costas da mão a todo momento.

Parei de ouvir em algum ponto perto da mitocôndria, e então agora estou perdida, sem

esperanças. Ter Biologia como primeira aula do dia deveria ser contra a lei; até parece que meu

cérebro está a todo vapor, às sete e cinquenta da manhã.

Disfarço um bocejo e olho pela janela, rezando para alguma coisa muito doida acontecer,

como o salgueiro gigante e pelado do jardim simplesmente tombar. Ou talvez a menina do nono

ano, que está correndo pela grama, escorregar em uma das folhas alaranjadas cobertas de orvalho

e cair, e assim eu teria de sair correndo e ir até lá para checar se está tudo bem. Qualquer coisa

seria melhor do que ficar plantada aqui. Só faz um mês que começamos nosso primeiro ano do

ensino médio, porém cada dia já está mais devagar que o outro. E a voz monótona do Sr. Gordon

e o giz fazendo um barulho estridente na lousa, o que me dá arrepios, não estão ajudando em

nada.

Eu me abaixo e coço minha perna por cima da meia-calça arrastão. Tem uma costura na

parte interna do joelho que está me deixando maluca. Eu nunca usei essas coisas antes e já estou

me arrependendo. Acho que vou tirá-la no banheiro.

Não é que eu tenha decidido ser gótica, nem emo, nem nada dessas coisas, também. Eu

simplesmente não gosto de ser como as ovelhinhas bem-comportadas do topo da pirâmide social

aqui da escola. Na primavera do ano passado, quando começaram a passar na TV aqueles

comerciais de vestidinhos de verão da Old Navy, todas elas apareceram como uma vitrine de

feminilidade nas cores do arco-íris. Eu consigo prever as roupas que elas usarão como se tivesse

uma tabela dos horários das marés. Só preciso de uma loja da Gap e uma edição da Seventeen para

saber tudo o que elas usarão em todos os dias da próxima semana.

Às vezes, quando me sinto bem corajosa, até passo e digo “bééé” para elas, apesar de

ninguém entender muito bem o que estou fazendo. Geralmente, a Nicole se esconde atrás de

um armário ou de uma das vitrines de troféus nos corredores e morre de rir, pedindo para eu

continuar.

Então, eu comprei essa meia-arrastão para usar com o meu vestido da Old Navy, e a diferença

é que comprei o vestido de marinheira listrado azul e branco, que estava com cinquenta por

cento de desconto duas semanas depois, pois não tinha feito sucesso. E, com certeza, existe uma

razão para ninguém comprar aquele vestido, pois, cada vez que o coloco, tenho a impressão de

que alguém vai berrar “esfregue o deque, maruja!”.

Além disso, como agora não é mais verão e já entramos no outono, está fazendo friozinho lá

fora. Eu deveria ter vestido uma legging, e não uma meia-arrastão, principalmente das do tipo que

me dão uma coceira irritante.

Abro meu fichário e pego o passe que me dá permissão para andar no corredor. Eu consegui

passar quase o mês inteirinho sem usá-lo, o que vale dez pontos extras, pontos que me serão bem

úteis. Mas conforto vale uns cinquenta milhões de pontos, e vou usá-lo de uma vez.

Ando em direção à porta e coloco meu passe na urna, e então vou para o banheiro, meus All

Star pretos sem dar um pio no corredor acarpetado. Meus pés são a única parte do meu corpo que

estão se sentindo realmente confortáveis, mas estou prestes a dar um jeito nesse problema. Eu sei

que dizem por aí que você tem de fazer sacrifícios pela moda, mas tenho certeza de que isso só

conta quando você está tentando ser fashion de verdade.

Estou quase chegando à porta grossa de madeira quando ela se abre e me pega bem na

canela. Parece que a minha perna inteira se espatifou.

— Ai!

Pulo para trás, só esperando o sangue jorrar a qualquer momento. Minha

panturrilha lateja

de dor enquanto dou uns pulinhos — e uns uivos também. Eu sei que tenho uma tendência

melodramática forte, mas, cara, doeu mesmo.

Janae Crawford, a rainha da panelinha dos vestidos Old Navy e a pessoa mais malvada que já

conheci, surge de dentro do banheiro e me lança um olhar de tédio. Eu acho que passar por

cima de todas as colegas de escola não é mais tão emocionante para ela.

Hoje, ela está usando uma calça jeans tão justa que ela deve ter precisado de uma calçadeira

de sapato para entrar naquilo (se é que não existe uma “bundaçadeira” ou coisa do gênero) e duas

camadas de regatinhas de renda com uma blusinha de lã rosa-shocking por cima. E, para

arrematar, um colar de pérolas tão comprido que chega ao umbigo dela. Até parece que as

pérolas deixarão esse visual mais “classudo”.

O olhar de “nem-te-ligo” dela se transforma em um sorriso surpreso quando seus olhos

viajam ao longo das minhas pernas e observam a meia-arrastão.

Eu resmungo por dentro e mesmo assim não a deixo perceber que estou preocupada com o

que ela dirá em seguida. O segredo de ser uma ovelha negra é agir como se você amasse cada

minuto do dia, mesmo quando a mais branquela das ovelhas brancas está prestes a rasgar você em

pedacinhos.

— Ai, desculpe, mas já é Halloween? — Ela mexe a cabeça do jeito mais irritante do mundo

quando fala. Faz como se estivesse em um programa de entrevistas desses que passam à tarde na

TV, dizendo: — Ah, não, não acredito!

— Ó de bordo, ô tá se achando! — bato continência para ela, tirando o maior sarro, e passo

por ela indo em direção à pia.

Ela só vira os olhos.

— Ai, você é tão esquisita.

Dou um tapão no peito, bem em cima do coração, tentando parecer o mais teatral possível.

— Ah, é o escorbuto — digo, entortando a boca para o lado e empurrando uma sobrancelha

para baixo, até quase fechar o olho.

Esta frase provavelmente não faz sentido algum, e a Janae faz um barulho que parece uma

combinação de uma bufada com um gargarejo e então passa por mim, dando um encontrão no

meu ombro e me fazendo bater na parede de lajota cinza.

Eu grito para ela:

— Quer dizer que a guerra de travesseiros de hoje à noite está cancelada?

Nem sei de onde veio isso, mas pelo olhar que ela me lança antes de bater a porta, acho que

consegui uma vitória. Mesmo com a porta fechada, consigo ouvir suas sandálias de plataforma

grossa, enquanto sai marchando, fazendo barulho o bastante para ressuscitar os mortos.

Rio sozinha quando entro numa cabinezinha do banheiro, mas agora sei que não posso tirar

a meia-arrastão. Não vou dar esse gostinho para ela nem a pau, mesmo que o fato de eu querer

trocar de roupa não tenha nada a ver com ela. Saco! Agora, perdi meus pontos de crédito extra e

minhas pernas ficarão coçando o dia inteiro. Mas que maravilha de dia!

E eu já falei que hoje é meu aniversário? Bom, é. Tenho, oficialmente, dezesseis anos! Uma

idade bonitinha? Não exatamente. Eu parei de ser bonitinha quando larguei mão de mascar uma

montanha de chicletes de bolinha todos os dias, ainda no ensino fundamental.

Cada aniversário parece pior que o anterior. Quando eu fizer dezessete, provavelmente

entrarei numa crise de meia-idade.

Dou descarga e vou para a pia. Não estou com a mínima vontade de voltar para a próxima

aula, que é de História, então passo mais ou menos uns cinco minutos inteirinhos lavando as

mãos. Alguns fios de cabelo castanho escaparam do meu rabo de cavalo, ainda úmido do banho.

Passsei maquiagem de palhaça, porque nem um rímel de marca caríssima deixaria meus olhos

castanhos mais interessantes, e meus lábios finos não ficarão mais carnudos, não importa o

quanto eu gaste de gloss. Meu vestido fica meio pendurado em mim, porque eu sou magra

demais e tenho peito de menos para ficar bem nele.

Antes de dizer que odeio minhas orelhas também, Nicole entra pela porta, as botinhas de

cano curto batendo no piso branco do banheiro.

— Ah, que bom! — diz ela ao me ver, como se nem tivesse passado a aula de Biologia me

ignorando.

— Oi — falo, pegando umas toalhas de papel grossas. — E aí?

Nicole vai até a pia e começa a lavar as mãos, apesar de nem ter usado o banheiro ainda.

Muito suspeito. Então, inclina-se para a frente, até sua franja loira cair sobre seus olhos e ela não

precisar olhar para mim. Eu vejo as argolas de prata em seus pulsos flutuarem, enquanto ela

mantém as mãos debaixo da água. A Nicole ficou tão alta no verão passado que agora tem de se

inclinar para a frente. Ela ainda está se acostumando com o seu guarda-roupa gigantesco de

outono, e os jeans de hoje parecem valer duzentos dólares de perfeição.

— Nada de mais. — Ela começa a empurrar o porta-sabonete líquido sem parar, até o

sabonete escorrer em suas mãos.

Eu paro de olhar para ela e finjo arrumar meu rabo de cavalo.

— Nem quero ver o que acontecerá hoje à noite. De verdade. Eu queria que minha mãe

cancelasse tudo. Vai ser tão ridículo.

Ela olha para mim através do espelho. Percebo que sua pele está linda hoje, quase brilhando,

só umas manchinhas no queixo e uma no nariz. A mãe dela provavelmente a

arrastou para o

dermatologista, o que faz parte da missão sem-fim de acabar com a acne da Nicole.

— Ah, e sobre isso... — começa ela.

Olho nos olhos dela e espero que ela termine a frase.

— Eu meio que esqueci que sua festa era hoje. Quer dizer, só esqueci, tipo, um segundo. Eu

saí com o Ben no sábado passado e ele teve essa ideia incrível de comemorar nossos três meses de

namoro e eu concordei, antes de perceber que era no mesmo dia que a sua festa — diz ela, bem

rápido, e então abre a torneira com tudo; a água bate em sua mão e começa a espirrar bolhas de

sabão sobre a bancada da pia.

Meu coração se torce de um lado para o outro e cai para o meu estômago. Logo antes do fim

das aulas, na primavera passada, [1](#) Nicole começou a namorar pela primeira vez na vida. Por um

tempo, parecia que tudo continuaria uma beleza, mas então alguns meses se passaram, as aulas

voltaram e agora, pelo jeito, não há espaço o bastante para uma melhor amiga e um namorado.

Aquela menina tímida que foi minha melhor amiga nos últimos seis anos finalmente se assumiu

como é, e fico muito feliz por ela... Mas não sei o que isso significa para mim, se ela vai enjoar de

mim, seguir em frente, esquecer de mim. Porque eu sou a mesma pessoa que sempre fui, só que

ela não é mais.

E alguém tem de ceder.

Eu seguro na ponta da bancada, apesar de a superfície estar toda molhada.

— Você está brincando, né?

Ela faz que não com a cabeça.

— Mas eu só vou chegar um pouquinho atrasada, juro.

— Aonde vocês vão?

Ela provavelmente tem um bom motivo para aprontar essa. Como se ela houvesse acabado

de descobrir que ganhou na loteria e tem de estar lá hoje à noite para receber o cheque

pessoalmente.

— Ele estava pensando em me levar no Anya, aquele lugar de frente para o mar, e você sabe

como esse lugar deve ser legal, né? É o meu primeiro aniversário de namoro de verdade e vai ser

super-romântico. Mas não vou se isso for um problema. — Nicole está falando bem rápido, as

palavras fluem como se estivessem caindo da ponta das Cataratas do Niágara. — Mas ele está

treinando pesado na pista de corrida ultimamente, e agora que as aulas começaram a gente nem

se vê direito; eu quero muito ir. Não quero dar um bolo nele.

Tudo o que consigo fazer é olhar fixamente para ela. Parece tão errado ela pedir permissão

para me deixar de lado, como se não tivesse jeito algum de recusar sem ser uma criança

completa.

Respiro fundo, bem devagar, esfregando os olhos.

— Você sabe que estou odiando a ideia dessa festa, Nicole. É verdade, eu também não iria à

minha festa, se pudesse. Mas como vou sobreviver a essa tortura se você não estiver lá para rir de

tudo comigo?

Esse é o problema sobre a minha festa de dezesseis anos: 2 minha mãe é quem quer a festa,

não eu. Ela é organizadora de eventos e fala da minha festa de dezesseis anos há uns milênios.

Quando eu era pequena, parecia muito legal, e a gente ficava conversando até altas horas sobre

como tudo seria lindo.

Mas as coisas mudam, as pessoas também; e uma festa cheia de frufus para esta que vos fala

agora é o meu pior pesadelo. Já faz mais de um ano que não quero mais essa festa — e que

prefiro um jantar tranquilo —, mas não adianta. Ela fará a festa para mim de qualquer jeito.

A pior parte disso tudo é que a Nicole é a única pessoa que convidei. Eu achei que, com ela

para tirar sarro de tudo, até um show da Miley Cyrus seria suportável.

Minha mãe, por outro lado, convidou todos os parentes que temos e até os que não temos,

como os vizinhos e o motorista do meu busão. Fala sério: ela convidou o motorista do ônibus

escolar. Então, esse lugar estará cheio de gente que eu não quero nem ver. E vai

ter brincadeiras.

Ah, as brincadeiras.

— A gente não vai perder a festa inteira, prometo. Só a primeira hora, no máximo. Mas só se

for tudo bem para você — promete Nicole.

Encaramo-nos por um tempo, a torneira aberta ao fundo, minha mão ainda segurando a

bancada. Minha noite começa a se desenrolar na minha frente, como um deserto sem-fim.

Eu consigo sobreviver por uma hora, né? Sem dramas. A Nicole chegará antes de tudo ficar

insuportável, vamos rir dos enfeites ridículos, comer aperitivos sem graça, e será como se ela não

tivesse perdido nada.

— Tá — concordo. — Consigo aguentar uma hora.

— Tudo bem? Mesmo? — confirma ela, com a voz uma oitava mais alta. É quase tão

estridente que só líderes de torcida seriam capazes de ouvir.

Eu faço que sim com a cabeça, enquanto meu estômago se contrai. Ela se joga em minha

direção e me abraça, besuntando meu vestido de verão de marinheira com suas mãos cheias de

sabonete.

— Você é a melhor das melhores amigas — diz ela. — Eu prometo: chego lá às dez.

Eu só faço que sim com a cabeça. Vou ter de encarar a situação e sorrir mostrando todos os

dentes até ela chegar. Meu aniversário é só por uma noite.

O problema, na real, é que eu sei que a Nicole está passando cada vez mais tempo com o

Ben, e cada vez menos tempo comigo, e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Mas isso nem é o pior da história.

Sabe o que é o pior disso tudo?

Estou total e perdidamente apaixonada por Ben Mackenzie há três longos e dolorosos anos.

E ela nem imagina.

1 A história do livro se passa nos Estados Unidos, onde o ano escolar começa em setembro (por isso a personagem diz que está em setembro e mal se passou um mês de aula) e termina em junho, quando é primavera no hemisfério Norte. (N.E.)

2 Nos Estados Unidos, o aniversário de dezesesseis anos de uma garota é uma data muito importante e emblemática. É como o aniversário de quinze anos aqui no Brasil. Muitas vezes essa data é comemorada com uma grande festa. (N.E.)

2

Consgo ficar até o fim da aula de História sem ter um chique, e então vou para a

aula de Trigonometria e me sento ao lado da carteira vazia do Ben. Por algum ato de Deus — ou

talvez do diabo, ainda não decidi —, a professora escolheu os lugares aleatoriamente e acabei

ficando perto dele.

Há três meses e quatro dias — dia 19 de junho, para ser mais exata —, eu teria morrido de

alegria se me sentasse ao lado do Ben. Quero dizer, finalmente eu teria a oportunidade de falar

com ele.

Mas é claro que ele ter se tornado o namorado da minha melhor amiga meio que mudou

isso.

Eu nunca contei a ela sobre essa minha paixonite. Se eu tivesse dito alguma coisa meses

atrás, antes de ele sair com ela, talvez não estivesse metida nesta confusão. Mas não falei nada.

É claro que eu já tinha falado para ela como o achava bonito, como ele ficava lindo de jeans,

como seus olhos azuis eram maravilhosos. Mas nem em sonho eu poderia estar apaixonada

mesmo por um cara com quem mal tinha trocado seis palavras, né? O que mais eu poderia ter dito

a ela? Que a gente tinha uma ligação muito forte há bastante tempo, mas ele ainda não sabia?

Que eu tinha certeza, sem dúvida nenhuma, de que ele era a minha alma gêmea?

Falou. É mais fácil um pônei criar asas e voar. E é claro que a gente sempre falava como o

Ben era gostoso, mas eu nunca contei como me sentia de verdade, e foi assim.

Até o dia 19 de junho.

Talvez 19 de junho tenha sido o dia em que a Nicole decidiu que não queria mais ser tímida,

o momento da mudança. É mais fácil enxergar tudo agora, olhando para trás, que existe a Nicole

de antigamente e a nova Nicole, e 19 de junho é o divisor de águas entre as duas.

Eu conheço a Nicole melhor que qualquer pessoa no mundo, e então eu sei que, apesar de

parecer tímida, depois que ela se acostuma com alguém, fica bem mais divertida. E alguém a

colocou para ser parceira do Ben no pingue-pongue, e eles passaram duas semanas jogando

juntos.

Ainda acho estranho imaginar isso, mas, de alguma maneira, ela tomou coragem e o

convidou para sair. Ela provavelmente vomitou as palavras com tudo e ficou vermelha, mas o

convidou.

E ele aceitou.

Ela estava sorrindo de orelha a orelha quando me contou, pulando de alegria, como se

tivesse ganhado na loteria.

Eu não consegui contar para ela que tinha quase certeza de que estava apaixonada por ele

há anos. E agora que o conheço melhor — pela Nicole —, agora que eu e Ben conversamos e

brincamos na aula e ele me conta tudo sobre seus encontros com ela, eu tenho mais certeza

ainda. E tenho mais certeza de que a gente combina muito.

Ben é “o cara” para mim. Meu par perfeito.

O problema é que ele já tem outro par, e agora eles estão comemorando três meses de

namoro. Três meses são, tipo, uma década quando a gente está no ensino médio. Eu passei a

maior parte do verão naquela lanchonete imbecil, então não fui forçada a aguentar momentos

lindos dos dois juntos.

Graças a Deus.

Pelos próximos quarenta e cinco minutos, vou segurar a respiração, meu coração baterá

descompassado, e os pelos do meu braço ficarão arrepiados. Essa é a minha vida na órbita do Ben,

e é o ponto alto de todos os dias da minha existência sem sentido.

Minha paixãoite pelo Ben começou há alguns anos; no verão, depois do sexto ano. Nicole e

eu estávamos no Flaming Geyser, um parque estadual que fica perto da nossa cidade natal,

Enumclaw, uma cidadezinha a uma hora ao sudoeste de Seattle. O parque fica ao norte do Vale

de Green River, e é preciso pegar umas estradas compridas e cheias de ventania para chegar lá. O

parque é cercado por pinheiros mega-altos, em que o rio é largo e corre devagarzinho, perfeito

para nadar ou esquiatar na água com uma boia de câmara de pneu de caminhão. Num dia quente,

as margens do rio ficam cheias de carros estacionados até onde a vista alcança.

Naquele dia, eu estava usando o último biquíni que comprei na vida, a parte de cima era

uma cortininha minúscula cor-de-rosa com bolinhas brancas, o tipo de coisa que eu preferiria

morrer a usar hoje em dia. Nicole usava um maiô de velha — azul-marinho liso, o tipo de coisa

que a equipe de nataçãõ da escola usaria. Naquela época, ela já vestia sutiã tamanho P, e andava

com uma canga branca amarrada sobre o maiô. Eu não falei que aquilo só a deixava mais peituda

ainda porque não queria que ela ficasse paranoica. Naquela época, ela era ainda mais tímida, e

tinha medo de falar com qualquer outra pessoa além de mim.

Nicole queria passar a maior parte do dia na praia, jiboiando, comendo salgadinho e lendo

um de seus romances. Naquela época, ela tomava remédio para acne, o que deixou a sua pele

supersensível à luz, por isso ela estava besuntada com a camada de protetor solar fator 60 mais

grossa que eu já vi. Ela ficou paranoica de tanto medo de ir nadar e tudo aquilo sair na água.

Acho que a única coisa pior que ter o rosto cheio de acne é ter um rosto cheio de

queimado.

Eu, por outro lado, não aguentava ficar parada. Acho que se pode dizer que eu sou um pouco

impaciente, sempre pronta para uma aventura.

Então, nadei para o outro lado do rio e escalei as margens de barro marrom avermelhadas,

segurando-me nas raízes das árvores, e enfiando o pé na lama escorregadia. Apesar de o meu

cabelo ainda estar pingando a água gelada, aquela trilha curtinha me fez suar. Mesmo no meio

do verão, não fazia mais que trinta e dois graus em Enumclaw, mas, naquele bendito dia, estava

fazendo uns trinta e seis.

Tem um penhasco de uns seis metros de altura do outro lado do rio. O pessoal pula de lá de

cima, mas você tem de mirar bem na água; senão, é capaz de bater nas pedras que ficam a uns

dois metros de profundidade e quebrar uma perna.

Diz a lenda que alguém morreu tentando pular dali, anos atrás. Ouvi dizer que a pessoa havia

bebido demais e pulou antes de todo mundo. Essa história assusta um monte de gente, e todo

mundo fica olhando fixamente lá para baixo por uns dez minutos, só para desistir e descer o

morro de novo.

Às vezes, os espectadores — ou as pessoas espertas o bastante para nem subirem no penhasco

— amarram suas boias na margem e ficam só flutuando de bobeira ali, esperando para ver quem

tem coragem mesmo de pular e tirando um sarro da cara de quem não tem.

Naquele dia em que conheci Ben, ele estava lá em cima com mais três caras, todos

encarando a água lá embaixo com olhos cheios de preocupação. Acho que ele ainda não era tão

doido e ousado, não como é hoje. Eu não reconheci nenhum deles, nem o Ben, mas descobri

depois que estudavam na Thunder Mountain, outra escola de ensino fundamental da cidade.

Quando finalmente percebi que eles eram um bando de medrosos, fiquei com vontade de

simplesmente pular, sem falar nada, sem hesitar. E mostrar para eles do que é que eu era capaz.

Mas eles estavam tão assustados que acabaram me deixando com medo também, até o frio na

minha barriga ficar do tamanho de uma geleira. Eu tremia de leve, a água do rio ainda

escorrendo de mim, o sol bloqueado pelas árvores.

Quando Ben viu, meio que deu risada para si mesmo e tentou disfarçar.

— O que foi? — Tive de colocar a mão no meu quadril ossudo encoberto pelo biquíni rosa.

Eu não tinha curvas. Nem naquele tempo, nem agora.

O cabelo do Ben era até mais loiro que agora, clareado pelo sol e mais comprido. Um corte

meio tigelinha, quase comprido o bastante para colocar atrás da orelha. Ele usava uma bermuda

azul e vermelha e era magro, só com uma pista dos músculos que se desenvolveriam depois.

— Nada. — Ele cruzou os braços e se encostou em uma árvore perto da ponta do penhasco.

— Nada de mais.

Meu coração parou de bater por um segundo quando aqueles olhos azuis intensos se viraram

para mim, desafiando-me, forçando-me a ir em frente, duvidando de mim.

— Está com medo de eu mostrar como é que se faz? Você já está aqui há meia hora. —

Levantei uma sobrancelha, determinada a não demonstrar como ele me deixava mais nervosa do

que despencar lá de cima.

Ben não disse nada. Ele sabia que eu tinha razão.

Meus lábios se fecharam em um sorriso enorme, e fui para a ponta. Os meninos

se afastaram

um pouco, como se eu fosse levar todo mundo comigo lá para baixo. Ou como se meu jeito

doido fosse contagioso. Parecia que meu coração ia parar de bater quando olhei para além da

ponta do penhasco, e para aquele ponto tão pequenininho na água onde eu deveria mergulhar.

De repente, eu entendi por que é que eles estavam plantados ali havia tanto tempo. Isso me

lembrou daqueles desenhos em que os palhaços sobem uma escada que vai até as nuvens, e

então pulam em um baldinho de água.

Eu poderia ter dado meia-volta e dito para os meninos que estava tão assustada quanto eles.

Mas não falei nada. Pulei, planando pelo ar, e o rio Green River se aproximando dos meus

pés. Quando cai no rio, a superfície gelada da água se fechou sobre mim, engolindo-me, e eu

sabia que estava apaixonadinha por Ben e seu sorriso arrogante — mas lindo... Havia alguma coisa

na maneira com que ele me desafiou, e me olhou direto no olho, que encontrou um caminho

até o meu coração.

Passei o restante do dia vendo Ben e seus amigos nadando e brincando na água e rindo, e,

sim, uma hora eles finalmente pularam lá de cima também. Acho que eles tinham de pular,

depois que simplesmente me atirei do penhasco sem nem piscar.

Um mês depois, ele se mudou para o outro lado da cidade, o que queria dizer que estudaria

na nossa escola, e não na Thunder Mountain, com todos os seus amigos. Tínhamos aula de

Inglês juntos. Mas ele não parecia se lembrar de mim, e, quando percebi isso, foi como uma

facada dolorida no peito. Eu não consegui me forçar a ir falar com ele quando nos sentamos a

milhares de carteiras de distância na sala, e as outras meninas já estavam caindo matando em

cima dele. Ele estava ainda mais bonito nas roupas novas de outono que naquela bermuda

vermelha e azul.

Foi como se aquele momento no rio, quando olhamos fundo nos olhos um do outro, nunca

tivesse acontecido. Às vezes, fico pensando se é por isso que nunca contei nada para a Nicole

sobre essa paixãoite. Talvez pela vergonha de aquele momento ter sido tudo para mim, e nada

para ele.

— Oi — cumprimenta ele três minutos depois de se sentar na cadeira. Seu cabelo meio loiro

está todo amassado com gel, e sua pele tem um bronzado natural. Até aquela camiseta enorme e

a calça jeans larga não conseguem esconder seu corpo agora musculoso, que ele conquistou com

uma combinação de treinar pesado durante o verão todo, ajudar o pai no negócio de paisagismo

e correr de motocross sempre que pode.

Mais uma coisa legal sobre o Ben: ele adora andar de moto na lama. E ele é muito bom,

incrível mesmo. Eu poderia ficar vendo ele na pista o dia inteirinho. Ele tem uma moto amarela

brilhante e, toda vez que voa com ela, meu coração pula com ele. É hipnotizante! Algum dia ele

vai virar profissional e ter um monte de patrocinadores.

— Oi — respondo eu, sem levantar os olhos da lição de casa do dia anterior.

Em um dia normal, a gente troca pelo menos setenta e três palavras, o braço dele encosta no

meu sete vezes, e o joelho dele entra em contato com o meu ao menos em três ocasiões. Ele olha

no meu olho e sorri pelo menos uma vez, um sorriso que me garante em meio segundo que a

gente formaria um casal perfeito.

Se ele não fizesse parte do que possivelmente já é um casal perfeito.

Eu suspiro para dentro pelo menos uma vez por minuto e suspiro alto, sem querer, pelo

menos uma meia dúzia de vezes. Fico imaginando o rosto da Nicole mais vezes que o necessário,

tentando me lembrar por que é que não posso paquerar esse menino. Talvez eu devesse achar

irônico que a única razão pela qual não posso sair com ele é, na realidade, a única razão pela qual

ele agora sabe quem eu sou. Se ele não estivesse namorando a Nicole, tenho certeza de que não

me reconheceria em uma multidão.

Ele se inclina para perto de mim.

— Por que os vendedores de peixe são ótimos marqueteiros?

Mordo o lábio e olho para a frente, pensando.

— Não tenho a mínima ideia.

— Porque eles têm de vender o próprio peixe — responde ele, batendo na mesa.

Ben e eu temos o mesmo terrível senso de humor. Gostamos de contar piada. E, quanto pior,

melhor. Mas aquela piada ia muito além de tudo o que é tosco nessa vida.

— Tenho uma melhor: por que a laranja foi ao médico?

— Para doar vitamina C?

Eu só olho para cima.

— Porque não estava descascando direito.

Ele dá uma risadinha.

— Legal. Você ganhou.

Eu sorrio e olho nos olhos dele. Isso faz meu coração se contrair um pouco. Ele é lindo

demais para se descrever com palavras. Sua pele, bronzeada e perfeita, o jeito como sua camiseta

desbotada fica presa aos músculos, que parecem se esticar com força por cima dos ombros, os

calinhos na mão...

— Então vocês dois vão jantar em um restaurante chique hoje à noite, hein?

— É. Pelo jeito a comida é incrível e tem uma vista bonita do mar. Acho que deve ser um

lugar legal. A Nicole está empolgada.

— Legal — falo, e olho de volta para a minha lição de casa.

— Legal mesmo? Eu não sabia do seu aniversário até hoje... A gente pode remarcar... — Ele

ajusta seu relógio prateado no pulso, e seu braço encosta no meu pela primeira vez hoje.

Abano a mão, como quem diz que isso não tem importância nenhuma, apesar de um lado

irracional meu querer que o Ben soubesse que hoje é meu aniversário. O dele é no dia 6 de

março. Faz dois anos que eu sei, desde que ouvi um dos amigos dele desejar “feliz aniversário”

no corredor perto do ginásio da escola.

— Não é nada. Eu faço aniversário todo ano. Mas vocês só poderão comemorar esse

aniversário de três meses de namoro uma vez.

Eu me abaixo e coço a costura da minha meia-arrastão de novo. Está me deixando louca.

Preferiria ter uma centena de formigas marchando pela minha perna direita agora a ter de usar

essa meia por mais um minuto. Eu me abaixo de novo e faço um furo, para que a costura não

fique mais encostada no meu joelho.

Quando olho para cima e para Ben, ele está me encarando com aquelas sobrancelhas escuras

e perfeitas erguidas; seus olhos, de um azul profundo, estão fixos na minha meia-calça.

Eu dou um sorriso, minhas bochechas esquentam.

— Desculpa. Essa coisa aqui está me deixando maluca.

Ele dá de ombros, escorrega um pouco na cadeira e estica suas pernas esguias à

sua frente. O

joelho dele bate no meu. Duas vezes.

— Mas essa meia é sexy, né?

Ah, não, não acredito. Ben nunca me elogiou, nunca em um milhão de anos. Ele guarda

todos os elogios para a Nicole.

De repente, eu queria não ter feito um buracão na meia, e bem no joelho, enquanto faço

que não com a cabeça. “Não cobiçai o namorado da melhor amiga.”

— Então, você fez a lição de casa? — pergunto, forçando-me a voltar para tópicos de conversa

mais seguros.

Ben abre o fichário e dá uma batidinha na lição de casa, guardada no bolso da capa. Seu

braço toca o meu de novo.

— Quase. Eu terminei os dois últimos problemas na sala de aula.

A Sra. Vickers finalmente anda até a frente da sala de aula, dez minutos exatos depois que o

sinal tocou. Ela começa o dia anotando nossas tarefas na lousa, e todo mundo resmunga ao ver

que ela está passando mais trinta problemas.

Para amanhã.

Ben se inclina para perto de mim, tão perto que eu consigo sentir o cheiro do seu perfume.

O aroma me envolve e eu preciso me forçar a manter os olhos abertos, em vez de fechá-los e

respirar bem fundo e devagar.

— Essa mulher está tentando matar a gente — reclama ele. — Sua respiração é morna, ao

atingir meu pescoço, e tem cheirinho de hortelã. Se eu virasse o rosto, só um pouco, meus lábios

encostariam nos dele, e eu finalmente saberia como é beijar o Ben.

Mas, em vez disso, eu simplesmente faço que sim com a cabeça e olho fixamente para a

professora, como se não tivesse noção de que estava mais pertinho dele naquele momento do

que em qualquer outra oportunidade na vida.

E não tenho mesmo. A menor noção.

Porque ele é o namorado da minha melhor amiga.

3

Quando meu irmão bate à porta do meu quarto pela terceira vez naquela noite, já

estou sem desculpas para enrolar mais. Não tenho escolha a não ser descer a escada e encarar a

multidão de pessoas que se juntaram para o meu aniversário de dezesseis anos. Eu já estava

ouvindo o burburinho e rezando para a minha mãe ter ficado tão ocupada planejando a festa que

nem se lembrasse da minha presença como um elemento obrigatório.

Não estou usando a roupa que ela escolheu para mim. Era “menininha” demais. Ela sabia

muito bem que não adiantava nada comprar um vestido cor-de-rosa, mas a saia azul tinha umas

flores brancas meio havaianas e uns babados assimétricos. E ela comprou sapatos de salto para

mim.

Vou com o vestido ou com o sapato de salto, mas usar os dois, nem pensar. Não estou a fim

de encarar uma discussão gigante, então espero que ela se conforme com o fato de que pelo

menos eu não estou usando meia-arrastão e que aqueles sapatos de salto brancos e ridículos

combinam com meu vestido de verão de marinheira. Eu morro um pouco por dentro enquanto

afivelo as tiras ao redor dos meus tornozelos.

Faço uma análise do resultado no espelho. O sapato de salto acaba com o lado irônico e

rebelde do meu vestido de marinheira e faz parecer que eu realmente me levo a sério. Parece

que estou incorporando um catálogo da Ralph Lauren. Daqueles que têm cavalos de jogo de

polo e iates. Desfaço o rabo de cavalo e penteio o cabelo, para tentar tirar a marca do elástico, e

agora meu cabelo cai pelos meus ombros como se fossem moitas gigantes e horrorosas. Eu nunca

uso o cabelo solto porque eu odeio meu cabelo. Não tem formato, nem cor definida, nem

cachos.

Pisco para mim mesma no espelho. Falo com um sotaque bem ridículo, do interior:

— Ô, minina, mas que vestido horrroso, né!

E então, em um estilo digno de mano:

— Meu, que salto ridículo, mina!

Apesar de geralmente preferir tirar sarro de outras pessoas, não é que essas

vozes me fizeram

sentir melhor de verdade?! Suspiro e mostro o dedo médio para mim mesma pelo espelho, e

então decido que é agora ou nunca. E como “nunca” me deixará de castigo, agora é hora de

ceder.

Abro a porta para ver meu irmão me esperando no corredor, o celular grudado à orelha. Acho

que ele está falando com sua namorada-de-longa-distância. Não sei por que ela ainda não deu

um pé na bunda dele, já que ele desistiu da faculdade e mora a algumas centenas de quilômetros

dela.

Além disso, meu irmão não é muito bonito, se você quer saber. Ele tem o mesmo cabelo

castanho médio que eu, ou seja, nada de especial. Minha mãe tem um cabelo castanho-escuro

lindo, e a gente acabou ganhando um tom entre o dela e uma cor loira, que é totalmente sem

graça. Ele agora está com esse corte de falso moicano. O nariz dele era retinho, como o meu, mas

agora tem uma bolinha na ponta, à la Owen Wilson, porque ele tomou uma bolada na cara em

um jogo de futebol, ou pelo menos é isso o que ele diz. Eu ainda acho que é uma desculpinha

por ter levado um soco ao tentar roubar a namorada de outro cara.

Nós dois temos lábios meio finos (droga!) e, mesmo se eu passar um quilo de gloss, os meus

ainda não parecerão nem um pouco beijáveis.

Nós dois também temos o peito reto. Acho que ganho dele com um centímetro e meio a

mais nesse departamento. Totalmente patético!

— A mãe falou que se eu conseguir fazer com que você desça agora, poderei usar a

caminhonete amanhã.

— Você diz isso para me servir de estímulo?

Ele deixa a cabeça cair de lado e me lança aquele olhar de “bem que eu queria ser filho

único”.

— Ela não vai deixar você ignorar a festa inteira, então vá lá para baixo e poupe todo mundo

de mais uma dor de cabeça, tá?

— Argh! — Olho para cima e passo pisando firme pelo meu irmão, indo para o corredor e

escada abaixo, rumo à sala de estar. Quando me vejo de pé no jardim, sinto-me como se tivesse

saído de casa e entrado em um filme da Selenia Gomez. Nem consigo reconhecer o lugar. Em

um dia normal, nossa indescritível casa fica empoleirada no meio de um terreno grande de

esquina, o gramado verde perfeito emoldurado por uma cerca alta de cedros.

Hoje, no entanto, em vez da vastidão gramada e vazia, há uma tenda enorme lá no meio,

com fios cheios de luzinhas cor-de-rosa e brancas penduradas entre a tenda e a casa. Há flores cor-

de-rosa pendentes da cerca de cedros e um tipo de fonte de ponche perto da

porta, já bombeando

litros e litros de um líquido também cor-de-rosa. Confetes cor-de-rosa e branco decoram as

mesas.

Um DJ está tocando música pop muito, muito ruim sob a tenda, e tem uma luz estroboscópica e um globo espelhado piscando no chão vazio. Mesas redondas, cercadas por

cadeiras brancas de dobrar, espalham-se por toda parte, cada uma com um arranjo floral... cor-de-

rosa, lógico.

Minha mãe é uma daquelas mulheres megafemininas, que amam cor-de-rosa. Depois que o

meu pai saiu de casa, ela reformou totalmente a suíte colocando papel de parede cor-de-rosa,

com um monte de almofadas e travesseiros brancos e cor-de-rosa sobre o edredom xadrez cor-de-

rosa e amarelo.

Em outras palavras, a gente não se entende. Nem um pouco.

Ela já me falou umas cem vezes como nunca teve uma festa de aniversário de dezesesseis anos.

E agora eu acho que, se ela tivesse tido uma festa, seria exatamente assim.

Fico me perguntando a quantos episódios de Sweet Sixteen ela assistiu para conseguir montar

tudo isso.

Sério. Isso aqui é meio... exagerado, mesmo para a minha mãe. É tipo High school musical.A

versão pré-fabricada de uma festa de dezesesseis anos. Basta adicionar água. E, é claro, uma

aniversariante que trabalhe para a Disney, não essa plantada no jardim agora mesmo, encarando o

DJ de meia-idade.

— O que você achou, querida? — pergunta minha mãe, aparecendo ao meu lado de

repente, como um mágico, mas sem a nuvem de fumaça. Minha mãe normalmente planeja bar-

mitzvás e eventos empresariais. Ficou claro que essa festa está bem fora da zona de conforto dela,

e, pela tensão em sua voz, ela também sabe disso. — Bom, você sabe que nunca planejei uma

feira de aniversário de dezesseis anos antes, então vai ter de me desculpar se nem todos os

detalhes estão certinhos. Mas me avise e pode deixar que arrumo tudo o que puder, combinado?

Credo. Quanto mais ela tenta, mais sem graça eu fico. Pisco algumas vezes e fico olhando

para o jardim. Ou para aquilo que era o jardim. Tem convidado para tudo quanto é canto, mas só

reconheço uns gatos pingados. Começo a pensar que minha mãe colocou alguma coisa do tipo A

garota de rosa-shocking nos convites, porque está rolando uma modinha cor-de-rosa acima da

média entre os convidados.

— Ah, tá, hum... ótimo. — Eu mordo o lábio. Tenho certeza de que nem conheço algumas

pessoas. — Quem é aquele ali? — pergunto, apontando com a cabeça para um cara alto de terno

com uma gravata rosa-shocking e um lenquinho combinando, gritando de dentro do bolso. Ele

está usando óculos de aro grosso, e seu cabelo grisalho está penteado para trás de um jeito nada

fashion. Os acessórios cor-de-rosa deixam o cara ainda mais engraçado. Ele não parece estar

pronto para cair numa festa, mas para negociar uma porcentagem melhor para pagar o

financiamento de sua casa.

— Ah, eu convidei alguns clientes. Esse mercado de festas de aniversário de dezesseis anos é

gigante, e eu acho que posso fazer meu nome planejando esse tipo de coisa também, sabe? Você

não se importa, né? — Seus olhos se atiram para os meus em busca de aprovação. — Eu só achei

que, já que daria um festão mesmo, podia matar dois coelhos com uma cajadada só.

Meu coração murcha. É tudo para o negócio dela.

Nas últimas semanas, eu bem que tentei convencê-la a cancelar tudo e simplesmente ir

jantar no Red Robin, mas ela insistiu de um jeito muito suspeito. E agora tudo faz sentido.

Entendi o porquê de ela precisar fazer esse evento. Para ela, só existem no mundo aquela

porcaria de agenda e o BlackBerry idiota.

Antigamente, eu não me importava de ela estar tão envolvida com o trabalho. Se o telefone

tocava enquanto a gente jantava, eu nem fazia cara feia quando ela atendia — apesar de não me

deixar atender o meu celular à mesa, nem o meu irmão. Acontece que, como meu pai tinha

sumido por um tempo, ela ficou acabada, e se arrastou pela casa por meses a fio. Então ela se

jogou com tudo na criação desse negócio para conseguir mandar de volta os cheques de pensão

alimentícia do meu pai com um “recusado” bem grande rabiscado no envelope. Na primeira vez

em que ela conseguiu fazer isso, a gente saiu para comemorar.

Mas isso já faz anos, e agora nada nunca é bom o bastante. Se ela vender o peixe em um

evento, então tem de planejar mais outro, e mais um, até que todo dia da semana se resume a

uma correria total. A geladeira está cheia de sobras de pizza e comida chinesa que a gente pede, e

ela mal dorme em sua cama. Acho que ela nem teve tempo para relaxar naquela jacuzzi gigante,

que ela viu numa revista de decoração e mandou instalar na suíte.

Eu só dou de ombros, engolindo as palavras que queria dizer. Não vale a pena brigar com

ela. Eu só preciso sobreviver a essa noite e fingir que essa festa ridícula nunca aconteceu. Em

uma hora, a Nicole estará aqui e poderemos nos divertir.

— Tudo bem.

Ou, pelo menos... estava tudo bem. Até eu ver uma mulher magrela e baixinha vindo em

minha direção, com um sorriso no rosto de cegar qualquer um. Ela está usando uma calça cáqui

impecável e uma blusa com estampa rosa-shocking, o cabelo com um penteado que deve ter

exigido pelo menos meio litro de laquê. Ela ainda está a uns bons dez metros de distância, mas já

abre os braços para abraçar minha mãe.

Mas não é a mulher que me preocupa. É a menina atrás dela, de braços cruzados e com os

sapatos pretos de amarrar na canela com os saltos afundando na grama. Ela não está usando nada

cor-de-rosa, só uma blusa frente única preta e um jeans caro e com modelagem perfeita.

Eu engulo em seco, tentando manter a calma enquanto a ameaça à minha existência olha

para cima e para os meus olhos.

Ela demora um pouco para perceber que sou eu no jardim, mas, quando cai a ficha, sua cara

feia se transforma em surpresa... E, depois, em satisfação.

Estou tão ferrada.

Minha mãe sorri ao ver a mulher.

— Jean! Que ótimo que você pôde vir.

A mulher dá aqueles beijinhos no ar esquisitos ao cumprimentar minha mãe, como se

estivesse na França ou sei lá onde, e minha mãe fica esperta e não perde a pose.

— Mas é claro! E que festa maravilhosa, linda! Maravilhosa. Mas acho que vamos precisar de

mais flores para a festa da Janae. E comentávamos agora mesmo que a fonte de ponche está um

pouco... fora de moda.

Ai, meu Deus. Elas estão criticando a minha festa. Janae está ao lado da mãe, os lábios

tremendo como se ela não conseguisse acreditar como tem sorte de estar aqui, de me ver nesse

vestido de menininha e de acabar com a minha tigela de ponche... quero dizer, com a minha

fonte.

Minha mãe está fazendo que sim com a cabeça, como se concordasse que aquilo estava fora

de moda mesmo. Mas eu sei que ela própria escolheu aquele troço, porque a ouvi falando sobre

isso ao telefone.

— Sim, a Kay la quis a fonte. Você sabe como são as meninas hoje em dia, né?

Meu queixo cai, mas minha mãe nem percebe, pois já se esqueceu de mim, de braço dado

com a Jean.

— A gente pode conversar sobre detalhes mais específicos depois. Vocês vão ficar um pouco?

Eu queria discutir os tipos de tema que poderíamos usar na festa da Janae. Ouvi dizer que uma

festa tipo “Crepúsculo” está super em alta. Poderíamos fazer alguma coisa com vampiros.

Engulo em seco de novo. Ela tem de estar de brincadeira comigo.

Janae dá um passo em minha direção.

— Ah, claro, vampiros. Que sexy.

Minha mãe sorri, não se ligando nem um pouco no tom sarcástico da voz da Janae.

Cadê a Nicole? Olho de relance para o meu relógio. Ela prometeu que chegaria uma hora

atrasada, no máximo. Isso quer dizer que tenho mais dezesseis minutos pela frente antes de ela

aparecer. Eu consigo sobreviver a isso tudo, certo?

Eu preciso voltar correndo para o meu quarto e colocar uma calça jeans imediatamente para

ao menos me sentir normal. Ficar plantada aqui com a Janae é como ficar esperando em um píer

e só assistir enquanto uma onda tipo tsunami vem a toda velocidade. Você sabe que ela acabará

com tudo, e não há nada que possa fazer, a não ser que um helicóptero mágico apareça para

salvar você. E como helicópteros mágicos são tão prováveis quanto tirar um dez em Biologia e o

Ben declarar seu amor por mim, minha perspectiva para esses próximos momentos é bem

sombria.

— Vamos deixar as meninas conversarem, enquanto eu lhe mostro tudo. Assim, poderemos

falar sobre as suas opções — convida minha mãe, jogando-me aos leões.

Eu fico assistindo as duas se misturarem à multidão, pensando quando exatamente perdi toda

e qualquer esperança de me divertir nessa festa. Acho que foi em algum momento entre o

terceiro ano na escola e cinco segundos atrás.

— Que festinha legal. Pena que perdi aquela brincadeira de colocar o rabo no burro. —

Janae aponta para a tigela, ou melhor, fonte de ponche, e para as rosas também.

— Mas isso aqui

explica muita coisa.

Eu ranjo os dentes. Não adiantará nada dizer para ela que foi tudo ideia da minha mãe,

porque aí parecerá que tenho doze anos de idade.

O mais bizarro é que eu já quis ser amiga da Janae. No ensino fundamental, ela era apenas

uma menininha gente boa e normal. Uma vez, eu a vi no parquinho, tentando levar um filhote

de passarinho caído no chão de volta para o ninho. Nós juntamos forças e ela distraiu o servente

enquanto eu peguei “emprestado” um banquinho, depois saí correndo com ele. Fiquei

segurando o banquinho bambo quando a Janae subiu nele para colocar o passarinho de volta no

ninho, e então a gente se deu tapinhas nas costas por nossa dedicação ao bem-estar dos animais.

Por algum tempo as coisas foram diferentes do que são hoje. Nós fizemos um trabalho de

soletração voluntariamente juntas e, um dia, ela até me convidou para me sentar com ela na hora

do almoço. Mas, alguns dias depois, o ano escolar acabou e a gente nunca trocou telefone, e foi

naquele verão que ela ficou peituda e insuportável. Eu acho que ela foi para a França, ou alguma

coisa assim, o que explica o gosto da mãe dela por mandar beijinhos aéreos.

Tomo um gole da Coca Zero que estou praticamente amassando com o punho fechado. A

gente está lá, lado a lado, eu quase sem respirar, e a Janae com uma mão apoiada na cintura. É

neste momento em que o tsunami me engole de uma vez só.

— E aí, a sua única amiga não pôde vir? — Janae vira para mim e me mede de cima a baixo.

A pontinha de sua boca treme um pouco, enquanto ela cruza os braços e apoia todo o peso

do corpo em uma perna; a cabeça está virada para o lado.

Pela primeira vez na vida, não sei o que dizer. O sorriso dela se alarga quando percebe que o

meu modo “resposta na ponta da língua” de sempre não está entrando em ação.

— Por que você tem de ser tão vaca? — silvo como uma cobra. Posso sentir meu rosto

queimando, mas não estou nem aí.

Janae dá uma risadinha do alto do seu perfeito um metro e setenta e sete, altura de modelo.

Ela está com um salto de vinte centímetros ou fui eu que encolhi?

— Prefiro ser uma vaca que um zero. Gigante. À esquerda.

Pisco algumas vezes, mas mantenho a compostura. Pelo menos por fora.

— Minha mãe me arrastou para cá porque a sua mãe foi amiga dela na faculdade. É

oficialmente culpa sua eu estar perdendo o jogo de futebol americano contra a Victor Falls. —

Janae dá uma voltinha sobre seus saltos monstruosos e sai andando, jogando seu cabelo cor de

mogno brilhante por cima do ombro enquanto anda em direção à multidão.

Bom.

Se eu fosse uma pessoa do tipo “copo meio cheio”, eu poderia dizer que o que me anima no

meu aniversário de dezesseis anos é que meu próximo aniversário tem de ser melhor.

Mas agora não estou vendo o copo nem meio vazio... Eu só quero quebrar essa porcaria de

copo. E na cabecinha perfeita da Janae.

4

Pelas próximas duas horas e meia, fico no canto do jardim, de braços cruzados, tentando desesperadamente não fazer cara feia para todo mundo, incluindo minha mãe. Ela faz

joinha e me dá um sorriso deslumbrante quando passa por mim, com uma pilha de cartões de

visita na mão.

Ela está linda e maravilhosa como sempre, nem um fio de cabelo fora do lugar, nem sinal de

sujeira em seu tailleur vermelho.

Em algum ponto entre Taylor Swift e Miley Cyrus, percebo que Janae jamais deixará minha

mãe planejar sua festa de aniversário de dezesseis anos, mesmo que a mãe dela tenha feito os

mesmos juramentos na irmandade da faculdade. Janae se acha moderna, e essa coisa toda é

velha demais para o gosto dela.

Quer saber a verdade? Para o meu também. E minha mãe deveria saber disso. Ela está se

esforçando tanto e obviamente fez horas e horas de pesquisa. Porém tudo o que ela precisava ter

feito era me perguntar. Perguntar que tipo de decoração eu queria e que músicas o DJ deveria

tocar.

Mas ela jamais faria isso. Porque ela nunca fala comigo, ela só fala para mim.

Perdi minhas últimas gotas de paciência. Não quero falar com outro estranho qualquer que

nem sabe que eu sou a aniversariante. E estou com tanta raiva da Nicole agora. Ela deveria ter

chegado duas horas atrás, nem sinal dela até agora.

Eu pego meu celular e mando outra mensagem para ela, que deve ser a vigésima da noite:

“Nem vem com aquela história do gato que subiu no telhado”.

Cinco minutos atrás, mandei: “Os passarinhos comeram sua trilha de migalhas de pão e

agora você está perdida na floresta?”.

Dez minutos atrás, enviei: “Se você está atrasada porque o gato do Shia LaBeouf decidiu

jantar com vocês, eu espero provas fotográficas”.

Já mexi meu celular umas novecentas vezes, porém não tem nenhuma ligação perdida e ela

não respondeu às minhas mensagens deliciosamente sarcásticas.

Ela me trocou por um jantar chiquetoso e me largou aqui para sofrer nessa festa sozinha, e

nem tem a educação de mandar uma mensagem de desculpas. Se ela estivesse aqui, poderíamos

fazer cara de bunda juntas para tudo isso, e ela poderia fingir que não estava se sentindo bem, e

eu quem teria de ir lá para fora com ela. O DJ continuaria tocando essas músicas

horríveis, e

minha mãe, entretendo os clientes.

O que ela está fazendo de tão importante agora que não pode sair de lá?  
Comendo suflê?

Olhando com cara de tonta para os olhos lindos do Ben? Passando os dedos dela  
com unhas

perfeitas pelo cabelo loiro e espetado (perfeito!) dele?

Graças a Deus que raramente passo muito tempo com eles juntos. Porque eu  
aposto que a

realidade é pior que a minha imaginação.

Ela jurou que estaria aqui, e não está.

Ainda por cima, minha mãe acabou de passar por mim e nem fez contato visual,  
pois estava

discutindo maneiras de fazer seus empregados se relacionarem melhor por  
dinâmicas de grupo.

Ah-hã. Tudo a ver com a minha festa.

Até meu irmão está me ignorando: ele ficou aqui no jardim uns quarenta e cinco  
segundos,

tempo o bastante para encher o prato de comida e desaparecer de novo. Não que  
eu fosse

conversar com ele, nem nada disso, mas ele poderia pelo menos ter dito um  
“feliz aniversário” de

longe.

Eu não quero ficar aqui, não quero ficar aqui, não quero ficar aqui.

Toda vez que alguém se aproxima da esquina de casa — entrando no jardim pelo  
portão

lateral — meu coração acelera por um milissegundo e eu me animo, rezando  
para que sejam

Nicole e Ben chegando.

Mas nunca é.

De repente, ouço a voz da minha mãe, amplificada por um microfone.

— Kayla? A aniversariante de verdade pode se levantar, por favor?

Ai, meu Deus. Sabe quando você se sente naqueles programas tipo Essa é a sua vida? Por

favor, não deixe essa ser a minha vida.

Agora que todos estão olhando para mim, abro caminho em meio à multidão até o

palquinho, sob o globo espelhado. Todo mundo está reunido ao meu redor, e o DJ, vestindo um

colete brilhante e justo sobre uma camisa de smoking branca, está ao lado do maior bolo que já vi

na vida real.

É cor-de-rosa. Com flores brancas cheias de frufu descendo em cascata pelas quatro

camadas. Dezesesseis velas — quatro em cada camada — estão acesas e brilhando. Acho que já vi

exatamente o mesmo bolo naquele programa Made, da MTV.

Minha mãe também está ao lado do bolo, com um sorriso tão grande que acho que seu rosto

vai rachar.

— Você gostou? Foi feito sob encomenda! — diz minha mãe. — Com cobertura de cream

cheese.

Engulo em seco e faço que sim com a cabeça, olhando fixamente para o mamute cor-de-rosa

perfeito de confeitaria. A cobertura de cream cheese foi a única coisa que ela acertou nesse bolo.

O DJ começa a tocar Parabéns a você, e a multidão canta junto. Parece que eles estão cada vez

mais perto e cantando cada vez mais alto à medida que a música avança, e quero fugir disso tudo.

Não sou do tipo de gente que curte ficar no meio do palco.

Quando eles chegam àquela parte em que falam meu nome, a multidão fica meio sem graça,

e eu ouço pelo menos algumas pessoas me chamarem de Kelly, enquanto o restante não diz

nome nenhum, e isso me dá um nó na garganta, quase me sufoca. Eu me sinto tão idiota aqui no

meio cercada de gente que nem sabe o meu nome...

A música termina e eu ainda estou olhando fixamente para o bolo, meus olhos começando a

arder um pouco. Quando finalmente olho para cima, um movimento me chama a atenção.

Nicole e Ben finalmente chegaram, três horas depois que a festa começou. Eles estão perto

da galera, bem vestidos demais para o meu aniversário, e então percebo que vieram direto do

jantar chique. Ben parece meio sem graça de camisa branca e gravata vermelha, enquanto Nicole

dá a impressão de se sentir em casa em um vestido vermelho sem mangas e sapatos de salto

prateados. Ela provavelmente está congelando, mas está ali como se fosse verão, e não outono.

Ela encosta a cabeça no ombro dele, o cabelo loiro e comprido tocando a camisa

dele, e ele

coloca os braços ao redor dela, dando um beijinho em sua têmpora.

Eles ficam tão perfeitos juntos: os dois altos, loiros, lindos. E eu estou plantada aqui, ridícula

nesse vestido rejeitado da Old Navy e com uma porcaria de penteado.

— Faça um pedido, querida! — pede minha mãe, totalmente alheia ao meu estresse.

Eu faço que sim com a cabeça, mas não tenho certeza se consigo pronunciar alguma coisa.

— Não seja estraga-prazer!

A raiva percorre meu corpo e eu me viro para ver os olhos felizes e arregalados dela. Ela mal

falou comigo a noite inteira, nem se deu ao trabalho de perceber que estou odiando tudo isso. A

fúria borbulha nas minhas veias, apertando o meu peito, até que cuspo as palavras para ela:

— Tudo bem!

Minha mãe se afasta um pouco ao perceber a dureza da minha voz. Seu sorriso fica meio

amarelo, e seus olhos se lançam ao redor, para o rosto dos clientes em potencial.

Fecho os olhos para acalmar o ódio que ferve no meu estômago e também para bloquear a

visão da multidão em volta.

“Eu desejo que todos os meus desejos de aniversário realmente se tornem realidade. Porque

eles nunca se realizaram.”

E então apago as velas com um sopro comprido de arrebear os pulmões. Ao mesmo tempo,

sinto como se estivesse assoprando minha vida inteira para bem longe, como um monte de folhas

secas.

5

Deixo meu despertador tocar até quase quebrar: é tudo o que eu posso fazer para não dar uma martelada nele. Mas, se tivesse um martelo por perto, não sobraria muita coisa.

Dou um tapa nele e me sento na cama, esfregando os olhos. Meus cobertores estão enrolados

ao meu redor porque passei metade da noite virando para lá e para cá, morrendo de raiva do

desastre que foi a minha festa.

Ai, não quero nem ver o dia de hoje. Não quero saber se a Janae contou para todo mundo

que a minha festa foi como um filme B dos anos oitenta ou como eu tentava ficar bonitinha

naquele vestido horroroso de marinheira. Ou se minha mãe está irritada porque assoprei as

velinhas e me retirei na hora, fui para o meu quarto, tranquei a porta e coloquei Blink-182 no

último volume para não ouvir a bagunça lá fora.

Bocejo enquanto me levanto e alongo os braços sobre a cabeça, resmungando sobre o

começo da minha vida mala, quando vejo alguma coisa brilhante passar pelo gramado abaixo da

minha janela.

Cor-de-rosa.

Será que o pessoal da organização ainda está aqui, tirando a decoração da festa?

Eu me enrolo na minha colcha xadrez verde e laranja fluorescente, apesar de estar usando

um pijama totalmente nerd de flanela, que me cobre da cabeça aos pés, e me apoio no beiral da

janela para olhar melhor. Lá embaixo o jardim está exatamente como há quarenta e oito horas:

um gramado normal. A cerca de cedros não está mais enfeitada com flores, a tenda desapareceu, e

a tigela de ponche, quero dizer, fonte, foi aposentada. No jardim, só vejo as cadeiras de ferro

pretas, nada mais.

Mas, então, o que foi aquele flash cor-de-rosa?

Abro a janela com tudo e apoio a testa na tela, para poder ver o que está rolando à direita e à

esquerda da casa. E é aí que vejo de novo: uma explosão de cor-de-rosa fazendo uma curva.

Humm. Isso fede à coisa do meu irmão. Ele provavelmente planejou uma emboscada com

balões cheios de água e está tentando me atrair lá para fora. Deve estar fazendo uns doze graus.

Ele adoraria me deixar encharcada.

Nem pensar que vou cair nessa. Ele é do tipo de pessoa que tenta fazer a mesma brincadeirinha sempre, contanto que funcione. E fez exatamente a mesma coisa há um mês. Ele

armou um acampamento e então jogou os balões de água na minha janela. Eu saí para o jardim,

para berrar com ele, e quase me afoguei numa explosão de água.

Talvez eu devesse ir para a frente de casa e usar o elemento surpresa para  
surrupiar as armas

dele e fazê-lo provar do próprio veneno. Anos de prática como a irmã mais nova  
me mostraram

que ter cérebro é mais importante que ter músculo, principalmente quando, no  
caso, são o meu

cérebro e os músculos dele.

Visto um roupão azul fofinho com estampa de nuvens. Foi um presente de Natal,  
e foi por

isso que não ganhei o preto com estampa bonitinha de caveirinhas verde-limão.

Desço as escadas de dois em dois degraus e estou na porta da frente em  
segundos. Abro-a

fazendo o mínimo de barulho possível; então, passo pela varanda com chão de  
ardósia e vou para

a frente da casa. Atravesso o gramado de fininho, a grama fria e coberta de  
orvalho nos meus pés

descalços. Vou andando nas pontas dos pés até o jardim. Provavelmente, meu  
irmão está do outro

lado da moita repleta de flores, de olho na outra ponta da casa, esperando que eu  
saia pela porta

dos fundos.

Quando fecho o portão atrás de mim, sinto uma respiração quente no meu  
pescoço e um

bigode fazendo cócegas na minha orelha. Eca, meu irmão está precisando fazer  
a barba. Que

nojo!

Eu me viro para encarar meu irmão, mas não vejo nada além de ar. E então  
sinto aquilo de

novo: um sopro quente, mas dessa vez na parte descoberta da minha barriga, entre a blusa e a

calça do meu pijama de flanela azul, onde o roupão se abriu.

E, quando finalmente olho para baixo, grito e pulo para trás, batendo com tudo no portão e

caindo de bunda no chão. A dor sobe pelos meus braços.

O pônei — o pônei cor-de-rosa —, com olhos arregalados, pula no ar e então fica na pontinha

das quatro patas, como se eu é que o tivesse assustado. Suas narinas se alargam, ele respira bem

fundo e dá uma tremidinha. Ele não é muito alto, suas costas não passam da minha cintura.

Talvez seja um minicavalo, e não um pônei. Ou eles são a mesma coisa? De qualquer maneira,

não deveria ser cor-de-rosa e definitivamente não deveria estar no meu jardim.

A gente se encara, ambos congelados, até ele se virar e sair trotando, arrastando seu rabo com

mechas azuis. Ele solta um relincho comprido e fininho e desaparece por trás da casa.

Alguém pisou na bola feio com aquele pônei. Acho que ele era branco, porque seria o único

jeito de um corante cor-de-rosa daquele jeito pegar no pelo. E a crina devia ser branca também, a

não ser por aquelas mechas azuis eletrizantes.

E, eu juro para você, ele tinha um sorvete de casquinha pintado na bunda. Três bolas.

Casquinha de biju.

Esfrego os olhos algumas vezes. Isso não está acontecendo de verdade, né? Será

que o

coitadinho escapou de alguma fazenda aqui por perto? Quem fez aquilo com ele?

Espera aí. Se ele é cor-de-rosa, então provavelmente foi uma menina.

Saio correndo atrás dele, irritada por ter saído da cama por causa de uma coisa maluca e

ridícula. Quem é que pinta um pônei de cor-de-rosa? Isso não deveria ser classificado como

crueldade contra os animais ou algo do gênero?

Quando viro a esquina de casa, tenho uma visão geral do jardim e avisto o gramado

totalmente vazio. Hummm.

Ando ao redor do quartinho que há no fundo do jardim e olho lá dentro, mas o pônei

também não está lá. O portão lateral está aberto, então volto para a frente de casa e fico olhando

da calçada. Olho para os dois lados, mas não o vejo também.

Fecho os olhos por um bom tempo, esperando sentir aquela respiração morna e os pelinhos

de novo, mas não acontece nada. O pônei se foi.

É oficial: sou louca.

Volto para casa e passo pela sala da frente, onde minha mãe está colocando um par de sapatos

pretos bonitinhos, com o cabelo penteado perfeitamente, depois de uma ajudinha do secador.

— O que você estava fazendo lá fora?

Fico plantada ali, meio boba.

— Humm... Estava procurando o jornal. Para uma lição de casa sobre

acontecimentos atuais.

— Está sobre o balcão — responde ela, olhando-me de um jeito esquisito.

Sempre está no balcão.

— Ah.

Ela se levanta para sair.

— Mãe?

— Hã?

— Você alugou um pônei para a minha festa?

Minha mãe cai na risada.

— É claro que não, querida. Você está grande demais para essa coisa de pônei.

E então ela simplesmente sai em direção à porta da garagem, onde seu Lexus brilhante a

aguarda. Eu a vejo sair, pensando se estou louca mesmo ou se a promotora perfeita de eventos

nem sabe que tipo de atividades reservou para a festa de aniversário de dezesseis anos de sua filha.

Fazendo que não com a cabeça, volto para o meu quarto. Está na cara que meu cérebro não

funciona direito sem um banho quente de vinte minutos.

E só tenho mais dezenove antes de me atrasar.

6

No segundo em que passo pelas portas duplas e entro nos corredores acarpetados da escola, a Nicole me cerca.

— Desculpe! Eu sinto muito, tanto, tanto! — pede insistentemente.

Não falo nada. Continuo andando e rangendo um pouco os dentes.

Ela anda de marcha a ré na minha frente, seu cabelo loiro insistindo em cobrir parte do

rosto. Ela o afasta dos olhos com suas unhas recém-feitas à francesinha e me encara. Ela está

usando um pingente de brilhantes em uma correntinha delicada de prata.

Fico pensando se foi um presente de aniversário de namoro. Tento lembrar se ela estava com

a corrente na noite passada, mas, como não cheguei nem a trinta metros dela, não tenho certeza.

— Eu perdi totalmente a noção do tempo. Eu juro que tive um troço quando finalmente

olhei para o relógio. Saímos correndo para a sua casa, mas ficamos presos no trânsito. Uma carreta

tinha tombado na pista, e a gente teve de dar a volta e...

Ela finalmente percebe que não estou escutando de verdade.

— O que aconteceu não é importante. Eu juro que vou fazer de tudo para consertar essa

situação. — Ela para de andar e sou forçada a parar também, para não dar um encontrão.

Olho fixamente em seus olhos azuis por um momento. Eles estão cerrados de preocupação,

como se a qualquer momento eu fosse dizer que ela morreu para mim. Cruzo os braços.

— Eu mandei umas cem mensagens para você.

— Meu celular estava sem bateria.

Enrolo uma mecha do meu cabelo castanho e úmido, resistindo à vontade de simplesmente

falar tudo de uma vez.

— A coisa toda foi um desastre, viu. Tudo.

Ela faz um bico com seus lábios carnudos e perfeitamente cobertos de gloss.

— Faça sua lição de Biologia por uma semana! Eu lhe empresto todas as roupas do meu

guarda-roupa. Vou a qualquer show que você quiser.

Levanto uma sobrancelha.

— A qualquer show?

— A qualquer show, contanto que ninguém dê um mosh em mim, ou algo assim.

Entorto os lábios de lado e olho para ela com cara séria por um tempo. Talvez, se eu tivesse

outros noventa e nove amigos, poderia dar o tratamento de silêncio para ela por um ou dois dias,

mas minha resolução já está fraquejando.

Cruzo os braços.

— Jura mesmo? Você não será perdoada se não cumprir tudo, combinado?

Ela solta um suspiro comprido e lento de alívio.

— Eu juro.

— Beleza. — Descruzo os braços. É triste ver como concordei tão rápido. Mas é claro que ela

não queria ter chegado tão tarde. E estou mais brava por causa daquela festa idiota do que com

ela. — E como foi seu jantar de aniversário de namoro?

O rosto dela se ilumina.

— A comida era incrível! Eu pedi um risoto e, meu Deus, fico com água na boca só de

pensar nisso. E a vista! É em Puget Sound, pertinho de Point Defiance. Eles têm

um deque, só

que estava fechado. Mas da janela dava para ver a água e também as barcas e os veleiros, essas

coisas. Eu podia olhar para aquilo a noite inteira. E o Ben disse a coisa mais engraçada do mundo

sobre o garçom! A gente ficou rindo disso o jantar inteiro e uma hora eu literalmente cuspi a

minha sopa, mas o Ben foi um fofo e fingiu que nem percebeu. Foi tão lindo. A gente falou

sobre você também, sabia? O Ben acha você rebelde. Foi ele quem disse, não eu.

Rebelde? O Ben acha alguma coisa de mim?

— Então — digo, sentindo uma onda de raiva, já que obviamente ela se divertiu tanto sem

mim —, valeu a pena ter perdido a minha festa.

— É. Não, não, é claro que não.

Argh.

— Tanto faz. Já não me importo com isso. — Me importo sim. — Mas você está me devendo

uns, sei lá, cem brownies de chocolate com menta.

Seu sorriso se acende de novo.

— Vou começar a fazer tudo hoje à noite.

A gente sai andando de novo, para a aula de Biologia.

— E, além disso, você talvez tenha de fazer minha lição de casa de Biologia até o final do

ano. Já estou perdida mesmo.

Nicole dá risada.

— Minha mãe vai fazer a gente ir visitar minha avó hoje à noite, mas e se a gente se

encontrar amanhã? Aí podemos revisar aqueles desenhos das células.

Eu faço que sim com a cabeça e entramos na sala de aula; a briga sobre a minha festa já

estava quase totalmente esquecida.

Como se a festa propriamente dita fosse assim tão fácil de esquecer.

\*\*\*

Quando me sento à carteira na aula de Fotografia, horas depois, não consigo parar de me

preocupar com a Nicole e o momento inevitável em que ela perceberá que já está adulta demais

para ser minha amiga. A gente pode ter resolvido o lance da festa, mas e se esse só for o primeiro

de muitos?

Se ela me abandona no meu aniversário, então qualquer coisa pode acontecer, certo?

Eu deveria estar fazendo o trabalho que, com certeza, arruinará a única nota A que tenho,

entretanto, em vez disso, fico olhando para ela de relance. Neste momento, ela está de pé

debruçada sobre uma bandeja cheia de revelador, um par de pinças na mão enquanto passa o

papel no fluido. Hoje, ela está revelando um rolo de filme todinho de fotos do Ben, que eles

tiraram durante o jantar de ontem.

Eu vi algumas delas. Eles foram dar uma caminhada na beira da água depois do jantar. Ela

tirou fotos dele no pier, a lua só uma lasquinha de luz no horizonte. A água brilha por trás dele,

linda e serena.

Ela não estava brincando quando disse que eles perderam a noção do tempo. Porque,

naquele instante, ela deveria estar no meu jardim, mas estava longe, totalmente alheia, e

andando feliz ao longo da Ruston Way.

Ainda estou meio brava. Eu jamais faria isso com ela! Mas também estou uma mistura de

outras coisas: preocupada, irritada, aflita, triste. O negócio com a Nicole é que mudamos bastante

nos últimos anos. Ou nós vamos ficar mais próximas ou nos afastaremos; e eu acho que sei no

que isso vai dar.

Sabe, antigamente a Nicole não era muito bonita. Eu nunca me importei com o fato de seu

rosto ser coberto de acne, ou que ela estava pelo menos uns dez quilos acima do peso, ou que era

bem baixinha.

Mas seja lá o que ela estiver fazendo para o rosto, está funcionando, e nos últimos dois anos

ela cresceu tipo vinte centímetros. Juro.

E como ela não ganhou nem um grama sequer, isso quer dizer que agora ela é magrinha,

apesar de ainda ter muito mais coisas acontecendo no departamento peitoral em relação ao meu.

O cabelo dela cresceu depois daquele corte trágico que ela tinha no ensino

fundamental. Ela

ainda tem um pouquinho daquela timidez, mas isso está desaparecendo um pouco mais a cada

dia.

Ela descobriu que não é mais uma nerd. Assim, agora só me resta esperar até que ela descubra

que eu ainda sou nerd, e então provavelmente me jogar para escanteio. Se o que aconteceu

ontem for indicação de algo, significa que o negócio está ficando sério com o Ben, enquanto

nossa amizade está cada vez mais se apagando.

Eu me inclino sobre o balcão onde estou ampliando uma foto, tentando me concentrar no

meu projeto e ajustar o negativo para que não fique borrado, nem corte a cabeça de ninguém.

Levando em consideração que já tive alguns dias para trabalhar nesse projeto, eu já deveria estar

num estágio mais avançado. Ou seja, a Nicole já está tão à frente que nem está se preocupando

mais com isso; e está aproveitando para revelar fotos do namorado dela.

O Sr. Edwards quer que a gente faça um “autorretrato”. Mas sua definição de autorretrato é

meio bizarra, porque não podemos tirar fotos de nós mesmos. Tem de ser alguma coisa

“representativa” de nós mesmos. E precisamos usar um dos efeitos especiais que aprendemos

para tornar a foto mais criativa, como inverter o negativo ou mudar o foco, ou alguma coisa assim.

Eu escolhi essa aula porque parecia ser menos torturante que uma das aulas de Agricultura

dos “futuros fazendeiros”, ou de Teatro, ou, que Deus me proteja, do Coral. Mas acontece que,

na verdade, essa aula é meio sacal. Aparentemente, eu não tenho visão artística nenhuma.

O Sr. Edwards me deu umas notas razoáveis porque consegui manter os aspectos técnicos

perfeitos, porém ele vive me enchendo o saco e dizendo como eu deveria usar meu “olhar

interior” e “observar o mundo ao meu redor” e blá, blá, blá. E então ele passou nosso primeiro

trabalho mais importante — metade da nota do primeiro semestre —, com uma superênfase em

criatividade. Ui.

A pior parte é que ele é um daqueles professores dos quais você gosta de verdade, do tipo que

realmente se importam com seus alunos e passam um tempão fora do horário de aula

conversando e ajudando todo mundo.

Assim, acho que me sinto um pouco culpada por entregar trabalhos incrivelmente sem graça,

semana após semana. Mas o que posso fazer? Algumas pessoas da aula simplesmente olham para

alguma coisa e “click”, é arte instantânea. Eu não possuo esse talento natural.

Agora, tenho menos de duas semanas para terminar esse projeto e, pelo jeito que as coisas

andam, eu vou expor um supernada. O que posso fotografar que me represente?  
Um quarto

gigante vazio? Um telefone que nunca toca? A agenda da minha mãe, que não tem tempo

nenhum para mim? A parte de trás da cabeça da Nicole, enquanto ela se afasta de mim, ou pior,

dando uns amassos com o Ben?

Nicole coloca a foto para secar e recolhe os objetos espalhados ao redor do ampliador dela. A

aula termina em alguns minutos.

— A que horas você quer me encontrar amanhã?

Nicole fecha o zíper da mochila. Ela fica bonita à luz vermelha do quarto escuro. Essa

iluminação deixa sua pele mais clara, sem defeitos, e seu cabelo loiro brilha.

— Hum... Às sete? Eu tenho uma consulta médica logo depois da escola.

— Beleza, para mim está bom.

Nicole joga algumas fotos rejeitadas do Ben no lixo entre nossas bancadas.

— Legal.

O sinal toca, eu resmungo e começo a guardar minhas coisas. Mais uma aula totalmente

perdida...

Enquanto enfio as coisas na mochila e me viro para sair da sala, jogo uma foto arruinada fora,

que acaba flutuando para fora da lata de lixo e aterrissa no chão.

Eu me agacho, pego a foto e a coloco no lixo, mas as fotos rejeitadas da Nicole chamam a

minha atenção.

Na verdade, elas são muito boas. A primeira está borrada demais, mas a segunda, do Ben no

pier, tem um foco leve, etéreo, como se as nuvens tivessem se afastado para a luz brilhar apenas

sobre ele. Há alguma coisa errada com um lado da foto, como se a Nicole houvesse colocado o

dedão na frente da lente, mas o centro, onde Ben está de pé, olhando para a água está perfeito.

Eu olho ao redor da sala. Ninguém está prestando atenção em mim.

E então, sentindo-me como se estivesse roubando a Mona Lisa, enfio a foto no meu fichário,

com o coração saindo pela boca.

7

Viro-me para lá e para cá à noite, sonhando com o Ben dando uns amassos com a

Nicole, câmeras gigantes me seguindo com flashes bem brilhantes e milhares de fontes de

ponche transbordando de líquido cor-de-rosa. Acontece que o líquido é como uma lava e eu

passo o sonho inteiro fugindo dele. Quando abro os olhos, estou definitivamente com um

humorzinho do cão. O que eu preciso mesmo agora é de cafeína intravenosa e uns cem donuts.

Enquanto bocejo e me estico, coloco as pernas para fora da cama e me preparo para me

levantar, mas algo rola debaixo do meu pé e cada perna vai para um lado e vou direto para o chão,

dando de cara no carpete. Meus dentes vão com tudo na minha língua, e tenho certeza de que

quase arranquei minha língua fora por causa do gosto metálico que invadiu a minha boca.

Tudo acontece tão rápido que eu não conseguiria me salvar em circunstâncias normais, e

muito menos quatro segundos após acordar. Mas que m...

Em seguida, abro os olhos e tudo entra em foco novamente.

Só consigo encarar a cena, minha boca aberta e meus olhos arregalados.

Chicletes de bolinha.

Milhares deles.

Tubos gigantes, e pacotinhos, e baldes enormes. Eles estão empilhados ao meu redor e

rolando debaixo da minha cama, e estou deitada sobre pelo menos uns cinquenta.

Tudo que consigo fazer é ficar ali, de olhos arregalados, minha bochecha amassada sobre o

carpete. Esse tanto de chicletes de bolinha custaria uma fortuna. Será que meu irmão roubou um

caminhão de doces?

Eu me sento devagar e com cuidado, porque esse tombo não foi gostoso, e olho melhor ao

redor do meu quarto.

Os chicletes de bolinha estão na minha escrivaninha, e no beiral da janela, e na cadeira, e

empilhados perto das paredes, e... não tem um centímetro quadrado livre de chiclete no meu

quarto. Tento colocar as pernas debaixo do corpo e estou quase ficando de pé de novo quando

alguns chicletes vêm rolando por baixo de mim. Abro um espacate involuntário e então grito de

dor e caio de novo, minha coxa lateja como se eu tivesse estirado um músculo. Alguns chicletes

rolam porta afora e batem na parede do corredor, depois quicam para bem longe.

Eu decido desistir de ficar de pé e vou engatinhando até o guarda-roupa, passando as mãos

pelo chão, para abrir caminho entre os chicletes. Não funciona muito, porque eles vêm rolando

em minha direção de novo. É como se eu estivesse em uma caixa de areia no parquinho, mas

cheia de chicletes de bolinha. Ou, na realidade, parece mais com aquelas piscinas de bolinha de

bufê infantil.

Tudo o que preciso é de uma muda de roupa, e assim posso ir até o banheiro e me arrumar.

Então, posso ir encontrar meu irmão e estrangulá-lo. Consigo chegar à porta e viro a maçaneta, e

aí percebo tarde demais que cometi um erro gigante: subestimei o tamanho desse desastre

natural.

Está na cara que o Furacão Chiclete de Bolinha é de grandeza número cinco na escala de

destruição.

A porta se abre com tudo e me pega bem no queixo, enquanto os chicletes de bolinha caem

em uma avalanche nas cores do arco-íris.

Eu me enrolo como um tatu-bola e cubro a cabeça, enquanto os chicletes chovem sobre

mim, quicando nos meus cotovelos e na minha cabeça e formando uma megapoça à minha

volta. O barulho fica cada vez mais alto enquanto umas batem nas outras, pulando e

ricocheteando pelo quarto inteiro.

Isso aqui vai muito além do ridículo. E como é que ele conseguiu? Será que ele botou um

“boa noite, Cinderela” no meu refrigerante ontem, para eu desmaiar até agora de manhã? Ele

também deve ter tido ajuda para fazer tudo isso em tão pouco tempo.

Ah, ele está ferrado!

Eu me conformo com a calça jeans de ontem e uma camiseta razoavelmente limpa com a

estampa do Pacman, e me arrasto para a saída, que bem podia ter uma plaquinha em luz néon

para ser mais fácil de encontrar no meio dessa bagunça. Espero que meu irmão se dê conta de

que vai ser completa e totalmente responsável por limpar esse quarto. Ele precisará de uns cem

sacos de lixo e de uma pá para neve.

Eu rolo pela porta e vou para o banheiro, fechando a porta atrás de mim. Não consigo

acreditar que já fui tão obcecada por essas coisinhas. Minha mãe dizia que eu quebraria o queixo

de tanto mastigar esse chiclete.

Olho de relance no espelho enquanto entro no chuveiro. Estou com uma marca cor-de-rosa

enorme no queixo, bem onde a porta bateu, e com manchas azuis e amarelas nos meus braços,

do corante dos chicletes. Megaestiloso.

Tomo um banho demorado, ignorando totalmente o fato de que provavelmente chegarei

atrasada à escola. Posso colocar a culpa no meu irmão, se minha mãe perceber. Depois que já

virei uma uva-passa humana e apaguei todas as manchas de arco-íris da pele, visto-me e vou

procurar meu irmão.

Ele está esticado no chão de sua caverna, olhando para o teto de madeira, ouvindo seu iPod.

Os olhos estão caídos, como se ele mal estivesse acordado, e ele está vestindo uma calça

camuflada com uma blusa térmica esfarrapada. Mas é um vagabundo, mesmo.

Ele nem percebe que me aproximo. Não falo nada, só arranco os fones dos ouvidos dele. Ele

abre os olhos de repente e se senta, esfregando as orelhas.

— Ai! Pra que isso agora? — pergunta ele, encarando-me.

— Não finge que não sabe! — Só para garantir, dou um chutinho nele com meu pé

acolchoado pela meia. A mão dele é rápida e agarra minha canela antes que eu consiga trazer a

perna de volta. Ele a puxa com força e acabo estatelada no chão, com ele.

— Eu não sei! — responde ele, colocando os fones nos ouvidos de novo. — Vai tomar um

calmante.

Pego os fones novamente e ele fica quieto.

— Tá. Vou brincar com você. O que é que eu fiz agora? Arranhei seu DVD do Superbad?

Cuspi no seu Sucrilhos?

Cruzo os braços e encaro meu irmão. Por que é que não tenho uma irmã? Uma bem legal e

inteligente, que pudesse me ajudar? Eu mal consigo ficar na mesma sala que o meu irmão sem

querer estrangular esse moleque ou pelo menos tentar arrumar a monocelha dele com uma

pinça.

— Três palavras para você: chiclete de bolinha!

Ele fica com cara de paisagem. Nenhum sorrisinho satisfeito, nem risada, nem uma piscada

ao descobrir que eu já descobri. Hummm... Que estranho!

— Afe! Tá bom, vem comigo — falo, levantando e agarrando sua camiseta com tanta força

que quase o estrangulo. Ele massageia o pescoço e me lança outro olhar mortal, e então suspira e

sai do chão. Ele sabe tão bem quanto a minha mãe como eu sou teimosa, por isso concorda

rapidinho.

Subimos as escadas para o meu quarto. Estou na metade do caminho quando vejo os

primeiros chicletes de bolinha no corredor. Dou um passo para o lado e Chase passa por mim, e,

ao chegar à porta, cai na gargalhada.

Eu só fico ali, de olhos arregalados, enquanto ele continua gargalhando, e finalmente tem de

se inclinar para a frente, como se estivesse segurando tudo o que tem dentro da barriga. Ele olha

para cima de quando em quando, estudando o quarto com mais calma para

inspecionar os

chicletes, o que só provoca mais um acesso de riso.

— É a melhor. Coisa. Do mundo — finalmente ele diz, quando consegue respirar de novo.

E então se joga no chão, ainda morrendo de rir.

— Não é não. É um desastre e você vai arrumar tudo!

Ele para de rir, apesar daquela sorrisão nunca sair de seu rosto.

— Opa! Eu não fiz isso. Não vou arrumar nada.

— Foi você, sim! Com certeza, eu é que não fui.

Ele dá de ombros.

— Alguém fez isso e, por mais que eu queira assumir a autoria de tudo, não posso. Não fui

eu. Nem sei onde alguém encontraria tanto chiclete de bolinha.

Ele se levanta e se apoia no batente da porta de novo, para olhar mais uma vez, e então faz

que sim com a cabeça, com força.

Ele tem razão. E, com base em sua expressão, estou quase acreditando que não tem nada a

ver com isso.

Quase.

— Tá, beleza. Estou indo para a escola. É melhor tudo isso aqui ter desaparecido quando eu

voltar para casa. Eu sei que você deve estar superocupado dando comida para os sem-teto e

salvando gatinhos presos em árvores, mas espero que você limpe tudo.

Ele se senta e levanta as mãos, para barrar o meu caminho.

— Cara, não vou botar a mão nisso. Tenho mais o que fazer.

— Beleza. Então, eu vou contar para a mamãe sobre aquela pilha de revistas debaixo da sua...

— Tá, tá! Não precisa dizer mais nada — declara, abanando as mãos no ar para que eu não

termine a frase. Meu Deus, será que ele acha que a minha mãe grampeou essa casa?

Eu sorrio e dou meia-volta, triunfante, enquanto desço as escadas e vou até a porta. É uma

caminhada de vinte minutos até a escola, e a aula começa em dez.

Geralmente, acho essa caminhada bem relaxante, principalmente quando o tempo está bom

como hoje. Está mais quentinho e não preciso de casaco, só de um moletom com capuz mais

grosso. As cerejeiras que contornam Marrymoor Lane, a rua onde moro, estão peladas, as folhas

espalhadas pela calçada, estalando sob meus pés enquanto vou para a escola.

Mas, em vez de curtir a caminhada, estou distraída e irritada. Não consigo afastar essa

sensação chata de que está rolando algo estranho.

Por que meu irmão nunca perguntou o que eu achei do pônei cor-de-rosa dele? Além disso,

se ele tivesse arrumado aquele monte de chiclete de bolinha, não estaria sentado do lado de fora

do meu quarto, só esperando para ver minha reação? Por que ele se daria ao trabalho de fazer

tudo isso para não estar presente naquele momento de glória?

Tem alguma coisa esquisita acontecendo.

Quando a aula acaba, não estou a fim de ir para casa. Ultimamente, aquele lugar está

mais para zona de desastre, e se meu irmão ainda não tiver acabado de recolher todos aqueles

chicletes, eu é que não vou aparecer a tempo de ajudar.

Evitar as situações sempre foi meu melhor mecanismo para lidar com as coisas. E por que

mudar agora?

Então, tomo uma decisão corajosa: vou ao evento de motocross do Ben hoje à noite. Não é

nada de mais... É pertinho de casa e eu chego lá andando em meia hora. Eu sei que, se for, não

vou pensar em nada enquanto ele estiver pilotando, e é exatamente disso que preciso.

Vou fazer o exame para tirar minha carteira de motorista<sup>3</sup> na sexta-feira. Com um pouco de

sorte, será a última vez que terei de sair a pé pela cidade. Principalmente se eu puder usar a

Ranger velha do meu irmão. Então por que não aproveitar ao máximo meu último dia de

pedestre e sair para uma caminhada legal hoje à noite?

Esse evento vai rolar em uma pista de motocross de um cara, cheia de rampas e morros

gigantes e outras coisas malucas que gente normal não se atreveria a percorrer, mas que o Ben

domina com um pé nas costas. Lá tem uma arquibancada com umas dez fileiras, cada uma com

uns dez metros de comprimento, então tem lugar para uns cem espectadores; e hoje vai estar

pelo menos com metade da lotação. As noites de quarta são abertas para os pilotos praticarem sem

ter de pagar uma mensalidade animal, nem se preocupar com competições. Em geral, eles só vão

lá para curtir, e o pessoal vai assistir.

Está calor, mesmo sendo outono; paro em um posto de gasolina no caminho e compro um

refrigerante. Vai muito bem com o pote cheio dos famosos brownies de chocolate com menta da

Nicole. Ela cumpriu a promessa e fez umas forradas só para mim, por ter perdido a minha festa.

Eu ainda estou brava com ela, mas os brownies já ajudaram a curar um pouco da minha raiva.

Ando ao longo do acostamento de terra batida dessa estradinha de interior, meu lanchinho

na mão, sentindo-me relaxada pela primeira vez nesta semana. É difícil ficar preocupada ao andar

ao lado de moitinhas cheias de rabos-de-gato, cercadas por campos gramados repletos de cavalos e

vacas, e com o sol brilhante e quente nessa cena que pode ser a última nesse outono. Eu ando

debaixo de uma fileira de árvores de bordo, suas folhas cor de laranja formam uma camada tão

grossa no chão que chega até as minhas canelas.

Era disso mesmo que eu precisava: uma noite longe de todo mundo e pra largar mão de me

preocupar com tudo.

Passo por entre os carros parados no campinho que também serve de estacionamento, meu

All Star preto afundando na lama. Tem mais caminhonetes que carros aqui, numa proporção de

pelo menos três para um. Eu não deveria achar isso interessante, mas acho. Em Enumclaw, as

caminhonetes sempre reinarão supremas.

Vou para a arquibancada de madeira, passando entre um monte de estranhos, e acho um

lugar para me sentar onde a tinta branca não está descascando. Os invernos nessa região do

Noroeste Pacífico [4](#) não têm dó de estruturas assim; no entanto, em um dia de outono com sol,

como hoje, eu acho que jamais gostaria de morar em outro lugar.

Os pilotos já começaram com suas gracinhas. Um cara numa moto dois tempos laranja bem

“cheguei” decola de um morro de terra gigante e passa por cima de vários pilotos que estão lá

embaixo, protegidos por seus capacetes, conversando.

É fácil encontrar o Ben: ele tem uma moto amarela brilhante, usa um capacete azul e uma

jaqueta com um desenho preto e azul-royal. O número dele é nove, que tem sido o meu número

favorito desde o dia em que fui com a Nicole ver uma corrida dele.

A Nicole sempre diz que essas noites de quarta-feira, quando o Ben não está competindo,

demoram horrores e são um saco, barulhentas, sem falar na lama. Ben não se importa se ela não

vai, porque eles não podem conversar mesmo.

E isso me mata: eles têm tão pouco em comum. Tudo bem que me esforço para não ficar por

perto quando os dois estão juntos, mas ao mesmo tempo não entendo esse relacionamento.

Eu nem sei se ela o ama tanto quanto eu o amo. E se ela ama o Ben mesmo, por que não

está aqui?

Apesar de reconhecer duas pessoas da escola sentadas na primeira fileira, elas nem olham

para mim, nem dizem nada. A Nicole nunca saberá que estive aqui, porque ela jamais apareceria

do nada, e o Ben está de capacete e correndo a zilhões de quilômetros por hora.

Ben sobe na moto e dá partida com o pé na primeira tentativa. A moto ganha vida, com um

ronco profundo que mostra que ele instalou com muito esforço um monte de peças picaretas. Eu

sei, pois ele fala sobre isso na aula de Matemática. Eu acho que sei tanto sobre a moto dele

quanto ele. Fico pensando se a Nicole sabe que ele passou o fim de semana passado inteiro

colocando uma forquilha nova. As botas dele vão quase até os joelhos, com um desenho que

combina com a jaqueta e a calça. Ele está usando óculos de proteção sobre o capacete, então não

consigo nem ver seu rosto.

Não tem problema que ninguém mais o reconheça. Eu sei exatamente como ele é por baixo

daquele equipamento todo. Já decorei.

Ele decola de uma rampa que deve ter pelo menos uns trinta metros, então cai com a roda da

frente e aumenta a marcha quando o próximo morro se aproxima à sua frente. Segue ao redor do

meio círculo, subindo na parede de terra, até ficar quase de lado: as únicas coisas que o seguram

são a velocidade e a força centrípeta. Quando sai da curva, já está em terceira e a caminho de uma

série de pequenas montanhas.

Ele salta a primeira e passa sem tocar o chão sobre as próximas duas, e então aterrissa e

acelera de novo. O morro à sua frente é pontudo e anguloso e, quando ele bate na pontinha dessa

rampa, a moto voa.

Ben tira os pés dos pedais e joga as duas pernas para o lado direito da moto, e então faz uma

tesoura muito doida. Ele consegue fazer a perna voltar direitinho para o lado esquerdo e já está

com uma de cada lado da moto quando atinge o chão de novo. Suas pernas malhadas se dobram

a cada salto.

Meu coração voa com ele. Não consigo acreditar que ele consegue fazer tudo isso e não

morrer de medo ou ter um ataque por causa da adrenalina. Fico pensando se um dia ele me

deixaria pilotar sua moto, ou se me mostraria como é se sentir sem peso nenhum por aqueles

segundos preciosos.

Ele só diminui a velocidade de leve, ao fazer mais uma curva, e parte para a próxima seção da

pista: três rampas enormes em seguida. Uma após a outra, ele vai até a ponta, voa, aterrissa e corre

por mais uns dez ou doze metros, e então decola novamente. Às vezes, faz uma manobra legal,

tipo empinar a roda da frente ou soltar as duas mãos do guidão quando está no ar.

Eu nem percebo que estou segurando a respiração, até que meus pulmões começam a gritar

pedindo oxigênio, e tenho de respirar fundo por um bom tempo. Não sei como a Nicole pode

ficar de saco cheio disso aqui.

Ben sobe mais um morro e joga a moto de lado por um minuto — de propósito —, depois a

endireita de novo, bem a tempo de aterrissar. A galera berra e bate palma. Eu fico de pé com eles

também e grito com toda a força, batendo palma e assobiando.

Ben é um dos melhores pilotos da região. Ele diz que não quer fazer as corridas mais

profissionais ainda, mas bem que poderia. No primeiro dia da aula de Matemática, vi todos esses

adesivos no fichário dele e fiz um monte de perguntas. Ele falou que a loja de motos da cidade

dá todas as peças de que ele precisa, desde que eles possam colar o adesivo da loja na moto dele e

também o logotipo em sua jaqueta. Eu acredito nisso. Ele é bom de verdade.

Meu celular toca, e atendo sem pensar:

— Alô?

— Oi, Kayla! — diz a Nicole.

Meu coração pula do meu peito, e aterrissa em algum lugar perto dos meus pés. Eu esqueci

totalmente que a gente se encontraria hoje à noite para estudar aquele desenho das células. Se eu

sair daqui neste segundo, posso chegar em casa a tempo de ir encontrar a Nicole. Talvez.

— Oi — respondo. Cubro o bocal do telefone com a mão. Será que ela está ouvindo o

barulho das motos ao fundo? Putz, isso é tão suspeito.

— Minha consulta no dentista terminou mais cedo. Você ainda quer vir aqui em casa?

— Dentista? Eu pensei que você tivesse falado que era uma consulta médica.

Ela fica um instante quieta.

— Claro. Mas dentista também é médico, né? Só que um tipo diferente.

Faço cara de conteúdo. Acho que faz sentido. Mas é meio estranho.

— Ah. Bom... é... hummm... Eu estou meio ocupada agora, sabe? Que tal amanhã?

A culpa está se inflando e preenchendo o meu estômago. Cubro o bocal do telefone com a

mão de novo quando uma moto faz a curva e vem em minha direção. Seguro a respiração

quando o piloto acelera.

— O que foi isso?

— O cortador de grama — respondo rápido. Rápido demais.

— Você está cortando a grama? Mas a sua mãe não paga uma pessoa para fazer

isso?

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Pois é, a minha mãe falou que esses caras de paisagismo não estavam dando conta do

recado. Então... eu me ferrei. A gente pode estudar aquele desenho da célula amanhã? —

pergunto de novo.

— Não posso. A gente vai ter de fazer isso no fim de semana, sei lá.

Eu faço que sim com a cabeça, e então me lembro de que ela não está me vendo.

— Claro, sem problemas. A gente se vê na escola amanhã, então.

Bem na hora em que desligo o telefone, mais um grupo de pilotos passa voando em frente à

arquibancada.

Isso é tão... errado. Quero dizer, estou escondendo o barulho das motos da Nicole: tem

alguma coisa errada aqui, né? Se eu estou me sentindo culpada, é porque sou uma mentirosa e

ainda fico de olho no namorado dela.

Eu não deveria estar aqui paquerando o cara que nunca vou poder ter. Putz, até quando vou

fazer isso comigo mesma? Por quanto tempo mais vou ficar me torturando e babando por ele de

longe, totalmente obcecada pelo menino, enquanto tento esconder tudo isso da minha melhor

amiga?

Não estou mais a fim de ficar aqui.

Tenho de parar com isso. Tenho de parar de querer ficar com ele. É tão idiota me passar por

isso! Talvez eu possa tentar aquele lance de “longe dos olhos, longe do coração”. Talvez eu deva

tentar me curar dessa paixãoite e deixar a Nicole ficar com ele em paz, e esquecer que Ben

Mackenzie existe.

Isso acaba aqui. Agora.

Eu me levanto e desço a arquibancada, escolhendo uma rota segura entre os espectadores.

Estou na metade da descida quando todo mundo ao meu redor se levanta, e uma onda de risadas

invade o ar e me cerca.

Por um segundo, acho que deve ter alguma coisa ridícula grudada na minha bunda e tento

limpar minha calça, discretamente.

Mas então percebo que está todo mundo olhando para a pista.

E apontando.

Olho para a frente, e meu estômago congela.

“Ah, não!”

É o pônei. O maldito pônei cor-de-rosa.

3 Nos Estados Unidos, os jovens podem dirigir a partir dos dezesseis anos. Com essa idade é permitido a eles prestar o exame para obter a habilitação (carteira de motorista). (N.E.)

4 Enumclaw é uma cidade localizada no Estado norte-americano de Washington, no Condado de King e Condado de Pierce. (N.E.) 9

O pônei está correndo pela pista, pulando e dando coices e vivendo o momento

mais feliz de sua vida. Ele dá um pinote e salta pelo ar, marchando tão alto sobre as quatro patas

que achei que fosse tentar um supersalto carpado invertido sobre três cascos.

Minha boca fica seca.

O cavalinho sai em debandada para uma das maiores rampas, os cascos pequeninos

cavoucando a lama, e então fica de pé nas patas traseiras e relincha com a cabeça para trás,

parecendo muito orgulhoso de si mesmo, enquanto marcha com força e cava a ponta da rampa,

como se fosse o rei daquela pequena montanha.

Ou rainha, talvez. Afinal de contas, o pônei é cor-de-rosa. Ele se empina todo, as perninhas

atarracadas pulando e dançando, sem nem ligar para a destruição que está provocando no meu

pobre coração, que já bate fraquinho.

Uma moto acelera alto, e tiro meus olhos do pônei. Um piloto, que com certeza não tem

noção de que um cavalo em miniatura, e tão cor-de-rosa que dói, já está ocupando a rampa,

acelera sua grande moto preta, indo direto em direção a ele.

— PAAARA! — berro, descendo da arquibancada o mais rápido que posso. Pulo da última

fileira e corro para junto da cerca. Eu tropeço na grade pintada de branco, caio no chão com tudo

e aterrisso em uma poça de lama bem melequenta, que imediatamente passa pelo tecido da

minha calça e dos meus tênis. Eca!!!

Consgo me levantar, com meu All Star atingindo o nível máximo de saturação e sentindo

minhas meias ficarem molhadas. Saio correndo para a rampa, abanando os braços, gritando com

toda a força dos meus pulmões. Provavelmente, não adiantará nada: ele nunca me ouvirá com o

barulho da moto, e atropelará o cavalinho. Já posso ver pedaços cor-de-rosa voando por toda parte.

A essa altura, o piloto já está na base da rampa. Bem na hora em que acho que é melhor

fechar os olhos e rezar para que um milagre aconteça quando eu não estiver olhando. O capacete

dele vira, só um pouco, e sei que ele me enxerga. Ele freia a moto com tudo e segura o guidão,

mandando a moto para a base da rampa de terra. Ele sai voando pelo lado da rampa, bem em

direção a um grupo de pilotos sentados no meio da pista.

Ele consegue desviar da maioria deles, mas vai com tudo para a roda da última moto: a do

Ben.

O piloto acaba levando a moto toda com ele, e o Ben junto, que cai num monte de terra.

Eu fico ali, no meio da pista, o silêncio me engolindo enquanto assisto a tudo com os olhos

arregalados. A multidão na arquibancada ainda está de pé, de olho na cena ridícula.

Ops.

O pônei relincha de novo, em um tom grotesco de tão fininho e ardido. Depois desce o

morro desajeitadamente pelo lado e galopa pela pista, com sua crina rosa-shocking e seu rabo

azul voando alegremente ao sabor do vento.

Ele vem galopando em minha direção, como se eu fosse a melhor amiga que não vê há anos.

O arroz do feijão dele.

Não, não, não. Isso não é bom.

“Sai pra lá!”

Eu tento canalizar meus pensamentos para o pônei, esperando e rezando para que ele dê

meia-volta e retorne para o lugar de onde é que tenha vindo. Mas ele se aproxima e trota até

parar, empurrando o focinho contra mim e dando mordidinhas no meu moletom.

Devem ter uns cem pares de olhos sobre mim nesse momento.

Estou com medo de olhar para cima — ou para qualquer direção — porque não sei o que

vou dizer.

Eu deveria ter deixado o pônei salvar sua própria bunda fluorescente, em vez de berrar como

uma louca e cair em uma poça de lama. E ele nem é meu pônei, mesmo tendo estado no meu

jardim ontem.

— Aquela coisa é sua?

Quero fechar os olhos e bloquear aquela voz (a do Ben), mas sei que isso não fará com que

ele desapareça. Então, olho para ele. Ele já tirou o capacete, seu cabelo loiro está todo bagunçado

e ele levanta uma sobrancelha enquanto olha para o pônei. Seus olhos azuis estão brilhantes de

verdade, como se ele tivesse um monte de piadas que gostaria de contar. Um lado de sua jaqueta

e da calça está sujo de lama, graças ao outro piloto que passou por cima dele.

— Hum... não!?

— Isso é uma pergunta?

— Não!

— Parece.

— Bom, ele não é meu, propriamente, quero dizer, ele só aparece lá no meu jardim de vez

em quando. Na verdade, uma vez. Uma.

— Então é normal ver pôneis cor-de-rosa no seu jardim?

— Não.

Ele dá uma risadinha. Minhas bochechas esquentam. Ben parece bem satisfeito em

presenciar esse momento supremo de humilhação para mim. Geralmente, sou eu quem tira

sarro.

— Você acha que os Smurfs vão querer o pônei de volta?

Eu levanto uma sobrancelha e coloco a mão na cintura.

— É isso mesmo? Isso foi o melhor que você conseguiu pensar? Estou aqui com um pônei

rosa-shocking e você só consegue me falar isso?

Ben ri, e a tensão parece se soltar da minha coluna; me vejo sorrindo de volta para ele.

— Francamente, Ben, estou decepcionada.

— O que posso fazer!? As balas Risadinha não vêm com mais piadas sobre pôneis cor-de-rosa.

Alguém do outro lado da pista dá a partida na moto e percebo que estamos plantados bem ali

no meio e ninguém se mexe.

— Hum... Acho que é a minha deixa para ir embora. É que eu tenho lição de casa e tudo o

mais, e a caminhada é longa, e...

— Você veio andando até aqui?

Hum... Talvez eu não devesse ter mencionado essa parte da história. Agora, ele me achará

louca mesmo.

— Ah-hã. É só, tipo, uns quatro quilômetros? Menos de quarenta e cinco minutos. E o

tempo está tão bom hoje; talvez eu possa largar o pônei em alguma parte do caminho.

— Nem pensar. Eu lhe dou uma carona.

Meu estômago congela, enquanto meu coração pega fogo. Eu não deveria querer isso tanto

assim, nem ter tanto medo ao mesmo tempo.

Vamos até a caminhonete Ford dele, e ele tira uma rampinha da caçamba. Deve ter uns vinte

centímetros de largura, um pouquinho a mais que os pneus. Ele monta na moto e sobe pela

rampa, como se fizesse isso todos os dias. O que, se eu pensar bem, ele deve fazer mesmo.

Fico ali enquanto ele amarra a moto na caçamba, o pônei ao meu lado e de olho

nele

também. Eu meio que espero que ele diga algumas frases do nada, como em um filme ruim.

— Acho que consigo dar marcha a ré na caminhonete para cá — afirma Ben, apontando para

uma pilha de terra. — E talvez a gente possa convencer o pônei a subir.

— Mas não é meu pônei, de verdade. A gente podia deixar ele aqui.

Ben me lança um olhar do tipo “até parece”.

— Provavelmente, esse pônei mora perto da sua casa e seguiu você até aqui. O mínimo que

você pode fazer é levá-lo de volta.

Enumclaw é uma área bastante rural, então pode ser bem possível. Fico pensando se algum

dos meus vizinhos psicóticos deixou um pônei tingido fugir.

Eu suspiro e esfrego os olhos. Não sei bem quando comecei a usar meu jardim como

albergue para pôneis fugitivos, mas tudo bem.

— Beleza.

Se o pônei simplesmente saísse galopando agora, o mundo seria perfeito. Mas é claro que ele

não vai. Ele espera pacientemente, enquanto Ben dá marcha a ré em direção ao monte de terra, e

então, olha que ridículo: o maldito pônei sobe na caçamba, como se tivesse passado a vida inteira

andando em caminhonetes arrebitadas.

Ben fecha a caçamba e, para a minha surpresa, vai até a porta do passageiro e a abre para

mim.

— Sua carruagem a espera — diz ele, com um sorrisinho em seus lábios carnudos e perfeitos.

Bom, duvido que a carruagem da Cinderela também viesse com uma moto de motocross e

um pônei fluorescente.

Ando até a porta e passo a menos de um centímetro de distância dele. Eu quero me apoiar

nele, encostar o rosto em sua jaqueta e sentir seu cheiro.

Fico pensando como é que ele reagiria se eu fizesse isso.

Tenho de segurar na maçaneta de dentro da porta e pisar na soleira para subir, porque a

caminhonete é mega-alta. Ben fecha a porta atrás de mim, passa pela frente do carro e pula no

banco dele sem se apoiar em nada. Quando ele dá a partida, o motorzão a diesel acorda para a

vida.

Passamos pelo campo e voltamos para a estrada. Ainda bem que são menos de cinco

quilômetros até a minha casa, porque acho que sou bem capaz de desmaiar e odiaria que ele me

visse babando por causa dele.

— Você foi incrível hoje — digo, quando não consigo mais ficar quieta. — Sabe, né, antes da

intervenção equina.

— Valeu — agradece Ben. — Você me viu quase tirando um pedaço daquela rampa gigante?

Eu fiquei me achando e quase não consegui colocar os pés nos pedais de novo.

Ele sorri e olha para mim, e me vejo sorrindo de volta e olhando nos olhos dele.

Caraca. Não posso olhar nos olhos dele. Eu me viro para a janela.

— Dizem que um ego gigante é a causa número um de morte entre meninos adolescentes.

Sinto os olhos de Ben sobre mim.

— Ah é? E qual é o tratamento?

— Ouvi dizer que terapia de choque funciona bem.

Ben dá uma risadinha.

— O quê? É aquele negócio de torturar a pessoa enfiando a cabeça dela num balde cheio de

água?

Faço que não com a cabeça. Está ficando mais difícil olhar pela janela quando o que quero é

me virar e olhar para o Ben. Mas, então, forço-me a fingir que umas vacas malhadas pastando

num campo são a coisa mais fascinante que vi o dia inteiro.

— Ah, não, faz muita bagunça.

— Eu acho que uma hora com a Sra. Vickers e uns duzentos problemas de trigonometria

acabam com o ego de qualquer um.

Esqueço-me de encarar a janela e olho para ele.

— Eu sei, e ainda é o primeiro mês de aula. Estamos todos ferrados.

Ele sorri, ligando a seta antes de olhar para mim. Os lábios dele são perfeitos, curvadinhos

para cima. Eu olho para a janela novamente.

— Podíamos nos encontrar para fazer uma revisão — sugere ele. A caminhonete range

porque ele não engata a segunda marcha direito.

Eu me esqueço de respirar por um segundo, até que meus pulmões começam a queimar e

eu respiro o mais fundo que consigo sem ele perceber.

— Ah-hã, talvez. Na casa da Nicole. Ela tem a mesma professora de Matemática, mas na sexta

aula.

— Isso — concorda ele, fazendo que sim com a cabeça. — Na casa da Nicole.

Quando ele para em frente à minha casa, estou segurando na maçaneta da porta com tanta

força que meus dedos estão doendo. Ele estaciona a caminhonete no meio-fio, e, quando ainda

nem virou a chave para desligar o motor, abro a porta com tudo.

— Valeu, Ben! Até amanhã!

E então eu corro pelo gramado. Estou na metade do caminho quando o ouço desligar a

caminhonete. Ele abre a janela e grita para mim:

— Ei, Kayla?

Eu paro, travando meus dentes por um segundo, ainda de costas para ele, e então me viro.

— E o pônei? — aponta ele com o polegar para a mais nova ameaça à minha existência.

Ultimamente, tenho encontrado um monte delas. Será que dá para ter ameaças múltiplas à

própria existência?

— Ah, claro!

— Como você acha que a gente pode tirar ele daí?

— O muro do jardim ali atrás é mais alto. Dá marcha a ré na caminhonete até lá que vou

abrir o portão.

Eu resisto à vontade de me dar um tapa na testa e corro para o jardim. Como o terreno da

casa é de esquina, há outro portão lá no fundo. O jardim era meio desnivelado, então minha mãe

mandou os paisagistas construírem esse muro. Vai ser perfeito para descarregar o pônei.

Ben dá marcha a ré na caminhonete e sai do carro, vai para trás dele e abre a caçamba. É

quase perfeito: só fica meio centímetro acima do murinho. O pônei se afasta um pouco, dá uma

voltinha e pula para fora. Ele se joga para o meio do gramado e então cai de joelhos, e depois de

lado, e começa a rolar na grama.

Ben dá risada e aí percebo, de supetão, como ele está perto de mim. Dou um passo não

muito sutil para longe dele.

Ele deita a cabeça de lado e me olha, com as sobrancelhas franzidas.

— Você fica nervosa quando eu estou por perto?

— O quê? Não. Quê? — Estou engasgando com a minha própria saliva, tenho certeza.

Ben suspira e dá de ombros.

— Não é nada. Esquece.

— Ah, tá. Vou fechar o portão. Valeu pela carona.

Ele faz que sim com a cabeça, mas olha para mim por mais tempo que o necessário, e então

se vira e volta para a caminhonete.

Ele buzina uma vez quando sai com o carro, e fecho o portão tão rápido e com tanta força

que quase arrebento as dobradiças.

E aí eu respiro fundo e, pela primeira vez em uma hora e meia, não me sinto mais sem ar.

10

Quando acordo na manhã seguinte, abro um olho só, devagarzinho, e olho ao redor do

quarto. Depois daquele pônei e dos chicletes de bolinha, sinto como se existisse mais uma

emboscada à minha espera.

Mas os chicletes de bolinha não apareceram de novo. Obrigada, estrelinha da sorte! Não sei o

que meu irmão fez com eles, mas finalmente ele fez algo de benfeito na vida. E uma olhada

rápida pela janela me garante que não tem nenhum pônei comendo nossa grama perfeitamente

verde. A vida está de volta ao normal. Que felicidade!

Mas, quando me encaminho para a porta do quarto, escuto um barulho.

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Vindo do meu guarda-roupa.

Fala sério! Se meu irmão aprontou outra, nem que seja uma coisinha de nada, vou contar

tudo para a minha mãe. Minha vida virou uma doideira desde que ele voltou a morar aqui e é

tudo culpa dele.

Marcho até o guarda-roupa e abro a porta com tudo.

Meu coração quase para de bater quando dou de cara com um par de olhos verdes

emoldurados por cílios compridos e curvados. Tem uma menina que nunca vi na vida sentada lá

dentro do meu guarda-roupa. Sem brincadeira. Eu berro e pulo para trás, pego a cadeira da

minha escrivaninha e coloco-a entre nós duas, como se a cadeira fosse minha arma secreta.

Morte por cadeira com rodinhas.

Percebo que a cadeira não vai ajudar muito a me proteger, portanto me estico até a

escrivaninha para pegar...

Uma régua.

Empunho a régua como se fosse uma espada, ainda escondida atrás da cadeira. Talvez, se eu

tiver sorte, possa transformar cliques de papel naquelas estrelinhas de ninja.

A menina estranha está simplesmente sentada no chão, com as pernas cruzadas, usando a

roupa mais horrorosa que já vi: meia-calça listrada vermelha e branca, um vestido azul de algodão

e um avental branco. O cabelo cor de morango dela é rebelde e todo enrolado e

cai até o meio

das costas em cachos bem crespos; e fios dele podem ser vistos espalhados em tudo quanto é

lugar. Ela tem um monte de sardas ao longo do nariz e lábios tão grossos que não parecem ser

naturais.

Ela parece ter a minha idade. O negócio é que não está nem aí por estar presa no meu

guarda-roupa.

Se essa é a menina que meu irmão está namorando a distância, ele tem um mega mau gosto.

Mas, se eu pensar bem, ela está namorando meu irmão, então talvez seja ela quem precise de

ajuda nessa história.

— Quem é você? — pergunto, indo em direção à porta, como se ela fosse um cachorro com

raiva. Estou dominada por um medo irracional de que ela vá pular do nada e vir para cima de

mim, como uma aranha saltadora, ou algo parecido.

— Ann — responde ela, com a voz fraquinha, quase um sussurro.

— Tá, Ann, e o que você está fazendo no meu guarda-roupa?

— Estou sentada — diz, como se fosse óbvio. Ela pisca algumas vezes e me encara de um

jeito esquisito, como se eu é que não devesse estar no meu próprio quarto.

— Beleza, mas por que você está sentada dentro do meu guarda-roupa?

— Eu sou a sua melhor amiga. Eu moro aqui! — explica ela, com a voz mais firme e menos

parecida com um sussurro. Ela pronuncia cada palavra de um jeito esquisito.  
Não é um sotaque,

mas parece a maneira como alguém pronuncia uma palavra que acabou de  
aprender há cinco

minutos. O ritmo fica meio atrapalhado.

— Não mora, não — respondo, dando um passo para a frente. Ela precisa sair do  
meu

guarda-roupa. Agora. O que ela acha que isso aqui é? Nárnia?

— Moro, sim.

— Não mora, não.

— Moro, sim.

Ranjo os dentes. Que menina irritante.

— Tá. E quem é você?

— Ann — responde ela de novo.

— Ann do quê?

— Só Ann.

— Não existe esse negócio de só Ann.

Ela me encara. Pisco algumas vezes, na esperança de que ela desapareça. Tem  
alguma coisa

estranhamente familiar nela. Saio de trás da cadeira para olhar direito para ela,  
ainda com a régua

empunhada.

Se tudo der errado, eu posso medi-la até que morra.

— Eu conheço você de algum lugar? — Minha voz sai mais medrosa do que eu  
queria, e

pigarreio um pouco.

Ela ri só um pouquinho, e por algum motivo aquilo me irrita. Quem é ela para rir quando

está invadindo o meu quarto?

— Claro, Kayla. A gente já se conhece faz oito anos.

Ela sabe o meu nome. Fico com frio no estômago. Não consigo entender. Ela está me

assustando. Será que saio correndo para chamar meu irmão? Vai que ela é uma louca que fugiu

do hospício... Talvez ela fique me seguindo, me olhando pela janela.

Não esquecer: comprar cortinas novas.

— Você precisa sair do meu guarda-roupa — ordeno, com a voz ainda trêmula. Não estou

preparada para lidar com invasores antes das sete da manhã.

— Não é culpa minha você ter me enfiado aqui.

Hein!?

— Eu não coloquei você aí. Que coisa mais ridícula. Isso aqui não é um albergue.

Se a régua tivesse quarenta e cinco centímetros, talvez fosse suficiente, mas ela está ficando

cada vez menor na minha mão.

— Tem cinco anos que estou naquela caixa — declara Ann, apontando para uma caixa

branca no fundo do guarda-roupa. — Sua cama era muito mais confortável.

Ann engatinha para a frente, para fora do guarda-roupa, e descruza as pernas. Enquanto ela se

levanta, meio que tropeça e cai para a frente, atropelando a minha cadeira e jogando-a contra a

parede. Dou um pulo gigante para trás.

A cadeira deixa um enorme arranhão na minha parede perfeitamente pintada em um tom

ameixa.

Que ótimo. Pelo menos, meu irmão trabalha em uma loja de material de construção.

Ela se apoia na minha cama e consegue se levantar, até ficar totalmente em pé, quase

chegando ao meu um metro e sessenta e cinco. Ela não solta a cabeceira da minha cama.

Na verdade, ela parece meio molenga, como aqueles cavalinhos que acabaram de nascer que

a gente vê no Animal Planet.

Quando ela fica de frente para mim, com uma das mãos ainda segurando na minha cama, eu

consigo olhar para ela direito. De repente, eu é que preciso me apoiar em algum móvel.

Eu sei por que ela me parece familiar.

Ela está vestida como a minha boneca de pano, a Trapinho. É por isso que ela falou sobre

aquela caixa? Será que ela fuçou nas minhas coisas e viu minha boneca velha?

Nossa, que péssimo. Uma roupa daquelas fica fofa em uma boneca, mas ridícula em uma

adolescente. E, com aquele cabelo mega-armado e as sardas bem escuras, ela provavelmente é a

garota mais estranha que eu já vi na vida.

Cruzo os braços, irritada. Então ela acha que pode vir aqui e tirar uma com a minha cara e

minha obsessão pela Boneca Trapinho? Será que essa palhaçada toda é para isso?

— Legal a sua fantasia. Pena que ainda está cedo para o Halloween, você não acha? —

pergunto.

Ann olha para o próprio vestido e alisa o avental enquanto faz cara feia.

— Você sempre gostou da minha roupa.

— É, quando eu tinha sete anos!

Ela dá de ombros e finalmente solta a minha cama, para colocar as mãos na cintura. Ela dá

uma balançada, mas continua em pé. Putz, será que ela estava enchendo a cara dentro do meu

guarda-roupa?

— Eu gostava mais de você naquela época.

Sua voz vem se transformando durante a nossa conversa; vai ficando mais normal. Quanto

mais ela fala, mais sua voz parece com a minha, e fico com mais frio na barriga. Ela aprende

tudo numa velocidade assustadora. Ela só me ouviu dizer algumas palavras e está me copiando

direitinho.

Por que ela está fingindo que me conhece? Com certeza, eu me lembraria de alguma garota

boba desse jeito.

— Você não precisa ir para casa, mas não pode ficar aqui — digo, indo para a porta.

— Eu já falei. Eu já estou em casa.

— Você não está em casa. Eu estou em casa. Este é o meu quarto. — Minha voz fica uma

oitava mais alta. Meu irmão conseguiria me escutar se eu gritasse, né?!

Mas e se ele estiver ouvindo música no iPod?

— Nosso quarto — ela rebate. Ela me olha e então me copia, cruzando os braços e deixando

as pernas afastadas na largura dos ombros.

Chega. Já estou assustada o bastante. Dou outro passo para trás e pego a régua de novo.

— Olha, se você não sair daqui em trinta segundos, vou chamar a polícia.

— Por quê? Você ainda é apaixonadinha pelo guarda Barrows?

Arregalo os olhos. Nunca contei aquilo para ninguém. Quando eu tinha dez anos, tive uma

paixonite por um guarda de vinte e dois anos que ficava na faixa de pedestres em frente à escola.

Eu cruzava a rua várias vezes por nada e devia deixar o cara maluco da vida.

Eu nunca contei isso nem para a Nicole. Afinal, era um mico gigante.

— Como é que você sabe disso?

— Você falava que ia se casar com ele e morar em uma casa com uma cerquinha branca. E

que ele ia proteger..

— Eu sei que falei isso, mas como é que você sabe?

Ela franze as sobrancelhas e me lança um olhar tipo “dããã”. Por que eu é que estou me

sentindo idiota, se é ela quem está vestida como uma boneca gigante?

— Você tem de me reconhecer. Eu fui a sua melhor amiga por uns bons anos. Eu sei de

tudo. Ou você se esqueceu de mim depois de me enfiar naquela caixa?

Quando suas palavras finalmente fazem sentido, começo a rir, girando a cadeira e dando

tapas nela.

Que ótimo. Quem será que convenceu essa menina a fazer isso?

— Você acha mesmo que é a Trapinho, né?

Ann tenta dar risada, me copiando direitinho. O cabelo na minha nuca fica arrepiado. É

como ouvir a minha própria risada em um gravador.

— Não estou fingindo, Kayla. Sou eu!

— Não é, não. A Trapinho é uma boneca, ô bobinha.

Ann suspira.

— Além do guarda Barrows, você também era apaixonadinha pelo carteiro, pelo menos até

ele ser substituído por aquele cara grisalho com os sapatos que faziam um barulhinho irritante. E

você quis ser uma palhaça de rodeio por uns cinco minutos, até ver um touro de perto. Além

disso, o nome do meio do seu pai é Preston Lewis, o que você sempre achou ridículo porque são

dois nomes, e não um, e os dois parecem sobrenomes distintos. A sua cor favorita é pêssego,

apesar de você odiar pêssegos porque a casca peludinha lhe dá nojo. No sexto ano, você descobriu

que tinha ficado menstruada porque...

— Chega! — peço, tapando os ouvidos. Não há necessidade de reviver justo essa lembrança.

A cada revelação de Ann, meu coração batia mais rápido, e agora estava pulando no peito

como um bicho doido. Ela sabe de coisas que eu nunca contei para ninguém, nem para a Nicole.

E não sou tonta a ponto de escrever um diário ou alguma coisa assim. Então, ou ela tem morado

naquele guarda-roupa e ouvido meus segredos nos últimos seis anos ou...

Não. Isso é totalmente, completamente impossível. Tem de existir uma explicação para isso.

Uma explicação lógica.

— Olhe, eu tenho de ir para a escola. Você pode voltar para o guarda-roupa e ficar sentada lá,

conversamos quando eu voltar.

Talvez se eu conseguir mandá-la de volta para o guarda-roupa e trancar a porta, possa sair

correndo do quarto e pedir para o meu irmão que a tire daqui. Ou talvez eu deva mesmo chamar

a polícia. Mas não tenho tempo para decidir qual é a melhor opção.

Ann dá de ombros, vira-se e volta para o guarda-roupa. Quando a porta se fecha e ela some de

vista, quase consigo me convencer de que imaginei aquilo tudo. Mas quando vou até a porta e

olho pela frestinha, vejo que ela está sentada no chão, no meio das minhas roupas, trançando o

cabelo. Atrás dela, eu vejo a caixa branca onde a minha boneca ficava, e que agora está vazia.

Engulo em seco e dou um sorrisinho, fecho direito a frestinha da porta.

Ai, se meu guarda-roupa fosse como um cofre de banco e eu pudesse trancá-la ali dentro para

sempre...

Alguma coisa me diz que não será fácil me livrar dela.

11

Não estou nem na metade do caminho para a escola quando já deveria estar na sala de

aula. Não consigo nem andar direito: estou confusa, meio tonta, perdida pensando nos

acontecimentos bizarros da minha manhã.

Desde o meu aniversário de dezesseis anos, minha vida virou de cabeça para baixo. É um

caso de antes e depois bem óbvio.

Antes: normal.

Depois: um pelotão de palhaços malucos.

Fala sério. A Boneca Trapinho? Chicletes de bolinha? Um pônei rosa-shocking? Talvez,

quando eu ainda era pequena, fosse amar tudo isso. Putz, se eu soubesse que existiam pôneis

daquela cor, eu teria implorado por um. Ele tinha até um sorvetinho pintado no traseiro, como o

Meu Querido Pônei favorito.

Paro de repente, e meu queixo está tão caído que quase se apoia no meu All Star. É como se

todos os sons tivessem sumido de repente e o mundo todo estivesse em silêncio, a não ser pelo

pulsar nos meus ouvidos. Não consigo ver nada à minha frente, porque tudo ficou meio turvo e

cinza.

“Eu desejo que todos os meus desejos de aniversário realmente se tornem

realidade. Porque

eles nunca se realizaram.”

Não.

Não, não, não.

Impossível.

Fico ali, com os olhos ainda fora de foco, respirando com tanta força que meu peito começa

a estufar, como se eu tivesse acabado de correr uns três quilômetros na aula de Educação Física.

Olho para o nada, tentando lembrar os últimos anos e exatamente o que desejei quando

tinha nove anos, e era obcecada por aquela porcaria de Boneca Trapinho. Foi o ano em que meu

pai saiu de casa. O ano em que minha mãe ficou praticamente perdida no mundo, o ano em que

meu irmão encarou o divórcio ficando na rua até tarde com os amigos e um ano antes de a

Nicole se mudar aqui para a cidade.

Eu não conhecia ninguém.

“Eu queria que você fosse real, Ann. Assim, eu teria uma amiga de verdade.”

De repente, preciso me sentar, mas não tem banco por perto. Então simplesmente me sento

no meio da calçada, com as pernas cruzadas, e me curvo para a frente, com a cabeça entre as

mãos, os dedos nas têmporas, meu cabelo escuro e ainda molhado caindo nos meus olhos. O frio

do cimento úmido encharca minha calça jeans imediatamente, mas eu nem ligo.

Isso é ridículo. Desejos não se tornam realidade. E bonecas não ganham vida de uma hora

para outra.

A Ann estava mesmo agindo de um jeito bem estranho, copiando minha postura e minha

maneira de falar. Era como se ela não soubesse falar ou andar e estivesse tentando aprender ao

me observar.

Não, não, não. Que coisa mais imbecil. Ela é um ser humano, não uma boneca.

Pisco algumas vezes, mas minha visão ainda não entra em foco. Quando eu tinha sete anos,

fiquei obcecada por fazer bolas de chiclete. Será que desejei um estoque ilimitado de chiclete?

Forço meu cérebro, tentando lembrar o que fizemos no meu aniversário de sete anos. Foi meu

último aniversário com meus pais juntos e que comemoramos como uma família.

Provavelmente, eu desejei alguma coisa bem boba como um monte de chiclete.

O pônei. “Aimeudeus”, o pônei.

Com certeza, eu pedi um pônei. Eu teria adorado se um dos Meus Queridos Pôneis fosse

vivo de verdade.

Fecho os olhos por um momento em silêncio, procurando limpar minha cabeça de todos

esses pensamentos embaralhados. Eles giram tão rápido que mal posso escutá-los.

“Eu desejo que todos os meus desejos de aniversário realmente se tornem realidade. Porque

eles nunca se realizaram.”

Não pode ser verdade.

Minha festa foi há três dias. Todo dia, um desejo novo apareceu do nada.  
Primeiro o pônei,

em seguida o chiclete e agora Ann, minha Boneca Trapinho, está viva.

Isso não é possível. Nem pensar.

Abro os olhos e encaro o concreto molhado da calçada, respirando fundo e calmamente.

Tem uma formiga andando no meio-fio à minha frente, mas estou tão confusa que nem me

mexo quando ela começa a escalar meu All Star — hoje, estou usando um amarelo, e com a

ponta toda rabiscada de quando fiquei de saco cheio na aula de História.

Poderia existir uma explicação lógica para tudo isso, certo? Como se alguém tivesse ouvido o

que eu disse na festa e estivesse tirando uma com a minha cara. Talvez meu irmão e os amigos

dele tenham se juntado porque não tinham muito o que fazer, e essa palhaçada toda é o máximo.

Mas espera aí... Será que desejei em voz alta?

Não, eu só pensei no meu desejo.

Além disso, mesmo que eu esteja errada e tenha desejado em voz alta mesmo, como é que

alguém poderia programar tudo isso em tão pouco tempo? Como é que alguém poderia

encontrar um pônei e pintá-lo de rosa e jogar o bicho no meu jardim em menos de doze horas?

Fora ter essa tinta à mão para mudar a cor do bicho... Então como é que o meu

irmão, que tem o

cérebro do tamanho de uma ervilha, conseguiria orquestrar alguma coisa tão maluca?

E como é que a Ann sabia de tudo aquilo sobre mim?

E, ainda por cima, Chase não estava escondido nos arbustos para ver se seu planinho havia

dado certo. Não faz sentido pregar uma peça em alguém sem estar por perto para ver a pessoa se

ferrar.

E como alguém poderia gastar tudo aquilo de dinheiro em chiclete?

É claro que o verdadeiro beijo da morte para essa minha teoria é que nunca falei sobre esses

desejos para ninguém. Meu irmão — e, até onde eu sei, qualquer outra pessoa — não poderia

saber que eu desejei que a Ann se tornasse uma menina de verdade e fosse a minha melhor

amiga.

Eu me levanto da calçada e volto para casa.

Preciso falar com a Ann.

12

Quando abro a porta do guarda-roupa com tudo, Ann está sentada no chão,

encarando o teto, seu cabelo tomando metade do espaço. Ela amarrou um barbante colorido nas

mãos e está brincando de cama de gato, ou pelo menos tentando, já que é uma brincadeira para

duas pessoas. O resultado é só um monte de nós atados em seus dedos.

— Ah, que bom! — Ela se levanta e estende as mãos. — Esqueci como é que se

brinca disso.

Você tem de me ensinar de novo.

Eu só a encaro, ignorando totalmente suas mãos estendidas.

— Como se eu lembrasse! Não brinco disso desde o quarto ano.

Ela faz um bico que a faz parecer ter doze anos de idade.

— Preciso saber se você está mentindo — falo, ainda de pé, perto da porta. Eu me encosto no

batente e olho para ela com cara séria. Ela está vestida exatamente como me lembro dela. Está

faltando até aquela touquinha branca horrorosa que eu arranquei da boneca porque odiava

aquilo. Pelo menos, ela não tem uma ilhazinha careca no lugar da touca, porque a boneca tinha.

— Sobre o quê? — Ela desembaraça o barbante dos dedos e então recomeça, tentando criar

uma série infinita de xis que antigamente me mantinha entretida por horas e horas.

— Sobre você ser a Boneca Trapinho.

— É claro que não. Por que eu mentiria? — Ela me olha por meio dos cílios grossos, como

se eu é que estivesse sendo ridícula.

— Eu não sei! Por um milhão de motivos. Alguém está lhe pagando; você é uma menina de

rua; isso é algum tipo de esquema. Não sei. Só que tudo isso parece inacreditável demais.

Ela dá de ombros.

— Pode ser. Mas estou feliz de ter saído daquela caixa. É superescuro lá dentro, sabia? Você

poderia pelo menos ter feito um buraquinho nela.

Eu suspiro e me sento no chão ao lado dela, abrindo totalmente a porta do guarda-roupa. Eu

me deito no carpete e fico olhando para o teto.

— Por que você está aqui?

Ann se vira e se deita no chão ao meu lado. Seu cabelo ruivo-morango está quase tocando o

meu.

— Não tenho a menor ideia.

Então somos duas.

Eu deveria ir para a escola, mas já perdi a maior parte da primeira aula mesmo, e até parece

que eu poderia me concentrar em fusão celular quando tem uma boneca de tamanho natural

morando no meu guarda-roupa. Vou tentar chegar para a segunda aula, depois de resolver tudo

isso.

— Eu acho que você é um dos desejos que fiz — digo após um longo momento de silêncio.

— Quando eu era pequena, eu queria que você fosse de verdade.

— Eu não entendo. — Ela se vira e me encara, e consigo sentir sua respiração na minha

bochecha. Que bizarro. Bonecas não respiram.

— Uns dias atrás, eu desejei que todos os meus desejos de aniversário se tornassem realidade.

E agora está acontecendo de verdade. Um por dia.

— O que mais você pediu?

— Um monte de chiclete de bolinha. E um pônei. — Eu me sento. — Ah, não.

— O que foi?

— Isso quer dizer que tenho mais doze pela frente.

— Desejos? — pergunta Ann. Ela é meio lerda. Ou talvez isso tudo não faça o menor

sentido.

— Sim!

Fico de pé num pulo e corro para a minha escrivadinha, arrancando uma página do meu

caderno com uma caveira magenta na capa. Escrevo rapidamente dezesseis números numa

coluna à esquerda. Marco um “X” enorme ao lado do meu primeiro aniversário, porque duvido

de que tenha feito um pedido naquela época. Isso significa que tenho quatorze desejos de

aniversário ao todo.

Escrevo “Boneca Trapinho” ao lado do meu aniversário de nove anos, “chicletes” ao lado do

sétimo, e me arrisco a adivinhar que o Meu Querido Pônei foi o desejo do sexto. Parece fazer

sentido.

O restante da lista está pateticamente vazio. Onze espaços em branco.

Encaro cada número, tentando me lembrar daquilo que mais queria a cada ano, mas não é

fácil fazer essa viagem no tempo. O que eu mais queria quando tinha quatro aninhos de idade?

Ou mesmo dez?

Só tenho um branco para cada ano, até que eu chego ao número quinze, meu aniversário do

ano passado.

Foi o ano em que eu e a Nicole comemoramos no restaurante Red Robin, e eles me deram

um sundae gigante com uma velinha brilhante.

E Ben estava lá, a várias mesas de distância, almoçando com os amigos dele. Então fechei os

olhos, fiz o desejo e apaguei a vela.

Eu sei o que desejei no ano passado.

Desejei que o Ben me beijasse.

13

Como ir à aula de Trigonometria envolvia me sentar ao lado do Ben, decidi pular essa

também. Tenho certeza de que só um desejo por dia se torna realidade. Mas não estou a fim de

testar essa teoria. De qualquer maneira, ainda não.

Na aula de Educação Física, tomei uma bolada na cabeça no jogo de vôlei e a professora me

deixou ficar quietinha o restante da aula. Como se eu estivesse fazendo algo além de encarar a

rede. Prefiro achar que é o poder de fazer várias coisas ao mesmo tempo, já que estava perdida

nos meus pensamentos, tentando lembrar alguns dos desejos da minha infância e jogar vôlei,

mesmo que não estivesse batendo na bola com nada além da cabeça.

Na hora do almoço, eu estava morrendo de vontade de conversar com a Nicole.  
Essa coisa

toda dos desejos parece ridiculamente inacreditável e, se tem alguém que pode me ajudar, esse

alguém é ela. Se ela não me levar a sério, levo-a para casa e mostro a Ann para ela. Além disso, há

anos somos melhores amigas, e então ela deve ter algumas ideias para a minha lista de desejos.

Quando chego ao refeitório, ela já está na fila da salada, falando com Breanna Mills, uma das

líderes de torcida. Hum. Eu sempre achei que a Nicole odiasse a Breanna, mas elas estão rindo de

alguma coisa juntas, e está na cara que ela não está prestes a arrancar o olho da menina.

Pelo jeito, se eu posso ter uma Boneca Trapinho de tamanho natural, qualquer coisa pode

acontecer.

Ela me vê olhando para ela e me pede para esperar um minutinho. Eu só faço que sim com

a cabeça e me sento à mesma mesa de sempre. Ela paga o almoço, faz um tchauzinho para a

Breanna e vem em minha direção. Ela está mais empolgada que o normal, ou talvez seja apenas

o cabelo dela. Acho que ela fez baby liss hoje e acho também que ela nunca tinha usado esse

negócio antes. O cabelo da Nicole é tão liso que os cachos não sobrevivem por muito tempo.

Mas hoje parece que o cabelo dela é o cabelo da foto da caixa do baby liss, mostrando como o

seu cabelo pode ficar incrível se você comprar esse produto. Cachos espirais perfeitos. Hummm.

— O seu cabelo está... uma graça — elogio. Mas é verdade. Porém está tão diferente que não

consigo parar de olhar para a cabeça dela, como se fosse assustador (o que não deve ser o

resultado que ela está esperando).

— Obrigada! Eu tive de levantar, tipo, às cinco da manhã para enrolar tudo. Eu comprei um

spray fixador novo. Ele é ótimo.

Faço que sim com a cabeça e continuo encarando-a. Não é só o cabelo dela. A pele está...

Perfeita.

— Nossa. Você está...

Nicole abre um sorriso.

— A gente finalmente encontrou um remédio que funciona. Não é o máximo?

Faço que sim. Ela está radiante, quase brilhando de tanta felicidade.

— É, total... nossa, você está incrível.

Seu sorriso fica ainda mais largo e ela dá uma voltinha, os cachos pulando sobre seus ombros.

Sinto que está rolando algo mais, porque a Nicole não se senta depois da viradinha. Ela só

fica ali, segurando a salada, sorrindo com sua beleza recém-descoberta.

E então finalmente solta a bomba.

— A Breanna falou que a gente pode almoçar na mesa dela.

Meu queixo cai e só consigo encará-la. Não acredito que ela quer almoçar na mesa da

Breanna Mills, tampouco que a gente foi convidada para se sentar lá.

Olho de lado para a mesa-alfa, que está lotada de atletas valentões e líderes de torcida.

— Não tem lugar sobrando — respondo, dizendo o óbvio. Eu não me sentaria àquela mesa

nem se houvesse vários lugares vazios, ou se eles fossem banhados a ouro e viesse uma garçonete

que limpasse meus lábios entre uma bocada e outra.

A expressão da Nicole não muda quando ela olha para a mesa e vê que eu tenho razão. Ela

coloca a salada sobre a mesa e se senta à minha frente. Ela abre a latinha de Coca Zero.

— Ela não é tão ruim assim, sabia? Ela é bem engraçada.

Eu me seguro para não dizer “engraçada como uma pedrada”, porque até eu sei que essa

brincadeira perdeu a graça no quarto ano. Em vez disso, falo:

— A não ser que você seja a vítima das piadas dela. E, só para lembrar: geralmente, é isso o

que acontece.

A Nicole simplesmente dá de ombros, mas obviamente entende o que quero dizer, porque

faz que sim com a cabeça e então olha de canto de olho para a outra mesa de novo. Não é preciso

ser gênio para saber de quem eles estão falando. Possivelmente planejando uma invasão à la

Stalin de todo o refeitório.

— Eu tenho uma história muito, muito louca mesmo para contar — comento, quando ela

finalmente desiste de ser a melhor amiguinha de uma ditadora.

— É? — Nicole mastiga a salada e olha com cara de paisagem pela janela.

— É. Parece que a gente nem conversou direito desde o meu aniversário, então você nem

imagina o que está rolando.

— Ai, desculpe, eu ando tão ocupada... — Sua voz meio que se perde e ela para de mastigar

para continuar olhando pela janela, que dá para o pátio onde os alunos do último ano

geralmente almoçam.

— Você está vendo isso?

Ela aponta para uma das janelas com o garfo. Eu sigo o seu olhar e, quando vejo o que ela

está apontando, minha boca seca.

“Ah, não. Perigo!”

A Boneca Trapinho saiu do meu guarda-roupa. Toquem o alarme! Abandonar navio!

Ela está lá fora, brincando de amarelinha. Ela ainda está com aquele vestido azul, o avental

branco e a meia-calça superbrilhante. Para piorar, ela resolveu combinar tudo com os meus

coturnos pretos, e agora parece a Boneca Trapinho brincando de G.I. Joe.

Fico paralisada por um segundo, enquanto alguns dos meus colegas de classe param para

conversar com ela. Ela para de brincar de amarelinha e coloca as mãos na cintura, começando a

dialogar com eles.

Ai, meu Deus! Provavelmente ela está contando para todo mundo que mora comigo! Minha

vida acabou.

— Hum, eu acho que comi um burrito estragado, sei lá — invento, saindo da mesa. — A

gente se fala mais tarde?

Antes que Nicole possa responder, jogo meu almoço quase intocado no lixo e saio correndo

lá para fora. A Boneca Trapinho não está nem perto da minha lista de coisas felizes.

14

Eu perco o horário de almoço inteirinho para levar a Ann de volta para casa e passar

um sermão sobre como é melhor ficar quieta e não sair do lugar. Consigo voltar para a aula bem

na hora em que o último sinal toca, e meu estômago ainda vazio ronca. A Ann já entrou para a

lista das pessoas que não estou curtindo muito no momento.

Na aula de Fotografia, Nicole e eu combinamos de ir a uma loja de artigos para festas na

cidade de Puyallup, que fica perto daqui, e eu a forço a dar uma passada na Wendy's, no

caminho, para pegar umas batatinhas e milk-shakes. Só depois de devorá-los consigo sentir que o

mundo está de volta ao normal.

Quando a Nicole estaciona seu Cavalier no shopping, meu celular toca.

É a minha mãe. Que estranho!

— Alô? — pergunto, enquanto saio do carro. Coloco o capuz do meu moletom

verde-limão

com zíper, enfiando meu cabelo castanho todo embaraçado lá dentro, pois começa a garoar.

— Kayla?

— Ah-hã.

— Você matou aula hoje?

Meus olhos saltam para fora e olho para a Nicole.

— O que foi? — Ela fala sem produzir nenhum som.

Eu faço que não com a cabeça, para que ela não fale nada.

— Hum, não. Eu cheguei meio atrasada, mas fui sim.

— Pois eu acabei de receber uma ligação do seu diretor, e ele tem outra opinião sobre isso.

— Eu juro, mãe, eu fui à escola hoje. Cheguei atrasada porque tropecei e caí em uma poça

bem em frente à escola e tive de ir correndo para casa me trocar. Eu só perdi uma parte da aula,

mas fui.

— Eu lhe dou liberdade porque confio em você, Kayla.

Que droga. Eu acabo dando risada, porque o que ela está dizendo é totalmente ridículo. Ela

me dá liberdade porque prefere trabalhar a ficar comigo ou com o Chase. Percebo tarde demais o

que fiz, e agora não tem volta.

— Você está rindo de quê?

— O quê?

— Você tem alguma coisa para me dizer?

Só olho para cima.

— Não. Nada, mãe.

— Eu lhe dou tudo, Kay la. Eu trabalho o dia todo para a nossa família. Não se esqueça disso.

— Mãe, eu preciso ir. A gente se fala mais tarde — digo, desligando antes de me enrolar

ainda mais.

Nicole está me esperando na área coberta da entrada do shopping, e dou uma corridinha até

lá.

— O que aconteceu?

— Ela descobriu que eu faltei à aula hoje e queria me passar um sermão.

— Que saco!

— É. Ela tenta dar uma de “mãe do ano”. É irritante. Eu podia usar uma fantasia de galinha

gigante todo dia para ir à escola e ela nem saberia se ninguém contasse.

Nicole faz que sim com a cabeça.

— Mande uma foto para o BlackBerry dela. Quem sabe ela presta atenção.

Eu sorrio. A Nicole entende perfeitamente como a minha família funciona e sempre me faz

sentir melhor, mesmo que tudo seja uma droga e que a vida na casa dela seja perfeita. Ela me

deixa reclamar uma hora inteira se eu precisar.

Mas hoje não quero pensar nisso. Entro com ela no shopping e passamos por todos os

quiosques vendendo coisinhas inúteis e supercaras para, finalmente, chegarmos à loja de

fantasias: o nosso destino.

Apesar de o Halloween só rolar daqui a um mês, a loja já está cheia de fantasias. Foices e

capuzes assustadores, máscaras com a cara do presidente, umas fantasias de bruxa periguetete... As

possibilidades são infinitas.

— E se fôssemos de rainhas zumbis? — pergunto, ao pegar um potinho de tinta verde para o

rosto. Com a outra mão, pego uns dentes de borracha, daqueles que fazem parecer que a boca

inteira está apodrecendo. Seguro os dois ao lado do meu rosto e dou um sorrisinho brega de

modelo em comercial de pasta de dente.

Nicole olha por cima do ombro e então faz que não está nem aí.

— Hum. Acho que pode dar certo.

Faço cara feia. Não é a animação que eu esperava.

Desde o ano passado planejamos chegar sem convite no Baile de Outono da escola, com

uma roupa totalmente ridícula. Sabe, fomos pela primeira vez no ano passado, quando estávamos

no nono ano, e achamos essa pagação de pau para a escola uma palhaçada. Tudo começa com

uma apresentaçõzinha péssima dos times, quando as líderes de torcida e os jogadores de futebol

americano desfilam como se fossem da família real. Mais tarde, eles são coroados de verdade

como a rainha e o rei do baile, enquanto os súditos os adoram como deuses.

No ano passado, depois de um mês no nono ano, a Nicole e eu ainda não

tínhamos nos

ligado nesse rito de passagem tão arcaico. A gente achava que podia aparecer sem um par,

divertir-se e tirar umas fotos legais juntas.

Mas, pelo jeito, não recebemos o e-mail que exigia que comparecêssemos em vestidos de

estilistas famosos e de braços dados com meninos metidos em smokings da Calvin Klein.

Tínhamos de ir com aquele buquezinho péssimo preso ao pulso 5 e com o cabelo arrumado no

salão. Precisávamos chegar de limusine e gastar milhões de dólares num jantar.

Naquela noite, prometemos que, não importasse o que acontecesse — mesmo se nós duas

estivéssemos namorando —, voltaríamos no próximo baile com uma fantasia bem idiota, para

tirar uma com a cara deles. Sabíamos que, se estivéssemos namorando, os meninos seriam legais

o bastante para participar do nosso planinho.

— Acho que se a gente usar umas tiaras de princesa e tudo o mais, acabamos tirando sarro

tanto do baile quanto da rainha do baile. Dois coelhos com uma só “tiarada”.

Nicole faz que sim com a cabeça, pega uma tiara e a examina de perto.

— Não sei, não tenho certeza se isso aqui serve. — Ela coloca a tiara de volta no ganchinho.

— A gente poderia dar uma olhada na outra loja de fantasias.

— Duvido que eles tenham mais coisas. Esse lugar aqui é gigante. Tem de ter alguma coisa

legal. E se formos como bonecas gigantes? — pergunto, virando-me para olhar a

Nicole. Ela está

arregalando os olhos para uma fantasia de um casal: bacon com ovos.

— Quê?

— Tipo Boneca Trapinho e Boneco Trapinho. Eu tenho o vestido perfeito. Você pode ir

vestida de boneco.

Ela faz bico e praticamente rosna.

— Nem pensar!

— Tá, tá. Você pode ser a boneca e eu vou de boneco.

— Estou falando de tudo isso — diz ela. Seu celular vibra e ela pega o telefone. Ela demora

uns dezesseis segundos para mandar uma mensagem.

Imagino o tipo de mensagem que ela está enviando: “Ai, Ben, meu bem, já faz uma hora

inteirinha que não toco no seu cabelo perfeito”.

Eu dou uma risadinha, ainda feliz por estar me divertindo, porque esta tarde está uma

porcaria.

A Nicole não está mais a fim de ir fantasiada. Dá para perceber. Eu estou plantada aqui, só

esperando que ela admita que vai me jogar para escanteio, junto das fantasias, para ir ao baile

com o Ben, usando um vestido brilhante e sapatos de salto alto.

— Você ainda está a fim ou desistiu?

Ela guarda o telefone com tudo.

— É claro que estou. Há um ano que a gente fala disso. Eu prometi que faria o

que você

quisesse depois de perder o seu aniversário, lembra? É que não tem nada legal aqui. Vamos

tomar um suco. Tem um salão perto do Orange Julius que vende um spray fixador para cabelo.

Ele é ativado pelo calor do secador.

A frase inteira só me faz querer olhar para cima, mas não faço isso. Simplesmente a sigo até a

loja, meu coração afundando enquanto deixamos as fantasias para trás.

Talvez o meu trabalho de autorretrato para a aula de Fotografia deva ser a foto de um buraco

enorme e vazio, porque é assim que eu me sinto.

5 Nos Estados Unidos, em festas tradicionais como a Festa da Primavera ou a Festa do Outono, e mesmo nas formaturas do colégio, é um costume que os garotos deem um arranjo de flores preso em um elástico à menina que será seu par na festa e que ela use o enfeite em seu

pulso, como uma pulseira, durante a festa. (N.E.)

15

Apesar de sonhar que Ann e o pônei tinham fugido para o México, acordo na manhã

de sexta com ela se apoiando na minha cama, encarando o meu rosto, seu nariz quase tocando o

meu.

Ela não se mexe nem quando abro os olhos. Simplesmente sorri de um jeito que me dá

arrepios, porque está a um centímetro do meu rosto.

— Eu achei que você não acordaria mais! — comenta, os olhos verdes brilhando e tão

arregalados que os seus cílios grossos agora alcançam as sobrancelhas.

— Hum, é... Você pode chegar um pouco para trás? — Estou surpresa por ela ainda estar viva

depois de entrar em contato com o meu bafo matutino.

— Ah! — Ela se endireita e dá um passo para trás.

— Você não precisa dormir? — pergunto, sentando-me na cama e enrolando-me no

cobertor. É esquisito e assustador ter uma estranha olhando para mim enquanto durmo. Mesmo

que essa estranha tenha sido um dia a minha boneca predileta. Ou, talvez, principalmente por essa

estranha já ter sido um dia a minha boneca predileta.

Ela dá de ombros e se senta com tudo no chão.

— Eu passei seis anos dormindo; estou pronta para uma aventura.

Que ótimo. A Boneca Trapinho quer brincar de escoteira comigo. Algo me diz que ela não

gostará muito se eu a enfiar de novo no guarda-roupa.

Cruzo os braços e faço cara feia.

— Você e o pônei deveriam estar no México.

— Aquele pônei? — pergunta Ann, apontando para a janela.

Seguro a respiração e então me viro para olhar pela minha janela. Por favor, esteja errada.

Não vejo o pônei desde que o Ben o trouxe de volta para a minha casa, e achava que era tudo

culpa do meu portão deixado estrategicamente aberto. Nas últimas vinte e quatro horas havia me

convencido de que ele já tinha ido para bem longe.

Mas não. Vejo o pônei pastando nas plantas da minha mãe. O que tenho de fazer agora? Será

que a Sociedade Protetora dos Animais aceita pôneis? E pôneis rosa-shocking?

Então, ouço alguém ligar a máquina de lavar.

Minha mãe está em casa. E o pônei também. Isso não é bom.

— Você precisa esconder aquela coisa!

Pulo da cama e corro para a porta.

— Saia pela janela do quarto, pendure-se na cerejeira para chegar até o chão e então leve o

pônei para o quartinho no fundo do jardim, tá? Enquanto isso, eu distraio a minha mãe. Depois,

entre no quarto pela janela de novo e espere aqui.

Quando estou prestes a sair do quarto, tropeço em alguma coisa e vou voando até a porta,

caindo de boca no chão e esfolando meu queixo.

Um chiclete de bolinha quica na parede.

Malditos chicletes de bolinha! Eu vou...

Pônei. O pônei é a prioridade agora. Levanto-me com muito custo e estou na metade do

caminho até a porta, quando me viro e olho de novo para Ann. Ela já está com um pé para fora

da janela, pisando no telhado, e o outro no chão acarpetado do meu quarto.

— Repito, você tem de voltar para cá. Minha mãe não pode ver você ou estarei ferrada!

Desço as escadas correndo, de dois em dois degraus. Minha mãe está na área de serviço, que

não tem janela, mas a qualquer momento entrará na cozinha para pegar um

cafezinho. Ela

olhará pela janela ao se servir de café e verá um pônei rosa-shocking brilhante.  
Com um sorvete

de casquinha desenhado na bunda.

Posso fingir que não tenho nada a ver com o pônei, mas, se esse negócio dos desejos não

parar rápido, essas coisas malucas continuarão acontecendo, e minha mãe perceberá que todas

elas têm apenas uma coisa em comum: eu.

Vou escorregando de meia bem na hora em que minha mãe sai da área de serviço.

— Mãe! Que legal ver você! — exclamo, andando em sua direção. Fico do outro lado, para

que ela tenha de ficar de costas para a janela.

— Bom dia — diz ela, com uma sobrancelha levantada. Eu acho que ela sabe que está

rolando algo. Desde quando uma menina de dezesseis anos vai correndo para a cozinha falar com

a mãe? — O que aconteceu com o seu queixo?

— Ahn? Ah, nada. — De repente, meu queixo começa a queimar, como uma grande letra

escarlate (aquela do filme). Preciso disfarçar. Ponho uma mão na cintura e me apoio no balcão.

— Ah, então, eu estava pensando em tentar... — Minha voz some. Jogar softball? Até parece que

ela vai acreditar. Fazer aula de teatro? Acho que não. — ... entrar na nossa equipe de debate na

escola como líder.

Que ótimo, isso também não faz sentido algum.

Olho de leve por cima do ombro da minha mãe. Ann está correndo em direção ao pônei,

que dá uma voltinha sobre os cascos e sai trotando pela grama, com um galhão das plantas da

minha mãe na boca. O pônei dá um relincho fininho e some de vista; neste instante tenho um

ataque de tosse, pois quis encobrir o barulho.

Minha mãe estreita os olhos e me lança um olhar desconfiado.

— Você não precisa participar primeiro da equipe de debate para ser líder?

— Ah. Ahn, é sim. É que, bom, o que eu quis dizer é que vou tentar entrar para a equipe de

debate com a líder. A líder... é quem faz os testes.

E também vou tacar fogo no meu cabelo.

— Ah. Eu não tinha a menor ideia de que você se interessava por debate — comenta minha

mãe. Acho que ela não está acreditando na minha história, mas ainda também não descobriu o

que há de errado, o que já está valendo.

— É. Eu...

Estreito meus olhos. O pônei passa trotando com o avental da Ann na boca. Ann aparece,

agitando os braços sobre a cabeça, e os dois somem à direita.

— Tem cenoura? — pergunto, sem pensar.

— Cenoura?

— É. Eu queria tanto comer uma cenoura bem gostosa no café da manhã. — Por alguma

razão, flexiono meu bíceps ao dizer isso, como se uma cenoura fosse me deixar megamusculosa.

Que ótimo. Talvez minha mãe também queira uma entrada grátis para o hospício.

Minha mãe deixa a cabeça cair para o lado.

— Você está se sentindo bem? — Ela estende o braço e coloca a mão sobre a minha testa.

— Sim! Superbem. E a cenoura?

Minha mãe faz que sim com a cabeça, ainda me olhando de um jeito estranho, e vai até a

geladeira. Enquanto ela fuça lá dentro, e a porta me bloqueia de sua visão, corro até a janela e

faço um sinal de “ferrou!” para Ann, como quem quer dizer “vai logo e pega esse pônei maldito”.

Ela praticamente salta no ar e sai correndo atrás do pônei. Ela pegou o avental de volta e

agora parece querer usá-lo para laçar o bicho.

Putz. Talvez eu devesse ter ido atrás do pônei enquanto Ann poderia fingir ser uma colega da

escola. Mas ela não parece entender nem um pouco como é que se faz para disfarçar e duvido

que ela conseguisse passar trinta segundos conversando com a minha mãe. A prova de tudo isso é

ela correndo e agitando os braços como uma galinha louca nesse instante.

Volto a dar atenção para a minha mãe quando ela finalmente encontra uma cenoura. Ela a

mostra para mim, mas faz cara feia ao ver a cenoura se entortando para o lado.

— Essa cenoura está com uma cara meio borrachenta — falo, estendendo a mão

para pegá-

la. Ela quase se dobra na metade. Eca. Aposto que a última vez que minha mãe foi ao mercado e

comprou alguma coisa além de comida congelada foi em agosto.

De 2006.

— Que nojo! Deixe que eu joga isso no lixo — diz ela, estendendo a mão para pegar a

cenoura de volta.

A lixeira fica bem perto da janela, com uma vista clara e desobstruída para a palhaçada que

está rolando lá fora com a Ann e o Meu Querido Pônei.

— Não, ainda está boa, ó! — Dou uma mordida na borrachenta e então mastigo com uma

mistura de sorriso e ânsia de vômito. Essa coisa é nojenta, parece chiclete sabor cenoura.

Minha mãe me lança outro olhar desconfiado. Olho para a esquerda e fico aliviada ao ver

que a Ann amarrou o avental ao redor do pescoço do pônei e o está levando para o quartinho nos

fundos do jardim. Até que enfim!

Minha mãe simplesmente dá de ombros e se volta para a cafeteira bem na hora em que a

porta do quartinho se fecha. Ela para um minuto e olha pela janela. Será que ela viu a porta se

fechando?

Não pode ser. Mas seguro a respiração mesmo assim.

— Tudo pronto para a sua prova da autoescola agora cedo? — pergunta ela, de costas para

mim, enquanto coloca o bule de café de volta na cafeteira.

Eu faço que sim com a cabeça, minha boca ainda cheia de cenoura borrachuda.

— Claro! — respondo, com pedaços cor de laranja saindo da minha boca.

Estou exagerando um pouco. Se minha mãe tivesse me levado para dirigir pelo menos uma

vez no último mês, eu estaria um pouco mais confiante. Eu mal sentei atrás de um volante desde

que as minhas aulas da autoescola acabaram, no verão passado.

— Que bom. Eu só tenho de fazer uma coisa e vou deixar o Chase no trabalho, e então volto

aqui para pegar você. A gente tem de sair daqui umas sete e meia. Tudo bem?

Faço que sim com a cabeça. Parece que minha mãe já está falando por uma eternidade

enquanto morro de ânsia com aquela cenoura borrachenta na boca.

— Tudo.

E então saio correndo da cozinha, cuspiendo a cenoura na minha mão, quando ninguém

mais pode me ver. Dessa vez, passou perto demais.

“Preciso de um plano.”

Subo as escadas para o meu quarto, de dois em dois degraus, e passo pela porta, quando a

Ann cai para dentro da janela. Eu a encaro por um segundo, percebendo que a minha vida toda

vai para o brejo se eu não conseguir dar um jeito nessa situação.

— Beleza. Então eu tenho você, um pônei... os chicletes de bolinha...

Suspiro e me afundo no chão. Tem um quarto pedido me esperando. Hoje. Em

algum lugar.

Nem quero tentar adivinhar que tipo de estrago vou encontrar. Está piorando a cada dia.

— Você vai ficar aqui o dia todo — ordeno, olhando para ela. — Com o pônei.

Ann se senta do outro lado, de frente para mim, dobrando as pernas direitinho, até copiar

exatamente o jeito como estou sentada. Nela, fica parecendo uma posição de ioga. A qualquer

momento, ela fechará os olhos e dirá: “Oooommmmm”.

— Eu não quero. A sua escola é mais legal.

— Ann! — eu a repreendo, com a voz um pouco alta demais. Abaixo o volume.

— Você não

entende. A escola só permite a entrada de alunos. Os visitantes têm de se registrar na secretaria e

andar por lá com um acompanhante. Não dá para simplesmente aparecer lá do nada.

Ela faz bico e cruza os braços.

— E aquele pônei — continuo, apontando para fora da janela — precisa ser vigiado.

— Mas por que eu é que tenho de vigiá-lo?

— Eu é que não posso. Tenho de ir para a escola ou vou acabar me dando mal.

— Tá! — Ela se levanta e anda com passos pesados. — Eu fico de olho no pônei. Mas você

me deve essa!

Humpf. Eu não devo nada para uma boneca e um Meu Querido Pônei. Eles é que estão

acabando com a minha vida. Mas não digo nada disso em voz alta.

Esperamos até a minha mãe sair a bordo de seu Lexus, com meu irmão no banco do

passageiro, antes de descer a escada e ir lá para fora.

O quartinho no fundo do jardim é grande, provavelmente com uns três metros e meio de

largura e uns quatro metros e meio de profundidade. No entanto, a uns dez metros de distância

já consigo ver que o pônei não gosta nada de lá. Ele está marchando duro e escoiceando nas

paredes.

Graças a Deus que minha mãe não ouviu nada disso da cozinha.

— Tá vendo por que a gente não pode deixá-lo sozinho? — pergunto, olhando meio feio

para a Ann.

Ann simplesmente olha para cima, nem ligando. Faço cara de brava, porque sei que ela deve

ter aprendido isso comigo, e tento me lembrar quando é que olhei para cima daquele jeito perto

dela.

Abro a porta do quartinho e o pônei tenta me derrubar para passar por mim. Puxo a Ann aqui

para dentro também e fecho a porta. Demora um pouquinho para meus olhos se acostumarem à

escuridão.

Acabo de achar os chicletes de bolinha. Eles estão guardados em sacos de lixo, empilhados

por tudo quanto é canto. Não consigo nem ver o cortador de grama, nem as pás no fundo do

quartinho. Um dos sacos está rasgado — ou coiceado, talvez —, e tem chiclete de bolinha por

todo lado. Não é à toa que o pônei não gosta daqui. Os chicletes estão tomando dois terços do

espaço.

— Fiquem quietinhos aqui. Se você tomar cuidado, pode ir pegar alguma coisa para comer

lá dentro. Mas não deixe ninguém ver você. Eu volto às duas e meia, tá?

Ann dá um suspiro gigante e bem irritado e faz que sim com a cabeça.

— Tá, beleza. Até mais.

Então saio dali rapidinho antes que ela me impeça e rezo para ela não aparecer antes da

minha mãe vir me buscar.

\*\*\*

Graças à manhã bizarra que tive, quase pisei na bola no meu exame de direção. Comecei a

pensar nas roupas ridículas da Ann enquanto tentava fazer uma baliza e perdi seis pontos por

acertar um cone. Então, poderia jurar que vi o pônei passeando na calçada, mas era só uma

senhora bem acima do peso vestindo uma camiseta “rosa-cheguei”.

No entanto, ao final, recebi minha carteira de motorista, recém-saída do forno. Estou

horrorosa na foto, é só um documento temporário até a carteira de verdade chegar pelo correio.

O importante é que agora eu tenho carteira de motorista.

Com toda essa loucura rolando, ficou até meio perdida. Porém, de qualquer maneira, agora

eu posso dirigir, e mal posso esperar para mostrar a carteira para a Nicole. Vou ter de esperar até a

aula de Fotografia, porque perdi a de Biologia. Minha mãe me deixa na escola faltando vinte

minutos para o fim da aula de Matemática.

Passo pela porta e a professora está falando pelos cotovelos lá na frente. Eu paro e entrego a

ela um papel cor-de-rosa. Ela dá uma olhada e faz que sim com a cabeça, e então vou para a

minha carteira.

A alguns metros do meu lugar, entro em pânico ao perceber uma coisa: não sei qual é o

pedido de hoje, e poderia ser o Ben. Ele poderia me beijar. É que, pelo que eu me lembro, esses

desejos não estão rolando em ordem. Então quem poderia dizer que meu desejo de décimo

quinto aniversário não aconteceria hoje?

Minha respiração estaciona na garganta e minha mente fica lenta e quase para de funcionar

por completo. É como se todo pensamento coerente que eu tenho estivesse atolado na lama.

Estou a meio caminho da minha carteira, e meus pés ficam lerdos, arrastando-se pelo carpete.

O Ben não tentaria me beijar na aula, né?

Finalmente, sento com tudo à minha carteira, meio que escorregando de lado, tentando não

parecer obviamente imbecil, e me apoio no meu cotovelo esquerdo, tentando ficar longe do

Ben. Estou mal me equilibrando na cadeira, mas tento parecer controlada e como se não

estivesse acontecendo nada de mais ao copiar a lição do dia. Eu me viro, na esperança de

encontrar uma maneira de me manter nessa posição, e algo cai de dentro do bolso da minha

jaqueta.

Um chiclete de bolinha amarelo brilhante. Ele rola pelo corredor entre as carteiras

enfileiradas e finalmente para ao atingir o tênis Adidas preto desbotado de um cara. Não aguento

mais essas porcarias aparecendo por tudo quanto é lado. Juro que não estava no meu bolso alguns

segundos atrás.

Ben me olha por um bom tempo, com os olhos meio cerrados, tentando entender minha

atitude esquisita. Que ótimo! Eu cheguei faz dois minutos e ele já sabe que está rolando alguma

coisa. Finjo que não percebo, como se eu precisasse de toda a concentração do mundo para

escrever duas frases. Ben finalmente volta a prestar atenção na professora. Se ele perguntar por

que o estou tratando como se ele tivesse peste bubônica, não saberei muito bem o que

responder. Talvez: “Ai, foi mal, mas, de acordo com a minha fada madrinha, você me beijará

hoje!”.

Minha perna esquerda já está queimando por ter de suportar todo o meu peso. Não há a

menor chance de eu conseguir passar a aula toda sentada tão longe da cadeira.

Penso na Nicole e na amiga maravilhosa que ela é e me forço a sentar ali, tentando respirar

normalmente, e não como se as minhas pernas fossem pegar fogo embaixo da minha calça jeans

surrada.

Lembro-me de todas as coisas legais que a Nicole fez por mim ao longo dos anos. Uma vez,

em uma excursão idiota, minha calça jeans rasgou porque eu achei que seria legal tentar escalar

uma escultura de metal soldado. (Não foi.) Para me fazer sentir melhor, ela abriu um buraco na

calça jeans dela e sua calcinha de bolinha ficou aparecendo. Se você soubesse como a Nicole era

tímida — e como ela fica morrendo de vergonha por causa das coisas mais bobas —, perceberia

que não foi uma coisa à toa.

Também teve aquela vez em que ela disse para os pais dela que não iria para a Disneylândia

de jeito nenhum, a não ser que eu fosse também. E aquela vez quando ela me ajudou a pintar

meu quarto novinho de verde-limão e depois pintar tudo de novo de cor de ameixa, quando a

gente decidiu que aquele verde-limão dava dor de cabeça. Parecíamos duas malucas indo e

voltando de bicicleta da loja de material de construção umas dez vezes para pegar amostras de

tinta e checar se ficavam bem à luz natural do meu quarto.

Em outras palavras, não posso deixar que o namorado dela me beije por causa de um desejo

maldito, embora pareça a ideia perfeita de paraíso para mim. Não se trai uma amiga como a

Nicole. Mesmo se ela perdeu a maior parte da sua festa de aniversário horrível e fadiga.

Minha perna começa a tremer, primeiro de leve, e então começa a ficar mais na cara.

— Tudo bem com você? — pergunta Ben baixinho, já que a Sra. Vickers continua falando lá

na frente.

Faço que sim com a cabeça e seguro a respiração até ele se afastar de novo. Isso não está

dando certo. Vou ter de me sentar de um jeito um pouco mais normal, antes de...

É nessa hora que meus músculos desistem e eu vou para o chão, levando a cadeira comigo.

A classe estava silenciosa até este momento, quando o barulho da minha cadeira se

esborrachando ecoa pela sala. Chicletes de bolinha saem aos montes do meu bolso, caindo e se

escondendo no carpete sujo.

É como mágica! Meus bolsos são o chapéu do mágico, e os chicletes, o coelho.

— Ahn! — Não sei o que dizer, então simplesmente fico de pé e arrumo minha cadeira e me

sento tão depressa que os pés dela arranham o chão. — Eu estou bem — completo, só para

garantir.

O barulho dos chicletes de bolinha rolando pelo chão parece ser o único som que

consigo

ouvir. Algumas pessoas os pegam do chão e os jogam no lixo, mas outras simplesmente os

ignoram, como se não existissem. Ou talvez elas esperem que eu saia correndo para recolher

todos.

Ben está se segurando para não rir, assim como o restante da classe. A Sra. Vickers

misericordiosamente chama a atenção de todo mundo, e a aula continua, enquanto minhas

bochechas queimam, quase pegam fogo.

Não posso mais viver assim. Preciso arrumar um jeito de acabar com esses desejos.

Passo o restante da aula fazendo anotações matemáticas e me mantenho o mais longe

possível do Ben. Sinto-me supermal quando ele disfarça e cheira os próprios sovacos, porque,

pelo jeito, deve achar que tenho nojo dele.

Ele não pode nunca descobrir a verdade, que é exatamente o contrário de nojo.

Quando chego à aula de História, sinto que preciso respirar bem fundo várias vezes para me

recuperar do que aconteceu na aula de Matemática. Fico até feliz quando vejo que vamos assistir

a um filme sobre a Europa, o que significa que posso pensar e tentar bolar um plano.

O filme começa e as luzes se apagam, e eu ouço o narrador lá longe falando sobre a história

da Itália e como é de lá um monte de pintores e artistas incríveis. O cara à minha

esquerda, que

está usando uma blusa de lã fofa e ridícula, apesar de estar uns vinte três graus lá fora, levanta a

mão:

— Ahn, Sr. Martin? As legendas não estão funcionando.

O professor olha para a tela lá de sua mesa e faz que sim com a cabeça.

— Ah, desculpe. Só um minuto.

O professor tenta descobrir como o menu do aparelho de DVD funciona, escolhe a opção de

legenda e então aperta o “play” de novo. Enquanto o narrador continua seu monólogo sobre as

obras de arte de valor incalculável que ainda estão em Veneza e em Roma, descubro uma coisa

muito louca: não preciso das legendas.

Consgo entender italiano.

Eu nunca, nunca mesmo, tive aula de Italiano, a não ser que você queira incluir minha

pronúncia ridícula ao tentar ler os menus de cantinas e ouvir o garçom me corrigindo.

Inacreditável. Escuto por mais alguns minutos a melodia do sotaque do narrador, absorvendo

cada palavra.

Più bello. Opera d’arte. Rinomato. Meraviglioso. [6](#)

Todas as palavras fazem sentido. Enquanto meus colegas de classe ficam encarando as

legendas, fecho os olhos e simplesmente escuto; sei exatamente o que está sendo dito.

Meu pai foi embora de casa sete anos atrás. Quando o divórcio finalmente saiu, ele não

pensou duas vezes antes de se mudar para a Itália. Os pais dele ainda moram lá, e ele tem dupla

cidadania. Ele fez faculdade nos Estados Unidos e foi aí que conheceu a minha mãe. Acho que

mudar de cidade ou de estado não era o suficiente para ele. Meu pai tinha de colocar um oceano

inteiro entre ele e a gente, a família que, pelo jeito, ele não queria mais.

Quando fiz dez anos, um ano depois que ele se mudou, lembro-me de desejar saber falar

italiano, para visitá-lo e provar que poderia ir morar na Itália com ele. Eu pensei que, se soubesse

falar a língua, ele me deixaria ficar, e a vida seria boa de novo. Eu poderia ter dupla cidadania

como ele. Peguei um livro de italiano na biblioteca, mas não levei jeito para a coisa e desisti da

ideia.

Lembro-me de choramingar ao devolver o livro. Meu coração ficou partido ao vê-lo

desaparecer lá para dentro, rumo às prateleiras, levando com ele as minhas esperanças. Não

consegui aprender italiano selou o meu destino. Eu nunca mais veria o meu pai. Eu sabia.

— Não é hora de tirar uma soneca, Senhorita McHenry. Você deve assistir ao filme como o

restante da sala.

— Ah! — digo, e arregalo os olhos ao ver que o Sr. Martin está olhando para mim com cara

feia. — Desculpe. É que é tão raro ouvir italiano tão claramente. Eu só estava escutando.

— Você fala italiano? — Ele me olha desconfiado. O Sr. Martin é daquele tipo de professor

que provavelmente tem uma lista negra dos alunos dos quais não gosta e sempre adiciona um

novo nome a cada dia. Ele está me olhando com uma cara, como se eu fosse uma torneira aberta

e a casa dele estivesse alagada.

Faço que sim e pigarreio. Eu acho que sei falar italiano, ou falo mesmo. Vamos ver.

— Posso parlare bene l'italiano. Non ho bisogno dei sottotitoli per capire il film. [7](#)

Sua expressão se transforma. Dá para ver que ele não entende italiano e está tentando decidir

se o que acabei de falar faz sentido mesmo ou foi totalmente inventado. Como eu também não

sei, fico tensa, esperando pela resposta dele.

Então ele simplesmente dá de ombros.

— Tá. Tudo bem, então.

— Grazie [8](#) — respondo, enquanto meus colegas se viram para olhar para mim. Apenas sorrio,

apoio minha cabeça sobre a carteira e fecho os olhos.

Bom, pelo menos o Ben não me beijará hoje.

Mesmo assim, isso quer dizer que eu me humilhei por nada na aula de Matemática.

[6](#) Mais bonito. Obra de arte. Renomado. Maravilhoso. (N.E.)

[7](#) Eu sei falar bem italiano. Não preciso de legendas para entender o filme. (N.E.)

8 Obrigada. (N.E.)

16

Quando chega a hora de ir embora, sobrevivi a todas as aulas, ainda não vi Nicole, e

Ben me olhou de um jeito esquisito quando a gente se cruzou no corredor. Tudo o que eu quero

é ir para casa, entrar debaixo das cobertas e fingir que não existe nada além da porta do meu

quarto, mesmo que isso queira dizer trancar a Ann para fora.

Estou a meio caminho dos campos atrás da escola quando vejo Ann passeando na calçada.

Ela deve ter encontrado um pedaço de corda no quartinho no fundo do jardim, pois fez um tipo

de cabresto e está levando o pônei para dar uma volta, deixando que ele pare para comer uma

graminha aqui e ali.

— Mannaggia!<sup>19</sup> — resmungo. E então pisco algumas vezes. Uau, agora estou até reclamando

em italiano.

Corro pelo restante do campo de beisebol, alcançando-a antes que ela chegue à escola. Dou

uma olhada rápida para trás e vejo que tem um monte de alunos no estacionamento, encarando

essa cena.

Que ótimo! Como se já não bastasse muitos terem visto a Ann na escola, agora eles também

podem conhecer o Meu Querido Pônei em tamanho natural. Ann deve estar determinada a

acabar com a minha vida.

— Eu falei para você ficar lá no quartinho!

— Mas estava muito chato. E o pônei estava com fome e queria alguma coisa a mais que

cenouras velhas. Eu não ia entrar na escola, juro. Só estava passando por perto.

Olho por cima do meu ombro. O povo está apontando.

— Beleza. Vou pensar no que vou dar de comer para essa coisa hoje à noite. Mas você tem de

voltar para o quartinho.

Ann faz bico.

— Ainda não consigo entender por que é que você está me punindo. Não é culpa minha que

você teve um bolo de aniversário mágico.

— Ah, para de ser ridícula. Eu não estou... — As palavras morrem na minha garganta, e pisco

algumas vezes, olhando para Ann, mas sem enxergá-la. Seu cabelo ruivo espetado parece uma

bola de fogo peluda.

E se foi mesmo o bolo?

Eu já fiz um monte de desejos de aniversário. Faço um desejo a cada ano. Mas nenhum deles

tinha se tornado realidade.

Até agora.

E, embora o meu ato de fazer um pedido tenha sido exatamente como das outras vezes

(fechei os olhos, fiz um pedido e assopei as velinhas), uma coisa mudou: uma

massa gigante de  
açúcar cor-de-rosa.

Eu sabia que aquele bolo maldito daria confusão. Com quatro camadas, uma cobertura cheia

de frufus, flores cor-de-rosa, velas chiques...

— Ann, você é um gênio — digo finalmente, enquanto minha visão entra em foco outra vez.

— Eu?

— É. Vem comigo. Tive uma ideia.

Andamos de volta para casa, com o pônei trotando todo alegrinho para alcançar nossas

passadas compridas. A cabeça dele chacoalha de contentamento, enquanto o rabo com mechas

azuis se arrasta pelo chão.

Um carro diminui a velocidade, e o motorista coloca a cabeça para fora, para conferir meu

show de horrores de perto. O pônei nunca foi tão feliz na vida, dando corridinhas e parando para

pastar.

Olho para o pônei. Ele é fofinho mesmo, principalmente quando vem xeretar com a boca no

meu bolso, como se eu estivesse escondendo algum docinho para ele.

— Pare! — falo com um sorriso, afastando o focinho dele. Ele fica irritado e tenta me

morder. — Ai! — Eu dou um pulo para a frente e para longe dos dentes dele. Esse negócio quase

me pegou!

— Aonde a gente está indo? — pergunta Ann, andando rápido para me alcançar.

— Para o shopping. Bom, não exatamente ao shopping, mas a uma confeitaria aqui perto.

— Hum, uma confeitaria?

— É. Acho que, se a gente for à mesma confeitaria onde minha mãe comprou meu bolo de

aniversário, poderemos comprar um bolo igual e fazer outro desejo, para desfazer aquele que fiz

na festa.

A Boneca Trapinho para de repente, e o pônei dá um encontrão na gente.

— Você quer se livrar de mim?

Seu queixo cai e ela parece... horrorizada.

Fico sem graça. Eu não havia pensado em sua reação em relação ao plano. Para ser sincera,

não tinha pensado nela, nem um pouco.

— Ann, eu desejei algumas coisas que não podem se tornar realidade. Isso acabará com a

minha vida e com a vida da minha melhor amiga e... não pode acontecer. Então, tenho de fazer

isso.

— Mas eu vou ficar presa para sempre naquela caixa idiota!

— Eu não vou deixar você na caixa. Você pode ficar na minha cama de novo — digo, apesar

de a ideia soar esquisita demais para ser colocada em prática.

— Nem pensar! Eu ainda estou começando a aprender como funciona esse negócio de

andar! Você não pode me transformar em uma boneca de novo!

Parece que Ann terá um troço ou sairá correndo, chorando pela rua. Juro, até suas sardas

estão tremendo.

— Tá, tá, fique calma. Eu não vou desfazer tudo. Pode deixar que excludo você ao fazer o

novo desejo — tranquilizo-a.

Mas, na verdade, nem sei se posso fazer isso, porque não posso arriscar esse remendo de

desejo ao tentar deixá-la de fora.

E quer saber mais? Onde é que ela vai morar? Algo me diz que minha mãe não acreditará

que ela tem de morar no meu quarto porque, na verdade, é um brinquedo meu que agora

ganhou vida. E acho que ela precisa de uma certidão de nascimento para poder ir à escola.

Enquanto a Ann me abraça, agradecida, quase engasgo com a culpa que desce pela minha

garganta. Ela não pertence a esse mundo, não pode ficar aqui. Não sou uma monstra por querer

mandá-la de volta; é o que qualquer ser humano racional faria. Obviamente.

Ela é uma boneca.

Quando abro as portas do quartinho do jardim, descubro que ele está ainda mais bagunçado

que hoje cedo. O pônei — ecaaa — fez cocô para tudo quanto é lado. E os sacos de lixo cheios de

chicletes de bolinha estão num estado ainda pior; as bolinhas estão se espalhando por toda parte.

Mal há espaço para o pônei ali. Mas não temos escolha, e então o trancamos lá

dentro com

um balde de água e um monte de grama que acabamos de colher, e cruzamos os dedos para que

ele não coma nenhum chiclete e passe mal porque, vamos combinar, só falta essa para completar

a confusão. Pegamos a caminhonete do meu irmão e vamos às compras.

Estou um pouco nervosa por dirigir até tão longe no mesmo dia em que tirei a carteira de

motorista, mas não preciso pegar a estrada, então acho que tudo bem. A gente vai voltar antes de a

minha mãe chegar em casa, por isso é bem capaz de ninguém ficar sabendo da nossa

viagenzinha.

Vinte minutos depois, estou perto do shopping, indo para a confeitaria da Cassie, onde

minha mãe geralmente encomenda os bolos. Eu sei disso porque já vi os recibos na escrivania

dela. Essa loja tem um logotipo bem estranho: é um peixe dançarino. Olhe, para mim, ninguém

deveria associar um peixe (e, portanto, aquele cheiro nojento de peixe) a uma confeitaria, mas

beleza. Pelo menos, é difícil de esquecer. Dou uma olhada num mapinha das redondezas e sei

para onde ir.

Eu deveria saber que, como o bolo parecia saído de O mágico de Oz, isso daria confusão.

Aquelas quatro camadas eram ridículas, ainda mais com as flores e os rococós de glacê.

Estaciono perto da confeitaria, e Ann pula para fora assim que desligo o carro. Talvez ela

queira ter certeza de que não vou entrar correndo, fazer um desejo para o primeiro bolo que

aparecer e garantir que ela suma de vez.

Entramos na confeitaria, e sou imediatamente inundada pelo cheiro de doces. Uma vitrine

está transbordando de biscoitos, donuts, cupcakes e uma dúzia de bolos decorados com

personagens de desenhos animados, tacos de golfe e sinos de casamento.

Uma mulher baixa e roliça está de pé ao lado da vitrine, limpando o vidro e esfregando a

superfície com força, sua barriga chacoalhando como se fosse uma tigela de gelatina.

— Oi — cumprimento e ando até ela. — Minha mãe comprou meu bolo de aniversário de

dezesseis anos aqui, umas semanas atrás. Quatro camadas, cobertura cor-de-rosa. Eu estava

pensando se você tem outro igual. Talvez menor, mas quase idêntico.

A mulher continua bufando e limpando o vidro.

— Há um mês que não faço um bolo assim. E não faço bolos de camadas.

Eu pisco. Não pode ser.

— Mas a minha mãe sempre contrata você para as festas dela. Tem certeza?

A mulher aponta para os bolos na vitrine e então pega o limpa-vidro e borrifa o produto. As

sobremesas ficam turvas através do sabão que escorre pelo vidro.

— Só faço bolos de uma camada. Como aqueles.

— Você tem algum funcionário que possa ter feito um bolo desse jeito que eu expliquei?

— Não. — Ela pega o pano branco e começa a bufar de novo, fazendo círculos grandes no

vidro.

Eu só queria que apagar o meu desejo fosse tão fácil quanto se livrar da sujeira naquela

vitrine.

— Beleza — digo, com a voz falhando. — Muito obrigada mesmo assim.

Que ótimo. Agora eu tenho de descobrir onde minha mãe mandou fazer o bolo. Vou ter de

sobreviver a pelo menos mais um desejo.

Só preciso rezar para o próximo desejo não ser o Ben.

Para me consolar, vamos para o Mama Tortini's, um autêntico restaurante italiano a alguns

quarteirões dali. Comer algo gostoso e cheio de queijo é a única coisa que pode me animar

agora. E lá os garçons são italianos, com sotaque forte e cabelo castanho-escuro. Não faz mal

colocar minhas novas habilidades linguísticas em prática, né?

Quando a recepcionista nos leva até a nossa mesa, fica encarando a roupa da Boneca

Trapinho com a sobranceira arqueada. Até parece... A meia-calça preta dela com uma saia preta e

uma camisa branca de homem com gravata preta também não são lá essas coisas...

Pelo menos, a roupa da Ann tem um toque de originalidade.

Talvez eu devesse emprestar umas roupas minhas para ela, né? Assim, eu não

ficaria com

tanta vergonha de sair com a Ann. Acho que podemos escolher umas coisas quando chegarmos

em casa. É que eu esperava que ela já tivesse ido embora antes de eu ter de me preocupar com

isso.

Decido comer em grande estilo e peço umas bebidas chiques para nós, e vale a pena quando

os olhos da Ann quase saltam para fora quando ela as experimenta.

— Mas que delícia! — Ela suga o canudinho com tanta força que parece estar fazendo aquela

cara de quem chupou limão azedo, e metade do copo já está vazia.

Eu me esqueci de explicar para ela o que é cérebro congelado, e logo fica óbvio que ela

descobriu o que é, porque faz cara feia e fecha os olhos. Dou risada.

Embora ela seja meio irritante, há horas em que ela também é bem divertida. E com a

Nicole sempre me deixando sozinha agora, estou sempre jogada às traças, o que é deprimente

demais para sair para comer ou ver um filme. Eu prefiro arrancar as unhas dos dedos dos pés com

alicate e arrumar meu guarda-roupa a ir ao cinema sozinha.

A garçonete volta e puxa seu bloquinho de anotações do bolso.

— Vocês já decidiram?

Eu sorrio para ela. Espero que meu italiano seja de verdade, e não alguma coisa que minha

cabeça doida inventou.

— Ciao, cosa mi consiglierebbe? [10](#)

Posso ver uma leve mudança na garçonete. Obviamente, ela respeita o meu italiano, pois fica

mais ereta e seu sorriso se torna um pouco mais verdadeiro.

— Un piatto di gnocchi con mozzarella fresca; e il risotto ai carciofi è ottimo. [11](#)

Mordo os lábios. Fazia dias que a Nicole falava sem parar de risoto. E por que não

experimental?

— Mi sembra fantastico! Allora prendo il risotto, e per lei invece, gli gnocchi. [12](#)

Espero que a Ann goste de nhoque.

— Qualunque l'antipasto? [13](#)

Aha, aperitivos. Como se eu tivesse tentando torrar todo o dinheiro que já ganhei na vida.

— Non, grazie. [14](#)

Ela faz que sim com a cabeça e leva os menus com capa de couro preto, e então desaparece

em direção à cozinha.

— Quando foi que você aprendeu italiano?

— Eu sempre soube falar italiano — minto, usando meu garfo para fazer círculos na toalha

de linho branca.

— Não sabia, não. Eu me lembraria disso.

Suspiro, resistindo ao desejo de me furar com o garfo.

— Foi um desejo.

— E por que você desejou falar italiano?

— Um monte de gente tem vontade de aprender outro idioma.

— E por que não desejou simplesmente ir à Itália?

Largo o garfo e pego meu guardanapo. Está dobrado em um triangulinho esquisito. Eu me

concentro no ato de desdobrá-lo e estendê-lo sobre o colo, alisando os amassadinhos.

— Meu pai se mudou para lá. Eu achei que, se soubesse falar italiano, ele me deixaria ir

visitá-lo. Eu não queria só ir lá, eu queria que ele me quisesse lá.

— Ah — responde ela, baixinho. Eu olho para ela, meio que esperando um olhar de pena,

mas não tem nada disso. — Eu não me lembro dele — comenta Ann.

— Ele foi embora um ano depois de a minha mãe comprar você para mim. — Paro de falar.

— Desculpe, isso soa tão estranho.

Ela dá de ombros.

— Não é mais estranho que isto — diz ela, apontando para o próprio corpo.

— Verdade.

Encaro meu guardanapo de novo. Há uma linha solta grudada nele, e dou um peteleco nela.

Ela aterrissa no piso amarelo amanteigado debaixo do meu All Star.

— Alta, cabelo castanho-escuro. Pareço uma típica italiana e agora tenho este sotaque.

Antigamente, eu sonhava em ter herdado este sotaque de algum jeito. Às vezes, meu irmão fala

uma coisa ou outra que me lembra o meu pai. Mas a diferença é que meu pai era

megainteligente. Superbem-educado, adorava ler. Ele caía no sono no porão com um livro

aberto sobre o peito. Às vezes, ele lia para mim também.

— Por que ele foi embora?

Não tenho uma resposta, então só enrolo o guardanapo nas mãos, esperando que algo me

venha à mente, mas nada.

— Eu não sei. Quero dizer, num minuto ele estava lá, e no outro havia desaparecido. Aposto

que ele nunca olhou para trás também. Não fazia sentido naquela época e ainda não faz. Não sei

como é que ele pôde simplesmente nos largar e nunca mais nos ver de novo.

Ann não fala nada para preencher o silêncio, então falo eu.

— Acho que ninguém lá em casa conseguiu dar um jeito de preencher esse vazio. É como se

a gente fosse uma mesa e alguém tivesse cortado uma das pernas, mas ninguém se mexe para

poder manter tudo no lugar, sabe? Como se a gente ainda o esperasse voltar para deixar tudo

equilibrado de novo. E ninguém nunca fala sobre ele. Nem minha mãe, e com certeza o Chase

também não. Às vezes, eu me sinto como se fosse a única pessoa que ainda se lembra de que ele

existe.

Fico com um nó na garganta, e então tomo um gole de água gelada. A garçonete traz uma

cesta com pão e a salada, e Ann ataca o pão amanteigado e ainda morno. Eu me sinto mal por

não ter oferecido nada para ela comer até agora. Ela já está viva há, tipo, um dia e meio. Será que

ela comeu uns chicletes de bolinha enquanto esperava no quartinho lá do jardim?

Mas, pensando bem, não sei se alguém teria pensado em alimentar a Boneca Trapinho.

Talvez porque ela deveria ser... uma boneca. E não uma menina de verdade sentada do outro

lado da mesa, lambendo os beiços enquanto suas bochechas ficam gigantes como as de um

hamster.

Ela percebe que a estou encarando e congela, com a boca aberta e metade de um pedaço de

pão para fora.

— É falta de educação mastigar de boca aberta — advirto. — E os seus cotovelos não

deveriam estar sobre a mesa.

— Mas o que faço com eles, então? — pergunta ela, ainda mostrando a comida meio

mastigada na boca enquanto coloca os cotovelos num ângulo esquisito, como se fosse uma

galinha.

— Descanse o braço sobre a mesa. Se você não estiver comendo, coloque as mãos sobre o

colo. E também não é legal conversar e mastigar ao mesmo tempo.

Tá, o que eu sou agora, a nazista da etiqueta?

Ela mastiga com gosto e, assim que engole a garfada, diz:

— Obrigada!

Como se eu tivesse acabado de me oferecer para lustrar seus sapatos ou algo do gênero.

Ela coloca uma pilha gigante de salada em seu prato e então persegue um croûton com o

garfo.

— Então, por que você não liga para ele?

— Para quem?

— Para o seu pai!

— Ah. Hum, melhor não.

Enfio uma garfada enorme de alface na boca, para ter tempo para pensar. Mas, mesmo depois

de engolir tudo, não tenho uma boa desculpa.

— Eu não deveria ter de ligar para ele. Ele é que foi embora.

— É, mas...

Um movimento chama a minha atenção e olho ao redor de nossa mesa.

Ah, não.

Ben e Nicole acabaram de entrar e estão sendo escoltados até uma mesa no canto do salão.

Nicole está usando um vestido preto que nunca vi antes, a parte de cima é uma frente única com

um laço rosa envelhecido ao redor da cintura alta, e os sapatos de salto são rosa também, para

combinar.

Será que ela sempre faz isso? Coloca essas roupas de princesinha quando não estou por

perto? Ou pelo menos quando sai com ele?

Cadê a calça jeans com All Star? Será que o Mama Tortini's exige vestir roupas chiques assim?

Pelo visto, ao menos o Ben não acha. Ele está usando a calça jeans meio larga de sempre e

uma camiseta vermelha cheguei com uma estampa azul no ombro. Mesmo a uns dez metros de

distância, consigo ver o contorno do peito e dos ombros dele. Esse menino sabe como encher

uma camiseta, com certeza.

Eu me afundo no assento fofo de couro e dali só vejo a pontinha da mesa deles, mas não

consigo ver os dois e eles não percebem a nossa presença.

— O que foi? — Ann estica o pescoço para fora da mesa, tentando ver o que eu encarava.

— Ann! Pare com isso! — falo baixinho.

Ela volta tão rápido que a mesa pula, e seu copo de água começa a balançar para a frente e

para trás. Ela tenta pegar o copo, porém ele vira e a água escorre por toda a mesa e para o meu

colo, molhando a minha calça.

Eu me seguro para não gritar, pego os guardanapos da mesa e tento secar meu jeans.

A Ann só fica sentada ali, com os olhos arregalados, o cabelo ruivo espetado em ângulos

esquisitos, aquele vestido azul horroroso todo amassado e torto.

Fico com os braços e as pernas arrepiados enquanto a água gelada passa pelo tecido da calça.

Por que eu achei que isso daria certo?

Encontro a garçonete, peço-lhe que embrulhe a comida para viagem e pago a conta

enquanto esperamos. Quando a comida chega, saio de fininho da mesa e vou para a porta dos

fundos. Estou a alguns passos da saída quando percebo que minha sombra não está me

acompanhando. Ela está indo para a porta da frente.

Chego até ela em segundos e a pego pelo pulso, puxando-a com tanta força que acho que

devo ter deslocado seu ombro. Ela berra e quase perde o equilíbrio, mas não quero nem saber e

continuo puxando Ann para a porta dos fundos.

Conseguimos sair antes de Ben e Nicole descobrirem o motivo de toda a confusão.

— Ai! — reclama Ann, esfregando o pulso. — Para que isso?

— A Nicole estava lá com o Ben.

Ela só me dá um olharzinho blasé, seus olhos verdes bonitos me encarando.

Seus olhos são mesmo o que ela tem de melhor. Talvez com uma roupinha melhor, um

cabelo menos bagunçado e depois de milhares de aulas de etiqueta, ela ficasse bonitinha.

— A Nicole é a minha melhor amiga.

Ann olha de volta para o restaurante.

— E é assim que você age quando a sua melhor amiga está por perto?

— Ela estava com o Ben.

— E daí?

— E o Ben é o namorado dela.

— E daí?

Jogo as mãos para o céu e quero gritar.

— Você não entende. O Ben é... ele é... bom, ele é o Ben.

— Não consigo ver o problema.

— Não posso ficar perto desses dois quando estão juntos. Isso me dá nojo.

Ann dá de ombros.

— Você é estranha mesmo.

— Como se você não fosse. Você é uma boneca!

— Mas você também já não foi boneca?

Dou risada.

— É claro que não.

— Não uma boneca de verdade. Mas você já se vestiu de boneca. No Quebra-nozes.

Minha memória turva finalmente fica mais clara.

— Ah, você quer dizer no balé. Eu não faço mais balé.

— Por que não? Você adora balé. E passa horas ensaiando.

— Passava. Eu tinha dez anos. É claro que adorava.

— Mas não existe balé para meninas de dezesseis anos? — Ela me encara com os olhos

arregalados, falando sério de verdade. — Mas que triste!

Rio novamente. Ela é tão dramática.

— Existe, sim.

— Então por que você não faz?

— Sei lá. Balé é idiota!

Ann estala a língua.

— Nossa, você mudou mesmo!

— É claro que mudei. Quando eu tinha dez anos, meu desejo mais importante era você virar

uma menina de verdade!

Ela me olha de um jeito que está na cara que feriu seus sentimentos.

Engulo em seco.

— Olhe, não é que eu não goste de você. É que eu não sou mais aquela menininha. As

pessoas crescem. Elas param de brincar de Barbie e começam a... — Minha voz desaparece. Nem

sei o que tentava dizer.

— A se esconder da sua melhor amiga?

Chegamos até o carro, e Ann vai para o banco do passageiro. Eu olho para ela por cima do

teto do carro, protegendo meus olhos da luz do pôr do sol de outono.

— Olhe, não tenho mais nada a dizer. Eu não sou mais a menina de dez anos que você

conheceu. E você também não é mais uma boneca. Então, vamos fingir que aquilo — aponto

para o restaurante — não aconteceu. E pare de fazer tantas perguntas, tá? Talvez eu não tenha

morado numa caixa nos últimos cinco anos, mas isso não quer dizer que eu saiba mais que você.

Vou para o meu banco e afivelo o cinto de segurança, e espero que Ann faça o mesmo. Ela

coloca o cinto e então reclina o banco até ficar praticamente deitado, pondo os pés no painel e

encarando o teto solar. Tento não ter um treco com a sujeira que ela está deixando no painel.

— Então, se você não gosta mais de balé... do que é que você gosta?

Eu dou de ombros e viro a chave, saindo com todo o cuidado e de ré da vaga no estacionamento. Como é que você explica para uma boneca que as pessoas não querem as

mesmas coisas para a vida inteira? Que a gente cresce e cansa da Boneca Trapinho e do Meu

Querido Pônei?

— Branca de Neve? — pergunta ela.

Faço que não com a cabeça.

— E aqueles pôsteres de veludo peludinho que você tinha no quarto? Toda semana você

ganhava um diferente e seu quarto era coberto de...

— Não — respondo. Meu Deus, eu me lembro disso. Eu tinha um milhão daqueles

pôsteres, coloridos com desenhos ridículos que eu fazia com as canetinhas que vinham com eles.

As paredes do meu quarto eram praticamente forradas de unicórnios e cachorrinhos e cenas de

beisebol e campos verdejantes e um arco-íris.

— E karaokê?

Solto uma risadinha. Eu dava altas festas no meu quarto, com música pop ridícula no último

volume, usando minha escova de cabelo como microfone. Ann e meus bichinhos de pelúcia

eram o meu público.

— Meu gosto musical mudou. Agora não dá muito para... cantar.

— Pelo menos você ainda gosta de sorvete? — pergunta Ann.

— É claro. Algumas coisas nunca mudam.

— Não sei por que tantas coisas têm de mudar.

— Ann, fala sério. Eu era uma criança naquela época. E uma criança idiota. Eu sou muito

mais sábia agora.

— Mas você sorria mais.

— Argh! Chega dessa conversa. Você não entende mesmo.

Ann fica prestando atenção nas nuvens que passam pelo teto solar.

— Não mesmo.

9 Maldição! / Porcaria! (N.E.)

10 Oi, o que você me recomenda? (N.E.)

11 Um prato de nhoque com mozzarella fresca; e o risoto com alcachofras é excelente! (N.E.)

12 Parece-me ótimo! Então eu fico com o risoto, e para ela, o nhoque. (N.E.)

13 Alguma entrada? (N.E.)

14 Não, obrigada. (N.E.)

17

Naquela noite, constatei que Ann é uma folgada. Resolvi ser boazinha e dividir minha

cama queen size com ela, em vez de fazê-la dormir no chão. Eu já dormi no chão uma ou duas

vezes, e esse carpete não é nem um pouco aconchegante. Então, peguei um saco de dormir no

guarda-roupa do corredor para ela e dobrei meus cobertores ao meio para mim, e quando peguei

no sono, ela estava perto da parede, enquanto eu me aconchegava confortavelmente ao meu

travesseiro. Ainda não amanheceu, mas não consigo mais dormir. Estou quase caindo do

cantinho da cama, meu travesseiro foi jogado para longe sem misericórdia, e Ann roubou meus

cobertores.

Rolo da cama e vou até a escrivaninha, para mexer na minha bolsa. Pego meu fichário.

Vou para a última página, onde coloquei a foto do Ben. Sob a luz da lua que entra pela

cortina aberta, só consigo ver o rosto dele.

Eu me inclino para a frente, apoiando o rosto no queixo, e estudo o contorno do corpo de

Ben, o contraste entre o moletom escuro e o brilho que vem da água por detrás dele.

Ele é perfeito de doer.

Não há ninguém no mundo tão maravilhoso quanto ele.

Suspiro, e ao mesmo tempo quero jogar a foto no lixo e plastificá-la, para guardá-la para

sempre. Então a coloco de volta no meu fichário. Eu poderia passar mais uma hora olhando para

ele, mas isso não mudará nada.

Volto para a cama e pego um dos cobertores da Ann, e então me enrolo no chão e encaro o

teto. Cochilo uma ou duas vezes, porém não por muito tempo, porque me pego

observando

como o quarto está ficando mais claro. Quando não aguento mais, sento-me e olho para ela.

Ela parece bem confortável, deitada na diagonal, quentinha dentro do saco de dormir, com a

minha colcha por cima. Ela está usando dois travesseiros, um debaixo do braço e o outro sob a

cabeça.

Um chiclete de bolinha errante está debaixo da minha batata da perna, e resisto ao desejo de

jogá-lo na Ann. Então o arremesso na lata de lixo.

Tiro o cabelo da frente do rosto e olho para ela, mas ela não parece perceber, pois está

roncando alto.

— Buon giorno<sup>15</sup> — falo baixinho.

As palavras são bonitas, mesmo que meu tom não seja.

Eu me ajoelho e pego a régua que está na prateleira perto de mim e a cutuco. Seu ronco se

transforma num gargarejo estranho por um minuto, mas, em seguida, volta o barulho de

serralheria de antes.

Deixa pra lá.

Coloco uma mão na cama e me levanto, mas me sinto meio tonta, como se estivesse

andando sobre chicletes de bolinha.

Juro por Deus, se essas coisas aparecerem de novo...

Mas uma olhada rápida me dá a segurança de que não há nada entre os meus pés

e o carpete

marrom. Estranho. É como se o chão estivesse desnivelado. Eu continuo caindo e me forçando a

ficar de pé, ereta.

Vou até o meu guarda-roupa, mas tonteio novamente e tenho de me segurar no puxador.

Fecho os olhos por um minuto, tentando encontrar meu equilíbrio.

Não sei o que está acontecendo. Sinto aquela sensação que a gente tem quando se levanta

rápido demais depois de ficar à toa no sofá o dia todo e então pula de lá. O mundo está meio

torto, e minhas pernas estão tremendo para tentar compensar. Faria sentido se eu tivesse ingerido

um monte de açúcar, mas não é o caso de hoje cedo. A não ser que se leve em conta a

personalidade docinha da Ann.

Olho para Ann mais uma vez, no meu caminho para o banheiro. Ela não está se mexendo.

Pelo jeito, ela só achava que não precisava dormir.

Antes de ligar o chuveiro, viro-me e vejo-me sem querer no espelho.

E dou um grito de gelar o sangue.

“Oh. Mio. Dio.” [16](#)

Peitos.

Eu tenho peitos.

Coloco a mão sobre a boca aberta e encaro, com os olhos arregalados como nunca, os meus

peitos. Eu usei uma regata para dormir e agora tenho um decotão digno de

trabalhar no Hooters.

E nem estou usando sutiã.

Ahn, acho que nem tenho um sutiã capaz de segurar essas coisas.

Engulo em seco e ando para a frente, até ficar totalmente de frente para o espelho.

— Querida? Tudo bem aí? — me chama a minha mãe, lá do outro lado da porta. A maçaneta

está virando.

Ah, não.

— Não entre! — grito. — Eu estou, ahn, pelada. Tudo bem, é que eu... bati o meu dedão.

Tudo bem!

Fico de olho na maçaneta, rezando para minha mãe soltá-la. Se ela entrar agora, nem

sonhando eu conseguiria explicar onde consegui essas “crianças”.

A maçaneta volta à sua posição original.

— Tá. Eu tenho um jantar de negócios hoje, então só volto tarde da noite. Deixei dinheiro

no balcão para você e seu irmão comprarem pizza.

Suspiro, sem tirar o olho do meu reflexo. Pizza no jantar. De novo. Fico pensando se em

algum dia ela jantará com a gente, como antes.

— Beleza — digo, quando percebo que ainda não tinha respondido. Ainda estou me

encarando no espelho.

— Tchau — responde ela, e seus passos voltam para o corredor.

Meu coração está batendo tão alto que está me deixando ofegante, meu peito indo para cima

e para baixo, como em um romance de época ridículo.

Porque eu tenho seios ofegantes. Ou seria seio?

Sei lá.

Levanto as mãos e elas meio que sobrevoam os meus peitos. Acho que não conseguirei tocá-

los. É... estranho demais, pois eles não são meus de verdade. São...

Peitos mágicos.

Perfeitos.

Resmungo e coloco as mãos sobre a pia. O vapor está começando a encher o banheiro, e a

parte de cima do espelho está embaçando. Eu me inclino sobre a pia e me aproximo o máximo

que posso do espelho, e então olho para a minha própria camiseta.

Estou me sentindo uma pervertida. Ai, que nojo.

Tenho certeza de que fiz esse desejo quando tinha doze anos. Eu acho que meninos e

meninas de doze anos de idade pensam nas mesmas coisas, porque eu odiava ser reta. A Nicole já

tinha peito, e eu me sentia uma idiota perto dela. Todos os meninos só ficavam de olho nos

peitos dela, ignorando-me completamente, como se eu não existisse. Eu só ficava ali, a melhor

amiga com corpo de menino.

Foi naquele ano que saímos para andar de patins no meu aniversário. Minha mãe alugou um

salãozinho no rink de patinação e levou bolo e uns parentes, e eu e a Nicole patinamos por

umas duas horas seguidas. Havia um grupo de meninos lá. A gente falou sobre eles a noite

inteira, comi um monte de doces e foi dormir tarde.

Não muito tempo depois, o vapor toma conta do espelho e não consigo mais ver meu

reflexo. Agora, é só uma silhueta turva.

Uma silhueta turva e cheia de curvas.

Como é que eu vou esconder isso? Todo mundo pensará que estou usando enchimento.

E também não um enchimento discreto. Devo ter ido de um PP para um GG. Talvez um

Extra-GG.

CREDOOOO, agora vou ter de fuçar na gaveta de sutiãs da minha mãe! Pelo menos, até ir a

uma loja. Vou comprar só um sutiã que sirva direito e que me salve até conseguir desfazer esses

desejos.

Pelo menos é sábado. Ir à escola assim seria um pesadelo.

Tenho dois dias para descobrir como esconder meu admirável peito novo.

15 Bom dia. (N.E.)

16 Ah, meu Deus. (N.E.)

18

Demoro vinte minutos fuçando o meu guarda-roupa para achar alguma coisa para a

Ann, sem falar em algo que esconda os meus peitos.

Eu adoro cores fluorescentes com estampas idiotas, mas essas cores não ficam muito bem na

Ann porque ela é ruiva. Ela adora experimentar tudo e joga as roupas para tudo quanto é canto

do meu quarto, de tanta empolgação.

Aposto que há um monte de meninas de dez anos que pagariam uma fortuna para ter

uma boneca em tamanho natural e que adora brincar de se arrumar. Talvez eu devesse alugar a

Ann como babá. Assim, mato dois coelhos com uma cajadada só.

Por fim, ela escolhe uma regata azul-bebê que eu não usava desde o oitavo ano e um par de

jeans surrado. Acho que ela veste um número menor que eu, então tenho de encontrar um cinto

para que a calça não fique caindo.

Mesmo com o jeans não servindo direito, ela fica, ahn, sexy.

A Boneca Trapinho tem um corpão. Quem diria!

Enquanto o cabelo dela ainda está molhado do banho, fica mais normal — quase bonitinho,

porque a água consegue domar seus cachos. Os fios ficam mais compridos, mais lisos também, e

o ruivo mais escuro é muito mais bonito que o tom alaranjado de sempre.

Mas, depois de dez minutos no carro com as janelas abertas, o cabelo dela já ficou doido, tipo

o do Sideshow Bob, dos Simpsons. No caminho inteiro, Ann ri da maneira como o cabelo

chicoteia seu rosto, tentando, sem sucesso, segurá-lo perto do ombro.

Trouxe no bolso do meu short xadrez o dinheiro que minha mãe deixou. Ele não

combina

com meu moletom de capuz, mas estou usando mesmo assim, para esconder meu peitão.

Quando eu me vesti lá em casa até fez sentido, mas não deveria ter saído de casa com esse visual

tão esquisito.

Ann vem comigo até o supermercado Fred Mayer, e eu pego um carrinho pequeno.

Estou numa missão importante.

Fiquei tão distraída com meus peitos novos que me esqueci de conversar com a minha mãe

sobre a confeitaria. Não quero esperar mais um dia, então decidimos ir para o plano B: vou fazer

meu próprio bolo, uma minirréplica perfeita da monstruosidade que tinha na minha festa de

dezesesseis anos. Vou fazer quatro camadas e decorar tudo com flores de glacê e, depois, colocar

quatro velas em cada andar. Se eu fizer tudo direitinho, pode ficar bem parecido com o meu ex-

bolo de aniversário.

Então, vou fazer a Ann cantar Parabéns a você para mim, assoprarei as velinhas e, quando abrir

os olhos, ela terá desaparecido, meu peito terá encolhido, não xingarei em italiano toda vez que

ficar irritada, o pônei ficará no celeiro de plástico dele, e os chicletes de bolinha voltarão para as

máquinas de chiclete do mundo todo.

Fala sério — se esses são os primeiros cinco desejos, será que eu quero mesmo

saber quais

são os outros?

Ann me segue pelo mercado, os olhos estudando tudo. Ela para nas prateleiras perto de cada

caixa e pega saquinhos de salgadinho e garrafas de dois litros de refrigerante. Ela cutuca os filões

de pão francês frescos e depois derruba uma caixa de biscoitos.

Isso aqui é um parque de diversões para ela.

— Ann, não posso ficar aqui o dia todo!

Tecnicamente, acho que posso, mas estou numa missão séria aqui. Ela resmunga e vem se

arrastando atrás de mim, no corredor de coisas para fazer pães e bolos, e ficamos em silêncio,

observando as caixas de mistura para bolo.

— Esse aqui parece gostoso — diz ela, segurando uma caixa de mistura para bolo de

chocolate.

— Mas precisa ser branco. Como este aqui.

Mostro uma caixa com a foto de um bolo com cobertura branca.

— Granulados! — berra ela, pulando.

Ai, posso morrer agora?

Jogo as duas caixas no carrinho e fico pensando se o bolo era branco mesmo. Poderia ter sido

amarelo.

Eu me agacho e pego uma caixa de mistura para bolo amarelo na prateleira de baixo.

Quando me inclino para a frente, meus peitos novos batem com tudo na prateleira e uma meia

dúzia de caixas cai, fazendo o maior barulhão ao aterrissar no chão.

Fico olhando para elas, pensando em deixá-las ali mesmo, e então suspiro, recolho tudo e

coloco todas no lugar. Quando me levanto, tenho de me apoiar no carrinho para não tropeçar.

Em seguida, escolhemos a cobertura, incluindo uns tubos de uma coisa cor-de-rosa, que

deve servir para fazer as flores. Pego uma caixa de velinhas de aniversário e arrasto Ann para outro

canto do mercado para pegar ovos e leite.

Minhas costas já estão doendo um pouco. Eu me sinto como se carregasse uma montanha à

minha frente, e é difícil alcançar as coisas, pois eles ficam sempre no meio. Não é tão legal assim.

E quer saber mais? A coisa mais esquisita do mundo é usar o sutiã da sua mãe. Peguei um

direto da secadora, então eu sei que está limpinho e tal, mas me dá arrepios!

Depois, puxo a Ann para a seção de roupas. E se ela já tinha ficado maluca com as comidas,

ficou mais empolgada ainda com as roupas.

— Você pode comprar essas roupas? Qualquer uma?

Olho para ela. Ann está segurando uma blusa com gola V e mangas cheias de frufus e

florzinhas.

— Ah-hã. E eles também vendem a corda para você se enforcar.

Ann me olha desconfiada e dá de ombros, colocando a blusa de volta na arara.

Fico pensando

quanto tempo demorará até ela entender o que é sarcasmo e usar isso contra mim. Acho que até

amanhã rola.

Minha mãe usa sutiã tamanho GG. Acho que agora uso tamanho Extra-GG, porque parece

que meus peitos vão explodir a qualquer momento neste sutiã, mas me recuso a comprar

qualquer coisa nesse número. Compro o maior GG que consigo encontrar e levo um top de

ginástica também. Talvez, se eles ficarem achatados, acabem parecendo menores.

Só para garantir, vou atrás de itens de primeiros socorros e pego algumas faixas de gaze.

Quem sabe eu consiga amarrar tudo e fazê-los parecerem menores...

Incômodos.

Quando saímos da loja, gastei quarenta e quatro dólares da grana que ganhei de aniversário e

os vinte paus que minha mãe deixou sobre o balcão. Lá vai o dinheiro da pizza do meu irmão. O

coitado vai comer comida congelada de novo.

Uso os últimos seis dólares para comprar uns cheesebúrgueres baratinhos, que eu e a Ann

devoramos na volta para casa.

É melhor que essa ideia do bolo funcione.

Porque, pelo jeito, ganhar tudo o que você deseja na vida acaba ficando bem caro.

Ann e eu pegamos xícaras e colheres de medida e algumas tigelas gigantes. Eu ligo a TV na MTV onde, para a minha grande surpresa, está passando videoclipes. Katy Perry

acabou de aparecer na tela com mais uma música animadinha. Provavelmente, ela mostrará uma

coreografia acompanhada de uma tigela de frutas no fim do clipe.

Ann está superempolgada com a nossa experiência gastronômica.

— Eu nunca fiz bolo antes! — diz ela, levantando os braços. Suas mãos derrubam uma das

caixas de mistura para bolo, que voa do balcão de granito e aterrissa no chão de travertino com

um barulhão. Ainda bem que estava fechada.

— Menos — digo eu, pegando a caixa e abrindo a tampa.

Ela sorri e fica meio murcha, como uma criancinha que acabou de levar uma bronca.

— Mas é tão legal! Eu vi seu bolo de aniversário quando você fez onze anos, sabe? Você me

colocou no balcão, bem ao lado dele. Era um bolo caseiro gigante. Acho que era uma tartaruga.

Eu levanto as sobrancelhas.

— Eu ganhei um bolo que parecia uma tartaruga?

Ela faz que sim com a cabeça, toda animada.

— Com cobertura verde e um monte de granulados. Parecia bem gostoso.

— Ah. Hum, tá. — Não sei muito bem o que responder. Ann tem uma memória incrível. Eu

mudo de assunto. — Ahn, beleza, a gente precisa colocar a mistura para o bolo branco nessa

tigela, e a do amarelo, naquela tigela, e misturar bem até dissolver todos os pedacinhos, porque

não sei onde a minha mãe colocou a peneira.

Minha mãe tem essa cozinha gourmet superequipada com utensílios modernos, pois já gostou

de cozinhar em um passado longínquo. Eu gostava também. Passávamos horas preparando pratos

chiques e em seguida fazíamos meu irmão e meu pai se sentarem à mesa com os olhos vendados,

para fazer um teste. Eles fingiam odiar tudo, resmungando e xingando, mas faziam questão de se

sentarem com as vendas nos olhos e comer tudo até não conseguirem se mexer, e tínhamos de

rolar os dois para a sala de estar.

Minha mãe e eu não contávamos para eles o que estavam comendo. Só mandávamos os dois

abrirem a boca e engolirem uma colherada do que tínhamos preparado naquele dia. Nós duas

morriamos de rir quando eles faziam cara feia, e aí contávamos quais eram os ingredientes.

Era demais o brilho da minha família quando todo mundo estava feliz. Como se fôssemos

uma família de comercial de margarina.

Mas depois ele foi embora e não é a mesma coisa só com o meu irmão, e minha mãe ficou

ocupada demais com o trabalho e começou a deixar dinheiro pra gente comprar comida chinesa

ou pizza, e as festas de degustação gourmet viraram só uma lembrança.

Dou um garfo e a caixa de mistura para bolo amarelo para a Ann, e ela começa a colocar tudo

na tigela, amassando as partes empelotadas com o garfo.

E então ela come uma garfada daquele pó. Fica tudo grudado nos lábios dela.

— Ecaaaa! Não faça isso!

— Ai, desculpe! — E ela coloca o garfo lambido de volta na mistura.

— Ai, que nojo. — Pego o garfo e o jogo na pia. — Não quero pegar “bonecatrapinhoíase”

de você.

Ela só dá um olharzinho blasé. Ela nunca entende minhas piadas bobas.

Eu quebro os ovos porque não sou idiota a ponto de achar que Ann faria isso direito, e a

gente coloca o óleo e começa a mexer.

Ann segura a tigela com uma mão e o garfo com a outra, e então passa a dançar em círculos e

a cantar com a Katy Perry. Algumas gotas de massa pulam da tigela, e Ann perde o equilíbrio e

bate com tudo no balcão. O movimento faz seu braço tremer, e ela acaba jogando uma colherada

de massa em mim. A meleca se espalha pelo meu avental. Eu congelo — minha colher de pau

ainda está na tigela — e a encaro.

— Estou falando sério, Ann, controle-se.

Esse tipo de energia animadinha deveria ser proibido.

Coloco minha tigela sobre o balcão e me inclino para pegar as duas formas já untadas, e

então Ann dá um tapa na própria boca e começa a rir.

— O que foi? — pergunto, paralisada, com meu braço ainda esticado.

Ela aponta. Eu olho para baixo.

Meu Deus, meus peitos estão dentro da massa do bolo.

Eu me afasto aos poucos, e a massa pinga de novo para dentro da tigela. O restante escorre

pelo meu avental.

Suspiro e esfrego os olhos. Coloco minha tigela de lado e pego as assadeiras. A gente enche

as duas de massa e as coloca no forno.

— E agora? — pergunta Ann, enquanto se inclina para vigiar o forno. Depois de um minuto,

ela abre o forno e olha lá dentro para acompanhar os resultados.

— Não é instantâneo.

— Ah.

Estou meio tentada a dizer que deveríamos dar um jeito de domar o cabelo rebelde dela,

mas então me lembro de que ela já não vai estar mais aqui em, tipo, uma hora. Assim que eu

fizer aquele desejo, ela desaparecerá, e poderei voltar à minha vida normal.

Isso tem de funcionar.

\*\*\*

Quando o timer da cozinha apita, Ann já dançou um monte de clipes da MTV, até os da

Shakira. E como a letra da música diz “There is a she wolf in the closet” [17](#), eu deveria achar engraçado, porque ela morava num guarda-roupa mesmo. Mas tem algo me irritando nisso tudo.

Não posso deixar de ficar com inveja, porque ela aprendeu até a fazer dança do

ventre.

Fico pensando se a Ann poderia ser uma pintora famosa, ou uma cantora, ou qualquer coisa,

caso tivesse um bom professor.

Fico pensando como seria ter esse tipo de possibilidade à sua espera, como uma extensão

infinita dos sonhos. Para simplesmente escolher uma coisa para fazer e ser boa nisso.

Ah, deixa pra lá. Estou parecendo uma orelha de livro de autoajuda.

Ann dá uns passos para trás, enquanto apoia os bolos sobre uma gradinha para esfriarem. A

gente faz a cobertura enquanto isso, e então pego uma folha gigante de papel vegetal e coloco os

bolos sobre ela. Uso palitos de dente para juntar os dois, segurando a respiração como se estivesse

cortando o fio azul de uma bomba. Acho que funcionou.

Ann só fica olhando por cima do meu ombro, assistindo a tudo tão de perto que posso sentir

sua respiração.

Eu confio a cobertura a ela, o que, acredite, é bem difícil de fazer. Não quero pisar na bola

dessa vez. Ela usa uma espátula para manteiga e o resultado não é lá essas coisas, mas tudo bem.

Talvez eu devesse ter escolhido um programa da Martha Stewart [118](#) em vez da MTV.

Ela fica vendo de longe, enquanto faço o melhor que posso para tentar recriar as flores de

glacê cor-de-rosa do meu bolo de dezesseis anos. O resultado seria melhor se eu

tivesse olhado

para o bolo original por mais de um milissegundo, porém não olhei; logo, espero que fique

parecido o bastante.

Enfio as velas no bolo — quatro em cada camada — e me afasto, para admirar minha obra-

prima.

Vai ter de servir.

— Tá, agora canta a musiquinha de parabéns — peço a Ann.

Ela só me olha com uma cara de tacho.

— Você sabe, né? “Parabéns a você...”

Ela continua me encarando.

Eu demoro uns dez minutos para ensinar a música a ela. E a gente acha que, como é bem

repetitiva, demoraria menos, mas ela está megapreocupada em aprender direitinho. Acho que eu

também deveria estar.

Finalmente, ela está pronta para cantar, e canta Parabéns enquanto me seguro na ponta do

balcão, os nós dos meus dedos ficando brancos de tanta força.

Quando ela canta “...muitos anos de vida...”, sua voz fica mais e mais aguda, e ela estica as

notas mais do que o necessário. Fecho os olhos.

“Eu desejo que cada desejo que fiz nunca tivesse se tornado realidade.”

Respiro fundo, abro os olhos e assopro todas as velinhas de uma vez.

E então os fecho novamente e fico, por um momento, em silêncio.

Desejando.

Esperando.

Talvez eu devesse ser tomada por uma sensação mágica de paz. Tranquilidade. Serenidade.

Alguma coisa.

Finalmente, abro os olhos.

Ann está cortando o bolo com a espátula que usou para passar a cobertura.

— Isso aqui deve estar uma delícia!

Eu só resmungo e me afundo no chão.

Talvez ela desapareça à meia-noite, como a Cinderela.

Ou talvez minha vida já era.

17 Tem uma loba no guarda-roupa. (N.E.)

18 Empresária norte-americana, é apresentadora de programa de variedades e culinária na TV. (N.E.)

20

Passo a maior parte da noite olhando para o teto do meu quarto, ouvindo a Ann roncar

e tentando pensar em outros desejos para preencher minha lista. Se eu não consigo impedir que

eles aconteçam, seria legal pelo menos saber o que vem por aí.

Eu achava que, ao gastar um desejo precioso de aniversário — afinal, a gente só tem um por

ano —, eu me lembraria do que tinha pedido.

Mas não consigo. Eu tenho algumas ideias, claro. Eu me lembro de alguns brinquedos pelos

quais era obcecada. Lembro-me de que queria ser uma das dubladoras dos

filmes do Shrek. E

depois queria ser piloto de avião.

Mas quem sabe se eu realmente desejei essas coisas?

Então, enquanto mais um dia amanhece, saio de fininho do meu quarto e visto uma blusa

de moletom. São nove e pouco, e a Ann ainda está num sono ferrado.

Eu me sento no último degrau da escada, lá embaixo, e coloco meu par de All Star mais

batido e confortável. Ainda estou amarrando os cadarços quando ouço a madeira da escada chiar,

e me viro, esperando ver o cabelão espetado da Ann.

Mas é a minha mãe. Que surpresa, às nove da manhã. Geralmente, ela já teria saído de casa a

essa hora.

Normalmente, domingo é o dia dos eventos mais trabalhosos — na maioria das vezes, rola

um casamento ou um brunch de alguma empresa —, portanto ela tende a sair cedinho para

acalmar os nervos da noiva ou de um CEO que se acha, ou de várias pessoas ricas e mimadas.

Fala sério, se você não consegue planejar sua própria festa e prefere pagar alguém para fazer

isso, então provavelmente tem mais dinheiro do que precisa. E eu já vi algumas contas da minha

mãe. Os clientes dela com certeza têm mais grana do que precisam.

— Aonde você vai?

— Para a biblioteca.

— Você não tem parado em casa esses dias — diz ela.

— Eu é que não paro em casa?

Com certeza, não ouvi direito o que ela disse.

Ela faz que sim com a cabeça. Olho para ela, desconfiada.

— Para que isso?

Dou de ombros e vou até a porta pegar minha mochila. Eu deveria ter ficado quieta.

— É que fico mais em casa que você, só isso.

Minha mãe suspira.

— Não seja respondona, Kayla.

Meu queixo cai.

— Não estou sendo respondona. Mas não é verdade?

Minha mãe cruza os braços. Ela está usando uma blusa lilás engomada e perfeita, com calça

cáqui sem um amassadinho. Seu cabelo castanho — num tom mais escuro e muito mais bonito

que o meu — está com um penteado digno de salão.

— Por que você precisa ser tão ingrata? Eu dou tudo o que você quer e mesmo assim você

insiste em usar as mesmas roupas velhas e vive reclamando.

Eu fecho a boca e ranjo os dentes.

— Tá, mãe. Você me dá tudo o que eu quero. Entendi.

— Kayla Louise! Eu acabei de dar um festão para você não faz nem uma semana.

— Deu mesmo, mãe? Você fez uma festa para mim ou para a sua empresa? Porque ficou

difícil diferenciar.

Minha mãe olha para o relógio, e tento não virar os olhos. Ela nunca vai ter tempo para mim.

— Preciso ir fazer a lição de Biologia — falo, segurando a maçaneta da porta.

— Você quer uma carona? Estou atrasada, mas...

— Não, valeu. Eu vou andando.

E então saio rapidinho. Não preciso ficar ali para saber que ela deixará uns vinte paus com

um bilhete falando para a gente pedir algum delivery, e não vou mais vê-la até amanhã.

Mas que saco! Antes de responder para ela, eu deveria ter perguntado sobre a confeitaria.

Agora, não posso mais perguntar, depois de sair batendo a porta desse jeito. Nunca conseguirei

consertar essa situação se não me concentrar em resolver o problema.

A biblioteca pública fica pertinho de casa. Abre cedo aos domingos, o que nunca fez muito

sentido, mas não vou reclamar agora, porque pelo menos posso fugir para lá.

Pelo jeito, a Ann vai dormir por mais uma ou duas horas, e então se perguntar para onde é

que eu fui... Se eu tiver sorte, ela tentará me encontrar e será atropelada por um caminhão.

Tá, isso é maldade. Estico o braço e vou passando os dedos por uma cerca enquanto ando,

minha mente indo longe quando viro a esquina e vou em direção ao centro. As montanhas ao

redor da Cascade Mountain estão lá no fundo. Apesar de todas as árvores ficarem verdes a maior

parte do ano, há algumas com folhas marrons no meio, e o resultado é uma pincelada de laranja

queimado aqui e de vermelho brilhante ali, iluminando o topo dos morros. Ao longe, o pico

nevado do Mount Rainier se projeta no horizonte.

Enumclaw é um grande planalto a uns duzentos e cinquenta metros acima do nível do mar,

construída sobre um antigo rio de lava quando o vulcão Rainier entrou em erupção pela última

vez, há um zilhão de anos. Que reconfortante quando a gente pensa nisso tudo! Porém, não me

sinto melhor. Tenho de pensar em alguma coisa muito mais urgente.

Fico pensando qual será o desejo realizado de hoje. E se conseguirei acabar com essa loucura

toda antes do Ben tascar um beijo em mim. Ainda estou brava comigo mesma por ter brigado

com a minha mãe quando deveria ter forçado uma conversinha educada e perguntado sobre a

confeitaria. Mas não, eu tinha de ter ficado toda irritadinha.

Também penso se é possível mesmo que o Ben tente me beijar. Tipo, lógico, tem alguma

mágica rolando nisso tudo, mas ele não é um chiclete de bolinha. Ele tem uma mente própria.

Talvez ele não tente me beijar de verdade mesmo. Talvez esse pensamento só passe por sua

cabeça e ele ignorará tudo e beijará a Nicole, e vou ter sido uma boba por me preocupar tanto.

Suspiro e chuto uma pedra na calçada. Ela desliza pelo concreto e vai parar na rua.

Alguém buzina para mim, como se eu tivesse jogado uma montanha inteira na rua e não um

pedregulho, e então só ignoro o carro e seguro minha mochila com mais força. É cedo demais

num domingo para alguém buzinar desse jeito. Vai acordar metade da vizinhança.

O carro buzina de novo, e me viro para ver quem é, mas sou obrigada a parar de repente.

Ai, isso é a coisa mais bizarra que já vi em Enumclaw em..., tipo, nunca vi algo assim.

É um cara em um carro conversível amarelo e está fazendo uns onze graus aqui

fora e o

orvalho da grama nem derreteu ainda. Se você mora no Noroeste Pacífico, só consegue andar

com a capota abaixada uns doze dias por ano. Mas o cara não levanta a capota.

E o motorista é tão bizarro quanto o carro: ele parece ter quase vinte anos — o que significa

que os pais dele devem ser podres de ricos, para darem esse carro para ele — e está tão bronzado

que deve fazer bronzamento artificial todos os dias da semana. Com certeza não é natural, pelo

menos nesta cidade.

Ele está vestindo uma regata que deixa seus músculos à mostra e tem um sorriso tão largo e

brilhante que parece que está posando para uma agência de modelos, ou talvez um comercial de

clareador dental. Acho que até consigo contar os dentes dele daqui da calçada. Ele é meio bregão,

como se estivesse vendendo algum produto da Polishop na TV às duas da manhã.

Seus olhos azuis são grandes e brilhantes e estão grudados em mim, emoldurados por cílios

compridos e ligeiramente curvos, e o cabelo loiro cortado bem baixinho mais parece um

capacete. Até as sobrancelhas dele são perfeitas.

E tenho a impressão de que ele esfregou óleo pelo corpo inteiro, como aqueles caras de

concurso de halterofilismo, em que todo mundo parece ser feito de plástico porque ficam muito

brilhantes.

— Tudo bem, gatinha?

Acho que vomito um pouco dentro da minha própria boca. Olho por cima do meu ombro e

percebo que sim, ele está falando comigo.

Eca.

Aperto o passo. Talvez eu devesse ter falado para alguém para onde estava indo. Ele é meio

estranho, me encarando daquele jeito, com aquele sorriso artificial.

Ainda bem que estou quase chegando. A biblioteca fica a pouco mais de um quilômetro da

minha casa, e vou andando pelos bairros residenciais mais bonitos, do outro lado da rua Cole,

toda pitoresca com seus restaurantezinhos e lojas de antiguidades. Com esse cara na minha cola,

fico achando que talvez devesse ter pegado o carro, mas quis andar porque me daria mais tempo

para ficar longe de casa e da Ann e de tudo o que está acontecendo.

Eu o ignoro, enquanto ele muda a marcha do carro e me segue, junto da calçada.

— Gatinha, chuchu, cadê o seu carro?

— Ahn, eu não tenho carro — berro, na esperança de que ele vá embora. — Acho que você

está me confundindo com outra pessoa.

— É claro que tem, gata. É um conversível rosa. Você deixou o carro na casa de praia?

Apesar do meu estado de nervos, consigo rir.

— Tá, agora você está mesmo me confundindo com alguém. Eu não tenho uma casa de

praia.

Ando cada vez mais rápido, e esse maluco vem atrás de mim, deslizando naquele conversível

amarelo. Mesmo indo devagar, o motor ronca alto, fazendo o ar vibrar à nossa volta.

— Larga a mão de bobeira, Barb. Você não precisa andar. Entra aqui!

Eu paro e grito para ele:

— Meu nome não é Barb. Some daqui!

Ele olha para cima como quem já sabia que eu não gostaria.

— É claro. Desculpe, Barbie. Eu sei que você odeia quando chamo você de Barb.

Abro a boca para xingar o cara, mas as palavras morrem na minha garganta. Fecho a boca e

dou um passo para trás e para longe da guia. De repente, o barulho do carrão esporte me deixa

surda, latejando nos meus ouvidos. Minhas mãos tremem um pouco, quando as coloco sobre a

boca.

Tiro a mão da boca para fazer uma pergunta.

— Como você se chama?

Ele ri.

— Ah, vá, coração, você sabe o meu nome!

— Me diz como é que você se chama! — pergunto, por entre meus dentes cerrados.

— Ken.

Caraca, minha vida acabou de mudar de novo. E para pior.

Ken. O maldito Ken. Da Barbie.

E ele acha que sou a namorada dele.

PQP, quando foi que eu desejei isso?

\*\*\*

Eu faço o máximo que posso, de verdade, para o Ken me deixar em paz, mas ele continua

me seguindo paralelo à calçada, chamando-me de todos esses apelidinhos ridículos e tentando

me convencer de que sou mesmo a Barbie.

Falou.

Meu cabelo lindo e loiro deve tê-lo confundido. Ou meu short e a regata rosa de babadinho... ou o fato de estar andando por aí na ponta dos pés. Pelo menos, eu tenho peitão

mesmo. De 1 a 5, nota 1.

Mal posso lidar com o fato de ter uma Boneca Trapinho viva. O que vou fazer com o Ken?

Menos mal que ele não ache que a gente mora junto. E ele tem um carro.

— Vem, benzinho, entre aqui!

Eu paro, coloco a mão na cintura e olho para ele.

— Se eu deixar você me dar uma carona até a biblioteca, você me deixa em paz para estudar

e... vai jogar vôlei ou sei lá o quê?

Seus lábios produzem um sorriso todo-poderoso, que mostra as covinhas dele e os dentes

artificialmente brancos. Fala sério — se a gente estivesse em uma sala com luz negra, tenho

certeza de que sua boca inteira brilharia.

Resmungo e viro os olhos, mas desisto. Se eu der um jeito nele pelo restante do dia, vou ter

mais tempo para pensar num jeito de consertar tudo isso.

Ken pula para fora do carro, vai para o outro lado e abre a porta do passageiro para mim. Ele

fica plantado ali enquanto entro, e fecha a porta, quando coloco o cinto de segurança.

Então o Ken é um cavalheiro. Vai saber. Eu achei que ele seria mais do tipo atleta-grosso-e-

bobo, do tipo que nem percebe quando passa uma tarde inteira falando de si mesmo e

amassando latas de cerveja na testa.

— O que você tem feito de bom? — pergunta Ken, inclinando-se para o apoio de braço entre

nós dois e arqueando a sobancelha.

— Hum... nada!?

— Você sempre diz isso. Eu acho que você leva esse emprego de aeromoça a sério demais.

Você precisa relaxar.

Emprego de aeromoça?

Penso com força. Eu devo ter tido uma Barbie aeromoça alguma vez na vida. E ele também

não deve saber que a palavra “aeromoça” não é mais politicamente correta, e que a gente tem de

chamá-la de comissária de bordo.

Eu me viro para ver as árvores dançando ao sabor da brisa de outono, e quando um sorriso

tenta se manifestar nos cantinhos dos meus lábios, não aguento mais e sorrio.

Ou você acha que vou perder a chance de mexer com a cabeça do Ken?

— Você tem visto a minha zebra? — pergunto, olhando toda séria para ele. Uma das minhas

Barbies favoritas é a Barbie Safári, que vem com short cáqui, botas de caminhada e um monte de

bichos. Antigamente, eu me imaginava vivendo uma aventura na África. — Acho que ela fugiu.

Com o meu... filhote de leão. E o urso-panda. — Não tenho certeza se a Barbie tinha um urso-

panda, mas a zebra e o filhotinho de leão não me parecem estranhos. — Vou lhe contar; esses

três, viu!?

Fico com o dedo em riste como uma bibliotecária bem brava, ou algo assim.

Ken enrugando a testa.

— Mas isso é terrível! Você sabe para onde eles foram?

Faço que não com a cabeça. Está ficando quase impossível não cair na risada.

— Não. Num minuto eles estavam na minha casa dos sonhos, e no outro... tinham desaparecido. Eu até peguei o Jeep para ir atrás deles, mas nada. Eu e a Skipper procuramos o dia

todo...

Skipper. Será que é isso mesmo? Ou era Stacey? Hummm. Faz tanto tempo que parei de

brincar de Barbie. Só para garantir, pisco com força, faço cara de inocente e até improvise um

bico.

Ken enrugando a testa ainda mais. Ele entende tanto a minha dor que me seguro para não rir na

cara dele.

Decido ir com tudo.

— E, desde que decidi ser veterinária em vez de pediatra... Você sabe, depois que perdi a

eleição para presidente e minha carreira na Nascar chegou ao fim, acho que meu amor pelos

animais foi renovado, entende? Principalmente desde que abri aquele pet shop.

Pego a mão do Ken com toda a força.

— E a coitada da Skipper anda tão triste. Ela amava aquele tigre de verdade. Quero dizer,

aquele leão. — Pisco os olhos, batendo meus cílios com todo o charme. — E agora preciso passar

o dia estudando para... a prova final de veterinária. Então, você se importaria de ir procurá-los

para mim?

Perfeito. Vou mandar o Ken nessa busca maluca e ele se esquecerá de mim. Ai, se fosse fácil

assim me livrar da Ann.

— Com certeza, amorzinho! — responde ele assim que chegamos à biblioteca.

Antes de eu sair do carro, ele se inclina para a frente e me beija; os lábios gigantes —

perfeitamente macios e suculentos, o que, por algum motivo, parece-me bem nojento —

pressionados contra os meus.

— Valeu! — berro, apesar de ele estar a um centímetro do meu rosto, e então pulo para fora

do carro. Bato a porta do conversível amarelo e estou a meio caminho da calçada quando o vejo.

Ben está na calçada, perto das portas de vidro, aparentemente paralisado de fascinação

enquanto Ken sai da vaga do estacionamento e volta para a rua. Tudo isso para encontrar minha

zebra, meu panda e meu filhotinho de leão perdidos.

— Ben — falo, surpresa, enquanto coloco a mochila no ombro. — Ahn... tudo bem?

E o que é que ele está fazendo na biblioteca às nove da manhã de um domingo? Ele não

pode estar tentando evitar uma boneca viva que mora no quarto dele também.

— Tudo. — Ele não tira os olhos do Ken no estacionamento, o escapamento roncando

enquanto os pneus cantam no asfalto. — Quem é aquele cara?

Ben olha para mim, e estudo os seus olhos, tentando descobrir o que ele está sentindo. Será

que ele está com ciúme?

Cerro os dentes. Não posso querer que o Ben sinta ciúmes de mim.

— Ééé, é o K... — Paro. Não posso admitir que o nome dele é Ken ou vai ficar na cara que

ele tem algum tipo de complexo e acha que é um boneco. — Carson.

Carson era o sobrenome dele, não? Todos esses detalhes da vida da Barbie ainda estão

nebulosos na minha cabeça.

Vou para a porta da biblioteca, e Ben dá um passo para o lado e faz uma mesura, como se

estivesse me acompanhando, apesar de a porta ser automática.

— Valeu — digo, encarando o chão enquanto passo bem rápido para que ele não

veja que

minhas bochechas estão queimando.

Eu fico boba com esses cavalheirismos. Mesmo com a minha natureza pessimista, preciso

admitir que existe todo um charme em um gesto simples como aquele. Ben me segue ao

entrarmos na biblioteca, onde sinto o cheiro de papel e de livros. Há alguma coisa nesse lugar

que faz com que o mundo lá fora não exista mais.

— Vocês estão juntos?

Olho para cima, surpresa, tanto com a pergunta como com o tom da voz dele.

— Por quê? — pergunto, antes de conseguir segurar as palavras.

Ele me segue pelas prateleiras de romances, pela seção de livros infantis e por um monte de

prateleiras altas cheias de livros de referência até um sofá no canto do fundo da biblioteca, no

qual uma janela enorme banha a sala de luz. A gente se senta cada um em uma ponta do sofá,

uma almofada inteira entre nós.

Ele dá de ombros.

— Olhe, a gente é amigo, né? Eu só achei aquele cara meio esquisito. Você consegue coisa

muito melhor.

Enrugo a testa e tento fingir que estou muito mais interessada em fuçar na minha mochila.

— Então, ele é seu namorado?

— É meu namorado, sim — confirmo, cada vez mais irritada. — Ele é demais.

Super...

atlético. Joga vôlei demais. E é claro que tem o próprio carro e tudo, o que é demais...

Por que, pelo amor dos meus pôneis, eu fico dizendo “demais”?

Com certeza, é algo que o Ken Califórnia diria.

Quando me pego dizendo “demais”, tento dar um jeito de voltar e começar de novo, mas

não consigo parar. É como se eu precisasse convencer o Ben de que tenho um namorado para

me fazer sentir melhor nisso tudo.

— Desculpe, foi mal. Não é da minha conta — diz Ben. — Eu só fiquei surpreso. Você

nunca falou que tinha namorado.

— Ah. — Eu murcho um pouco. — E você e a Nicole, tudo bem?

Ben esfrega as mãos e respira fundo e devagar. Parece que ele... não sei. Mas tem alguma

coisa errada.

— Vocês não terminaram, né?

— O quê? Não. É claro que não.

— Ah, tá.

— É que...

Eu paro de fuçar na mochila.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Tem certeza? Porque se você quiser con...

— Não, está tudo bem — afirma ele, com convicção.

— Então tá. Bom, eu preciso fazer minha lição de Biologia, então...

Pego meu livro de Biologia e mostro para ele, um pouco animada demais.

— Ah, tá. Foi mal.

Ben pega o livro dele e o abre com tudo. Algumas folhas de papel voam de lá de dentro para

o chão. Uma delas vai parar debaixo do meu pé. Eu me abaixo para pegar — e reconheço a letra

da Nicole ao tocar a folha —, mas Ben a toma de volta antes que eu consiga ler o que estava

escrito.

— Ai! — O papel corta meu dedo quando ele o puxa da minha mão, e uma gota de sangue

bem brilhante aterrissa no joelho da minha calça jeans.

— Ai, puxa, desculpe. — Ben tira um lenço de papel da mochila e o passa para mim, e o

enrolo na ponta do dedo.

— Obrigada.

Eu seguro o meu dedo até que ele pare de latejar.

Mas, mesmo parando de sangrar, meu coração ainda dói.

21

Quando a Nicole vem falar comigo no dia seguinte na escola, tudo o que consigo fazer

é olhar para ela. Mesmo a uns cinco metros de distância, posso ver que ela está usando rímel mais

escuro que o normal, e que os cantinhos de seus olhos estão esfumados com lápis de olho. Seu

cabelo está cacheado de novo, e ela está vestindo uma minissaia jeans com cara de surrada e —

tenho de admitir — muito fofa, com uma blusa preta com gola V e uma blusinha de cetim azul

por baixo. Ela também está usando botas — um par diferente daquele da semana passada. As

botas são pretas, com tirinhas que fazem um zigue-zague na frente.

No ano passado, ela se vestia mais ou menos como eu, com um monte de moletons com

capuz e calça jeans, e quase sempre usava All Star. E não é que eu esperasse que ela viesse me

consultar antes de ir às compras para a volta às aulas, mas é meio... esquisito. Vê-la se

transformando bem na minha frente e não poder falar nada, nem chamar a atenção dela.

Estou sentada no banco do corredor, que mais parece um cubo, folheando meu livro de

Biologia. Tem prova amanhã e não consigo absorver nada do capítulo que estou lendo.

Provavelmente, tem a ver com o fato de eu estar me inclinando para a frente, para tentar

esconder meus peitos gigantescos. Não posso nem cruzar os braços — isso só os deixa maiores.

Apertar os dois juntos também não é uma boa ideia.

Passei dezesseis minutos hoje cedo com a Ann, experimentando a ideia das faixas de gaze.

Mas não funcionou. A faixa só adicionou algumas camadas a mais e acabou deixando meus peitos

ainda maiores. Eu desisti e resolvi apelar para o top de ginástica.

Então, resolvi me sentar de perna cruzada, inclinada sobre o meu livro, esperando que

ninguém perceba. Vejo a Janae passando pelo corredor e fico ainda mais corcunda. Estou

superalerta quando qualquer pessoa se aproxima, convencida de que todo mundo já percebeu

meus amigos magicamente crescidos.

— Ei — cumprimenta Nicole, jogando-se no banco ao meu lado. Ela está usando uma bolsa

nova também. É ridícula de tão grande, de couro verde-água com um monte de fivelas. Quem é

essa menina e o que ela fez com a minha melhor amiga sem estilo?

— Oi — respondo, suspirando ao fechar o livro. — Não consigo entender isso.

— Jura? Você precisa de ajuda? — A Nicole é incrivelmente inteligente, provavelmente

porque passou a maior parte da pré-adolescência trancada em casa, lendo, graças ao bando de

remédios para acne que provocava sensibilidade à luz do sol.

Arregalo os olhos e me jogo aos pés dela.

— Sì. Sì. Sì... — Paro quando percebo que estou respondendo em italiano. — Quero dizer,

sim. Sim. Sim. Sim, um milhão de vezes sim!

Nicole dá uma risadinha e me puxa de volta para o banco. Ela olha ao redor por alguns

segundos.

Será que ela está com vergonha de mim?

Ela nunca fez isso antes. Ela nunca ligou para as minhas reações exageradas, nem para as

minhas bobeadas. Fico meio mordida, mas deixo pra lá. Provavelmente, é paranoia minha.

— Beleza. Quando você vai lá em casa? — pergunta ela, fuçando na bolsa para pegar um

pacotinho de chicletes.

Ela me dá um chiclete e o enfio na boca.

— Hoje à noite? Depois da aula?

— Ah, hoje à noite?

Faço que sim com a cabeça.

— Ah. Depois da aula?

Nicole murcha um pouco, porém continua mastigando o chiclete.

— É que eu vou me encontrar com o Ben. E tipo, sete horas?

Eu dou de ombros e enfio o livro na minha mochila.

— Beleza. Tudo bem.

Nicole cruza as pernas, sacudindo o pé como se fosse doída.

Fico olhando para a ponta do pé dela, pensando no dia em que ela me largou sozinha no

meu aniversário, e que tem alguma coisa que ela não quer me contar. Por que será que ela anda

tão cheia de segredos?

— E aí... o que está rolando? — pergunto, inclinando-me para trás ao me apoiar sobre as

mãos. É tarde demais. Eu me ligo que a posição não me ajuda em nada a esconder o meu peitão.

Estou usando calças listradas hoje e uma camiseta vintage larga e desbotada. Vintage mesmo, e

não essas blusas da American Eagle feitas para parecerem velhas. Eu estava torcendo para o fator

“largura” ajudar a esconder meu peito, mas só parece funcionar quando fico corcunda.

Eu me sento, tentando reposicionar meus peitos.

— Nada de mais — fala ela, nem notando o meu dilema. Ela está prestando atenção demais

na multidão de alunos que passa por ali, aos empurrões no corredor cheio. O primeiro sinal

tocará a qualquer minuto.

Ela faz que sim com a cabeça para alguém, com um sorrisinho de leve nos lábios, mas não

consigo ver quem é porque a Janae, que é do tamanho de uma amazona, bloqueia minha visão

ao desfilar pelo corredor.

— Quem você está cump... — Sou interrompida pelo toque irritante do sinal.

Afe.

— A gente se vê hoje à noite! — Nicole pula do banco e para dentro da multidão.

É como se ela tivesse se esquecido de que temos a primeira aula juntas e que geralmente

vamos juntas também, lado a lado. E que nos veremos na hora do almoço, porque sempre

comemos juntas. E que temos aula de Fotografia juntas, à tarde. Só um “a gente se vê hoje à

noite”. Mas o que é isso?

Depois que ela desaparece no meio da multidão, abro meu fichário e coloco minha lição de

casa na parte de trás.

Olho para cima, só para garantir que ela já foi embora, e então olho para a foto que está atrás

da lição.

A foto do Ben.

Fico olhando para ela por um tempo, o barulho dos alunos ao meu redor lá longe.

Ele sempre será perfeito.

E sempre será dela.

\*\*\*

Quando chego em casa, depois da aula, estou subindo pelas paredes. Ainda não sei qual é o

pedido de hoje, então passei o tempo todo evitando o Ben. Com certeza, ele deve achar que sou

louca. Uma hora, na aula de Matemática, derrubei o meu lápis e o Ben viu, e, quando ele se

inclinou para me devolver o lápis, dei um pulo como se ele estivesse prestes a me marcar com

ferro quente.

O melhor de tudo é que a professora estava falando pelos cotovelos lá na frente, e todos

estavam tomando notas, então meu pulo no ar foi mais bizarro ainda, e meu livro decolou e voou

tão alto que pegou em alguém a umas três fileiras de distância.

Pelo menos, estou arruinando totalmente qualquer possibilidade de futuro com o Ben, o

que torna essa coisa do “estou apaixonada por você” inútil. Tudo o que quero agora é encher a

cara com o meu bolo de desejo fracassado, tomar Coca e assistir ao programa

de TV mais imbecil

que encontrar.

Ann está sentada na varanda da frente da casa, quando chego.

— Você não pode ficar aqui — digo, mesmo antes de falar “oi”. — Minha mãe não pode ver

você.

Ann faz bico e me olha de lado, irritada.

— Mas você não pode nem dizer que eu sou uma amiga sua da escola? Estou cansada de

ficar só no quartinho do jardim e no seu quarto.

Cruzo os braços, pensando no assunto.

— Talvez. Acho que sim.

— Que bom. — Ela se levanta e vem aos pulos atrás de mim. — A gente pode fazer outro

bolo? Foi tão divertido.

Eu só suspiro, pego duas Cocas e levo algumas fatias de bolo para a sala de estar.

Ann deita em um dos sofás, equilibrando o prato na barriga.

— O que aconteceu com aquele tutu que você tinha?

Franzo a testa.

— Que tutu?

— Aquele tutu rosa, com glitter. Você usou aquela saíinha no dia de tirar foto na escola.

Dou uma risadinha, que depois se transforma em uma gargalhada meio latida.

— Meu Deus, tinha me esquecido disso. Deve estar em uma caixa, em algum lugar. Minha

mãe guarda todas essas coisas.

— A gente deveria procurar — sugere Ann.

— Por quê?

— Não sei. Eu nunca pude interagir com essas coisas que você fazia. Eu só tinha de ficar

quieta e assistir ou ouvir as histórias.

— É, mas dá trabalho demais procurar.

— Então vamos pintar o seu quarto.

— Só faz um ano que fiz isso.

— É, mas a gente pode pintar de novo. Eu não participei. Acho que ia gostar de pintar.

— Então por que você não pinta uma tela?

— E por que eu pintaria uma tela?

— É isso que os artistas fazem. — Tento me concentrar na TV, mas isso não a detém.

— Que legal. Você tem uma tela?

— Ah. Humm. Não.

— Então por que deu a ideia?

— Sei lá!

— Você tem algum livro para colorir?

Dou risada.

— E por que eu teria livros para colorir? Eu tenho dezesseis anos!

— E daí? Livros para colorir são bem legais. — Ela faz bico e cruza os braços.

— Você acha?

— Claro. Eu quero experimentar.

Eu me levanto e suspiro.

— Tá. Acho que consigo encontrar uns livros velhos e giz de cera, ou talvez só canetinhas. Eu

falei para você: minha mãe guarda tudo.

Ann pula de pé, os olhos faiscando de empolgação.

— Jura? Eeee!

Eu dou um sorriso, surpresa. Será que eu já fui tão doida por colorir? Devia ser, em algum

momento. Parece algo tão bobo para se ficar animada desse jeito.

Dou uma olhada nas cômodas onde minha mãe guarda jogos de tabuleiro e um monte de

tranqueiras, e acho uns livros para colorir e uma caixa velha de giz de cera, do tipo que vem com

um apontador. Parece que tudo foi comprado na década de noventa, mas vai ter de servir.

Ann e eu nos sentamos no chão da sala de estar, e dou um livro para ela, um cheio de bichos.

O meu é da Disney, com várias princesas flutuando pelas páginas.

Folheio o livro. Nem consigo me lembrar da última vez em que vi aqueles filmes. Esqueci-

me de que Aladdin existia.

— Você quer ver A pequena sereia? — pergunto, surpresa comigo mesma.

— Quero! Eu nunca vi; você sempre bloqueava a minha visão ou me derrubava no chão.

Eu me levanto num pulo e fuço na nossa coleção de filmes velhos. Pela primeira vez, fico

feliz por minha mãe não ter jogado o videocassete fora. Coloco a fita lá dentro, parece que

demora uma vida inteira para acelerar o filme e passar pelos trailers. Não acredito que as pessoas

precisavam esperar para acelerar ou rebobinar a fita... Parece tão arcaico.

Quando o filme começa, eu me sento ao lado da Ann e à mesinha de centro e abro o livro de

novo. As páginas estão pintadas pela metade, com minha pintura meticulosa por todo canto. Eu

adorava contornar os desenhos com canetinha escura e depois preencher as figuras com tons mais

claros e pastel.

Escolho uma imagem da Bela com seu cavalo e começo pela grama, escolhendo um giz de

cera verde bonito e fazendo um sombreado nas pontas.

Ann está atacando as páginas com gosto, forçando furiosamente o giz em um filhotinho de

cachorro. É azul, mas ela não está nem aí.

— O que mais você tem?

— Como assim?

— O seu irmão ainda tem Lego?

— Humm, acho que sim. Acho que está tudo guardado numas caixas de plástico em algum

lugar. — Minha mãe faz a gente guardar todas essas coisas para “nossos próprios filhos brincarem

um dia”, o que me irrita muito. Quando eu tiver filhos, eles provavelmente vão preferir brincar

com animais de estimação holográficos.

Ann solta o giz de cera.

— Vamos brincar de Lego!

Não sei o porquê, mas parece divertido mesmo. Vou até o guarda-roupa no corredor e dou

uma olhada lá dentro, e saio triunfante, com duas caixas cheias de pecinhas de Lego. Levo tudo

para a sala de estar, tiro a mesinha de centro do lugar e viro uma das caixas sobre o carpete. Os

blocos caem em uma torrente de cores primárias.

Essa bagunça toda arranca meu irmão do quarto dele.

— É meu — declara ele. Como se a gente tivesse dez anos e acabado de roubar o tesouro

dele.

Eu dou de ombros.

— Você não está brincando com eles.

Ele fica de pé ali por um segundo, usando uma calça jeans larga e sem camisa. Os olhos dele

encontram a Ann.

— Quem é você?

Eu viro os olhos. Ele está é de olho nela.

— Ann, esse é o meu irmão, Chase. Chase, Ann.

— Quer dizer que essa louca tem uma amiga nova?

Rosno para ele. Meu irmão adora me chamar de louca. Como se ele fosse normal.

— Cale a boca — digo, sem tirar os olhos das pecinhas de Lego. Vou construir uma nave

espacial. Não tenho a menor ideia por quê.

Ele só fica ali, sem dizer nada por um tempo.

— Onde você arrumou esse bolo?

— Tem uma coisa na cozinha. Com formato de caixa. É gelado lá dentro, como uma calota

polar.

Meu irmão resmunga e vira os olhos.

— Ei, faz vinte e quatro horas que está aqui. Eu fiz esse bolo ontem.

— Posso comer um pedaço?

— Tá. Mas se você vai comer aqui, coloque uma camiseta.

Ele me surpreende ao não protestar. Ele simplesmente vai até o quarto, coloca a camiseta

que estava usando ontem e volta. Ele pega um pedaço de bolo e um refrigerante e se senta no

chão, ao nosso lado, uma fatia gigantesca do bolo do desejo frustrado no prato.

Essa situação já foi normal para a gente uma época, antes de ele ir embora para a faculdade,

mas depois disso não passei mais de dez minutos com ele na mesma sala.

— E o trabalho? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— A mesma coisa todo dia. Está me matando.

Olho para ele por entre os meus cílios.

— Você poderia fazer outra faculdade aqui perto, né?

Ele dá de ombros de novo.

— Pode ser. Mas parece um retrocesso. Eu deveria estar na WSU. [19](#)

Olho para ele, com a sobrancelha erguida.

— Mas isso não tem nada a ver. Pelo menos, é melhor do que trabalhar em loja.

Ele fica quieto, com um pedaço de bolo amarelo no garfo. Parece que está mesmo

pensando nisso.

— Pode ser. Mas mesmo assim é um saco.

— Acho que agora tem dormitório para os alunos no GRCC; [20](#) ouvi falar.

Ele olha para mim.

— Jura?

Faço que sim com a cabeça.

— Ah-hã. A irmã da Nicole mora lá e eu acho que fica bem barato.

— Ah. Acho que vou dar uma olhada.

Faço que sim com a cabeça, notando que ele fala um pouco mais alto depois de ouvir essa

ideia. Volto a fuçar nas pecinhas de Lego. Meu foguete começa a tomar forma. Não sei o que a

Ann está construindo. Parece um castelo. Ou um cachorro.

— Você já pensou em ligar para o papai? — pergunto.

A boca do meu irmão está tão cheia de bolo que tenho de esperar até ele engolir tudo.

— Não.

— Não mesmo?

— E para quê? Ele sabe onde a gente está.

— É isso que eu digo. — Olho com cara feia para a Ann.

— Então por que você está me perguntando?

— Não sei. É que... sei lá. — Eu me concentro em juntar três pecinhas de Lego.

— Ele ia me ensinar a atirar — diz Chase.

Eu olho para ele.

— Quê?

— Ele me prometeu que, quando eu fizesse treze anos, ia me dar uma espingardinha de

chumbo e me ensinar a atirar.

Treze.

Meu irmão fez treze anos um mês depois de o meu pai sair de casa.

— Putz, Chase, eu...

Chase fica de pé.

— Como eu falei, não vou ligar para ele.

Ele leva o prato vazio para a pia, toma o restante do refrigerante e joga a lata no lixo.

Acho que não sou a única que ainda está abalada por causa do meu pai.

Olho com raiva para a Ann, por ter me feito pensar nele, e então volto para o meu Lego. Fico

imaginando se consigo construir um foguete grande o bastante para me lançar para longe daqui.

19 WSU é a sigla para Washington State University (Universidade Estadual de Washington). (N.E.)

20 GRCC é a sigla para Grand Rapids Community College, uma outra faculdade de Washington. (N.E.)

22

Coloco meu prato na pia, em cima do prato do Chase. A pequena sereia ainda está

passando na TV. Ela está cantando uma música sobre garfos.

— Já volto — falo para a Ann.

Eu não tinha pensado nisso até agora, mas talvez tenha uma conta ou um cartão da

confeitaria. Se minha mãe não está por perto para eu perguntar, então pelo menos posso

investigar a resposta.

Ainda não recebi meu desejo de hoje. Estou com medo do que possa ser. O Ben poderia

aparecer a qualquer momento para me beijar. Ou talvez o presidente vá ligar para mim para pedir

que eu seja sua conselheira militar.

Isso tem de parar. A Nicole não merece ser traída e, não importa o que eu faça, beijar o Ben

será simplesmente visto como isso. Não fará diferença nenhuma que eu esteja fazendo de tudo

para impedir isso. Não fará a menor diferença que a única razão para ele me beijar seja um desejo

ridículo.

Subo a escada acarpetada de dois em dois degraus e entro no escritório da minha mãe. É

impecável: paredes brancas, carpete bege, uma escrivaninha gigante de madeira clara. Ela tem

um tapetinho de plástico embaixo da cadeira com rodinhas e bandejas e pastas para toda a

papelada, alinhadas às prateleiras de madeira. Os únicos objetos ao lado do monitor dela são um

telefone e um porta-lápis, com todos os lápis perfeitamente apontados.

A estante de livros está repleta de material de referência e fichários. Ela utiliza os fichários

para os eventos, isso eu sei. Cada lombada está etiquetada com todo cuidado: “Casamento Smith

e Greene”, “Piquenique feliz”, “Retiro em Rainier”. Se eu abri-los, vou ver seis divisórias

etiquetadas com assuntos diferentes: entretenimento, bufê, locação... Na época em que minha

mãe ainda estava começando a empresa, meu irmão e eu a ajudávamos a fazer um monte de

fichários vazios e pensávamos como seria quando ela tivesse tantos eventos que eles ficariam

totalmente cheios com a papelada.

Preparávamos uns sundaes com um monte de confeitos e granulados e minha mãe falava

sobre seus planos, enquanto organizávamos os fichários e colocávamos folhetos em envelopes. Na

verdade, foi a única atividade divertida em família desde que meu pai foi embora. Se a gente a

ajudasse, ela nos deixava manter nossos quartos bagunçados. Ela não ligava se a gente não

arrumasse a cama ou não lavasse a louça. Ela precisava se preocupar com coisas mais sérias.

Eu não ajudo mais a minha mãe.

Eu me sento na cadeira dela e fico quieta por um tempo, tentando ouvir o barulho do carro,

caso ela venha para casa incrivelmente cedo. Há meses que não entro aqui e não quero ter de

explicar o que estou fazendo no escritório dela.

Abro a primeira gaveta que vejo; está cheia de material de escritório, tudo perfeitamente

organizado, cada item em seu lugar. As próximas gavetas não revelam nada melhor também.

Pastas, folhas em branco, cadernos, um porta-cartões de visita.

Ainda estou sentada na cadeira dela, batendo meus pés contra o tapetinho de plástico,

quando a campainha toca.

Pulo da cadeira e saio do escritório, como se tivesse sido pega de supetão num assalto a uma

joalheria, e voou lá para baixo.

Talvez sejam os meninos do Hanson para me fazerem uma serenata ou o Sedex com uma

entrega especial de um estoque eterno de jujubas. Essa maldição toda seria melhor se eu

houvesse desejado umas coisas bacanas. Que tal um carro novinho e brilhante, hein?

Ann está com a mão na maçaneta, quando chego ao hall de entrada e a tiro do caminho antes

que ela atenda. A última coisa que quero é explicar para alguém por que tem uma estranha

atendendo a porta de casa.

— Cadê o meu irmão? — pergunto para a Ann.

Ela aponta para o corredor, para o quarto dele.

Eu me viro para a porta, mas não consigo ver quem é pela janela oval de vidro jateado.

Não dá para ver, então abro a porta com tudo. E é nessa que enfio a cara no peitoral do Ken.

Eu estava rezando para ele não saber onde moro. Mas o negócio é que ele é estranho mesmo.

Bom, não existem regras na terra mágica dos desejos. Se pode chover chicletes de bolinha e eu

consigo falar italiano, parece que tudo é possível.

Ele está usando a regata preta de sempre, aquela que mal consegue conter seus braços

musculosos e a barriga tanquinho. Ele combinou a regata com uma bermuda azul-royal, dessas

com três listras na lateral, e um par de tênis branco. Ou seja, parece que ele acabou de sair de

uma quadra da NBA, com a exceção de não estar suado.

O movimento do ar quando a porta se abre empurra o cheiro dele até mim, e ele é cheiroso,

algo meio pinho com couro, natural ao ar livre. Alguma coisa bem fora de moda, mas masculina.

E eu que achava que ele teria cheiro de plástico.

Olho para cima e vejo os dentes brancos de cegar qualquer um enquanto seus lábios

produzem um sorriso.

— Olá, doçura — diz ele, abaixando-se para me beijar. Eu vou para trás e ele meio que baba

no meu queixo.

Demais.

— Ahn, oi.

Meus olhos procuram a Ann. Ela está brilhando de tanta felicidade, como se esse meu novo

namorado fosse a melhor notícia que ela já teve desde que ficou viva. Na

verdade, ela nunca

pareceu tão viva. Seus olhos faiscam de animação, e ela praticamente começa a tremer ao ver o

braço do Ken se enroscar na minha cintura.

Olho para o corredor. Se meu irmão sair do quarto e vir o Ken, vou ouvir essa história até o

fim dos meus dias.

Eu me viro para os bonecos à minha frente.

— Ahn, Ken, essa é a Ann. Minha... amiga.

Ann sorri ainda mais e brilha com a força de mil quilowatts quando a chamo de amiga.

Alguma coisa se enrosca dentro de mim. Culpa? Eu a ignoro.

— E... e aí? — pergunto, descolando-me do abraço dele. É uma manobra difícil de fazer

fingindo que está tudo bem, pois o Ken é um bloco sólido de músculos, e o braço dele não se

mexe tão facilmente quanto eu esperava. Acabo meio que lutando para me soltar e quase tropeço

nos pés da Ann.

“Pelamordedeus”, tomara que a visita dele seja rápida.

— Procurei por toda parte, fofucha, mas não consegui encontrá-los.

— Encontrar quem?

— O leão, o panda e a zebra.

Ele me dá outro olhar tipo “dããã”.

Ah, tá.

— Mas isso é terrível.

Olho para a Ann e ela mexe a cabeça para cima e para baixo, cheia de vontade, concordando

comigo apesar de não fazer a menor ideia do que estamos falando.

— Acho que alguém encontrou os animais e os levou para casa — diz ele para mim, fazendo

uma carinha cheia de misericórdia. — Mas tenho certeza de que eles estão em boas mãos.

Falou, afinal, quem não adoraria cuidar de um panda, uma zebra e um filhotinho de leão?

— Bom, mas essa é uma decepção e tanto, você não acha? — Hummm. Será que a Barbie

fala assim? Acho que deveria falar de um jeitão mais formal e sério quando finjo ser a Barbie.

Porque, como você sabe, ela já foi presidente, pediatra e, provavelmente, rainha do baile. Essa

menina sabe tudo!

Ken faz que sim com a cabeça. Eu me encaminho para a porta.

— Bem, obrigada por me avisar — agradeço, abrindo a porta com tudo.

Ken não se mexe, simplesmente fica plantado ali como a escultura perfeita de um homem,

encarando-me. Ele está de costas para a Ann, e a pego olhando para ele, estudando as costas e a

bunda dele.

— Ann! — falo baixinho. Ela arregala os olhos e suas bochechas ficam vermelhas.

CARACA! Ela está apaixonadinha pelo Ken. Ai, se existisse um jeito de juntar os dois e

mandá-los para longe, a bordo do meu fiel Querido Pônei, trotando em direção

ao pôr do sol...

— Eu pensei que a gente fosse sair hoje à noite — diz ele, olhando de relance para a porta

aberta. Ken sabe que estou dando um pé na bunda dele.

— Ah, tá, é que... você sabe... — Não, está na cara que ele não sabe, porque eu também não

sei. Eu me esforço para arranjar uma desculpa. — É que eu achei que você fosse... consertar o

telhado da casa de praia — explico.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Eu fui para lá no fim de semana passado. Não tem nada de errado com o telhado.

Engulo em seco. O Ken é mais ligado nas coisas que a Ann, mais... humano. Ann tem vários

parafusos faltando, mas o Ken é mais difícil de enrolar.

— Ah, sabe como é, é que ando superocupada com aquela prova final de enfermagem.

— Mas eu achei que você tinha decidido ser veterinária.

— Ah! Mas foi isso que eu quis dizer. Sabe, às vezes fica difícil me lembrar de tudo. Tantas

carreiras, tão pouco tempo. — Meio que aponto a porta e tento usar minha linguagem corporal

para fazer com que ele vá embora.

— Eu vou! — Ann salta para a frente. — Eu preciso sair dessa casa! — Ela abre os braços

como quem mostra a casa, e os nós dos dedos dela batem na porta. — Ai! — Ela sacode a mão e

meio que pula, enquanto uiva um pouquinho de dor.

— Mas você não vem também? — pergunta o Ken para mim. — Faz tempo que não vejo

você. Eu estava pensando em ir comprar umas regatas novas...

Ann faz carinho de cachorro que caiu da mudança.

— Por favor? Eu quero sair.

E eu quero bater na minha própria testa. O Ken e a Ann só ficam me olhando, esperando que

eu ceda.

Bem nessa hora, ouço meu irmão abrindo a porta do quarto. Empurro os dois porta a fora.

Ann meio que quica ao bater no Ken.

— Tá, tudo bem! A gente pode ir ao shopping. Mas só por uma hora. Depois disso a Ann tem

de me ajudar a estudar.

— Eeeee! — comemora Ann, dando pulinhos de alegria.

Ken só me lança um sorriso brilhante e coloca um braço sobre os meus ombros.

— Ótimo.

Não consigo controlar o terror que me invade.

— Estou indo para o shopping, daqui a pouco eu volto — grito para o meu irmão, que já está

no meio do corredor, vindo em minha direção.

Bato a porta com tudo e desço os degraus atrás de Ken e Ann.

Isso não vai dar certo. Tenho certeza.

23

Quando chegamos ao shopping South Hill, meu cabelo está um ninho de

mafagafos

e meu estômago já deu uns noventa e nove nós bem doloridos. Ken veio de Jeep hoje — que

provavelmente combina com o meu Jeep imaginário — e ele baixou a capota. Ken deveria

mesmo voltar para a Califórnia, onde faz sentido ter um carro assim. É quase outubro, estamos

no meio do outono e não está nem um pouco calor para esse tipo de carro, e eu acho que há

algumas folhas alaranjadas no assoalho, vindas das árvores pelas quais passamos.

A única coisa que me faz sentir melhor é que o cabelo do Ken não está mais aquele capacete

de antes, está bagunçado como o de gente de verdade. Se ele usasse uma camiseta comum e

parasse de sorrir tanto, poderia até parecer normal.

A coitada da Ann está muito pior. O cabelo dela está totalmente maluco. Talvez eu devesse

arrumar uns produtos para cabelo para ela, sei lá.

Tiro um elástico do meu pulso, enquanto andamos em direção à praça de alimentação,

tentando alisar os fios soltos ao passo que amarro meu cabelo em um rabo de cavalo. Com

minhas mãos ocupadas, Ken aproveita a oportunidade para me pegar pela cintura e me apertar

contra seu corpo duro como pedra. Fala sério, parece que estou espremida contra uma parede.

Forço um sorrisinho e então me desvencilho dele.

— Aonde vocês querem ir? — pergunto para os dois. Ao ver que Ann não

responde, viro-me

para a esquerda, e para a direita, e então por cima do meu ombro. Mas cadê...

Eu paro e dou uma voltinha. O shopping não está muito cheio, é noite de segunda-feira. Mas

não a vejo.

Volto alguns metros, e então finalmente a encontro. Ela está em frente a uma loja de roupas,

com o nariz amassado na vitrine.

— Que lindo! — exclama ela ao me ver. Ann aponta para o vidro. — Adorei!

Ela está apontando para uma blusa rosa-claro com um decotão. Alguém colocou um cinto

branco ao redor da cintura e combinou a blusa com calça jeans e sapatos de salto.

Em outras palavras, é o tipo de roupa que uma líder de torcida usaria.

— O rosa não combina com a cor do seu cabelo — opino.

— Mas eles também têm essa blusa em azul! — Ela avista o manequim ao lado e bate no

vidro.

Eu suspiro e estudo a cena. Essa é uma das lojas menos caras do shopping. A blusinha deve

custar uns dez dólares.

— Se eu lhe comprar essa blusa, você vai ter de vigiar o pônei amanhã o dia inteiro. E sem

reclamar.

Ela faz que sim com a cabeça e depois bate palmas.

— Combinado!

Não consigo resistir. Sorrio de leve, enquanto ela invade a loja.

Quero dizer... até ela arrancar a blusa do manequim.

\*\*\*

Meia hora depois, estou afogando as mágoas em um bolo de canela, tomando uma Coca

Zero que não acaba nunca. Peguei uma mesinha bem discreta, num canto da praça de

alimentação superbem iluminada. Posso ouvir os gritinhos e as risadas dos compradores ao meu

redor, e meu lugar é perfeito para observar as pessoas. Tem um monte de guardanapos grudentos

perto de mim, e meu bolinho já está pela metade.

Ken disse que precisava de mais suplemento alimentar. Eca. Então, a Ann foi com ele

comprar um barril daquilo. Eu achava que ele não conseguiria pagar por nada, mas acontece que

o Ken já vem equipado com seus próprios cartões de crédito. Vai entender.

Estou estudando minha lista de desejos de aniversário, procurando ser mais criativa para me

lembrar das coisas que já desejei. Agora, ela está preenchida até a metade, graças aos pedidos que

já recebi. Mas não estou nem um pouco perto de completar os espaços em branco que já tinha

alguns dias atrás.

— Kayla?

Ouçõ a única voz capaz de fazer o meu coração pular do meu peito.

Ben.

— A gente tem de parar de se encontrar assim — diz ele, sorrindo para mim.

— Oi — cumprimento, sorrindo de volta para ele, apesar de o meu sorriso ser mais tenso que

feliz. Olho ao nosso redor. Nem sinal do Ken e da Ann.

— Posso me sentar?

Ben está segurando uma bandeja vermelha com um prato de comida chinesa bem no

meio. Ele está vestindo uma calça jeans desbotada e uma camiseta preta larga e surrada da

Kawasaki. A roupa deixa seu corpo mais magro, mas ainda musculoso.

Ele está olhando para mim e então me ligo que nem respondi.

— Ah, claro, pode se sentar. — Pego a lista de desejos e a enfio no bolso.

Talvez eu devesse enfiar meu bolo de canela na boca o mais rápido possível e sair dali antes

da minha trupe de bonecos malucos aparecer. Eu não planejava deixar os dois sozinhos por ali,

mas aguentar a Ann e me soltar dos braços do Ken era difícil demais. Eu precisava de um

descanso. E de açúcar.

— Você veio sozinha?

Eu dou de ombros.

— Na verdade, não. — Ele olha para mim, esperando que eu conte mais, mas não falo nada.

— E você?

Ele faz que sim com a cabeça, enquanto acaba de mastigar a primeira garfada do seu jantar.

— Vim sozinho. A Nicole falou que eu não tenho roupa chique o bastante para ver

a

Filarmônica.

O quê?

— A Filarmônica?

Ele faz que sim com a cabeça.

— É, a gente vai com outros casais, daqui a umas duas semanas. Acho que ela tem certeza de

que vou parecer um jeca. Então estou tentando achar uma roupa para usar que não, hum, me

machuque fisicamente. Você acha que dá para usar jeans em um concerto? Tipo, se eu comprar

um novo?

Eu fico olhando para o nada e preciso piscar várias vezes antes para colocá-lo em foco de

novo.

— Ah. Humm, não. A Nicole possivelmente vai querer usar um vestido chique.

O rosto dele se apaga.

— Eu sabia. Eu comprei a camisa que ela queria, mas estava tentando fugir da calça social.

Fico sem graça e engulo o meu bolo. Faço que sim com a cabeça. Não consigo imaginar o

Ben todo arrumadinho. Ele é um cara mais rústico, daquele que gosta de fazer as coisas ao ar

livre. Seria mais fácil imaginar aqueles caras do No limite — que bebem o próprio xixi para

sobreviver — usando um smoking do que o Ben usar calça social.

— Mas você está sendo tão legal. De se arrumar todo para ela.

Ele coloca uma garfada enorme na boca e mastiga por um bom tempo.

— Você acha?

Faço que sim com a cabeça, mas não falo mais nada. Eu me sinto tão por fora, imaginando os

dois indo para Seattle ver uma coisa tão especial enquanto fico no meu quarto, sozinha.

Eles vão ver uma orquestra luxuosa com um monte de gente.

E não fui convidada.

Porque eu não sou um casal.

Eu nem sabia que eles eram amigos de outros casais.

Franzo a testa.

— Espere aí, com quem vocês...

— Docinho! — berra Ken enquanto atravessa a praça de alimentação e vem até a gente. —

Desculpe demorar tanto.

Ele se inclina e me beija na têmpora, e então na bochecha. Minha pele fica toda enrugada

onde ele deixou seu rastro de baba. Mas eu nem limpo nada. Só sorrio.

O meu sorriso deve ser bem falso. Deve ser muito além de falso, porque por dentro estou

entrando em pânico ao ver o Ken pegar uma cadeira e se sentar de um lado, e a Ann do outro.

Acabamos de atingir o nível amarelo de terror.

Ben olha para mim. É claro que ele espera que eu os apresente.

— Ahn, Ben, esse é o... Carson — falo, meio que apontando em direção ao Ken —, e a

minha amiga Ann.

Espero que o Ken não me corrija, dizendo para o Ben que seu nome é Ken.

Que ótimo. Os nomes deles rimam. Nossa, que demais. Putz, por que é que toda vez que o

Ken está por perto só consigo pensar que isso é demais, que tudo é demais?

Ann sorri e faz cara de cachorro que caiu da mudança. Ela estende a mão com tudo para

cumprimentar o Ben e, de alguma maneira, consegue derrubar o garfo dele, que lança um

pedaço de frango xadrez pelo ar. Ben se abaixa bem a tempo, e o frango aterrissa atrás dele, no

piso de azulejos brancos. Eu meio que espero um efeito sonoro tipo “splat!”, quando o frango

chega ao chão, mas quase não faz barulho.

Mas ele nem se importa, só estende a mão e cumprimenta a Ann. Ela chacoalha a mão dele

com um pouco de animação demais, e o braço inteiro do Ben acaba fazendo a dança da ondinha.

Ken aperta a mão dele também, porém de uma maneira mais reservada e controlada. Ele não

corrige Ben, que diz “Prazer em conhecê-lo, Carson”.

Talvez os amiguinhos que jogam vôlei com ele também o chamem pelo sobrenome.

Então Ken se vira para mim.

— Nossa, estava rolando uma promoção incrível na loja de suplementos. Dois potes de

Musculon pelo preço de um — declara ele, segurando a maior sacola que já vi na vida.

Olho para o Ben. Seus olhos brilham pela risada reprimida, e observo enquanto ele relanceia

para os supermúsculos do Ken.

— A gente tem de manter essas crianças bem alimentadas — comenta Ken, colocando as

sacolas no chão. E então, meu Deus, ele flexiona o bíceps algumas vezes e DÁ UM BEIJO no

próprio braço.

Nível de terror: laranja.

— O que é isso? — pergunta Ann, aproximando-se de mim.

— Hum, bolo de canela?

— Também quero! — E ela pega o meu prato da bandeja e o coloca com tudo à sua frente.

Ela estende o braço e tira o garfo da minha mão e espeta o restante do bolo, enfiando tudo na

boca de uma vez.

Enquanto ela mastiga, suas bochechas ficam inchadas como a de um hamster com a boca

cheia de sementes de girassol.

Ken se inclina para trás e parece meio de saco cheio, cruzando os braços sobre o peito para

que seu peitoral e bíceps fiquem ainda maiores. Ele vê que seus músculos estão aparecendo e

olha para baixo. E então fica melhor ainda. Ele descruza os braços, olha para os peitorais e faz os

músculos dançarem. Primeiro um, e depois o outro, sobe e desce, e Ken fica com a maior cara de

felicidade.

Eu, por outro lado, fico horrorizada.

Nível de terror: vermelho. Deu tudo errado, abortar missão.

Ben fica me encarando, quase sorrindo, enquanto dá outra garfada em sua comida chinesa.

Seus olhos se voltam de novo para Ann, com a boca cheia de bolo de canela, e então para Ken,

que ainda está admirando o próprio peito.

Eu quero chutá-lo por baixo da mesa. A gente se olha nos olhos por um tempão.

E então acontece.

No começo, é uma risada meio contida. Ele tenta esconder com o punho, transformá-la em

tosse. Mas não dá certo. A risada se forma em seu peito e então se liberta, e ele cai na gargalhada.

Vejo a cara de interrogação da Ann e a cara de tédio do Ken, mas também não resisto... A

risada sai de mim até eu ser consumida por ela, até me dobrar ao meio de tanto rir, numa

gargalhada histérica.

Ben olha para mim, observando-me enquanto rio, como se não entendesse por que eu estou

rindo também.

Contudo, ele não sabe nem da metade do que aconteceu esta semana. É como se tudo

tivesse tomado conta de mim em uma onda gigante, e alguma coisa se soltou e agora só consigo

rir da minha própria situação.

Demoramos alguns minutos para voltar ao normal. Quando conseguimos, estou

quase

chorando, e minha barriga dói. Ben dá um grande gole no refrigerante, para se acalmar.

Ken e Ann estão simplesmente olhando para nós, um pouco confusos.

— Então, Carson — pergunta Ben —, você sabe onde tem uma academia legal?

Tento chutar Ben, mas meu pé só encontra a base da mesa. Ele ouve o barulho do meu

sapato no metal e abre um sorriso maior ainda.

Ben não é desses caras que frequentam academia. Os músculos que ele tem vêm de trabalhar

no negócio de paisagismo do pai, e de andar de moto, mais nada. Ele é bem definido, mas não

tem aquele inchaço artificial nos músculos, como o Ken.

— Brother, se precisar de uma indicação, é só falar.

— Ah, é, isso seria demais, brother — responde Ben, com um sotaque meio de surfista. Então,

ele flexiona o bíceps e olha para os próprios braços.

Eu quero ficar brava com o Ben, ou pelo menos irritada, mas só consigo pensar em todas as

coisas idiotas que falei para o Ken fingindo ser a Barbie, e está na cara que temos o mesmo senso

de humor.

Isso não quer dizer que quero ficar sentada aqui e ver se isso dá em alguma coisa.

— Humm, acho que a gente já vai — proponho. — Né... chuchu?

Eu mal consigo pronunciar a última palavra. Não sei se deveria chamar o Ken de meu

namorado. Talvez eu devesse fingir que estou terminando com ele. Quem sabe ele fica longe.

Por que eu não pensei nisso antes? Se eu terminar com ele, o problema está resolvido.

Ele olha para cima.

— Claro, meu docinho de coco.

Ben está prestes a cair na risada mais uma vez.

— Vem, Ann — chamo-a, puxando a minha boneca da cadeira. Ela está cheia de pozinho do

bolo de canela no queixo e ainda só conseguiu engolir metade do que tinha enfiado na boca.

— Legal ver você, Ben.

— Também achei. A gente se vê na aula de Matemática.

Ele não tira os olhos de mim. Eles ficam brilhantes, faiscantes de empolgação.

— Beleza — respondo, afastando-me da mesa. Enfio as mãos nos bolsos da calça.

— Legal ver você — repito, e então quero me matar.

Deveria ter saído de lá mais rápido.

Ah, vou trancar o Ken com o pônei, no quartinho do jardim!

Estamos na metade do caminho para a saída da praça de alimentação quando finalmente me

ligo que a Nicole dissera que não podia estudar logo depois da escola porque estaria com o Ben.

Mas o Ben estava no shopping.

E a Nicole... cadê?

Andamos de volta para o portão por onde entramos, perto da Sears. O shopping estava sendo

reformado, pondo piso e luzes novos, e uma fachada bonita de pedra com arcos.  
E agora parece

que eles colocaram outra fonte ali também.

Hum. Talvez eu devesse tentar fazer um desejo na fonte. A essa altura do campeonato, não

piorará nada.

Eu paro e procuro uma moeda nos meus bolsos, de olho nas moedinhas prateadas e

acobreadas brilhando sob a superfície da água. Tiro um punhado de trocados do bolso e decido

usar tudo de uma só vez. Eu me inclino na borda da fonte e fecho os olhos.

“Eu desejo que todos os meus desejos...”

Meu estômago vai parar no pé quando sinto o corpo de Ann contra o meu, como se ela

tivesse tropeçado em mim, e meus olhos se arregalam bem a tempo de ver a água cobrindo o

meu rosto.

Eu caio lá dentro, a água gelada me envolvendo, eu meio que boio, até sentir um braço forte

me pegando pelo ombro para me tirar dali. Eu tusso, tentando respirar de novo, meu cabelo

grudado no meu rosto enquanto a água escorre em riachos pela minha pele.

Ken está inclinado sobre a borda, a mão segurando meu braço, os olhos arregalados de susto.

— Você está bem, lindinha?

Eu resmungo e cuspo a água que tinha sobrado na minha boca. Quando faço que sim com a

cabeça, minhas pernas começam a formigar, aos pouquinhos, a princípio, e

depois a sensação se

espalha pelo meu corpo. É como se as duas pernas estivessem dormindo ao mesmo tempo. Tento

mexer os dedos dos pés, para me livrar dessa sensação, mas tudo parece muito estranho. É como

se os meus dedos dos pés estivessem grudados com supercola.

Eu me sento à borda da fonte e tiro meu All Star, para jogar a água fora, mas meu coração

quase para de bater quando calço o tênis de novo.

— Oh. Mio. Dio.[21](#)

Saio da fonte o mais rápido que posso, mas é difícil, e minhas pernas não ajudam.

Porque não sei bem ao certo se ainda são pernas.

Minha pele está azulada, quase furta-cor. E um pouco escamosa.

Parece escama de peixe.

Ecaaa, o que será que tinha nessa água?

O formigamento se transforma naquela sensação de agulhadas, como quando seu pé fica

dormente. Olho ao meu redor. Há mais alguém vendo isso?

Meus dedos dos pés tentam se juntar, como se existisse uma membrana entre eles.

Porque, em vez de pés, agora eu tenho nadadeiras. O mais rápido que posso, torço minhas

meias e tento sacudir as pernas, para me livrar da água que ainda escorre pelas minhas costas e

meus membros. O formigamento piora, e não sei se isso é uma coisa boa ou ruim.

Pisco várias vezes e vejo meus dedos dos pés virarem dedos de novo, e minha pele fica menos

borrachuda.

E é então que me dou conta do que está acontecendo.

Acho que estou virando sereia.

Isso está indo longe demais. Longe. Demais.

— Ahn, eu machuquei meu tornozelo. Você pode me carregar até o carro? —  
peço. Não

posso mais ficar aqui. Vai que viro um peixe de vez.

— Claro, amoreco! — Ken me pega, como se eu fosse mais leve que o ar, e vamos para o

carro. Quero que ele ande mais depressa, para me tirar daqui enquanto ainda estou normal.

Ou mais ou menos normal.

Chegamos ao Jeep e agora estou muito agradecida pelo fato de a capota estar abaixada; assim,

o vento seca a minha calça. Dou uma olhadinha rápida, minha pele ainda parece meio azulada,

mas está voltando ao normal.

Demais. Pelo jeito, não posso mais me molhar, pelo menos enquanto essa loucura dos

desejos não passar.

Porque, aparentemente, uma vez na vida, eu já quis ser sereia.

E agora eu sou.

21 Ah, meu Deus. (N.E.)

Na terça-feira, passo vinte minutos catando grama para aquele pônei idiota.  
Acho

que, se eu não começar logo a dar mais comida para ele, o bicho derrubará a porta do quartinho

do jardim. Arranco o máximo de grama que posso e então deixo a pilha no quartinho. As

cenouras borrachentas acabaram.

Ann me ajuda, mas continua se distraíndo à toa, falando sem parar sobre um episódio do Big

Brother.

Quando finalmente chego à minha carteira, na aula de Biologia, vejo que minha calça jeans

está manchada de verde nos joelhos e o sinal está tocando, então nem tenho tempo de perguntar

à Nicole por que é que ela estava tentando se livrar de mim. Não tomei banho hoje cedo porque

ainda não sei o que vou fazer com a questão da água, e de eu me transformar em Ariel. Pelo

menos, eu lavei o rosto e passei metade de um tubo de desodorante. Mas meu cabelo está

horrendo.

Para piorar tudo, a gente tem um teste surpresa. Como se fosse possível um teste de

cinquenta perguntas — mas, pelo jeito, é. Eu demoro a aula inteira para terminar e tenho certeza

de que me ferrei de verdade.

Nicole não parece ter problema algum; ela sai da classe assim que o sinal toca, a prova sobre a

mesa do Sr. Gordon com as dos outros alunos. Deixei pelo menos dez questões em branco e não

quero entregar a prova agora.

Quando chega a hora do almoço, já estou num humorzinho daqueles. Tive de passar a aula

inteira de Trigonometria me afastando do Ben, e agora com certeza ele acha que o odeio. Creio

que eu deveria estar aliviada. Talvez ele fique longe. Mas isso só me deixa com o coração na mão.

Esvazio meus bolsos, cheios de chicletes de bolinha, em uma lata de lixo e então vou até o

refeitório. Depois de passar por umas colegas de classe, não posso deixar de notar que uma cutuca

a outra e aponta com a cabeça em minha direção.

Consgo ver que a outra diz baixinho “Ai, meu Deus” e, então, o que é pior ainda, segura no

tecido da camiseta e o estica no peito, tentando mostrar como meus peitões estão gigantes.

Ando mais rapidamente para o refeitório, segurando meu fichário perto do peito, em uma

tentativa inútil de esconder o fato de que agora está da metade do tamanho do Shrek.

Agora só quero afogar as mágoas com um burrito gigante e umas três latas de Mountain Dew.

Minha mão está na porta do refeitório, e estou prestes a abri-la quando vejo Nicole pelo vidro.

Ela está na mesa delas.

A mesa das líderes de torcida! Ela já está comendo sua salada e fazendo que sim com a cabeça

para alguma coisa que a Breanna Mills diz.

Eu só fico ali, olhando para ela, enquanto os outros alunos me atropelam para passar pela

porta. Eles passam por mim, alegremente alheios ao frio na minha barriga.

Dou alguns passos para trás e me sento em um banco lá fora.

Eu nem sei mais quem ela é. Ela está se vestindo de um jeito diferente, está mais extrovertida, rindo e vivendo o melhor momento de sua vida.

Sem mim.

Uma época, ela esperava do lado de fora do refeitório, pois era tímida demais para entrar e ter

de fazer toda essa manobra social sozinha. Ela ficava sentada aqui neste banco até eu chegar e a

gente entrava juntas.

Bom, estou meio que feliz por ela. Eu sempre achei que todo mundo fosse gostar dela se ela

desse uma chance, conversasse com eles, saísse da toca. Mas ela tinha medo demais para fazer

isso, escondendo-se por trás do cabelo, rezando para ninguém olhar para ela muito de perto, pois

sabia que sua pele não era perfeita.

Mas agora é tipo... uma virada de cento e oitenta graus. Ela é a Garota Popular.

Pelo jeito, ela nem sentiu minha falta. Não tem nenhum lugar vazio ao lado dela. O que ela

faria se eu fosse até lá? Será que viria para a nossa mesa e almoçaria comigo, ou só fingiria que

não é com ela?

Será que eu vou acabar comendo sozinha, olhando para ela do outro lado do

refeitório? Será

que ela faria isso comigo?

Meu estômago se embrulha e parece que tem um buraco lá dentro.

E eu pensando que minha única preocupação era perder minha amiga para o Ben.

Mas acho que a competição é muito mais acirrada.

Isso é ridículo. Por que eu não consigo fazer isso? Fazer outros amigos? Parar de ficar

dependendo da Nicole?

Porém, eu não sou como a Nicole. Pelo menos não como essa nova versão da Nicole.

As pessoas não me entendem, não captam meu senso de humor esquisito. Elas não querem

ser vistas comigo, porque ficariam envergonhadas por causa das minhas roupas e do meu jeito.

A Nicole era diferente.

Pelo visto, “era” é a palavra certa mesmo.

\*\*\*

Na aula de Fotografia, o meu autorretrato não mudou. Já usei dois rolos de filme para

fotografar meus All Star, principalmente os amarelos em que eu desenhei, mas é só uma foto

chata atrás da outra. Artístico? Com certeza, não. É só um par de tênis sobre um carpete, e não

arte.

Eu me viro para a Nicole, que mal falou comigo desde que entramos no quarto escuro.

Pensei que talvez ela fosse falar algo sobre o almoço. Alguma coisa só para explicar que ela tinha

percebido que eu estava na aula de Biologia e na de Fotografia, mas não sentada ao lado dela no

refeitório.

Mas, até agora, nada. Olho de relance para ela. Seu rosto está sério, enquanto ela trabalha em

suas fotos. Ela está usando uma calça jeans de marca cara e uma bata de florzinhas.

— Por que você não está fazendo o trabalho? — pergunto.

Nicole olha para mim. Ela está trabalhando em umas fotos de placas de rua. Até parece que

uma placa de “mão dupla” é o seu autorretrato.

— Eu já entreguei. Pensei em fazer umas fotos legais para o meu quarto.

— Você já entregou? — O prazo é sexta-feira. Eu ainda não tenho a menor ideia do que vou

fazer. — Você tirou foto de quê?

Nicole dá de ombros e meio que fala com as mãos. Sua pulseira faz barulho no pulso.

— Ah, sei lá, de umas coisas nada a ver lá em casa.

Ela não está olhando para mim, mas simplesmente checando as fotos com a lupa, tentando

encontrar um foco legal. Ela começa a bater o pé no chão.

Estou começando a odiar o pé dela. Fica difícil de ver neste quarto escuro, mas parece que

ela pintou as unhas dos pés com um esmalte cor-de-rosa cintilante. Ela está usando sapatos de

salto também. Nada extremo demais, mas, mesmo assim, é um peep toe de salto

alto.

Seu cabelo foi enrolado com baby liss de novo, e penteado para trás, meio bagunçado. Porém,

bagunçado de um jeito arrumado e estiloso, e não tipo “não tô nem aí para o meu cabelo”. E ela

está usando acessórios. Pulseiras coloridas e um colar de pérolas de plástico cor-de-rosa.

Todo mundo está mudando. Tudo está mudando, saindo de controle. Quero ter nove anos

de novo. Quero fazer um desejo e pedir a Boneca Trapinho, os chicletes de bolinha e essas coisas

ridículas, mas que servem para provar que não tenho nenhuma grande preocupação na vida.

Não quero ter de pensar se deveria fazer uma ligação transatlântica para falar com o meu pai.

E não quero que minha melhor amiga continue me ignorando.

Como é que estou ganhando tudo aquilo que desejei e ainda assim me sinto tão confusa e

vazia?

— Por que você anda tão estranha esses dias? — indago, sem conseguir me controlar.

Ela olha para mim. Não é um olhar de surpresa, mas de preocupação.

— Como assim?

— Sei lá. É como se de repente você estivesse fazendo de tudo para se entrosar aqui na

escola. Eu nem conheço mais você. Está mudando. — Minha voz sai meio fraca no começo, mas

depois ganha força à medida que ponho para fora tudo o que estava me

preocupando desde o  
começo das aulas.

Ela cruza os braços.

— O que faz pensar que fui eu quem mudou?

Dou uma risadinha.

— Claro que mudou.

Ela faz que não com a cabeça.

— Será que é errado querer me vestir melhor? Querer ser bonita, pela primeira vez na minha

vida?

Arregalo os olhos para ela, enquanto Nicole volta para sua lupa, como se a conversa tivesse

terminado. Estou com a boca entreaberta, porém não consigo formar as palavras. Pelo menos,

não as palavras certas.

— Você nem ligava para isso no ano passado — respondo, em voz mais baixa.

Nicole larga a lupa.

— Você está brincando? Claro que ligava. Mas não dá para ser popular quando sua cara

inteira é uma espinha enorme, você não acha?

Fico surpresa ao ver como ela está brava.

— Nicole, se você quisesse ser popular no ano passado, teria conseguido...

— Isso é mentira, e você sabe disso.

Sua voz é tão brusca que acabo dando uns passos para trás e me apoio na mesa, no meio da

sala, coberta de bandejas rasas e produtos químicos para revelar as fotos.

— E daí? Agora que você ficou bonita eu não valho mais nada?

Nicole vira os olhos.

— Ah, por favor, não é isso o que eu estou dizendo.

— Tem certeza?

Meu coração martela mais rápido no peito. A gente nunca tinha brigado antes. Não assim.

— Tenho. Mas é difícil fazer com que eles gostem de mim quando você está por perto e...

— Ah, já entendi. — Meu estômago dá um nó. — Você tem vergonha de mim, né? Então

você é minha amiga em casa, mas não na escola? — Eu me inclino, estreito os olhos e abaixo a

voz. — Você quer que eu seja sua amiga secreta?

Eu me afasto da mesa, pego minhas coisas e começo a enfiar tudo na mochila. Mas o zíper se

abre enquanto tento colocar meu fichário lá dentro e acabo derrubando tudo. O fichário desliza

pelo chão e um monte de papéis sai voando, com pelo menos uma dúzia de chicletes de bolinha

rolando pelo piso.

Nicole suspira e então olha para o chão.

— Kayla, pare de dar vexame. Você não está entendendo...

Sua voz para de repente, quando ela vê o que caiu aos seus pés.

E o meu coração para ao mesmo tempo.

É a foto do Ben.

A foto que eu carreguei do namorado dela acabou de cair da minha mochila e aterrissou aos

pés dela.

Ai, meu Deus, isso não é bom.

Ela se abaixa para pegar a fotografia.

— Por que você...

Não, não, não, não. Alguma coisa tem de acontecer no próximo meio segundo.

Um

terremoto. Um alarme falso de incêndio. Qualquer coisa.

Ela não pode saber, ela não pode ver isso, ela não pode...

Mas é tarde demais. Eu sinto nossa amizade de anos e anos se rasgando ao meio, acabando de

vez, enquanto ela se agacha.

Ela quase toca a foto e fica olhando. Ela pisca algumas vezes, olha para mim e só continua

piscando mais rápido, como se não quisesse enxergar a verdade.

— Não é o que parece — digo.

Não sei por que disse isso. Porque é exatamente o que parece. Minhas bochechas começam a

queimar. Tenho uma sensação terrível no estômago. O terror, a vergonha, a histeria, tudo se

acumula dentro de mim.

Já era. Acabou. Agora ela me odiará.

Eu sei o que ela está pensando enquanto fica ali parada, piscando sem parar, como se tivesse

uma meleca grudada no olho. Eu sei o que ela está imaginando, lembrando. Ela está pensando

em todas aquelas ocasiões em que pedi detalhes sobre as vezes em que eles saíram, das vezes em

que concordei, com um pouco de empolgação demais, que o Ben era perfeito.

E eu sei que ela sabe. Talvez essa foto tenha finalmente confirmado a paixão secreta que

tenho por ele, mas tudo o que fiz até agora ainda não havia sido suficiente para provar essa teoria.

Sinto minhas entranhas se esvaziando enquanto fico ali plantada, esperando que ela diga o

que eu já sei: não tenho mais nenhuma amiga nesse mundo.

— Uau. Na boa, uau. — Sua voz não soa mais amarga; agora é raiva pura. E é de mim.

— Nicole, foi mal. Eu...

Seu olhar mortífero faz minhas palavras evaporarem.

Ela se agacha de novo, sem despregar os olhos dos meus, pega a foto e a amassa com força.

Não posso mais ver o rosto dele, mas sei que está todo estragado, e tento não entrar em desespero.

Ela ri, a raiva se misturando a tons mais leves de amargura.

— Bom, então acho que você ficará superfeliz ao saber que ele terminou comigo. Era isso

que você esperava?

Meu queixo cai.

— Vocês terminaram? Por quê?

Ela ri da minha cara e faz uma bolinha com a foto. Alguns alunos se viram, para prestar

atenção à nossa conversa.

— Como você pôde fazer isso comigo?

— Mas eu não fiz nada. Eu juro, eu...

— O quê? Você não deu em cima do meu namorado pelas minhas costas? —  
Agora ela está

cuspiando as palavras, e elas estão ficando mais altas.

Não consigo fechar a boca. Parece que meu queixo pesa uma tonelada.

— Não acredito em você — afirma ela, jogando a bolsa sobre o ombro. Ela me  
lança um

último olhar de nojo e então sai do quarto escuro.

Acho que acabei de perder minha melhor amiga.

25

Quando chego em casa naquela tarde, sinto-me como se estivesse girando e não  
sei

mais onde fica o quê. Não sei o que fazer com a Nicole, com meus desejos, com  
nada.

A única coisa que me conforta é que não vejo Ann nem o pônei no caminho para  
casa. Não

sei se conseguiria lidar com mais isso.

Diminuo o passo ao avistar minha casa. O portão da garagem está aberto, e o  
Lexus da minha

mãe, parado lá dentro. Que estranho. Nem me lembro da última vez que minha  
mãe estava em

casa na hora em que cheguei da escola.

Eu paro e fico ali, olhando para o carro. De alguma forma, já sei que não é coisa  
boa o que

vem por aí, e o fato de minha mãe estar em casa só pode dar em desastre, ao  
menos enquanto

esses desejos ainda insistirem em se realizar. Minha mãe nunca está em casa, não no meio do dia.

Sacudo a cabeça e começo a andar de novo. Seja o que for, não posso ficar plantada na

calçada o dia inteiro.

Enfio a chave na fechadura, mas, antes que eu consiga girá-la, a porta se abre com tudo, e

minha chave fica pendurada ali.

Minha mãe está do outro lado, fazendo cara feia.

Isso não é nada bom. Depois da briga com a Nicole, a única coisa que quero é discutir de

novo.

— Você tem algo para me contar? — Ela não vem para a varanda, mas também não sai do

lugar para que eu possa entrar em casa.

Seja o que for, ela está brava mesmo.

Só fico olhando para ela, piscando.

Eu não sei do que ela está falando. Será que ela soube do meu namorado, o Ken? Ou

descobriu que a Ann, minha nova melhor amiga, está dormindo no meu quarto faz uma semana?

Ou que o quartinho do jardim está cheio de chicletes de bolinha e um pônei cor-de-rosa?

— Hum... Não!?

Ela estreita os olhos. E não parece impressionada com a minha falta de honestidade. E não é

como se ela fosse acreditar em qualquer coisa que aconteceu comigo nas últimas duas semanas.

Nem pensar.

Então, não falo nada.

— Nada... na garagem?

Engulo em seco. É difícil não ficar impaciente. Eu estou parada aqui na varanda como se

fosse uma hóspede não desejada. Mas minha mãe está tão brava que nem percebe que ainda não

me deixou entrar.

Eu não sei o que tem na garagem. Mas, seja o que for... não pode ser coisa boa.

— O que tem na garagem?

Minha mãe vira os olhos, devagar, e depois faz que não com a cabeça. Parece que ela perdeu

a paciência. Mas não estou brincando com ela. Juro.

— Não se faça de boba.

— Mas não estou me fazendo de nada. Não sei do que você está falando!

— Vem comigo. — Ela sai do caminho e abre a porta, e então percebo que não está usando

seus sapatos de salto. Ela nunca tira os sapatos, a não ser que vá ficar em casa por um bom tempo.

Então, ou ela está cozinhando essa raiva há algumas horas ou estou muito, muito ferrada, e ela

teve de cancelar o que estava fazendo. Não sei qual das hipóteses é mais favorável.

Eu a sigo até a garagem, meus pés mais pesados a cada passo, até minhas pernas e braços

parecerem ser feitos de chumbo.

A essa altura, já não me surpreendo com nada. Talvez haja um elefante com lacinho

vermelho na garagem. Ou então o elenco todo de Crepúsculo está sentado naquelas cadeiras de

diretor, prontos para uma entrevista exclusiva. Talvez meu irmão esteja vestido de picles gigante.

Minha mãe abre a porta pesada que leva até a garagem e entra lá dentro. Está meio escuro

por um momento, e ela acende as luzes fluorescentes.

Elas piscam e tomam vida, revelando o Lexus prata dela.

E uma moto de motocross verde-limão.

Caraca, tem uma moto de motocross verde-limão na garagem, estacionada inocentemente ao

lado do carro brilhoso da minha mãe.

Minha mãe olha para mim de um jeito que deve fuzilar os clientes que não a pagam direito.

— Não é minha — digo, cruzando os braços, rezando para ser verdade, mas sabendo que

provavelmente não é.

Eu sei que quis uma moto de motocross por um tempo. E, quando penso na possibilidade,

ainda parece divertido.

Contudo, não me lembrava de que havia desejado uma.

Por uns dois anos, pedi uma moto de motocross no meu aniversário e no Natal. Meu pai

sempre dizia que eu poderia ter uma quando fosse mais velha, e minha mãe sempre lançava

olhares mortais quando ele falava isso, mas eu tinha certeza de que ele a levaria

para o “lado

negro da força” mais cedo ou mais tarde.

Foi isso que meio que contribuiu para o negócio da minha paixão pelo Ben. Eu queria

uma moto, e ele tinha uma.

Destino. Fatalidade. No sétimo ano, em uma das minhas fantasias, ele me ensinava a pilotar.

Ele me levava para dar uma volta, e eu segurava em sua cintura e apoiava minha bochecha nas

costas dele, e a vida era perfeita.

Minha mãe enfia a mão no bolso da sua calça cáqui e tira um chaveiro lá de dentro.

Um chaveiro com uma chave preta e um cordão cheio de contas.

Contas que soletram perfeitamente o nome “Kayla”.

— Onde você pegou isso? — pergunto. Por alguma razão, estico a mão para tentar pegar a

chave, o que me faz parecer totalmente culpada. Ela pega o chaveiro e continua balançando-o,

como se fosse uma prova irrefutável de DNA no julgamento de um assassinato.

— No seu quarto. Esqueci uma pasta e passei aqui para pegá-la. Quando vi a moto, fui checar

o seu quarto. Chase está no trabalho desde cedo, então eu sabia que não era dele. Você pode se

explicar?

Eu só fico olhando para ela, porque não tem jeito de explicar uma moto de motocross verde-

limão, ainda mais com um chaveiro personalizado.

— Eu faço uma festona de aniversário para você e é assim que você me paga?

— Er... — Não consigo impedir o resmungo, que mais pareceu uma risada amarga.

— E para que é isso?

Olho para ela. Se minha mãe não tivesse dado aquela festa maldita, se não tivesse insistido

que eu fizesse um pedido, eu não estaria nessa confusão até o pescoço. É culpa dela o fato de ter

uma moto na garagem.

— Eu não queria aquela festa e você sabia. Você sabia porque eu lhe falei um milhão de

vezes. Você é que queria a festa para impressionar os seus clientes!

Ela cerra os olhos.

— Não acredito como você está sendo ingrata! Qualquer menina faria de tudo para ter uma

festinha linda e cara como aquela!

— Pode ser. Mas, se você prestasse atenção em mim por um segundo, saberia que não tem

nada a ver comigo!

Ela cruza os braços.

— Como assim, prestar atenção? Eu dou o sangue por essa família!

Rio, fazendo que não com a cabeça.

— Não finja que você trabalha para a gente. Eu sei que você só quer impressionar o meu pai.

Mas, hellooo, ele não está nem aí para você, nem para a gente!

— Kayla!

— O quê? Você sabe que é verdade. Você é obcecada por essa porcaria de empresa. Ninguém

mais conversa nessa família! Você não janta com a gente, nem assiste à TV com a gente. Até

parece que meu pai levou você com ele para a Itália!

Minha raiva queima e olho minha mãe nos olhos, mas o que vejo acaba comigo.

Porque vejo uma coisa que acho que nunca vi.

Mágoa. Ela disfarça bem, mas, por uma fração de segundo, bem pequenininha, eu vejo.

E então, com uma clareza bem triste, percebo: ele deixou a minha mãe também. O marido

dela, o homem que jurou que a amaria até que a morte os separasse, renegou sua promessa,

assim como todas as outras: a espingardinha de chumbo, a moto, tudo...

Talvez o negócio da empresa não seja para impressionar o meu pai. Talvez seja para ela

esquecer o meu pai.

Minha mãe cerra os dentes, coloca a máscara de novo.

— Eu não tenho tempo para esta conversa. Tenho de organizar um retiro em Washington

pelo restante da semana. O Chase cuidará daqui de casa. — Ela procura os sapatos e então coloca

o s escarpins cor de creme nos pés. — Discutimos isso quando eu voltar. Até lá, você está de

castigo.

— Mas...

— Conversamos depois. — Ela olha para mim e seu rosto faz as palavras morrerem na minha

garganta. Mas eu sei que ficar de castigo é a última das minhas preocupações.

— Tá. — É tudo que consigo dizer.

Fico parada à porta, enquanto ela dá marcha a ré no carro, e ainda permaneço ali quando a

porta da garagem se fecha, de olho na moto verde-limão.

Será que tudo bem se eu fizer um test drive?

26

Estou a caminho do meu quarto, morrendo de ódio desse dia desastroso, quando vejo

algo sobre o balcão.

É a agenda da minha mãe.

Dou uma olhada pela janela, para ver se ela já não está voltando para buscá-la, e então deslizo

pelo piso de lajotas e abro o botão.

A agenda é impecável, perfeitamente organizada, sem nada fora do lugar. O contrário total da

minha vida neste momento.

Na frente, vejo umas páginas plásticas cheias de cartões de visita. Ela deve ter uns cem

cartões.

Dou uma olhada nas primeiras páginas. Tem DJs, salões de festas, bufês. Meus dedos passam

pela superfície, enquanto checo o nome das empresas. Não tem nenhuma confeitaria nas

primeiras páginas.

Um barulho baixinho me chama a atenção. Minha mãe está parando o carro em

frente à casa.

Ela percebeu que esqueceu a agenda em casa.

Começo a folhear a agenda mais depressa, o mais rápido que posso. Eu tenho de encontrar

esse cartão. Eu preciso encontrá-lo.

Para desfazer os desejos e toda essa confusão.

Mais salões para alugar, uma empresa que fornece pula-pula em forma de castelo, algumas

floriculturas. Meu coração vai parar na boca quando ouço a porta se abrir.

Se eu não encontrá-lo, nunca acharei a confeitaria. Depois de hoje, minha mãe não vai

querer me fazer nenhum favor, mesmo que seja me dar o endereço de uma confeitaria. E ela,

com certeza, não me deixará sair de casa para comprar um bolo.

E, na última página, lá está ele.

Um bolo azul enorme, decorado com todo o cuidado e impresso no cartão. Parece chique,

mas meio Dr. Seuss.<sup>22</sup> Com certeza, é o estilo do meu bolo de dezesseis anos.

Leio: “Confeitaria da Betty”, em relevo cor de vinho e com tipo de letra cheia de frufus.

Meus dedos sofrem para tentar abrir essa página plástica, para ver de qual lado o cartão sai

para arrancá-lo dali.

Ouçõ os saltos dos sapatos da minha mãe batendo no chão de ardósia. Ela me pegará

mexendo em sua agenda.

Meus dedos encontram uma abertura no plástico e eu arranco o cartão de lá.

Então, fecho a

agenda com tudo e me escondo atrás da ilha da cozinha assim que a porta se abre.

Conto os passos dela, enquanto ela cruza o hall de entrada e anda até a cozinha. Seguro a

respiração e escuto; em seguida ela fecha a agenda de novo. E, então, silêncio. Não sei o que ela

está fazendo. Acho que ela deve estar quieta, tentando me escutar. Pensando se estou no meu

quarto ou na garagem.

“Por favor, não vá me procurar.”

Não preciso do Grande Sermão: Parte II.

Fecho os olhos e tento não suspirar alto quando ela se vira e se dirige para a porta. Não

respiro até ouvir a porta do carro dela bater e ela dar marcha a ré.

O cartão de visita está amassado na minha mão, mas ainda inteiro.

\*\*\*

Se minha vida fosse um desastre natural, o presidente declararia estado de alerta agora e

pediria ajuda. A Cruz Vermelha tentaria ressuscitar meu status social e consertar meus

relacionamentos com a minha mãe e a minha melhor amiga.

Como isso não acontecerá, é hora de colocar esse plano em ação. Ann e eu estamos indo para

a Confeitaria da Betty, que fica na parte de fora de um shopping completamente diferente

daquele em que fomos da última vez. Pelo menos agora o cartão está no meu bolso e sei aonde

estou indo.

Estou apostando todas as minhas fichas em conseguir reverter tudo.

Infelizmente, está caindo a maior tempestade, e com essa chuva na avenida não posso ir mais

rápido, que é o que eu queria fazer. Meus dedos seguram o volante e olho para o velocímetro,

querendo que estivesse mostrando cento e sessenta quilômetros por hora. Quanto mais rápido eu

resolver isso, melhor. Tudo está mudando, e para pior, e tenho medo de desmoronar assim,

como todo o resto.

Ann pigarreia. Ela percebe que estou nervosa.

— Eu e o Ken compramos uma coisa para você. Bem, o Ken comprou. Mas a ideia foi

minha.

Olho de lado para a Ann. Estou quase com medo do que ela dirá em seguida. Os para-brisas

estão trabalhando a todo vapor nessa tempestade. Olho de volta para a avenida.

— O quê?

Ann enfia a mão no bolso. Ela achou uma calça jeans minha do sexto ano, quando eu usava

um ou dois números a menos. Ela também está usando uma camiseta da Hello Kitty, que eu

comprei para usar com o meu coturno. Ann me dá um papel.

Quando me viro para ver o que é, arregalo os olhos, sacudo a cabeça e o entregro de volta para

ela.

— Nem pensar.

— Mas você gosta de balé!

— Gostava de balé. Pretérito imperfeito, lembra?

— Você não precisa dançar, sua boba! A gente só vai lá assistir.

— Mas estou de castigo.

— Para sempre?

Dou risada.

— Não, mas por pelo menos duas semanas. Ou mais, se me meter em confusão mais uma

vez.

Ela faz cara feia.

— Mas o balé é no sábado. E a gente comprou quatro convites, se você quiser ir com alguém.

Olho para ela de repente.

— Como assim, se eu quiser ir com alguém? Eu não vou com o Ken? Ou ele não acha que

vai comigo?

Ann me lança um olhar de “não sei como contar isso para você”.

Arregalo os olhos.

— Meu Deus, eu vou de vela! — Dou um tapa na testa e então abro os dedos, para ver a

avenida por entre eles. — Você e o Ken tem, tipo, tudo a ver, né?

Não preciso olhar para ela para saber a verdade.

— Incrível. Primeiro a Nicole e agora você... Por que todo mundo que eu conheço começa a

namorar?

Ann meio que dá de ombros e enruga o nariz, porque sabe que é uma pergunta retórica. Ou

talvez não seja. Não sei.

— Mas então você vem com a gente? Vai ser tão legal!

Ligo o para-brisa no máximo, pois a chuva aperta. Eu deveria ter colocado uma jaqueta. A

Ann também.

— Eu falei para você que estou de castigo. E, além disso, posso tirar o dia para depilar a perna

com pinça. Vou checar a minha agenda e lhe confirmo depois.

— Ah, mas você tem de vir. Se você não for, o Ken também não vai.

Olho de lado para ela.

— Mas como assim? Pensei que ele estivesse a fim de você.

Ela se remexe no banco do passageiro.

— Bom... bem que eu queria. Porque você não está a fim dele. Então, se você fosse com

outro menino, ele prestaria atenção em mim...

Se a Ann tivesse me pedido isso ontem, eu até pensaria no caso. Mas hoje? Com tanta coisa

dando errado?

— Por favor! Eu quero tanto ir. O Ken me mostrou uns vídeos no YouTube e...

— Você assistiu a uns vídeos do YouTube com o Ken?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Como? Quando?

— Ele usou o seu computador hoje, mais cedo.

— Ken estava no meu quarto?

Ela faz que sim com a cabeça e olha pela janela, como se não fosse nada demais.

— Ann! Você não pode deixar as pessoas entrarem no meu quarto assim. Minha mãe poderia

ter visto vocês!

— Eu nem estava lá quando sua mãe estava em casa. Além disso, é o nosso quarto — diz ela.

— Ele foi como meu convidado. E você não faz ideia de como eu morro de tédio quando você

não está por perto.

Minhas mãos apertam o volante. Eu só olho para a frente, sem piscar, para a cachoeira que

está caindo na avenida, borrando as luzes de freio vermelhas à minha frente. A dinâmica entre eu

e a Ann está ficando cada vez mais complicada. É como se ela fosse o Pinóquio, e estivesse pronta

a declarar sua independência. Não sei como lidar com isso, como mantê-la em segredo.

— Ele não fuçou nas minhas coisas, né?

Ela balança a cabeça.

— É claro que não.

O silêncio paira entre nós. Só ouço o som abafado do rádio e o barulho da chuva que desaba.

Ligo a seta e pego a próxima saída. Uma caminhonete enorme passa com tudo por nós pela

esquerda, e Ann pula no banco.

— Então você vai? Por favor, por favor, por favor?!

Suspiro e paro em um semáforo. Eu me sinto uma formiguinha de nada alinhada a todos os

outros carros, prontas para marchar de dois em dois para sair da chuva.

— Já falei, não posso. Mas talvez a gente possa dar um jeito de fazer o Ken ir com você.

Se eu tiver sorte, essa coisa do bolo dará certo e não vou ter de dar jeito nenhum em nada.

O semáforo finalmente abre e eu pego a faixa da esquerda. Sigo os outros carros por alguns

quarteirões, até chegar ao shopping. Fico toda nervosa ao entrar no estacionamento, de olho nas

lojas do térreo em busca de uma confeitaria, para solucionar a razão desse desastre todo. Ou pelo

menos espero que essa seja a razão.

Mas faz sentido. Fiz aniversário uma vez por ano por dezesseis anos e meus desejos nunca se

tornaram realidade. E então minha mãe compra essa obra-prima ridícula de glacê e tcham!

Mágica. Talvez as receitas dessa confeitaria incluam cabelo de bruxa e meleca de sapo, ou algo

parecido. Não sei, mas é minha última esperança, então tomara que dê certo.

Dou a volta por trás, e meu estômago se enrosca em um nó quando vejo as letras cheias de

firulas: Confeitaria da Betty. Ann dá um gritinho, aponta para a placa e pula no banco.

Ainda não contei que ela faz parte desse “des-desejo”. Mas como é que eu podia também?

“Ah, olha só, aproveita bem o dia de hoje porque pode ser o seu último.” Daria supercerto.

Ela não entende que a vida real significa ir à escola, ter um emprego, pagar contas, e ela não

conseguiria fazer tudo isso. Então ela tem de voltar... para onde veio.

Com um frio na barriga, estaciono o carro. É a minha única chance de consertar tudo. Eu

tenho de fazer isso dar certo. Mas... e se não der?

Bom, não tem “se”. Existe apenas um “quando” der certo para a minha vida voltar ao normal,

eu poder me desculpar com a Nicole e ficar longe do Ben.

Ann e eu atravessamos o estacionamento, meus tênis grudando no chão como se eu estivesse

derretendo no asfalto, apesar de estar fazendo uns nove graus e ainda caindo um pé-d'água. A

chuva encharca minha calça jeans, e minha pele começa a formigar.

Percebo que preciso sair da chuva, saio correndo e entro pela porta de vidro. Respiro fundo

para me acalmar, enquanto entro em um lugar bem iluminado. A vitrine à minha direita está

cheia de cupcakes, biscoitos e bolos coloridos. As paredes são cobertas por pôsteres gigantes de

doces enormes com cobertura: torres de bolos de casamento, bolos com personagens de

desenhos, cookies gigantes em uma pirâmide de doces de dar água na boca.

Sigo o piso de tons pastéis até o balcão, onde uma senhora baixinha e grisalha está apoiada e

com o telefone preso entre o ouvido e o ombro, anotando um pedido.

— Ah-hã. Recheio de limão. Recheio de morango? Acho que dá para fazer meio a meio. Tá.

Bom, não, provavelmente não seria uma boa ideia misturar os dois. Um lado de limão, e o outro

de morango. Tá. Certo. Para o dia vinte e cinco? Olhe, ficará apertado, mas tudo bem. Tá. Eu ligo

quando estiver pronto. Obrigada.

Ela coloca o telefone no gancho na parede e volta para seu bloco de pedidos, anotando mais

detalhes para o cliente que tem um gosto zoado para recheio. Fico quieta, esperando que ela

note minha presença, mas quando ela nem olha para mim, faço um “ran-ran”.

Ela dá um pulo e olha para mim, com os olhos castanhos arregalados do tamanho de um

cupcake.

— Desculpe — peço, fazendo careta. Ops, não queria assustar a mulher.

— A gente precisa de um bolo — diz Ann, olhando para a vitrine. — Aquele.

— Não, aquele não. — Olho para Ann, pensando se ela está tentando mandar nessa missão.

— Acho que você fez um bolo para o meu aniversário de dezesseis anos, na semana passada. Cor-

de-rosa, com um monte de flores, quatro andares. Eu queria outro. Idêntico.

A mulher se apoia no balcão atrás dela, cruzando os braços sobre o avental salpicado de

farinha. Ela está com uma mancha de cobertura no queixo, e seu cabelo enrolado está cheio de

granulados.

— Preciso de pelo menos duas semanas para fazer bolos personalizados.

Meu coração parece parar de bater de uma vez.

— Mas é uma emergência. Eu preciso desse bolo hoje, de verdade.

Ela coloca as mãos enrugadas nos bolsos do avental.

— Você sabe que esse bolo custa trezentos dólares?

Quase engasgo com a minha saliva. Não tenho essa grana, nem perto disso.

Graças a todos os

gastos com a Ann, eu devo ter uns quarenta paus.

— Você pode fazer uma versão menorzinha? — pergunto, meio sem esperança.

Nem sei se

um minibolo daria certo, como aquele que fiz em casa e que também não deu.

Mas talvez o

ponto seja os ingredientes, e não o tamanho.

— Ainda preciso de algumas semanas de prazo. Já estou cheia de pedidos, trabalhando até

tarde toda noite, sete dias por semana. Não tenho tempo para um pedido extra.

Olho para os meus pés, segurando-me para não gritar. Isso não é nada bom. Não mesmo.

— Por favor, eu preciso daquele bolo — suplico, colocando as mãos no bolso.

Estou usando

uma calça jeans que a minha mãe comprou para mim. É meio estranho me sentir tão... normal.

A calça veste bem, e não tem nenhum rasgo, nem nada escrito.

— Olhe, a única coisa que vendo à pronta entrega são os cookies — explica ela, apontando

para a vitrine —, ou você pode fazer o pedido e voltar em duas semanas.

Cerro os dentes e olho para a vitrine.

— Não posso levar nem um cupcake?

Pelo menos, eles são feitos com massa de bolo, e talvez se eu comprasse um rosa e outro

branco...

— Você pode comprar a dúzia se quiser. Sessenta dólares.

Caraca, essa mulher enfia a faca mesmo. Fuço na minha bolsa. Tudo o que eu tenho são

trinta dólares e um punhado de moedas.

— Tá. Hum, um cookie então — digo, enquanto me sinto afundar. Provavelmente, isso não

dará certo. Estou fadada a viver minha vida com a Ann e o Ken, e o restante do meu circo de

horrores.

A mulher coloca um cookie em um saquinho de papel e o entrega para mim.

— É por conta da casa. Pelo jeito, você está precisando.

Tá, então de repente ela ficou toda generosa?

— Hum, valeu.

Vou para a porta me arrastando, enquanto Ann vem pulando atrás de mim. Estou quase

saindo quando ouço a voz da mulher de novo.

— Até segunda-feira tudo passa.

Congelo. Aperto a porta com tanta força que os nós dos meus dedos esbranquiçam. Eu me

viro e olho para ela.

— O que isso quer dizer? Tudo some depois do último desejo?

A mulher olha por cima do bolo que está confeitando.

— Pois não?

— Você acabou de dizer que tudo passa até segunda. Isso quer dizer que tudo vai parar assim

que eu receber o décimo-quarto pedido? Tudo sumirá, PUF, para sempre? — pergunto,

aproximando-me dela.

A mulher olha para os lados e dá uns passos para trás. É como se ela estivesse procurando um

alarme silencioso, como se eu fosse uma doida.

— Eu não falei isso.

— Falou sim! Você sabe o que está acontecendo! — começo a falar mais alto e mais rápido.

A mulher se afasta até ficar encurralada contra o balcão atrás dela. — Você tem de falar como é

que eu dou um jeito nisso!

Ela levanta os braços, como se estivesse cercada por uma matilha de cães selvagens. Como se

eu fosse maluca ou algo do gênero.

— Vou ter de pedir para você se retirar.

Respiro fundo, tentando me acalmar. Não posso assustar essa mulher.

— Não, por favor, está tudo bem. Eu só preciso de ajuda. Um desses desejos não pode se

realizar, ou minha vida acaba.

— Senhorita, não tenho a menor ideia do que está falando. Você precisa ir agora ou

chamarei a segurança.

Então é assim que ela jogará. Fingindo ser inocente. E me fazendo lidar com tudo

isso

sozinha. Mulher idiota com esses bolos mágicos. Acho que o cérebro dela deve estar cheio de

granulado.

Eu piso firme até a porta e a abro com tudo, a Ann atrás de mim. Quando chegamos ao carro,

já estou fervendo de raiva.

Talvez eu devesse ficar feliz. Agora eu sei que a Ann e o Ken e o pônei não empatarão a

minha vida para sempre. Mas só consigo pensar em beijar o Ben e trair minha melhor amiga.

A culpa é dessa mulher. Não sei o que ela coloca nesses bolos...

Não acredito nisso! Que desastre! Se ela estiver certa, não tem como desfazer isso tudo. Não

até eu receber o último desejo.

Não até eu beijar o Ben.

Eu odeio a minha vida.

Ann entra no carro e coloca o cinto de segurança. Eu só fico ali ao lado da porta do motorista,

a chuva encharcando minha camiseta. Minhas pernas começam a formigar, mas nem me mexo.

Estou ferrada. Totalmente, completamente ferrada. Tenho de sobreviver a mais seis desejos e

não sei quais são.

Bom, eu sei qual foi o último. Então quais serão os outros?

Será que eu poderia ter desejado alguma coisa pior do que o que já aconteceu?

22 Dr. Seuss é o pseudônimo de Theodor Seuss Geisel, escritor e cartunista norte-

americano, autor de livros que basearam os famosos filmes Horton e o Mundo dos Quem e O Grinch. (N.E.)

27

Quando chego em casa, de volta da confeitaria, estou com tanta raiva que tudo o que quero fazer é gritar e arrancar meus cabelos.

Falo para a Ann ir ver o pônei e entro em casa. Ela faz bico, mas estou tão brava que nem

ligo.

Subo a escada de dois em dois degraus, tropeçando no último e caindo de joelho com tudo.

Consgo ficar de pé, e então sigo pelo corredor e abro a porta do meu quarto. Vou direto para o

guarda-roupa. Quero achar tudo da minha infância, cada uma daquelas coisas imbecis, e destruir

tudo, antes que fiquem vivas também. Fico na ponta dos pés para encontrar as caixas que ocupam

esse canto do meu guarda-roupa há anos.

Pego a primeira com tanta força que ela tomba. A tampa sai voando e tudo o que estava na

caixa se espalha pelo chão. Uma dúzia de Meus Queridos Pôneis aterrissa em seguida, as crinas

cor-de-rosa, azuis e roxas embaraçadas. Chuto um que caiu perto de mim e pego a próxima caixa,

que cai com tudo da prateleira.

Livros infantis. O ratinho e o biscoito, A pequena bailarina, Cinderela. Todos esses livros

ridículos para ensinar às crianças que elas podem ser o que quiserem. Que a vida é um cookie

gigante recheado de felicidade.

Ninguém escreve um livro chamado Logo sua melhor amiga abandonará você,  
nem Que pena

que você crescerá e se tornará uma idiota. E com certeza não existe um livro  
chamado Não faz

diferença se você fala italiano, porque seu pai não está nem aí.

Pego mais uma caixa, e uma dúzia de Barbies caem de lá de dentro, tomando o  
chão do

quarto, com suas cinturas perfeitas e pernas compridas e aquele cabelo loiro-  
luxo, que não tem

nada a ver com o meu.

Não me sinto nem um pouco melhor. Na verdade, estou queimando por dentro de  
tanta

raiva. Eu me viro e arranco um monte de camisetas e vestidos cheios de frufus  
dos cabides. Essa

parte do guarda-roupa está reservada para as roupas que a minha mãe compra  
para mim, e que

nunca uso, nem em um milhão de anos usaria. Os cabides giram enquanto as  
roupas se soltam,

caindo no chão.

Quando o furacão acaba de passar, meu guarda-roupa está uma bagunça, e tem  
uma

montanha de lixo transbordando e invadindo o meu quarto.

Eu me sento no chão e fico encarando aquela pilha de porcaria, enquanto meu  
batimento

cardíaco diminui, e o ódio começa a desaparecer, substituído por um desânimo  
triste e amargo.

Acontecerá. Beijarei o Ben, e nunca mais serei amiga da Nicole.

Pego uma Barbie errante e joga-a no monte de lixo ao meu lado. Dou uma olhada nas coisas

que não mexia havia anos. Parece que nada daquilo foi meu um dia, como se pertencesse a uma

pessoa completamente diferente.

Mas é tudo meu. Talvez eu seja outra pessoa hoje, mas uma vez na vida essas coisas já foram a

minha cara. Eu só decidi não ser mais aquela pessoa.

E talvez seja por isso que não esteja lidando bem com essa situação.

Porque, pela primeira vez, finalmente percebi uma coisa: eu escolhi tudo isso.

Eu escolhi ter só uma amiga e me afastar de todas as outras pessoas.

Eu escolhi me vestir de um jeito estranho e tirar sarro dos outros para garantir meu status de

leprosa social.

Eu escolhi largar o balé.

Eu escolhi ficar mais brava com a minha mãe do que com o meu pai, enquanto ela pelo

menos está tentando nos criar.

Eu escolhi colocar tudo isso nessas caixas e fingir que nunca fui nada além do que sou hoje.

A escolha foi minha.

Olho para o meu All Star por um minuto e então para o meu guarda-roupa de novo.

É como se uma viagem no tempo estivesse empilhada ao meu lado. Uma representação

visual de quem já fui um dia.

Pisco algumas vezes e olho a pilha mais de perto.

De repente, tenho uma ideia. Fico de pé em um pulo e vou até a minha  
escrivadinha, onde

minha câmera 35 milímetros está, e removo a tampinha da lente.

Tiro uma série de fotos: algumas das roupas que minha mãe comprou para mim,  
mas que

nunca usei; umas sapatilhas velhas de balé; alguns boletins; algumas bandeirinhas  
com o

símbolo da escola; e várias fotos dos presentes de aniversário que outras pessoas  
me deram.

Nem sei se essas fotos sairão ou se só parecerão uma confusão sem inspiração,  
mas tenho

esperança e tiro um monte delas. Talvez amanhã eu possa revelar alguma coisa.  
Tenho de

entregar o trabalho logo, e essa é a minha última chance.

28

A quarta-feira é um desastre absoluto. Nicole nem olha na minha cara, muito  
menos

fala comigo. E eu nem sei se quero falar com ela. Será que devo a ela desculpas  
pela nossa briga?

Ou ela é quem deveria se desculpar?

Minha amizade leve e divertida com o Ben se transformou em algo  
desconfortável. Eu não o

culpo por não saber como agir. Sou eu quem vivo me comportando como se ele  
tivesse lepra.

Todo dia, se ainda não recebi meu desejo, faço de tudo para não encontrá-lo. Às  
vezes, ele vem

em minha direção no corredor, e eu saio de repente por uma porta lateral.

Talvez seja bobagem e eu não possa evitar que ele me beije, mas continuo

tentando mesmo

assim.

Ele teria de ser muito burro para não perceber. Além disso, eu vivo falando sem parar sobre o

Ken, esperando que isso, de alguma forma, mantenha-o longe. Acho que é bem capaz de o Ben

usar o bom senso e decidir não me beijar. Então, se ele se lembrar de que tenho namorado, bem,

pode dar certo.

Minha mãe ainda está viajando, ela só volta na sexta. Ainda não nos falamos depois da briga.

Estou morrendo de dor nas costas por causa dos meus peitos enormes, tem chiclete de

bolinha para tudo quanto é canto, o pônei está ficando cada vez mais mal-humorado e ainda

estou falando italiano.

Estou morrendo de vontade de tomar um banho bem quente e demorado para relaxar, mas

nos últimos dias tive de me contentar com um banho de esponja e com lavar o cabelo na pia,

porque não quero nem saber o que acontecerá se afundar minhas pernas na banheira por mais de

dois segundos e meio.

Enquanto subo a escada para o meu quarto, xingo baixinho, em italiano.

Quando entro no quarto, Ann está feliz, e de um jeito bem suspeito, o oposto total do meu

humor. Ela está girando na minha cadeira da escrivania, a mesma cadeira que um dia coloquei

entre nós para mantê-la longe de mim no dia em que ela apareceu.

Pena que não deu certo.

Fico olhando para ela e então me jogo na cama, com o queixo sobre a colcha xadrez verde e

laranja.

Se eu não posso ser feliz, ela também não deveria.

Ela para de girar e quase cai da cadeira. Ela está meio vesga, logo sei que está tonta e ainda

nem notou a minha cara feia.

— Posso saber o porquê de tanta alegria? — pergunto, sem nem tentar disfarçar minha

hostilidade.

— Eu vou a uma festa! — anuncia ela, a voz tão animada que ela parece alojtar um monte de

arco-íris e pôneis. Como se isso fosse possível.

Eu quero jogar coisas nela. Pedras, talvez.

Eu me apoio nos cotovelos e olho para ela direito.

— Quem convidou você para uma festa?

— Não sei! É uma menina, uma tal de Janae. Eu anotei o endereço — responde ela,

mostrando o papel.

Eu pulo da cama como um puma dando o bote e pego o papel da mão dela.

“3322 Weatherby Lane.”

A casa da Janae.

Incrível.

— Onde você arranjou isso?

— No seu caderno — diz ela, apontando para de onde ela arrancou a folha de papel.

— Não o papel! O endereço!

— Ah, com a Janae. Dã.

— Ann! — berro, totalmente desesperada. — Como é que você conhece a Janae?

— Eu não conheço.

Meus olhos faíscam e quero estrangulá-la. Mas só respiro fundo para me acalmar, depois

relaxo os punhos.

— Comece do início. Como é que você ficou sabendo dessa festa e por que ela lhe deu o

endereço?

Ann dá de ombros e me lança um olhar do tipo “Céus, por que você ficou tão irritada?”.

— Ela ligou. Tem meia hora. — Ann aponta para o meu celular sobre o criado-mudo, onde

o coloquei ontem à noite e o esqueci quando fui à escola.

— Você só pode estar brincando — falo, correndo até o celular. Eu abro a capinha e vejo as

ligações recebidas. É verdade, a Ann atendeu a uma ligação há trinta e seis minutos. Aperto o

botão de “ligar” e escuto enquanto o celular chama.

— Alô?

Pisco e desligo o celular com tudo.

Era a Janae mesmo.

— Que falta de educação — reclama Ann. — Ela é tão boazinha.

— A Janae não é boazinha. Não passa nem perto disso.

— Ela disse que não seria uma festa sem a minha presença.

Estou segurando o celular com tanta força que meus dedos começam a doer.

— Ela sabia que era você?

— Como assim?

— Você falou “Não é a Kayla”, ou talvez “Oi, aqui é a Ann”?

Ann pisca algumas vezes e inclina a cabeça para o lado, enquanto olha para o teto.

— Acho que não.

— Então a Janae está achando que eu vou à festa dela?

Ann enrola uma mecha do seu cabelo espetado ao redor do dedo.

— É, acho que sim. Mas eu ainda posso ir, né?

— Não, você não pode ir!

Ann faz bico e cruza os braços.

— Mas que mau humor, hein? O que foi que eu fiz para você?

Ai, não tenho tempo para isso.

— Você não entende? Esses desejos idiotas estão acabando com a minha vida!

O biquinho dela vira um bico de verdade.

— Ai, tudo gira em torno de você.

Caio na cama, chocada.

— O que você quer que eu diga, Ann? Está tudo bagunçado.

Ann gira a cadeira em direção à parede.

— Eu ouvi o que a mulher da confeitaria falou, viu.

— O quê?

— Eu não sou burra. Só tenho mais alguns dias, no máximo. Então eu vou a essa festa,

mesmo que você não goste da ideia.

Sinto uma pressão estranha dentro de mim, como se um elefante estivesse empoleirado no

meu peito. Não sei se estou me sentindo culpada por causa da Ann ou entrando em pânico com a

minha vida, porém é como se estivesse carregando o mundo nas costas.

— Por que a Janae me convidaria para uma festa? — pergunto, apesar de não esperar que a

Ann tenha as respostas.

— Não sei. Talvez, lá no fundo, ela queira ser sua melhor amiga.

Rio e lança um olhar desconfiado para a Ann, mas que desaparece enquanto a sua fala lateja

em meus ouvidos. De repente, tudo faz sentido.

— Ela nunca quis — comento. — Mas eu, sim.

Fico olhando para o teto do meu quarto, procurando figuras na pintura texturizada. Está o

maior silêncio, a não ser pelo barulho da chuva lá fora.

— Não desejei que ela fosse a minha melhor amiga. Mas que ela me convidasse para os

aniversários e as festas à beira da piscina.

Suspiro e respiro fundo. Bem, agora já sei qual é mais um pedido, né? Aperto minhas

têmporas e fecho os olhos, tentando descobrir o que devo fazer agora.

— Se eu alugar uns filmes e a gente fizer uns sundaes e tal, você desiste da festa para ficar

aqui comigo?

— Não — afirma Ann. — Não vou perder nem um minuto trancada neste quarto. Estou

ficando maluca.

“É justo”, penso, mas não digo isso em voz alta. Eu me sinto aceitando aos poucos a ideia de

ir à festa da Janae, ser completamente humilhada e ir para casa. Minha vida também não pode

ficar pior e pelo menos a Ann está tentando ser gente boa.

Será que posso negar mais alguma coisa a ela? E faria alguma diferença? Não é como se eu

pudesse derrubá-la no chão, amarrá-la e jogá-la dentro do guarda-roupa. Ela provavelmente já

decorou o endereço e vai à festa, com ou sem mim. Se eu for com ela, ao menos posso controlar

os danos.

— Tá. Se a gente estiver de volta às dez horas, quando o Chase chegar em casa, minha mãe

nem ficará sabendo.

O rosto da Ann se transforma em um sorriso brilhante, e, apesar das preocupações que me

dão o maior frio na barriga, não consigo resistir e sorrio de volta para ela.

É bom que ela faça valer a pena.

Porque, se os meus instintos estiverem certos, a noite de hoje será um megadesastre.

29

— Isso é loucura. Vamos para casa — falo, pegando a mão da Ann e tentando arrancá-la

da varanda chique da casa da Janae. Quase dou um encontrão em um dos pilares brancos.

— Nem pensar — retruca ela, soltando-se.

Antes que eu consiga impedi-la, ela toca a campainha com tudo e ouço sinos elegantes

tocando no corredor além da porta de folha dupla com um vidro chique todo ornamentado e as

maçanetas gigantes e brilhando de tão polidas. Meu coração vai parar na boca e, por um

momento, penso em sair correndo por aquele gramado perfeito e mergulhar nos arbustos.

Mas, antes que eu consiga tirar os pés da varanda, a porta se abre.

Janae, usando uma calça jeans skinny e botas de couro preto até o joelho, com uma blusa de

gola alta cor de creme, sorri para nós.

— Oi, meninas! Entrem!

Que sorriso estranho. Meio vago, meio forçado. Ela ainda não se ligou que não sou um

deles, que não pertenço a este lugar.

E isso não é bom. Porque joga pela janela minha teoria de que o Ben poderia escolher não

me beijar. Se a Janae me convida para uma festa e não percebe que eu não deveria estar ali, o

Ben me beijará, com certeza.

Ben me beijará.

E não há nada que eu possa fazer.

Nem percebo que estou de pé ali, totalmente muda, até a Ann me dar um empurrãozinho

em direção à porta. Olho para ela. Demorou quase uma hora, mas descobrimos como usar o

baby liss para deixar os cachos dela mais relaxados. Ela usou bobes para tirar alguns cachos de cima

do rosto, e o restante cai em cascatas por suas costas. Ela experimentou seis cores de sombra

diferentes, e finalmente escolheu um azul mais gelado que complementa seus olhos verdes e

deixa as sardas com um look exótico.

Ela está vestindo aquela blusinha decotada azul que comprei no shopping quando estávamos

com o Ken, e uma calça jeans que eu nem sabia que tinha. A calça tem a boca

um pouco mais

aberta e ficou perfeita nela. Os sapatos não combinam muito — um tamanco preto que eu tinha

no oitavo ano —, mas ela os deixa à porta, e não faz a menor diferença.

Ann se recusou a me deixar usar minhas roupas normais. Ela insistiu até não poder mais que

eu não podia “queimar o filme dela”.

Pelo jeito, ela descobriu que o meu estilo não está, tipo, muito na moda. Ela está tão doida

para viver uma experiência típica adolescente que me transformou em uma boneca dessas de

trocar a roupinha e me forçou a ficar... bonitinha. Consigo sobreviver com essa calça jeans,

todavia estou tendo um treco com esse suéter cor de vinho com gola V. Porque meu peito está

gigante demais para usar uma blusa assim. Ann jura que eu fiquei linda, mas, agora que não posso

me trocar, começo a achar que foi a pior escolha do mundo.

Eu sigo Janae até a parte de trás da casa, em que a batida pesada da música fica cada vez mais

intensa e se mistura ao zum-zum-zum do pessoal conversando.

O hall de entrada se abre para um espaço enorme, com teto de seis metros de altura e a maior

TV de tela plana que já vi. A turminha dos vestidinhos Old Navy está empoleirada nos sofás.

Cabelos brilhantes, sorrisos perolados, unhas feitas e joias faiscantes são pouco para começar a

descrever como elas parecem perfeitas.

Apesar de a música continuar tocando, a conversa para. Talvez Janae ainda não tenha se

ligado, mas o restante dessas pessoas sabe que eu não pertencço a este lugar.

— Tem comida e bebida ali — diz Janae, apontando de leve em direção à cozinha. — E o

banheiro fica na segunda porta, à direita.

— Tá.

Tento ser discreta ao respirar bem fundo para me acalmar, e vou para a cozinha fazer alguma

coisa, enquanto ninguém tira o olho de mim. Estou servindo refrigerante em um copo plástico,

sabendo que não deve ser isso que todo mundo está bebendo, quando percebo que Ann não está

mais ao meu lado.

Ela está ao lado de dois caras na sala. Um deles está colocando uma alça em seu pulso, para

que ela possa jogar Nintendo Wii. O outro está olhando fixamente para a sua bunda.

As conversas reiniciam, embora eu ainda veja um pessoal me olhando e cochichando.

A Janae é a rainha, e eles sabem disso. E por isso ninguém falará nada para ela nem para

mim. Será?

— Kayla — Ann me chama, pedindo que eu me aproxime. — Precisamos de mais um

jogador.

— Ah. Hum, não, valeu.

Ann coloca a mão na cintura e ergue uma sobrancelha.

— Isso não é aceitável. Arrasta essa bunda até aqui!

Ela não falou “bunda”, não é possível. Atravesso a sala a toda velocidade porque, se a Ann

gritando comigo lá do canto não chamar a atenção, não sei mais o que pode fazer todo mundo

olhar para a gente, e essa é a última coisa que eu quero.

— Ele é o seu parceiro — avisa, apontando com a cabeça para um menino do segundo ano

do ensino médio, que reconheço lá da escola. Ele me lança o sorriso mais discreto do mundo.

Fico pensando se ele sabe que perdeu no jogo do palitinho.

Estico a mão, e ele coloca a alça ao redor do meu pulso, os dedos tocando a minha pele.

Olho para ele, e não resisto em dar um sorriso quando nossos olhos se encontram.

Putz. Ele é gatinho. Cabelo castanho, olhos castanhos.

É claro que os olhos dele estão secando o meu decote agora.

Resisto à vontade de respirar fundo, porque só fará meu peito decolar, e me viro para a Ann.

— O que vamos jogar?

— Tênis. Em duplas, claro — o parceiro de Ann diz. O cabelo dele é meio bagunçado e

loiro, e ele me lembra o Salsicha, do Scooby-Doo. Acho que ele está querendo encarar um estilo

mais artístico, profundo. E ele tem uns olhos cor de mel lindos, quando a gente não presta

atenção na bagunça desse cabelo com jeito de esfregão. Tenho quase certeza de que o seu nome

rima com Mill. Phil... Bill... Will.

Acho que o conheci quando estava no primeiro ano, na aula de Educação Física.

Ann customiza seu avatar com um cabelo ruivo doidão. Eu não consigo parar de rir ao ver a

animação dela. Eu escolho um chamado TIM, que acho que deve ser o nome do irmão da Janae,

em vez de criar um que pareça comigo.

A partida começa, e perco o primeiro saque. Dou uma risada nervosa e tento novamente, mas

dou uma raquetada com tanta força que a Ann nem se liga no que está acontecendo e não

consegue rebater.

— UH-HU! — comemoro triunfante, jogando as mãos para o alto. Meu parceiro bate na

minha mão, cumprimentando-me. Eu me sinto com cinco anos de idade, mas não consigo parar

de sorrir.

— Olha só a plateia — diz Will ou Brill ou Frill, apontando para os desenhos bobos no

fundo, de pessoas que pulam como se não houvesse amanhã quando a gente marca um ponto.

Fico tão distraída por eles que perco a bola que vem voando em direção ao meu avatar e meu

parceiro meio que pula no ar, a mão e o controle dele voando perigosamente perto do meu rosto,

e ele consegue rebater a bola.

Ann dá um gritinho e tenta pegar a bola, mas não é rápida o bastante, e a bola passa batido

por sua imagem digital.

— Valeu! — digo para o meu parceiro. — Ah, meu nome é Kayla.

— Todd — diz ele, fazendo que sim com a cabeça. O seu cabelo castanho tem um pouco de

gel demais. Não como o do Ken, mas ele podia ter economizado um pouco no produto. —

Prazer em conhecer — completa ele, mandando a bola para o outro lado da rede.

Trill, Pill ou Grill rebate de volta, direto para o meu personagem, e quase não tenho tempo

de mandar a bola de volta. As cabecinhas dos personagens lá no fundo borbulham de alegria

quando Ann rebate e a bola passa pela rede e aterrissa do nosso lado da quadra, e nem eu nem o

Todd conseguimos alcançá-la.

— A gente é muito ruim — falo, sorrindo para o Todd.

— Vou ter de concordar — afirma ele, perdendo mais uma bola.

Jogamos por mais uns vinte minutos e fico chocada ao perceber que estou me divertindo. E,

apesar de isso ser bem imbecil, fico com frio na barriga toda vez que Todd olha para mim. Ele

não é nenhum Ben, mas é bom se sentir lisonjeada.

Alguém no sofá me pergunta sobre o trabalho de História que a gente teve de entregar hoje,

e eu começo a tagarelar sobre a Guerra Revolucionária e todas as datas e batalhas, e perco a bola

mais duas vezes.

Talvez eu não devesse ter ignorado esse pessoal por tanto tempo. Quero dizer,

eles não

precisam ser meus melhores amigos, mas também não mata baixar um pouco a guarda e me

divertir. E olha que o universo nem implodiu! Ninguém pulou na minha garganta até agora. E

como eu nunca sou legal com eles, é incrível que eles não estejam sendo mal-educados comigo.

Ouçõ a campainha tocar de novo, e Janae se levanta do sofá, de onde apreciava sua corte, para

ir atender.

Todd e eu estamos tomando a maior lavada. Mais uma vez, a Ann provou que aprende

rápido, e joga Wii Tênis superbem.

Todd e eu entregamos nossos controles para as próximas pessoas da fila, e estou indo atrás do

meu refrigerante perdido quando fico cara a cara com quem acabou de chegar.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, encarando a Nicole, e rezando para meu

choque não ser óbvio demais. Ela está mais perfeita do que nunca em um suéter rosa canelado e

um jeans larguinho. Seu cabelo está penteado como o das outras meninas, cachos grandes e

relaxados que balançam cheios de charme quando ela anda. Ela combina com a turma da Janae.

Acho que agora ela faz parte da turma da Janae.

— Eu ia perguntar a mesma coisa. — Ela inclina a cabeça de lado e me lança um olharzinho

superior e irritado.

Eu não respondo para ela, e ela não responde para mim. Ela se senta ao lado da Janae — bem

ao lado dela —, e eu me recolho em um banquinho na cozinha.

Parece que a sala está cheia de eletricidade, fervendo. O pessoal está cochichando de novo. É

difícil fingir que não percebo e encarar meu refri como se nele tivesse o segredo para a vida

eterna ou pelo menos um gabarito do vestibular. Aquele desconforto familiar começa a me tomar

de novo.

Alguém cruza o piso de madeira — que, a essa altura, parece que ela cruzou a fronteira entre

duas cidades: Perfeitolândia e Idiotópolis.

A menina, Kelsey, acho que é esse o nome dela, pega um prato e alguns Doritos da tigela no

balcão da cozinha.

— O pessoal está dizendo que você colocou silicone.

Pisco algumas vezes. Ela não está olhando para mim, mas também não parece estar falando

com outra pessoa. Mordo o lábio de leve e resisto à vontade de olhar para baixo, para os meus

peitos.

— Mas não coloquei.

— Eu sei, foi isso que eu disse.

Olho para ela, surpresa.

— É que é até idiota pensar isso, né? — fala ela.

Faço que sim com a cabeça.

— Com certeza.

Não esperava que essa menina, alguém que mal conheço, fosse uma aliada.

— É que, dã, você teria de faltar à escola por pelo menos uns dias para se recuperar. Estou

pensando em tomar suplementos faz um tempo, mas não sei qual é o melhor. O que você usou?

“Ah.”

Com certeza, não era isso que eu imaginava.

— Esteroides.

Ela fica de pé mais retinha. Será que essa louca está levando a sério a minha resposta?

— Jura?

Faço que sim com a cabeça, com aquela cara de honestidade.

— Com certeza. Quero dizer, o bigode é um saco de aguentar e arranquei sem querer a porta

da geladeira, mas, cara, esses dois aqui não valem a pena?

Uso as duas mãos para enfatizar meu busto, e a menina fica horrorizada e se afasta,

lentamente, como se eu estivesse prestes a dar o bote. Ela fica me olhando de um jeito

desconfiado, enquanto volta para a sala de estar.

Só assisto enquanto ela cochicha no ouvido da menina ao seu lado e aponta com a cabeça

em minha direção.

Fico inquieta no banco da cozinha ao ouvir a Ann rir, e Bill ou Will ou Phil coloca um braço

ao redor dela. Sei lá de onde eles vêm, mas chicletes de bolinha começam a cair,

batendo no

chão com tudo e fazendo o maior barulho. Acho que tem uns doze rolando por todas as direções.

A campainha toca e Janae se levanta.

— É melhor você recolher esses chicletes — pede ela, pisando firme. Ela para por um

minuto, volta e olha para mim, estreitando os olhos. Está finalmente acontecendo. Acho que ela

se ligou que eu não deveria estar aqui. Ela pisca algumas vezes, balança a cabeça e segue o

caminho até a porta.

Saio do banheiro e vou procurar os chicletes de bolinha, e ouço umas meninas dando

risadinhas quando me abaixo para pegar um chiclete que está debaixo de um vaso de planta. Em

algum ponto, nos últimos vinte minutos, tudo mudou de figura e estou me sentindo cada vez

mais desconfortável.

O barulho do salto das botas da Janae batendo no chão me faz olhar para cima. Ela está de pé

à minha frente, de braços cruzados, olhando para baixo, com cara de desdém.

Ai, saco. Ela percebeu que não sou um deles.

— Tem um cara lá na porta dizendo que veio com você. Você sabe que essa festa não é para

quem não foi convidado, né?

— AAhn, quem é?

Ela dá de ombros.

— Um idiota com um cabelo horroroso.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Ken.

— Eu não sei por que você achou que deveria estar aqui, mas não tem nada a ver. Então,

quanto mais rápido você e o seu namorado bizarro saírem da minha frente, melhor.

Tá bom, meu quase momento de amizade e ternura com a Janae acabou oficialmente, e

chegou a hora de me mandar daqui.

Eu me levanto, desejando que tivesse o perfeito um metro e setenta e sete de altura da Janae,

e olho bem nos olhos dela.

— Não vá comprar esse fio dental que você chama de calcinha na liquidação, viu? — disparo.

— Sai daqui — diz ela.

— Béééé! — falo, encarando-a. Só me obrigo a imitar uma ovelha em ocasiões especiais, o

velho recurso quando não consigo pensar em nada melhor.

Ela ainda está com aquela cara confusa.

Eu me viro para a sala de estar.

— Ann, vamos embora.

Ela se vira para mim.

— Não.

Pisco algumas vezes.

— Ahn, sim. Vamos embora, sim.

— Vai você. Eu vou ficar. — E ela volta à tela bem a tempo de mandar mais uma bola para o

outro lado da rede.

— Chuchu? — A voz do Ken invade o corredor.

E é então que eu ouço.

O barulho dos cascos no mármore italiano caríssimo. O relincho feliz e fininho. Os chicletes

de bolinha, mais uma vez, pulando de dentro do meu bolso.

O som da minha última migalha de reputação se espatifando para sempre.

O pônei trota pela cozinha. Por mais ou menos um segundo e meio, nutri a fantasia de que o

pônei não perceberia a minha presença, mas até parece que eu tenho tanta sorte assim. Ele dá

mais um relincho estridente e vem correndo em minha direção, dando uma focinhada em mim

com tanta força que caio para trás contra o balcão de granito. Meu cotovelo bate em uma garrafa

de refri de dois litros da qual eu estava me servindo antes, e ela voa pelo balcão, rolando em

direção à pia.

Engulo em seco, vendo a minha vida ser arruinada para todo o sempre quando o refrigerante

se derrama sobre um tapete impecavelmente branco, que provavelmente veio da Europa e deve

custar tanto quanto uma ilha exótica.

— Se alguém não tirar essa coisa da minha casa em meio segundo, cabeças rolarão! — berra

Janae, e apesar de ela estar dizendo isso como se quisesse que qualquer pessoa

tomasse uma

providência, ela está me encarando.

— Ann, vamos embora — ordeno, com voz de brava.

A cena com o pônei e o berro da Janae parecem ter feito a Ann mudar de ideia, e ela joga o

controle para seu parceiro e vem correndo atrás de mim. Eu empurro o pônei para ela, e ele vai

correndo atrás da coitada na maior alegria, como se adiantasse alguma coisa e o meu nome não

estivesse na lista negra da escola até o fim dos meus dias.

A última coisa que vejo ao lançar um olhar final para a sala de estar é a Nicole, de queixo

caído, cercada pelos outros membros da elite, que estão morrendo de rir de mim.

30

Ann e eu conseguimos nos livrar do Ken e vamos andando com o pônei até em casa. Enquanto ela vai para o jardim para trancar o pônei no quartinho não falo nada. Vou direto

para a garagem, abro o portão e tiro a moto. Ela volta enquanto estou empurrando a moto para o

jardim.

— Aonde você vai?

Eu a olho por um momento com cara de brava e então lhe viro as costas. Se eu disser

qualquer coisa, mesmo que seja uma palavra, explodirei.

Encosto a moto na cerca do jardim, corro para dentro de casa e pego a chave da caminhonete

do meu irmão, que estava sobre o balcão.

Dez minutos mais tarde, estou entrando no campo perto da pista de motocross.  
São quase

nove da noite e o céu está cheio de nuvens, o que significa que está superescuro,  
mas ainda bem

que a pista está iluminada com o brilho amarelado de uma dúzia desses refletores  
de estádio.

Tem alguém na pista. Tiro o pé do acelerador e a caminhonete anda um  
pouquinho até

parar.

“Ben.”

Minha respiração fica parada na garganta e eu continuo sentada lá, só assistindo  
enquanto ele

voa pelo ar, de novo e mais uma vez. Eu o vejo saltar uma rampa de, no mínimo,  
trinta metros.

Vejo-o dar um mortal perfeito.

Meu queixo cai e só consigo olhar para ele.

Desde quando ele está dando mortais?

Suspiro. Eu pensei que talvez pudesse entrar aqui de fininho e dar umas voltas,  
mas não

posso, não na frente do Ben. Eu pareceria uma boba.

Estou prestes a engatar a ré quando Ben breca a moto e se vira em minha  
direção.

Ai, saco. Os faróis estão ligados e, desse ângulo, ele reconhecerá a caminhonete  
com certeza.

Fecho os olhos e apoio a testa no volante. Penso em ir embora mesmo assim,  
fingindo que

não o vi ali, esperando que ele finja que não me viu ali também.

Mas não quero. E já recebi meu desejo de hoje, então sei que ele não me

beijará. Pelo

menos não esta noite. E talvez ele mereça uma desculpa pela maneira esquisita como eu tenho

agido ultimamente.

Sei que não posso explicar por que ando tão estranha, mas posso me desculpar. E então irei

para casa, me arrastarei para a minha cama e nunca mais sairei de casa outra vez.

Engato a primeira e passo aos solavancos pelo gramado esburacado, desligando o motor de

uma vez ao chegar ao lado da caminhonete dele. Ben apoia sua moto contra a cerca, tira os

óculos de proteção e o capacete. Então, livra-se de suas luvas e as coloca no banco do carro,

passando os dedos por aquele cabelo loiro e espetado.

Meu coração parece bater para tudo quanto é lado, tum-tum-tum-tum contra o meu peito.

Fico pensando se ele consegue ouvir também.

Ben pula a cerca e aterrissa no chão, as fivelas de suas botas fazendo barulho. Eu saio da

caminhonete e tento alisar meu suéter com gola V amassado.

Me esqueci de trocar de roupa.

Droga.

Ben vem em minha direção, e eu noto a maneira sutil como os seus olhos apontam mais

para baixo, por uma fração de segundo, antes de encontrar os meus. Ele estava me secando.

Tento não sorrir, nem ficar vermelha, nem entregar minha reação de qualquer

maneira.

— Você está b... — Seus olhos, então, finalmente enxergam a caçamba da caminhonete, e

seu rosto é tomado por uma expressão de surpresa. — Você tem uma moto!?

Tento não ficar desapontada quando ele não termina a primeira frase. A próxima palavra

começava com um “b”. Eu estou... bem? Bela? Bonita? Bêbada? Balofa? Borocoxô?

Faço que sim com a cabeça.

— Eu ganhei de aniversário — explico. Não deixa de ser verdade.

— Nossa, que demais!

Faço que sim com a cabeça.

— Você vai dar uma volta?

— Ah, hum, não. É que eu não sei andar de moto, na verdade.

Eu deveria ter pensado um pouco melhor nesse lance da desculpa. É claro que o Ben notaria

a presença da moto.

— Então você veio até a pista só para ficar por aqui? E o quê? Checar a direção do vento?

Rio e me sinto relaxar com o tom brincalhão de sua voz.

— Ahn, é, não, mas então eu vi você e não queria interromper.

— Mas que bobeira! Vou pegar a minha rampa e lhe ensinar umas coisas.

E antes que eu possa protestar, ele desamarra as cordas que usei para fixar a moto na caçamba

e descarrega a motoca.

Ela fica meio pequena perto dele. A dele, com certeza, é maior.

Eu o sigo até o portão, cada vez mais nervosa. Não tem jeito de fazer isso sem parecer uma

idiota ridícula.

— Você tem um capacete? — pergunta ele.

Faço que não com a cabeça.

— Não. Então não posso andar de moto, né? Vou deixar pra lá e ir para casa — digo, pegando

o guidão e tirando a moto dele.

— Você pode usar o meu.

— Ah.

Ele vai até a moto e pega o capacete enquanto fico ali, segurando a minha moto, pensando se

é loucura mesmo experimentar aquilo.

Talvez só um pouquinho. Dois minutos. Uns trinta metros. A moto desaparecerá em alguns

dias, então pode ser que eu nunca tenha outra chance. E eu queria mesmo experimentar pilotar

uma moto de cross. Toda vez que via o Ben, imaginava-me no lugar dele, voando pelo ar.

Que mal pode fazer?

— Pode subir e sentar aí — fala Ben. — Coloque o capacete.

Ele está muito perto de mim, tirando o guidão da minha mão. Ele até parece mais alto. Olho

para a moto e engulo em seco, devagar, resistindo à vontade de me encostar no peito dele. Eu me

sinto estranha, ou melhor, nervosa, perto dele dessa maneira. Tento me convencer de que estou

assim porque vou pilotar a moto.

Jogo uma perna por cima do banco e me sento na moto, um All Star preto firmemente

plantado na terra de cada lado. Ben me passa o capacete e tiro os óculos de proteção e as luvas de

lá de dentro. Começo a colocar as luvas, mas o Ben coloca sua mão sobre a minha.

Meu coração dá uma pirueta.

— É difícil afivelar o capacete se você já estiver de luvas. Deixe as luvas por último.

Faço que sim com a cabeça e tiro a luva, e ele solta a minha mão.

Jogo meu cabelo para trás dos ombros e prendo algumas mechas atrás da orelha, e a seguir

coloco o capacete.

Estou usando o capacete do Ben Mackenzie. Nem posso acreditar. É meio grande para mim,

mas eu quero ficar com ele para sempre, mesmo assim. Eu me atrapalho um pouco com a fivela;

não consigo entender como funciona.

— Deixa que eu ajudo você — fala ele, ainda mais perto de mim.

Seus dedos tocam meu queixo de leve enquanto ele passa a tira de náilon pela fivela

prateada. Cada vez que sua pele toca a minha, meus nervos pulam e se retorcem. Quantas vezes

ele já encostou em mim hoje?

Perdi a conta, pela primeira vez.

Parece que tem uma fileira inteira de dançarinas de cançã no meu estômago.

Depois que a tira está bem afivelada, ele chega ainda mais perto para me olhar nos olhos. O

visor dá uma impressão estranha da distância, então ele está pelo menos a um metro de mim,

mas parece tão próximo. Ele coloca uma mão de cada lado do capacete e o empurra um pouco

para trás, a fim de ver meus olhos com maior facilidade. Mal consigo respirar.

Ele pega os óculos de proteção e os coloca por cima do capacete, ajustando a tira elástica.

Então ele se afasta e tenho de me virar com as luvas. Quando finalmente as coloco, faço que

sim com a cabeça, como quem diz: “estou pronta”.

— Você sabe dar a partida?

Olho para cima.

— Hummm. É só virar a chave?

Eu me sinto como se estivesse numa bolha com esse capacete; tão fora da realidade.

Ben dá risada.

— Claro, mas você tem de dar a partida com o pé.

— Ai, que difícil!

Viro a chave, mas é claro que nada acontece, porque o Ben sabe do que está falando. Ele

puxa uma pedaleira de metal que eu nem tinha notado, e tento dar a partida com o pé umas

quatro vezes. Na quarta tentativa, meu pé escorrega e a pedaleira bate com tudo na minha canela.

E dói.

— Deixe que eu dou a partida para você — diz Ben.

Saio da moto, e Ben se encosta em mim enquanto sobe nela. É a décima vez que ele rela em

mim? Décima quinta?

A moto parece tão pequena quando ele está sobre ela. Ele consegue dar a partida na segunda

tentativa, e então segura a embreagem enquanto sai da moto para eu subir nela. Eu me sento e

seguro no guidão com uma überforça, mais conhecida como desespero.

— Beleza. Este aqui é o freio da roda da frente, e este, o da roda de trás. Aqui é a embreagem,

e aqui, o acelerador. Funciona igualzinho ao câmbio da sua caminhonete. Solte a embreagem

devagarinho e então aperte o acelerador de leve também. Não faça nada de supetão.

Faço que sim com a cabeça, o capacete grande demais encobrindo meus olhos. Não quero

contar para o Ben que a caminhonete do meu irmão não tem marchas, é automática. Eu me

concentro em suas instruções, rezando para não parecer totalmente imbecil.

E então tudo dá muito errado. A embreagem se solta com tudo das pontas dos meus dedos e

a moto vai para a frente. Não consigo segurar no guidão enquanto a moto acelera, e de repente o

mundo está passando por mim tão rápido que as cores se misturam e eu não consigo ver nada.

Sinto dois braços ao redor da minha cintura, e a moto desaparece debaixo de mim; estou

voando para o chão.

Não, para o chão, não.

Estou caindo em cima do Ben.

Rolamos na pista de terra e sinto a maneira como ele está se preparando para cair, absorvendo

o impacto com os ombros e os braços, fazendo com que eu caia sobre um travesseiro. Quero

dizer, isso se travesseiros viessem envoltos em quilos de músculos perfeitamente esculpido.

Ouçõ a moto batendo lá longe. Respiro fundo algumas vezes, para acalmar meu coração-motocross. Ele está acelerando mais que a moto há alguns segundos.

Nossas pernas estão meio embaralhadas, uma perna minha presa entre as dele, e posso sentir

a fivela da bota dele querendo entrar na minha panturrilha. Meu quadril está a alguns

centímetros abaixo do dele, encostando nele. Um dos braços dele está ao meu redor, e posso

sentir o peso da mão dele na minha lombar.

Puxo o capacete para trás, tentando tirá-lo de cima dos meus olhos. Os óculos de proteção

têm uma camada fina de poeira sobre as lentes, fazendo tudo parecer meio turvo.

Mesmo através do pó, consigo ver os olhos do Ben, de um azul cristalino, olhando diretamente para os meus.

Nenhum de nós fala nada, a gente só fica olhando e piscando.

Tudo o que consigo pensar é: “Será que ele me beijaria se eu não estivesse usando essa

porcaria de capacete?”.

Eu me odeio por estar amaldiçoando o capacete, com aquele visor gigante e aquela coisa de

plástico que me deixa com um queixo de bruxa, mantendo Ben a distância. Seria impossível

beijar com aquilo na cabeça.

Mas eu deveria agradecer às estrelas por estar usando este capacete, porque é a única coisa

que está me impedindo de consumir o erro e acabar de vez com a minha amizade com a Nicole.

— Você... tá tudo bem? — pergunta ele finalmente, depois de a gente ficar se olhando por

tempo demais. Fico surpresa, ao perceber que consigo ouvir a voz dele mesmo com o meu

coração batendo tão alto.

Faço que sim com a cabeça, e o capacete frouxo dança sobre ela.

Os lábios lindos, carnudos e completamente beijáveis dele formam um sorriso.

— Eu não falei para você não soltar a embreagem?

— Eu nem sei o que isso quer dizer — respondo, minha voz está rouca e grave. Pigarreio.

Sei que deveria me levantar, colocar certa distância e ar entre nós, mas não consigo sair dali.

Pode ser a última vez que fique tão perto dele e não quero que isso acabe. Ele se mexe de

baixo de mim, e percebo que preciso me levantar. Quando consigo me desgrudar dele, sinto

como se estivesse perdendo algo, desistindo de alguma coisa que nunca vou ter de novo, apesar

de ter acabado de descobrir o que poderia ser.

Fico feliz por Ben não ver o meu rosto quando me viro um pouco, usando o capacete para

esconder minha expressão. Eu nem sei qual expressão é essa, porque há emoções demais se

batendo dentro de mim: vontade, mágoa, confusão, medo, uma paixão sem tamanho.

Ele se levanta e sacode a poeira da calça de motoqueiro. Os ombros e o peito dele parecem

subir e descer mais rápido que o normal. Será que ele está se esforçando para respirar, assim

como eu? Será que o coração dele também está batendo rápido, como o meu?

Eu desafivelo a tira e arranco os óculos de proteção e o capacete da cabeça, passando os dedos

pelos cabelos, para não parecer totalmente maluca.

— Acho que vou deixar essa aula de motocross para outro dia — digo, sorrindo para ele,

tentando esconder os sentimentos que se estapeiam dentro de mim. — E talvez, da próxima vez,

venha com um protetor de corpo inteiro.

Dou risada e tento não pensar se Ben está mesmo se aproximando de mim ou se é tudo

imaginação minha. Dou um passo para trás. Minha moto está a uns vinte metros dali, caída de

lado. Mesmo sabendo que ela desaparecerá em alguns dias, fico triste ao ver seu estado.

— Por que você e a Nicole terminaram? — pergunto de supetão, encarando a moto em vez

de olhar para ele.

Ben respira fundo e passa os dedos pelo cabelo.

— Na real? Não foi só por causa de uma coisa. Quero dizer, fizemos tudo o que deveríamos

fazer. Saímos para jantar, fomos ao cinema, comemoramos nosso aniversário de namoro e

apresentamos nossos pais uns para os outros. Mas não rolou, sabe?

— Então você terminou com ela?

Sua risada seca me faz virar e olhá-lo. Ben está lindo e irresistível à sombra da iluminação de

estádio da pista.

— Não. Ela terminou comigo. Bom, me pegou desprevenido, porém ela tinha razão. Não

tinha nada de verdade rolando entre a gente.

— Ah — respondo, pensando se haveria alguma coisa de verdade rolando entre mim e ele.

Será que ele sente a mesma coisa que eu? Será que ele conta toda vez que nos tocamos?

— Preciso ir — anuncio, andando até a minha moto. — Estou de castigo e a minha mãe vai

me matar se ligar lá em casa e perceber que não estou.

Ando até a moto, mas antes que eu tente erguê-la, Ben vem correndo até mim. Ele pega no

meu braço.

— O que está rolando com você esses dias? Você anda tão esquisita...

Fico olhando para o lugar onde os dedos dele tocam meu suéter cor de vinho. Ele percebe e

solta meu braço, devagar.

Apesar de já ter perdido a conta, tenho certeza de que a gente nunca se tocou tanto na vida.

Nunca mais vou me esquecer desta noite. Vou rever tudo na minha cabeça um milhão de vezes

quando for dormir.

— Eu sinto muito por ter feito você se sentir mal — falo, ainda não conseguindo olhar para

ele. — Mas você é o namorado da Nicole, ou ex, sei lá, e é isso.

Ben não diz nada e acho que o que acabei de falar não faz o menor sentido para ele.

— Eu não entendi — responde ele.

— E nem vai. Eu tenho namorado. Um namorado que é demais — digo. Agora estou

exagerando. Eu me afasto dele e pego a moto. — Tenho de ir.

Eu nunca me senti tão triste na vida, ao empurrar a moto para fora da pista, com o Ben vindo

atrás de mim. Um segundo atrás estava rindo e olhando para ele como se quisesse beijá-lo; agora,

dou um gelo nele e fujo dali.

Preciso resolver as coisas com a Nicole antes de poder falar com o Ben sobre qualquer coisa.

E esses desejos também têm de sair do meu caminho.

Minha vida já anda bem complicada para jogar essa... coisa com o Ben no meio de tudo.

Ben coloca a moto na caminhonete para mim e fico de lado enquanto ele amarra tudo,

fazendo parecer bem rápido e fácil, suas mãos habilidosas trabalhando muito

mais rapidamente

que as minhas, quando carreguei tudo na caminhonete.

Quando ele fecha a porta da caçamba, o silêncio nos envolve como um véu.

— Obrigada pela aula — agradeço, andando para trás e para longe dele.

— De nada. — Ele dá alguns passos em direção à pista, e então para e olha para mim. — Será

que as coisas vão ficar normais entre a gente de novo?

— Eu não sei o que é normal — respondo, abrindo a porta da caminhonete com tudo. —

Não sei mesmo.

E então, antes que eu consiga dizer qualquer outra coisa, entro na caminhonete, dou a

partida e saio do campinho, piscando com força contra as lágrimas que parecem ter vindo do

nada.

31

Durante o dia seguinte inteiro na escola, Nicole ainda se recusa a falar comigo.

Passo minha hora de almoço na sala escura, tentando revelar as fotos para o trabalho, mas estou

distraída demais para fazer qualquer coisa que preste. Quando o sinal toca, vou para o banheiro

grande, no fim do corredor; minha mochila lotada e bagunçada no meu ombro.

Abro a porta com tudo e, quando ela ricocheteia na parede, a menina próxima à pia dá um

pulo no ar e olha para mim.

Eu paro.

É a Janae.

Mas... não é.

Seu rosto está... todo estourado. Tipo, totalmente coberto de acne. A superlotação de

espinhas começa na testa, e desce pelo nariz, e se espalha pelo queixo e pelas bochechas. O que

foi que ela fez? Cobriu o rosto de chocolate e foi dormir?

Ela me vê encarando seu rosto e seus olhos se estreitam, até virarem dois tracinhos cheios de

ódio, mas o efeito não é lá essas coisas, porque há lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Assim, eu

sei que a ira dela foi domada.

É tão estranho ver a Janae... bom... feia. Nunca havia visto uma espinha sequer no rosto dela,

nunca. Quero dizer, a Nicole vinha brigando contra a acne havia anos, mas a Janae?

Meu Deus!

Eu congelo na metade do caminho até a porta do sanitário, e então olho para ela de novo.

É um desejo! Finalmente um desejo legal!

Observo a quantidade de espinhas que cobrem o rosto dela, escondendo sua beleza perfeita,

e metade de mim quer pular de alegria, enquanto a outra metade está triste e arrasada; ou seja,

não dá para entender. É que a Janae é malvada e merece tudo o que está acontecendo com ela.

Agora me lembro desse desejo. A gente tinha doze anos, a acne da Nicole estava com força

total. Pelo jeito, como ela teve peito cedo, também ganhou a acne de lambuja. A Janae estava

aperfeiçoando suas táticas de menina malvada naquela época e, pelos próximos anos, faria a

Nicole cair no choro várias vezes.

E ela foi falar um monte de porcarias para a Nicole em um dos meus aniversários, porque,

quando ela chegou à minha casa para comer bolo e sair com a minha família, os olhos dela

estavam vermelhos e inchados. A Janae tinha ferido tanto os sentimentos da Nicole que ela

passou a primeira hora da minha festinha fungando.

Então eu desejei que a Janae soubesse como é sofrer por alguma coisa que a gente não

consegue controlar, para que todo mundo visse e então a julgasse e tirasse uma com a cara dela.

— Ah — digo. As palavras parecem longas demais, ecoando pelas paredes do banheiro. —

Hum, sinto muito.

Ela não sabe o porquê da minha desculpa, mas não consigo segurar essas palavras. Porque

parte de mim sente muito mesmo. A dor em seus olhos é tão real quanto a da Nicole naquela

época. Ou nesses anos todos.

— Até parece — responde Janae ao se virar para encarar seu reflexo de novo.

— Não, falando sério, isso é um saco mesmo.

Beleza. Boca, dá para ficar calada?

Janae pisca algumas vezes, para limpar as lágrimas dos olhos.

— Obrigada, estranhinha. Eu acho que é esse creme novo, horrível. — Ela funga e fica mais

ereta, como se estivesse se recuperando. Ela passa um dedo sob um olho ainda cheio de lágrimas,

mas o rímel fica ainda mais borrado, deixando manchas ao redor dos olhos.

— Deixa pra lá. A sua histeria melodramática é meio exagerada — comento.

Ela se vira para olhar para mim, para me encarar mesmo. Eu quero encolher e sumir,

porque, mesmo chorona, cheia de catarro no nariz e coberta de acne, ela ainda é a mesma pessoa.

— Você só está dizendo isso porque, se você estivesse com esse problema, provavelmente

pegaria uma canetinha para ligar as espinhas como num “ligue os pontos” e falaria para todo

mundo que são constelações.

Isso é um elogio ou um insulto?

Dou de ombros.

— Seu rosto voltará ao normal até segunda-feira. Relaxa. — Eu sei que voltará ao normal

porque todos os desejos acabam até segunda.

Janae se vira para mim e cruza os braços.

— Você não tem um cordeiro para sacrificar ou algo do tipo? Outra parte do seu corpo para

aumentar talvez?

Ah. Beleza, então isso responde à minha pergunta. Ela tentava mesmo me insultar.

Acho que certas pessoas não mudam nunca, nem com a intervenção de um

desejo.

Vou para a cabine e ouço quando Janae fecha a torneira e vai embora, a porta indo para a

frente e para trás algumas vezes. Mas, antes que ela pare de vez, outro grupo de meninas entra.

— Não sei como é que alguém usa esteroides para aquilo. Você tem certeza? —  
A voz é

anasalada e irritante. Eu não sei quem é.

— Sei lá, mas a Miranda disse que a viu se trocando na aula de Educação Física e que os

peitos dela estavam grandes mesmo, que não parecia enchimento. Mas como é que alguém

consegue ficar tão peituda da noite para o dia? Isso não é normal.

— Como se aquela menina já tivesse sido normal alguma vez.

Congelo. De repente, tenho a ideia de pisar na tampa da privada para que elas não consigam

me ver, mas estou com medo de me mexer e fazer barulho.

— Na verdade, ela era totalmente diferente até o nono ano. Ela estava na minha aula de

Informática.

— Jura? Porque ela anda mais estranha ainda esses dias. Ouvi dizer que ela tem uma cabra

roxa em casa.

— Para quê?

— Sei lá. De repente, ela tira o leite da cabra para fazer queijo.

A risada das meninas enche o banheiro. Fico fumegando de raiva. Eu quero sair do banheiro,

mas, quanto mais espero, mais difícil fica revelar que estou aqui.

Há um milhão de coisas que eu poderia dizer para elas neste momento. Eu poderia oferecer

leite de cabra, sacudir meus peitos, falar algo idiota.

No entanto, só fico quieta ali, escutando até elas saírem do banheiro, e então saio da cabine e

lavo as mãos.

Vou até o meu armário deixar alguns livros. Estou fechando a porta quando alguém me

cutuca no ombro e dou um pulo.

Ah, não.

É o Ken.

— Oi, chuchu — cumprimenta-me ele. — Quero me desculpar por ontem à noite. Eu não

sabia que era uma coisa de escola.

Olho ao nosso redor. Até agora, ninguém notou a presença dele.

— Ah, é, mas isto aqui também é. Uma coisa de escola. Na verdade, isto aqui é a escola

mesmo.

— Eu sei, mas a Ann disse que já veio aqui, então achei que não seria um problema se desse

uma passadinha também.

— Ah, é? — Vou matar a Ann. Será que eu não expliquei direito as regras sobre visitas aqui?

Meu coração para de bater quando ele coloca uma mão em cada ombro meu, então fico

presa entre ele e o armário. Socorro! Socorrooooo!

Tento virar para o lado, mas não dá certo, porque Ken simplesmente se inclina um pouco

para a direita e, antes que eu tome mais fôlego, os lábios dele estão tocando os meus. Meus dedos

apertam com força a alça da minha mochila.

Ken sai de cima de mim e se afasta o bastante para que eu consiga falar.

— Acho melhor a gente conhecer outras pessoas — respondo de uma vez.

Ele nem se mexe. Só se inclina em minha direção, como se fosse me beijar de novo a

qualquer momento.

— O quê? — Consigo sentir a respiração dele na minha bochecha. Tem cheiro de canela ou

de balinha de canela, ou coisa parecida.

— Olhe, você é, hum, demais, mas não estou mais sentindo aquela paixão entre nós, sabe?

Acho que precisamos terminar.

Seus olhos procuram os meus, mas seu rosto continua sem expressão.

— É isso mesmo o que você quer?

— É sim.

Ele faz que sim com a cabeça, porém não se afasta de mim. Sinto como se ele estivesse

encarando meus lábios, como se quisesse me beijar novamente para me convencer a mudar de

ideia.

— Não posso dizer que é uma surpresa. Há dias você anda estranha.

Pigarreio um pouco, pois parece que ele nem notou que ainda está tão perto de mim.

— E, além disso, a Ann... ela gosta de você. Você deveria dar uma chance a ela.

Ele ergue uma sobrancelha. É difícil ver, porque o rosto dele está tão perto do meu.

— A Ann? Jura?

Faço que sim com a cabeça. Ai, por que ele não sai de cima de mim?

— Talvez.

Humm. Isso foi fácil demais. Ele finalmente fica reto, e sinto que posso respirar de novo pela

primeira vez em dez minutos.

— Bom, a gente se vê por aí — diz ele e sai.

Eu o vejo indo embora, sentindo-me um pouquinho triste, mas também repentina e

gloriosamente livre, e então me viro para o outro lado.

Ben está no meio do corredor, olhando para mim. Sua expressão me deixa cheia de culpa.

Ele parece traído, os olhos azuis me encarando, acusando-me. Seus ombros, por trás daquele

suéter azul-marinho perfeito, estão meio caídos.

Eu não consigo entender, mas ele parece magoado. Como se eu fosse a responsável por isso.

Como se tivesse enfiado uma faca no peito dele e dado uma giradinha na lâmina.

E então me ligo.

Sei que naquele momento na pista, quando fiquei olhando para ele e ele ficou olhando para

mim também, ele queria me beijar tanto quanto eu queria beijá-lo. Que ele amaldiçoou aquele

capacete tanto quanto eu.

Que talvez ele conte mesmo todas as vezes em que nos tocamos.

Ele balança a cabeça devagar, e então se vira e sai andando para o outro lado.

Enquanto o vejo desaparecer ao dobrar o corredor, não posso deixar de pensar se esse é o

momento exato em que oficialmente perdi tudo.

32

Não consigo dormir nada nesta noite. Nem por um único momento. Ouço a chuva lá

fora pela janela aberta, e os roncoss da Ann, e tento não ficar me virando na cama, porque sei que

não ficarei confortável de jeito nenhum.

Assim que o sol nasce sobre as montanhas Cascade, saio da cama e coloco uma calça jeans,

uma camiseta velha com um unicórnio bem zangado na frente e um moletom de capuz preto.

Prendo meu cabelo castanho sem graça em um rabo de cavalo, enquanto vou para o jardim pegar

o pônei.

Ele desaparecerá em alguns dias, passei esse tempo todo querendo que ele sumisse. Então,

preciso reservar para ele pelo menos uma manhã decente. Vou levá-lo ao parque perto de casa e

deixá-lo comer toda a grama que quiser por uma hora mais ou menos, até chegar a hora de me

arrastar até a escola.

Torço o nariz ao entrar no quartinho do jardim para pegar o cabresto de corda que a Ann fez

para ele.

Espero que todo o cocô desapareça magicamente com o pônei. Que nojo!

Coloco a corda em volta do pônei e dou uns nós, até conseguir um negócio que lembra

vagamente algo que o impedirá de fugir. Acho que é bem irônico, porque fiquei o tempo todo

desejando que ele fugisse de verdade.

Deixo que ele dê mordidinhas na grama no caminho para o portão e vamos para a frente da

casa.

Mas não chegamos ao parque, porque tem um carro parado na calçada.

Uma voz vem até mim. Tem alguém na varanda da frente de casa.

— Kayla.

Mesmo depois desses anos todos, desse tempo todo, sei exatamente quem é. Nem preciso me

virar e olhar.

Fico ali, uma mão segurando a corda, torcendo-a de um lado para o outro, enquanto olho

para a grama orvalhada.

Respiro fundo várias vezes, para me acalmar, e então me viro para olhar para ele. Seu cabelo

castanho está começando a ficar grisalho, meio marrom e meio branco, o que me pega tão

desprevenida que não consigo parar de olhar para ele, pensando como envelheceu. Já se

passaram sete anos e, por isso mesmo, ele parece bem mais velho.

Ele está usando jeans escuros e bem cortados, com um suéter fino e uma jaqueta por cima, e

uns sapatos de couro luxo total com uns negocinhos pendurados. Ele parece um play boy zinho

completo.

— Oi, querida — saúda, com sotaque italiano mais forte do que nunca. Ele sorri para mim.

O sorriso faz alguns pés de galinha aparecerem ao redor dos seus olhos. Rugas de felicidade. Eu

queria ser a pessoa com quem ele vinha rindo esse tempo todo.

— Pai — falo, minha voz tremida e sem confiança. Eu odeio isso. Eu quero soar indiferente,

confiante, em nada afetada pela presença dele aqui. Mas, na verdade, sinto-me girando num

turbilhão. Estou feliz por ele estar aqui? Animada? Ou quero que ele vá embora? E por que é tão

difícil saber qual opção eu quero?

— Eu percebi que perdi seu aniversário de dezesseis anos.

Faço que sim com a cabeça.

— E eu sei que sempre disse que você ganharia um carro quando tirasse a carteira de

motorista.

Eu acho que ele disse isso mesmo. Talvez. Mas não gosto da maneira como ele fala “sempre

disse”, como se estivesse prestes a me contar alguma coisa, ou então a me dar um carro. Eu só

falo com ele em ocasiões especiais, e a última vez foi quase um ano atrás.

Eu sinto a raiva se acumulando um pouco dentro de mim.

— O que você está fazendo aqui?

Ele muda o peso de uma perna para a outra, parecendo meio desconfortável. Eu me sinto

estranhamente triunfante.

— Eu falei. Para lhe dar um carro.

— Não.

— O quê?

— Eu não quero essa porcaria de carro.

— Ah — diz ele, dando de ombros, meio confuso e perdido.

É isso? “Ah”?

Eu esperava mais. Eu esperava uma desculpa, culpa, algum tipo de discurso.

E, apesar de já esperar por isso, essa falta de emoção verdadeira e mais profunda dele é a

confirmação de que ele é um desejo realizado, que não está aqui inteiramente por vontade

própria. Porque, se você se esforça para fazer um gesto tão grandioso, então não teria alguma

coisa a dizer?

Fico pensando em quanto tempo ele demorou para chegar aqui, em quanto tempo ele

passou sendo impelido a fazer tudo isso por uma força desconhecida. Horas sentado em aviões,

gasto de centenas de dólares, milhares de quilômetros.

E aqui está ele, olhando para mim, o que eu mais queria no mundo, e isso só me faz sentir

vazia.

Lembro-me de todos aqueles aniversários encarando o telefone, todas as vezes em que me

senti apreensiva ao abrir o cartão de Natal, porque eu tinha medo que dissesse apenas “Papai”,

quando queria tanto que dissesse: “Com amor, papai”.

Fico pensando em todas as vezes idiotas em que observava o pai das outras pessoas. De todas

as ocasiões em que a Nicole revirava os olhos por causa do pai dela, e eu desejava lá no fundo

poder fazer a mesma coisa também, mas não tinha motivo para tanto. Para que meu pai fosse

irritante, era preciso que ele estivesse presente, e ele não estava.

A falta dele parecia tão maior que a presença de qualquer outra pessoa. Ele perdeu tudo. Ele

nunca comprou a espingardinha de chumbo para o Chase como prometera, nunca me ensinou a

andar de moto, nunca me ajudou a estudar para uma prova, nem me viu ficar linda para um baile

na escola. Não que eu tenha ido a muitos.

Mas o que interessa é que ele nunca participou de nada, e não está nem aí.

Acho que provavelmente desejei isso em algum aniversário. Devo ter fechado os olhos com

toda a força e desejado que ele voltasse, e então apagado as velas, esperando que acontecesse de

verdade mesmo. Eu devo ter acreditado que, se desejasse com bastante fé, ele apareceria,

igualzinho aos meus sonhos e fantasias.

E aqui está ele, e não quer dizer nada. Porque eu não o queria aqui fisicamente, eu o queria

aqui emocionalmente, e isso é algo que nunca terei. Ele nunca será esse tipo de

pai.

E eu não preciso ser esse tipo de filha.

Não mais.

— Você quer alguma coisa? — Puxo a cordinha do pônei, e ele dá um passo para a frente.

— Hum, não. — Ele para, morde o lábio. — Eu te amo!? — diz ele, mas parece mais uma

pergunta.

Fico sem graça. Respiro devagar, escutando o silêncio enquanto as palavras morrem ao meu

redor.

Então, olho para ele e balanço a cabeça.

— Não.

Puxo a corda com mais força e começo a andar pelo jardim, o pônei vindo atrás. Paro na

cerca e olho mais uma vez para ele. Talvez seja um olhar de pena. Talvez de nojo. Não sei o que

é, porque não consigo decidir como me sinto. Contudo, não é arrependimento, e não é dor, e

não poderia pedir outra coisa.

— Não, você não me ama. Se me amasse, ou se amasse qualquer um de nós, já teria

demonstrado a essa altura. — Ele só fica ali na varanda, olhando para mim. — E quer saber?

Agora já não importa mais. Não preciso de você.

— Kayla...

— Não. Você não merece nem o tempo que estou gastando aqui e não deixarei

que você

tente me comprar com um carro.

Vou para a calçada e passo a descer a rua, com o pônei trotando, todo feliz, atrás de mim.

Começa a garoar assim que a casa desaparece da minha vista. Talvez eu não tenha desejado

que ele aparecesse e dissesse “Eu te amo”. Talvez eu devesse ter desejado não precisar mais dele,

nem me importar mais com ele. Não tenho certeza, não posso voltar no tempo e me ouvir

desejando, mas a verdade é que não importa mais.

Porque não precisar dele é a melhor coisa que nasceu disso tudo, a melhor descoberta que

poderia ter feito. Não importa se a Ann, e o pônei, e o Ken, e tudo o mais desaparecer na

segunda, depois de eu receber o último desejo.

Porque esse sentimento de independência, de liberdade total, não sumirá. Pelo menos disso

eu tenho certeza.

Minha felicidade não depende de outras pessoas. Não depende de elas precisarem de mim,

me quererem bem, nem aprovarem o que eu faço.

Está dentro de mim, exatamente onde estava quando eu era pequena e o Meu Querido

Pônei reinava supremo, antes de a vida ficar complicada e virar de cabeça para baixo, antes de

todos seguirem em frente e eu ficar para trás. De alguma maneira, eu havia perdido o poder de

ser feliz, mas estou conquistando essa força novamente.

Começando hoje. Hoje, eu escolho a mim.

33

Mais tarde, na aula de Fotografia, passo uma hora tentando transformar minha bagunça de fotos em um autorretrato. Arrumo o ampliador e exponho um dos negativos no papel

fotográfico por alguns segundos. Mas não tempo o bastante para uma foto nítida... que deveria

levar vários segundos a mais para aparecer. Então, troco o negativo por outro e o exponho por

alguns segundos. Acho uma das minhas melhores fotos do meu All Star e exponho essa também.

Após colocar mais de uma dúzia de fotos no ampliador, vou para a mesa e coloco o papel

fotográfico nos produtos químicos para revelação, numa série de etapas que transformará o papel

em foto.

A foto fica superexposta, então tento de novo, mas dessa vez deixando cada negativo lá por

metade do tempo.

E é então que consigo o efeito que queria: de longe, a foto só parece uma mancha; mas de

perto, os detalhes começam a saltar da imagem — os cadarços do All Star formam uma margem

retorcida no pé da foto. As pontas desfiadas de uma pulseirinha da amizade aparecem de leve dos

dois lados. Bem no meio da imagem está o rosto de uma Barbie, parcialmente coberto pelo laço

de uma blusa que eu nunca usei.

Mas no meio de tudo isso está uma massa negra superexposta. Ficou meio bagunçado, que é

o que eu esperava. Ao expor tantas fotos uma sobre a outra, o papel fotográfico também recebeu

luz demais, ficando escuro.

Fico olhando para a foto. E pensando se o professor Edwards gostará disso ou achará que

ficou uma porcaria.

Porque, na verdade, a foto me representa mesmo. Eu deixei a opinião de todo mundo me

transformar em uma coisa totalmente diferente. Eu fiquei meio dark, negativa, cínica. Uma

mancha gigante no papel que está olhando para mim, sem identidade alguma.

A foto sou eu, em toda a sua glória feia e bagunçada. Se o Sr. Edwards não gostar, bom, então

não posso fazer nada.

Pego uma folha de papel fotográfico, mas não exponho nada sobre ele. Quero que seja uma

folha de papel branca, vazia e brilhante.

Minha página em branco. Porque eu estou prestes a recomençar.

Arranco uma folha do meu caderno e escrevo uma explicação rápida, juntando com um clipe

o bilhete, a minha foto e a página em branco, e deixo tudo sobre a mesa dele.

Minha página em branco começa aqui.

ginásio. Vai

rolar um evento obrigatório antes do Baile de Outono. Eu odeio essas coisas e tudo o que elas

representam, mas estou me forçando a permanecer neutra.

“Página em branco, página em branco, página em branco.”

Kayla McHenry se sentará na arquibancada e não balirá para as líderes de torcida. Hoje não.

Hoje eu ficarei sentada aqui como qualquer outra aluna da escola, feliz por não estar na aula e

aproveitando uma tarde gostosa de sexta-feira. Não me importa quantos gritos de “Nosso time é o

melhor!” terei de ouvir, agirei exatamente como todo mundo.

Talvez eu devesse ter deixado minha página em branco para segunda-feira, ter feito tudo aos

poucos. Isso aqui é mais que um passo gigante para a humanidade. Isso aqui é um salto triplo

carpado.

Além disso, até segunda os desejos acabarão.

Não, não, eu me recuso a adiar isso.

A página em branco começa agora. Juro.

Ainda bem que só faltam três desejos e que os dois últimos desejos se tornarão realidade no

fim de semana. Com um pouco de sorte, eles serão discretos e eu poderei ficar escondida no

meu quarto, esperando até tudo acabar. Quando os desejos desaparecerem, terei de pensar bem

em como colocar minha vida nos eixos de novo e tentarei desfazer tudo de errado que eles

aprontaram com todos ao meu redor.

A arquibancada de madeira range sob meus pés. Está na cara que alguns colegas estão

evitando me olhar nos olhos, porque não me querem sentada perto deles. Eles provavelmente

estão rezando para que eu não emita sons de cabras ou coisas do gênero.

Nunca me liguei tanto na maneira como os outros me veem. Nem no fato de que fui eu

quem criou essa imagem. É como se fosse uma pintura de palhaço para eles.

O negócio é que basta o palhaço limpar o rosto para todo mundo ver a diferença. No meu

caso, bom, vou ter de provar que sou diferente.

Se eu não quiser ser uma espectadora da minha própria vida, tenho de mudar essas coisas.

Assim que a aula acabar, vou atrás da Nicole e talvez a gente reate o que sobrou da nossa amizade.

Ou talvez a gente descubra que resolveu seguir caminhos diferentes. Mas não posso

simplesmente não falar com ela. Preciso descobrir o que está rolando e por que ela virou uma

pessoa totalmente diferente em tão pouco tempo. E se, ao final, não concordarmos, tudo bem.

Mas pelo menos tudo ficará em pratos limpos.

Encontro um lugar, no meio, para me sentar, mas a uma altura boa o bastante para ver o piso

de madeira brilhante do ginásio, as bandeiras que flutuam ao longo das paredes altas de blocos

cinzas. A maior parte dos alunos está aqui agora, o barulho das risadas e das

conversas se

acumulando e subindo pelo ar, enchendo o recinto. Os professores dão suas voltinhas para

manter a ordem, sorrindo educadamente para os alunos.

Minha boca seca quando vejo o Ben subindo a arquibancada. Ele está tão ocupado

escolhendo uma rota para passar entre os alunos que não me vê, então eu meio que me abaixo,

apoio-me num cotovelo, com a mão cobrindo a lateral do meu rosto, meu cabelo caindo para a

frente e me escondendo. Minha respiração fica mais ofegante quando ele se aproxima. Eu não sei

mais o que dizer e não aguentarei mais uma conversa que não chega a lugar algum.

Infelizmente, não tenho tanta sorte assim. Ele se senta bem atrás de mim. Acho que ele nem

percebeu que sou eu à frente dele, então fico bem quieta, rezando para ser aquele tipo de evento

em que se apagam as luzes, o que parece bem impossível, pois vão fazer o maior auê com os

atletas da escola.

Do outro lado do ginásio, os atletas estão sentados todos juntos na arquibancada. As camisas

cor de vinho com dourado dos jogadores de futebol americano, de ombros largos, tomam

rapidinho parte daquela seção. A equipe de natação, menos óbvia, e os times de basquete

feminino tomam a outra metade.

Finalmente, o diretor, um homem grisalho e alto que parece bem vestido demais, com calça

social cinza-esverdeada, camiseta branca e uma gravata sóbria, vai até o centro do ginásio,

segurando um microfone sem fio.

Ele pede silêncio com sua voz monótona amplificada pelos alto-falantes montados nos

cantos do ginásio, e então fica na lateral, ao lado das arquibancadas, enquanto uma batida bem

grave se espalha pelo ar. Os alunos ao meu redor reconhecem sua deixa e começam a bater os pés

nas arquibancadas de madeira, até que o ginásio inteiro é tomado por um barulhão. Mesmo sem

querer, começo a bater os pés também, sentindo a vibração do chão. Eu me sinto meio idiota,

porém entro na dança, decidida a contrariar minhas próprias regras.

Os sons de uma guitarra e um teclado sintetizados — algum tipo de música genérica do top

40 — explodem dos alto-falantes, e as líderes de torcida entram correndo pelas portas de folha

dupla do outro lado do ginásio. As meninas na fileira da frente começam a dançar, enquanto o

restante se espalha pela quadra, sacudindo seus pompons dourados.

Assisto a tudo, já sofrendo de overdose de breguice e reprimindo minha necessidade de rir de

tudo, quando um determinado rosto entra em foco.

E então não vejo mais nada.

Nicole. Ela está com um sorriso tão grande no rosto que não sei quantos tubos de

pasta de

dente ela usou para conseguir dentes tão brilhantes.

Eu me viro para olhar para o Ben.

— Ela é líder de torcida?

Entretanto, Ben parece tão chocado quanto eu. Ele olha para mim por um segundo — está

na cara que nem sabia como estávamos pertinho — e então olha para Nicole de novo. O queixo

dele caiu, seu corpo inteiro está paralisado, congelado. Ele não está nem piscando.

Eu me viro para observar a cena mais uma vez.

Caraca, ela é líder de torcida. Minha melhor amiga, Nicole, a líder de torcida. O portal para a

zona “além da imaginação” pelo qual passei no banheiro com Janae está se expandindo para

engolir a escola inteira. Ela está até parecida com as outras meninas: a cintura fina e as pernas

compridas combinam direitinho com o uniforme cor de vinho e dourado.

— Você sabia que ela estava tentando entrar para a equipe? — pergunta Ben, inclinando-se

para a frente e gritando no meu ouvido para que eu ouvisse, mesmo com aquela música alta

tocando.

Balanço a cabeça. Meu rabo de cavalo deve ter tocado a bochecha dele.

— Agora tudo faz sentido — comenta ele, falando um pouco mais baixo.

— O que faz sentido? — indago, ainda de olho na Nicole. Estou hipnotizada pela menina lá

na quadra, cheia de alegria e confiança. É como ver alguém com o corpo da Nicole e uma

personalidade totalmente diferente.

— Por que ela terminou comigo.

— Como assim? — questiono.

A música diminui de volume enquanto as líderes de torcida começam com uns gritos tipo

“Nosso time é o melhor!”, pulando e sacudindo os pompons. Nicole está dando uns chutes tão

altos que não sei como a perna dela não se desloca do quadril e sai voando para a plateia.

Ben meio que ri.

— Bom, é que... eu sou eu — aponta ele para a calça jeans surrada, os tênis, o cabelo loiro

espetado. — E ela é... assim agora.

Olho para as líderes de torcida novamente. Nicole ainda está pulando, sacudindo seus

pompons enquanto seu rabo de cavalo amarrado com uma fita também salta. Mal posso acreditar

que seja ela. No ano passado, ela se escondia de todo mundo, morria de vergonha por causa da

acne. Agora parece que ela fez luzes no cabelo, passou maquiagem... E está ali, a menina mais

autoconfiante do ginásio inteiro.

Mesmo que machuque, fico meio orgulhosa dela.

— Não dá para acreditar que ela não contou nada para nós — falo.

Ele faz que sim com a cabeça.

Eu me viro para assistir à Nicole de novo. É difícil olhar para outra coisa, a visão dela lá

embaixo é inacreditável de onde estou.

As líderes de torcida pegam um monte de cartazes com letras, a fim de formar a palavra

“Enumclaw”, e então dão um passo à frente para fazer a galera soletrar tudo com elas. Nicole está

segurando o “M” e, quando dá um passo à frente, sua saíxa plissada e bonitinha flutua em volta

daquelas pernas perfeitamente bronzeadas.

Quando acaba, elas dão gritinhos e vão para a frente da arquibancada dos atletas, onde se

alinham no chão, sentadas em posições idênticas, como se tivessem treinado até essa parte.

Olho mais uma vez para o Ben.

— Ela estava sempre ocupada depois da aula, não é? Como naquele dia em que a gente se

encontrou no shopping?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Ela estava no treino. E as peneiras rolam nas duas últimas semanas de agosto. Ela não

estava me deixando de lado, nem a você; ela estava... torcendo.

Ele dá de ombros.

Dou risada, meio por causa da descoberta interessante e meio porque quero dar um chute

nas minhas próprias costas. Como é que não percebi?

Durante todo aquele tempo, o Ben não estava “roubando-a” de mim, ela é que estava

treinando. Não acredito que ela fez isso e não me contou nada, tampouco para ele.

Não sei se fico brava ou aliviada, então continuo rindo e cobrindo o rosto, tentando esconder

minhas gargalhadas do resto do ginásio em silêncio. Estou viajando, confusa, perdida.

Nem sei o que aconteceu depois, porque tudo o que vejo é a Nicole, sentada no meio das

líderes de torcida, cochichando e rindo. Mesmo estando do outro lado do ginásio, dá para ver que

ela está brilhando, feliz e mais viva do que nunca. Ela se inclina para escutar o que outra líder de

torcida diz, fazendo que sim com a cabeça.

Fico pensando que tipo de segredos ela está contando, segredos que obviamente ela não

quer dividir comigo.

Agora elas são as amigas dela.

E eu não sou.

Por que ela não me contou? Por que ela tentou entrar na equipe e conseguiu um lugar e não

disse nem uma palavra? Não é algo para se manter em segredo... Afinal, elas usam o uniforme na

escola em dia de jogo.

Elas aparecem no anuário.

Será que ela nem pensou no que eu diria de tudo isso? Será que ficou incomodada ao ter de

manter segredo ou não estava nem aí?

Porque, pelo brilho do sorriso branco dela, a resposta é a segunda opção.

35

Depois que o evento acaba e a maioria dos alunos já foi para casa, eu me sento no

capô do carro da Nicole por um tempo que parece infinito. E nem sei por quê. Não sei se quero

falar umas verdades para ela ou pedir perdão. Tudo o que eu sei é que quero respostas.

Os dias de outubro já entraram oficialmente no outono, e rola um friozinho no ar. Eu

deveria ter trazido uma jaqueta. Ou alguma coisa diferente do meu moletom com capuz e da

calça jeans de sempre. Até os meus dedos dos pés dentro do All Star vermelho estão latejando de

frio. Mas eu não tinha planejado ficar sentada no capô gelado do Cavalier vermelho da Nicole.

As líderes de torcida devem estar em uma reunião supersecreta, a fim de decidirem para qual

tintureiro mandarão suas calcinhas de lycra, ou talvez para combinar a cor da fita de seus rabinhos

de cavalo. Sei lá sobre o que líderes de torcida conversam. Nem sei mais quem a minha melhor

amiga é.

Nicole finalmente sai do ginásio uniformizada, com uma mochila de ginástica sobre o

ombro. Um grande “E” cor de vinho enfeita o pequeno suéter de manga comprida e gola V. A

sainha plissada e branca dela meio que flutua enquanto ela anda, e as meias brancas, impecáveis,

combinam com seus tênis brancos e cor de vinho. Suas pernas parecem bronzeadas, e pelo jeito

ela foi fazer bronzeamento artificial no salão com o restante da equipe.

Ela já está a meio caminho do carro quando me vê, e dá alguns passos incertos. Então, ela

aperta o passo de novo e chega ao carro antes de eu decidir o que deveria dizer. Aquele tempão

todo sentada no capô do carro e ainda não sei.

— Eu vou jantar com as meninas — diz ela, indo direto para a porta do motorista.

Não saio do capô. Só jogo as pernas para o lado para olhar para ela, e meus pés ficam

pendurados ao lado do pneu.

Eu me sinto como se fôssemos as representantes oficiais da aluna “popular” e da aluna “nada

popular”. Não poderíamos ser mais diferentes, nem se tentássemos. O rabo de cavalo dela é

perfeito, alto, com cachos loiros e compridos. O meu é mais baixo, sem graça, meu cabelo

castanho e liso sem muita convicção. Eu não passei maquiagem. Ela parece que fez maquiagem

profissional.

— Por que você não me contou? — Acho que vou com a raiva, então, porque as palavras

saem numa mistura de fúria com mágoa. — Como é que você simplesmente me deixa de lado

para ficar com elas e não me fala nada? Deve fazer semanas que todo mundo sabe, menos eu!

Ela olha para as próprias mãos, passa a chave entre os dedos. Ela morde o lábio

inferior e me

olha por meio dos cílios, e então volta a olhar para baixo.

Ela parece nervosa e tímida, como a Nicole que eu conheço. Minha raiva vai se dissipando.

— Eu achava que não conseguiria nunca.

Quando ela olha para mim, é Nicole de novo: quieta, magoada, minha melhor amiga. Isso

derrete o gelo que congelava ao meu redor fazendo-me odiá-la ou ao menos odiar a estranha que

ela havia se tornado.

Cruzo os braços, tentando preservar um pouco da raiva. Porque raiva é mais fácil que mágoa.

— Mas você podia ter me contado que estava tentando.

Ela ri. Uma risada curta e sarcástica.

— E você teria dito o quê, Kayla?

Abro a boca para falar, mas não posso articular as palavras. Eu sei bem o que teria dito.

— Exatamente. Você sabe como é difícil falar com você às vezes? Você tira sarro de tudo. De

todos. Se eu tivesse lhe contado que queria ser... isso — explica ela, apontando para o uniforme

—, você poderia me dizer, com sinceridade, que me daria uma força?

Não preciso falar nada. Não conseguirei convencê-la porque não posso negar a verdade. Eu

teria caído na risada. Eu a teria lembrado de como as líderes de torcida são sem graça e

superficiais. Eu teria falado que elas nunca a aceitariam, nem a deixariam entrar para a equipe.

E eu estaria errada.

— Eu só achei que, se tentasse entrar para a equipe e não conseguisse, pelo menos saberia

que tinha tentado e tudo bem, e você nunca nem imaginaria a diferença. Mas eu consegui, e

então eu percebi que você ficaria brava se eu não contasse nada a você... e me convenci de que

contaria tudo no dia seguinte, e depois no outro dia, e tudo virou uma bola de neve. Quanto

mais eu esperava, mais difícil ficava lhe contar.

Ela está apertando a chave com tanta força que acho que acabará quebrando o chaveiro.

— Sei lá. Estou aqui ainda esperando que você tire o maior sarro da minha cara por causa

disso.

E aí ela olha para mim e vejo que está sendo sincera, e uma onda de pura culpa e mágoa

passa por mim, levando o resto da minha raiva embora.

Porque ela realmente acredita nisso; ela está mesmo esperando que eu tire sarro da cara dela.

E isso machuca. Não sei se é porque minha melhor amiga acha que eu riria dela ou porque,

duas semanas atrás, eu teria caído na gargalhada mesmo.

Antes da Ann, do pônei, antes de tudo ficar de cabeça para baixo, eu poderia ter feito isso

mesmo. Simplesmente rir dela e dizer que era tudo uma grande bobagem.

Mas as coisas mudaram. De alguma maneira, eu não sou mais aquela pessoa.

Mas a Nicole não sabe disso. Acho que também não lhe contei um monte de coisas.

Ela fecha os olhos por um segundo e respira fundo, para se acalmar.

— Não é que eu tenha me tornado uma pessoa diferente, Kayla. Eu sempre quis isso. Nós

queríamos, até o oitavo ano. Lembra como a gente quase apareceu sem ser convidada para a festa

do pijama da Janae, mas no fim não tivemos coragem? Lembra-se de como a gente descrevia

todas as roupas que elas usavam no nosso Livro Fashion e então passamos um fim de semana

inteiro na minha casa, experimentando todos esses looks?

As lembranças parecem vir todas ao mesmo tempo, e de repente sei exatamente como ela se

sente, exatamente como ela se sente mal. Porque eu também já quis isso. Porém, enterrei essa

vontade e me forcei a esquecer quando começou a doer demais só de sonhar com essa

possibilidade. Eu desisti de tudo porque parecia mais fácil.

Ela balança a cabeça, e seu rabo de cavalo dá uns pulinhos.

— Mas nunca deu certo. A gente era diferente demais, sempre de fora e de olho lá dentro. E

então, em algum ponto do ano passado, ou nos últimos dois anos, você decidiu que queria ser

tudo o que elas não eram. Você nem percebeu que eu ainda queria ser tudo o que elas eram.

— Antes do último verão era... impossível. Mas não é mais. E não quero ser a menina tímida

à sua sombra para sempre. Agora eu sou bonita. Eu posso ser a pessoa que quero ser. E talvez isso

seja superficial, mas estou cansada de me sentar ao seu lado e tirar sarro de tudo aquilo que quero

de verdade, lá no fundo.

Eu engulo o nó em minha garganta.

— Nicole, eu... Meu Deus, eu nunca quis ser esse tipo de amiga.

Ela só dá de ombros e continua torcendo a chave.

— Eu sei disso. Mas você é. Você simplesmente acha que concordarei com tudo o que você

quer fazer, e, quando tento falar das minhas coisas, como me sentar com a Breanna na hora do

almoço, você nunca pensa que estou falando sério, que quero mesmo almoçar com ela. Você

estava ocupada demais tirando sarro do QI dela.

Engulo em seco, odiando como ela tem razão sobre tudo isso. Odiando o fato de isso querer

dizer que ela passou dias, semanas, meses agonizando com essa história, e eu sequer percebi. Eu

me tranquei numa caixa e esperava que a Nicole entrasse nessa comigo.

— Eu sei... Eu sei. E você tem razão. Sobre tudo.

Então ela fica quieta. Talvez ela esteja surpresa porque estou concordando com tudo, com

tanta facilidade. Talvez se as últimas duas semanas com a Ann e o Ken e os brinquedos idiotas

não tivessem acontecido, eu não estaria tão aberta a isso.

— O que acontece é que eu estou saindo com uma pessoa nova nas últimas semanas.

Alguém... que não é daqui. E ela abriu os meus olhos para um monte de coisas.

— A menina que estava na casa da Janae?

Faço que sim com a cabeça.

— É.

Eu respiro fundo e devagar, para me acalmar, e olho para o meu All Star. O tênis está velho e

sujo, totalmente o oposto do tênis branco, limpinho, da Nicole.

— E talvez isso possa ter o efeito oposto também. Talvez ser amiga de alguém possa fazer a

pessoa se fechar e se afastar daquilo que realmente quer fazer parte.

Ela não fala nada, só transfere o peso de uma perna para a outra algumas vezes.

Olho para a Nicole e lanço para ela o que espero ser o meu olhar mais sincero, porque ela

precisa saber que estou falando a verdade.

— Nunca quis transformar você em algo que você não é. Não faz diferença o que você queira

fazer. Se você quiser ser líder de torcida, então está ótimo. Você pode querer virar freira ou

dançarina dos Jonas Brothers. Eu não me importo. Só não quero que você ache que não pode ser

minha amiga e ser ao mesmo tempo as outras coisas que gostaria de ser também.

Nicole coloca uma mão na cintura da saia. A outra segura a mochila, os nós de seus dedos

ficam pálidos.

Então ela me dá um sorriso brilhante de líder de torcida e joga os braços ao meu redor. Sua

mochila escorrega e bate no carro.

— Desculpe. Eu deveria ter lhe contado tudo antes. Eu só não sabia como, e então você

começou a agir de um jeito estranho...

Eu dou um sorriso.

— Pois é. Sobre isso... Bom, eu tenho várias histórias para lhe contar...

Ela sorri para mim.

— Você quer ir ao Baile de Outono comigo amanhã? Eu comprei dois ingressos, porque

achava que ia com o Ben. Nada de fantasia de zumbi, é claro, mas acho que será divertido.

Meu sorriso amarela.

— Ah, hum, é que acho que estou de castigo.

— Jura? Mas você nunca fica de castigo.

Eu meio que sorrio, e meio que me encolho.

— Eu sei, mas as últimas duas semanas foram loucas demais.

— Nem me fale.

Saio de cima do carro dela e aterrisso nas pedrinhas do estacionamento.

— Acho que vou indo, então. A gente pode sair assim que meu castigo acabar.

Dou alguns passos, meu All Star amassando as pedrinhas.

— Ele está na pista.

Eu paro, e então me viro lentamente para olhar para ela. As palavras latejam nos meus

ouvidos, mas estou com medo do que elas possam significar.

— O quê?

— Ben. Ele está na pista.

Eu me sinto como se tivesse um milhão de bolinhas de algodão na boca e então engolisse

tudo.

— Nicole, eu nunca...

— Mas é verdade? — pergunta ela, virando-se para mim.

Abro a boca para dizer alguma coisa, porém não sei o que quero dizer. Dá para ver que a

Nicole está incomodada com isso. Eu simplesmente faço que sim com a cabeça.

Ela respira fundo e então morde o lábio por um minuto, olhando para mim, a cabeça

inclinada para o lado e seu rabo de cavalo, perfeito, tocando seu ombro.

— Tenho certeza de que vocês serão mais felizes do que nós fomos. Eu e o Ben somos

totalmente diferentes.

— Mas você acha mesmo isso?

Ela toca o pescoço e brinca com o pequeno pingente de brilhantes. Acho que, se ela ainda

está usando aquilo, é porque não foi presente do Ben.

Um carro com o escapamento estourado passa pela escola e parece fazer esse momento se

esticar ainda mais, enquanto se move lentamente.

— Acho que sim... Quero dizer, o negócio nunca foi com ele. Acho que eu já sabia esse

tempo todo que eu gostava mais da ideia de ter um namorado do que dele. Mas só pude admitir

isso agora.

Sinto uma pontinha de esperança. Eu me atrevo a sentir uma pontinha de esperança.

— Mas...

Nicole solta um suspiro dramático e me lança um olhar sério, que me manda parar de

discutir.

— Kayla, eu queria ter dito como ele é parecido com você. Todas as piadas idiotas que ele

faz, como ele odeia se arrumar para sair, aquela pista barulhenta que eu odeio e você ama.

Eu posso sentir tudo ao meu redor com tanta clareza. As pedrinhas desiguais sob os meus

tênis, a brisa leve que toca o meu rosto, o machucadinho que ainda está sarando no meu queixo,

onde a porta do guarda-roupa me pegou no dia dos chicletes de bolinha.

— Mas tem esse trato entre meninas, eu não posso...

— Dane-se esse trato idiota. Estou aqui falando que você merece ficar com ele.

— Jura mesmo?

— Vai — diz ela, olhando para mim. — E se você está mesmo de castigo, pare de perder seu

tempo discutindo comigo e vá vê-lo, antes que sua mãe perceba que você não está em casa.

Eu vou correndo até ela, dou o maior abraço que se pode imaginar na minha amiga e então

corro para o meu carro.

— De nada! — berra ela para mim.

Eu sorrio, enquanto bato a porta do carro.

Minha mãe chega em casa em meia hora. Acho que dá tempo.

36

Dirigindo pelas estradinhas de terra batida, com o rádio desligado enquanto me concentro no para-brisa, não posso deixar de desejar que a pista ficasse a uns dez quilômetros dali,

para poder bolar um plano.

Mas acho que preciso parar de desejar as coisas e simplesmente encarar a realidade na hora.

Quando estaciono a caminhonete perto da pista, minha cabeça está girando e está cada vez

mais difícil respirar.

Parece que o Ben e os outros pilotos já acabaram o treino, porque estão todos sentados nas

caçambas. Ele deu a ré na caminhonete dele na traseira de outra, para as portinhas das caçambas

se encontrarem, e tem dois caras em cada uma, com as pernas penduradas para fora, tomando

Red Bull e comendo Doritos. Eles ainda estão usando o equipamento: camiseta, calça esportiva,

botas já desafiveladas na canela.

Eles ficam me olhando quando chego a bordo da pequena Ranger, pulando nos morrinhos e

batendo nos piores buracos do campo, porque estou ocupada demais encarando o Ben e

tentando me controlar. Quando consigo sair do banco do motorista, mal posso sentir meus dedos

das mãos e dos pés, de tanto nervoso.

Não sei do que eles falavam, pois todos ficam quietos quando bato a porta e olho

para o Ben.

Ele diz algo para os outros rapazes e pula da caçamba, aterrissando em um morrinho enquanto

uma pequena nuvem de poeira se forma ao redor dos seus pés. Ele se inclina e afivela as botas

novamente, e então vem em minha direção.

Dou o melhor sorriso que consigo nessas condições.

— Quer dar uma volta para a gente conversar? — pergunta ele, apontando para a pista com a

cabeça. Eu não respondo, só viro na direção que ele indicou e ando a passos lentos pela pista.

— Então, e aí? — fala ele, após um momento de silêncio.

— Ah. Hum, então, eu, é que...

Fecho os olhos e engulo em seco. Isso não é o que eu deveria ter dito.

Ele para ao meu lado. Posso sentir sua mão tocando o meu braço. Os cabelos na minha nuca

ficam arrepiados.

Eu deixo meus olhos fechados para a próxima parte, porque a ideia de vê-lo me rejeitar é

demais.

— Eu gosto de você. E queria saber se você sairia comigo um dia desses — desabafo.

Silêncio. E mais nada. Eu respiro e tento abrir um olho para olhar para ele. Ele parece

contente.

— O que você está fazendo? Tirando uma soneca?

Dou um murrinho no ombro dele.

— Não tire sarro de mim!

Ele cruza os braços e me dá um sorriso com cara de sabichão.

— Mas você praticamente pede isso!

Levanto a mão, como se fosse dar uma porrada nele, e ele ergue os braços, numa pose

clássica de “eu me rendo”.

— Tá, tudo bem — concorda ele.

— Tudo bem você parar de tirar uma com a minha cara ou tudo bem sair comigo?

— Booooooommm — faz ele, alongando a palavra até que ela pareça ter várias sílabas.

— Ben!

Ele ri e se aproxima de mim, até ficar tão perto que eu acho que ele me beijará.

— Sim. Quero dizer, bem.... — Ele se endireita de novo e parece que está repensando tudo.

— É que não quero deixar a Nicole chateada. Ela pode pensar que...

— Já falei com ela.

Ele parece acordar novamente.

— É mesmo?

— Ah-hã. Tudo bem.

— Simples assim?

Faço que sim com a cabeça.

— Eu sei, é meio estranho para mim também. Mas ela jura que tudo bem.

Seu sorriso fica mais brilhante.

— Então as senhoritas se juntam para falar de mim, né?

Eu dou outro murro no braço dele.

— Ben!

Ele ri.

— Tá, tá. Quando e onde? Porque se você disser “Baile de Outono...”

É a minha vez de rir.

— Não, não no Baile de Outono. Nem na Filarmônica também. Estou de castigo por duas

semanas. Eu estava pensando que, depois, a gente poderia fazer aquela coisa brega de sair para

jantar e ir ao cinema. Quero dizer, se você quiser.

— Eu posso escolher o filme?

— Putz, que difícil negociar com você — declaro. — Será filme de terror?

— Não, mas também não quero ver filminho meloso, de romance.

— Fechado.

Já chegamos à outra ponta da pista, e sigo Ben através do portão. Está tudo quieto aqui hoje,

nenhuma exposição, nenhum evento.

Ben sobe em uma das rampas e, então, se vira e estende a mão para mim. Sinto meu corpo

inteiro dar choquinho quando dou a mão para ele. Ele segura as pontas dos meus dedos e me

ajuda a subir no morro de terra. É a primeira vez que a minha pele toca a dele desde aquela

tentativa fracassada de andar de moto, há alguns dias.

Eu me atrapalho um pouco para subir a rampa e, quando chego ao topo, acabamos ficando

frente a frente, e mais perto que o normal. Fico pensando se o Ben percebe que meu peito

parece subir e descer mais rápido do que deveria, enquanto tento tomar fôlego.

Estou invadindo o espaço dele, mas não quero me mexer. A gente simplesmente se encara,

um nariz a centímetros de distância do outro. Tudo o que consigo pensar é que, finalmente,

aquele capacete idiota não está no meio.

E, pela primeira vez, aqueles olhos azuis lindos estão olhando para os meus, esperando

ansiosamente, e eu sei, sem dúvida, que ele está sentindo o que estou sentindo.

Este é o Ben. O cara que eu ficava observando de longe, o cara que eu achava gatinho, o cara

por quem me apaixonei. Ele está a centímetros de mim, e não tem mais nada entre nós, nada nos

impedindo.

Eu quero ser a menina que eu era no dia em que o conheci, na ponta do penhasco.

Quero pular.

Sinto uma onda de adrenalina, de coragem e de pura loucura, enquanto levanto meus braços

trêmulos e os coloco ao redor dos ombros dele. Não tem mais ar entre nós dois, a camiseta dele

está tocando meu moletom. Eu pisco e minha coragem bambeia por um segundo, fico pensando

o que é que estou fazendo.

Mas quero fazer isso.

Porque, quando eu finalmente beijar o Ben, não quero que seja por causa de um

desejo.

Não quero que o Ben caia em algum tipo de feitiço, não quero que ele queira me beijar só

porque tem de me beijar. Quero que seja de verdade e quero saber o que é que ele fará, quando

sua mente estiver clara e for só eu ali, e não os desejos.

Aperto meus lábios contra os dele, meu coração martelando sem controle, e então aperto os

ombros dele com mais força. Por apenas um segundo, acho que cometi um erro, porque ele

parece tão surpreso que nem se mexe. Meu peito parece ficar ainda mais apertado, porque estou

segurando a respiração, esperando por ele.

Esperando pela resposta dele.

E então as mãos dele me pegam pela cintura, puxando-me para mais perto. Eu inclino a

cabeça enquanto seus lábios se abrem, só um pouquinho, e o mundo ao nosso redor desaparece.

Não sei por quanto tempo a gente se beija, mas os assobios de “fiu-fiuuu” dos garotos lá

longe são o bastante para nos separar. Eu me viro para vê-los de pé nas caçambas, fazendo a maior

festa para nós.

Dou um passo para trás e olho para os meus pés, minhas bochechas queimando.

Não consigo acreditar que acabei de fazer isso.

— Hummm. — Ele sorri. — Talvez eu deixe você escolher o filme.

Ann está roncando de novo. É a primeira coisa que noto. A segunda é a caixa gigante

sobre a minha escrivaninha. É uma caixa simples, de papelão, com um lacinho vermelho no

topo. Os desejos nunca são pequeninhos nem contidos assim, portanto sorrio de alívio ao ver o

papelão.

Mas, pensando bem, um monte de coisas poderia estar dentro dessa caixa. Vai saber se não

tem um bando de duendes daquele comercial de cereal de arroz escondidos ali.

Eu saio da cama com cuidado para não levar os cobertores junto e me ajoelho em frente à

escrivaninha. A caixa está à altura dos meus olhos.

Coloco as mãos sobre a tampa, tentando sentir alguma vibração. Talvez eu tenha desejado

uma cascavel. Para irritar meu irmão, claro. Mas nada parece se mexer; levanto a ponta da tampa

e olho lá dentro.

Sapatilhas.

Sapatilhas de balé. Elas são lindas: cor-de-rosa com lacinhos delicados na lateral e solas

macias para plié que fariam qualquer menina feliz. Mesmo sem olhar, sei que não encontrarei

nenhum nome de marca nelas e sei também que elas servem direitinho.

Elas foram feitas especialmente para mim.

Passo os dedos pelo laço, sorrindo um pouco para mim mesma.

Não sei se esses desejos fazem qualquer sentido, mas parece que chegaram na ordem correta.

Uma semana atrás, eu teria virado os olhos ao ver essas sapatilhas e as jogado debaixo da cama.

Todavia, hoje, meus dedos mal podem esperar para colocá-las nos meus pés, para dançar pelo

chão, para saltar no ar.

Eu me sento no chão, tiro a tampa da caixa e as sapatilhas lá de dentro. Arranco as meias

peludinhas que usei a noite inteira e calço as sapatilhas cor-de-rosa.

Elas servem perfeitamente, como num sonho. Sem apertar, sem me pinicar, elas são

simplesmente uma perfeição macia e flexível.

Fico de pé, estendo uma ponta do pé e depois a outra. Olho para a Ann por um momento,

para garantir que ela ainda está dormindo, então tiro um pé do chão e estendo os braços no ar da

maneira mais graciosa que consigo, girando num círculo pequeno: a pirueta mais desengonçada

que o mundo já viu.

Mas o sorriso não sai do meu rosto.

Talvez eu consiga fazer isso. Talvez eu devesse tentar.

Nicole tentou ser líder de torcida. E ela sabia que não era exatamente a líder de torcida ideal.

Ela ainda sofria de acne, ainda olhava para baixo, tímida. Mas deu certo. Ela brilhou por alguns

momentos no chão daquele ginásio, um sorriso de orelha a orelha enquanto pulava e gritava e

sacudia seus pompons a caminho da felicidade.

Se ela pode fazer isso, por que é que não posso dançar balé de novo?

Dou mais uma pirueta, e mais outra, e mais outra, até ficar tão tonta que não consigo mais

ficar de pé e acabo caindo na cama, quicando dela e me estatelando no chão.

Caio na gargalhada, tonta de tanta alegria maluca.

Porque nada mais me segura.

Ann rola para o meu lado e me olha lá da cama.

— Mas o que é que você está fazendo? — Ela esfrega os olhos e tenta tirar algumas mechas

cacheadas do rosto.

— Não sei. Nada. Tudo? Eu não sei mais.

— Bom, pelo menos você parece feliz — comenta ela, resmungando e deitando de novo.

Eu sorrio para mim mesma, porque pela primeira vez em um tempão estou mesmo.

Feliz

38

Quando a campainha toca ao meio-dia, abro com tudo a porta e vejo Nicole se inclinando para a frente, com uma caixa enorme nos braços. Eu sorrio e pego a caixa dela, e ela

vem comigo até o meu quarto.

Quando a porta se abre, vejo Ann pulando em círculos com os braços no ar, metade da

barriga perfeitamente retinha dela exposta enquanto ela dança ao som da Kiss 106,1, a rádio pop

da cidade. Eu acho que a música explodindo nos alto-falantes é a última da Britney.

Atravesso o quarto e desligo o rádio.

— Ann, essa é a Nicole. Nicole, Ann.

Ann para de pular e dá um passo à frente, estendendo o braço.

— Prazer em conhecer.

Nicole sorri.

— Igualmente. Eu ouvi dizer que você tem um encontro bem importante hoje à noite.

Os olhos da Ann se arregalam e ela faz que sim com a cabeça, toda animada. Posso ver, pela

batida impaciente do seu pé no chão, que ela está pronta para começar a pular pelo quarto de

novo.

— Vamos montar lá no banheiro e ajudar você a se arrumar.

Levo a caixa, que, juro, deve pesar uns vinte quilos, para o banheiro do corredor. Baixo a

tampa do vaso sanitário e coloco-a sobre ele, dando uma olhadinha de leve lá dentro. Secadores,

um monte de ferros de baby liss, bobes elétricos, escovas redondas, spray para cabelo e um montão

de maquiagem.

— Vamos colocar uns bobes elétricos no seu cabelo e então a gente pode escolher a sua

roupa — diz ela, tomando conta da situação. — Eles demoram um pouquinho para dar

resultado. Estou pensando em um cabelo preso no alto, com um monte de cachos. E você

simplesmente necessita vestir uma roupa verde.

Sorriso ao ver Nicole fazendo o que faz melhor.

Eu sei que ela mudou, que nunca mais será a garota que era um ano atrás, mas não consigo

deixar de achar que talvez isso não seja ruim, mas uma melhoria considerável. Agora ela está feliz,

pronta para encarar o mundo, e eu até me sinto inspirada.

Nicole liga os bobes elétricos na tomada, volta para o meu quarto e pega a cadeira da minha

escrivanhinha, que vem sobre rodinhas até o banheiro, para Ann ter onde se sentar. Fico na

pontinha da banheira, com uma canela apoiada no joelho, enquanto vejo os dedos habilidosos da

Nicole começarem a trabalhar, escovando o cabelo da Ann e dividindo-o em mechas, que ela

enrola nos bobes. De quando em quando, ela borrija spray fixador o bastante para matar pelo

menos uns dois metros da camada de ozônio.

— E como é a Breanna Mills, de verdade? — pergunto, olhando para o reflexo lindo e

impecável da Nicole no espelho. Ela está megaconcentrada. Fico pensando se ela gostaria de ser

cabeleireira de luxo algum dia.

— Você quer saber mesmo? — Ela olha para o meu reflexo. Faço que sim com a cabeça. —

Ela é um doce. Com certeza, a mais legal da turminha dos vestidos da Old Navy.

Sorriso, e Nicole percebe que caiu no velho hábito, ao se referir a essas meninas como o

grupinho dos vestidos da Old Navy. Ela sorri e dá de ombros.

— Mas ela é mesmo. A casa dela é, tipo, um quarto do tamanho da sua, sabia?  
Você ficaria

boba ao ver o que ela encontra nas liquidações. O guarda-roupa inteiro dela provavelmente

custou uns cem dólares e mesmo assim ela é a menina mais bem vestida da escola.

— Talvez a gente possa sair todo mundo junto um dia.

Nicole se vira e olha direto para mim.

— É. Eu acho que seria bem legal. Ela não é completamente malvada como você acha. É

bem capaz de você gostar dela.

Faço que sim com a cabeça e percebo que isso pode mesmo ser verdade.

Dez minutos depois, a cabeça da Ann é uma selva de bobes elétricos, e vamos para o meu

quarto. Chuto toda a bagunça do chão lá para o fundo do meu guarda-roupa para conseguirmos

encontrar as minhas roupas. Nicole fuça como se fosse um falcão treinado, indo direto nos

vestidos cuja cor combina com a pele da Ann. Nicole oferece pelo menos quatro opções para ela.

Então, ela mostra para nós um suéter fúcsia de gola quadrada e umas pregas na cintura. E aí é

que percebo que ela está dando o suéter para mim. Sinto um arrepio, levantando as mãos para

impedi-la.

Nicole coloca uma mão na cintura e me lança um olhar do tipo “não adianta reclamar”.

— Fala sério, Kayla. Experimente. Aposto que fica lindo no corpo.

Suspiro e pego o suéter das mãos dela. “Página em branco.” Tenho de me lembrar.

Ann coloca as opções de vestido sobre a cama e volta para o banheiro com a Nicole.

Enquanto elas estão ocupadas com aquela cabeleira toda, tiro minha camiseta e experimento a

blusa fúcsia.

Quando vou até o banheiro para me olhar no espelho, o rosto da Nicole fica até iluminado.

— Eu falei para você que ficava lindo no corpo.

Ao me ver no espelho, não consigo evitar e sorrio também.

Porque ela tem razão. O tom da blusa consegue dar mais cor às minhas bochechas.

Talvez amanhã, depois do encontro da Ann e do Baile de Outono e seja lá o que for que a

Nicole tem marcado em seu calendário social tão concorrido, ela possa voltar e fuçar no meu

armário, para me dar umas dicas.

Alguma coisa me diz que a Nicole não se importará nem um pouco.

\*\*\*

Algumas horas mais tarde, Ann e eu estamos sentadas ao balcão da cozinha, cada uma em um

banquinho, esperando a campainha tocar. Meu pé parece o da Nicole naquele dia na aula de

Biologia, porque está praticamente espancando o apoio para pé. Não sei por que estou tão

nervosa pela Ann, mas estou. Ela é a Cinderela, e essa é a noite dela. Mas, em Cinderela, é a

carruagem que se transforma em outra coisa, à meia-noite.

Amanhã rola o último desejo. Amanhã, tudo isso chegará ao fim.

Posso não ser uma fada madrinha, mas tinha um vestido bonitinho para a Ann esperando por

ela no meu guarda-roupa. Ela está impecável, mais linda do que eu poderia imaginar. Ela está

usando um vestido cor de esmeralda bem elegante, com alças fininhas e delicadas e uma saia

ligeiramente godê, que fica só um pouco acima dos joelhos. E também tem uma camada que

parece tule por cima, o que dá um ar etéreo para a pele da Ann.

Nicole tinha razão. Verde é, com certeza, a cor da Ann.

Graças aos bobes elétricos e o que deve ter sido um zilhão de grampos, o cabelo dela foi

totalmente transformado, e aquela bagunça espetada virou um penteado lisinho e brilhante. Os

cachos que sobraram são longos, mais soltos e estilosos. Ela está linda, e se o Ken não ficar

totalmente louco por ela, então ele é um idiota mesmo.

Acho que a Ann também está nervosa de verdade porque, pela primeira vez na vida, não está

pulando pela sala como uma criança. Ela está quietinha, um pouco pálida, porém serena, e de

vez em quando passa a mão pelo cabelo.

A campainha toca, nós duas damos um pulo, e então olhamos uma para a outra e caímos na

risada. Risada nervosa. Seus olhos verdes brilham.

Eu desço do banquinho, que parece arranhar o piso da cozinha.

Posso ver a silhueta dele do outro lado da janelinha, no alto da porta.

— Pronta? — pergunto à Ann.

Seus olhos brilham mais ainda, entregando seu estado de nervos, mas ela faz que sim com a

cabeça.

Abro a porta com tudo e dou um passo para o lado, para que a Ann seja a primeira pessoa que

o Ken vê.

Os lábios dele produzem um sorriso feliz e carinhoso, mostrando aqueles dentes perfeitos.

Hoje, o sorriso dele parece estranhamente natural, verdadeiro, muito menos plástico que há uma

semana. Ele dá um passo à frente e abraça a Ann, com seus braços enormes e musculosos ao

redor dela, e ela fica na pontinha dos pés para retribuir o abraço. Eu me sinto meio como uma

mãe orgulhosa de pé ali, no hall de entrada, vendo os dois.

Ken olha por cima do ombro da Ann e para mim, dando-me o sorriso mais simples do

mondo. Não posso deixar de pensar que é um “obrigado”, pois acho que vejo gratidão em seus

olhos.

Ele desenrosca os braços do corpo dela e olha para ela, apontando com a cabeça para o Jeep

parado lá fora.

— Vamos?

— Não a deixe em casa cedo demais — brinco. Ann quase explode em outra

risada nervosa.

Acho que ela vai derreter e virar uma pocinha a qualquer segundo.

Com uma mão na porta, fico assistindo enquanto eles vão para o Jeep que, ainda bem, está

com a capota levantada hoje. Eu ficaria muito brava com ele por estragar o lindo cabelo dela.

Ken abre a porta e ela entra, tomando cuidado para arrumar o vestido e não revelar nada

mais, alisando nervosamente as rugas não existentes do tecido. Ken vai até o lado do motorista,

entra no carro e dá a partida.

Antes de eles sumirem de vista, Ann me dá um joinha, seus lábios cheios de gloss formando

um sorriso que resume tudo.

Vou sentir saudade dessa boneca idiota.

39

Quando acordo na manhã seguinte, meu quarto está estranhamente iluminado,

apesar das cortinas verdes e grossas. Pisco algumas vezes, pensando se dormi até depois do meio-

dia, mas o mundo está silencioso. Silencioso demais para o meio-dia.

Eu me sento na cama e dou uma olhadinha pela cortina, e o que vejo faz meus olhos se

arregalarem.

Neve.

Flocos de neve enormes e fofinhos estão caindo silenciosamente do céu aveludado. Mal

posso ver o quatinho no fundo do jardim por entre os milhões de flocos que

despencam das

nuvens lá em cima.

Mal chegamos em outubro.

Nevar em novembro já seria uma raridade. Como uma tempestade de neve bem da estranha!

Aposto que nunca nevou em outubro antes. Pisco, de olho nos flocos caindo, pensando se foi

um desejo meu também. Não consigo parar de olhar a cena. Nosso gramado não está mais verde;

agora é apenas um cobertor lindo de poeira branca e impecável.

— Ann! — sussurro, ficando de pé e pressionando a testa contra o vidro da janela. Ela está

gelada. Deve ter caído uns vinte graus desde ontem à noite. Eu me sinto tonta e meio boba,

como uma criança acordando na manhã de Natal.

— Ann! Está nevando!

Eu me viro para acordá-la — talvez com uma travesseirada —, mas meu mundo cai e o

sorriso do meu rosto some ao ver que ela não está mais na minha cama.

A cama está vazia. Totalmente deserta da ruiva meio maluca que eu aprendi a conhecer e a

gostar.

Ann não gosta de levantar cedo. Ela nunca acordou antes de mim. Ela poderia dormir até no

naufrágio do Titanic.

Vou até o guarda-roupa, como se por algum motivo ela fosse estar sentada no chão lá dentro.

Mas ela não está. A grande pilha de brinquedos e a bagunça que arranquei das prateleiras há

alguns dias ainda estão amontoadas no carpete.

Tiro meu roupão felpudo do cabide, coloco um par de pantufas bem grossas e saio do meu

quarto, descendo as escadas tão rápido que quase despenco antes de chegar lá embaixo, e tenho

de me agarrar ao corrimão. Saio pela porta dos fundos e abro-a com tudo, mas só quando chego

ao jardim é que me ligo que está mesmo nevando e que estou usando só um roupão e pantufas

fofinhas.

Olho para o céu, e os flocos de neve aterrissam nas minhas bochechas, na minha testa e nos

meus olhos. Pisco algumas vezes e coloco a língua para fora para “comer” alguns.

Eles são de verdade. Está nevando em Enumclaw em outubro. Eu me viro e olho para o topo

das montanhas à nossa volta, mas mal consigo ver a cobertura de neve nelas, em meio aos flocos.

Isso tem de ser algum recorde meteorológico.

Eu quero ficar maravilhada por mais um tempo, mas está congelante, então saio correndo

pelo gramado agora branco. A neve, gelada e úmida, passa através das minhas meias até parecer

que minhas canelas se partirão. Consigo chegar até o quartinho do jardim, levanto a tranca e abro

a porta.

Ann não está lá. Nem o pônei. Isso não deveria me deixar preocupada, porque pode ser que

eles tenham saído para dar uma volta, mas tem mais coisa faltando: os sacos e mais sacos de

chicletes de bolinha. Eles sumiram, e o quartinho está quase vazio, limpo, sem nenhuma marca

de cascos ou cocô de cavalo, ou qualquer evidência dos desejos.

Vejo apenas um cortador de grama meio abandonado, encostado no canto. Eu poderia ir até

a garagem e procurar a moto, mas sei que ela sumiu também.

Tento engolir o nó que se alojou na minha garganta. Eu me viro e olho para o gramado, para

o cobertor de neve, o silêncio pesado nos meus ouvidos. Por que a neve faz tudo parecer tão...

quieto?

Ann desapareceu mesmo. Todo mundo sumiu. Essa neve é o meu último desejo e, agora

que se realizou, de alguma maneira a maldição foi quebrada. Isso era o que eu queria, ou pelo

menos tinha sido o que desejei. Porém, eu me sinto meio vazia ao me arrastar de volta para casa,

a neve estalando sob as minhas pantufas, que estão ficando úmidas, rapidinho.

Vou ficar com saudade dela. E do Ken. E daquele pônei besta.

Olho para baixo. Bom, ao menos não vou ter saudade dos meus peitos gigantes. Tudo bem

ser quase reta. Não consigo acreditar que antigamente odiava meu peito, mas agora estou muito

feliz ao ver que aqueles melões desapareceram.

Tento pensar em uma palavra em italiano, uma frase, qualquer coisa, mas não consigo.

Terminou mesmo. Duas semanas de loucuras sem-fim que deixaram minha vida de cabeça

para baixo, e agora simplesmente acaba assim.

Ando até o meio do jardim, a neve congelante passando pelas minhas pantufas e indo direto

para os meus dedos dos pés, e então olho para o céu cinza-prateado, quase cega pelos flocos que

tocam minhas bochechas e aterrissam no meu nariz. Não tem carros passando, nem passarinhos

piando, somente um silêncio absoluto e lindo.

E aquela tranquilidade cheia de paz desaparece quando alguma coisa explode na minha

panturrilha descoberta.

Eu me viro para ver o meu irmão, com os olhos mais brilhantes que vi em semanas, fazendo

outra bola de neve. Ele a joga como um arremessador de beisebol, e ela estoura no meu roupão

antes que eu consiga processar o que ele está fazendo.

— Ei! — Eu saio correndo, indo para a lateral do quartinho do jardim assim que outra bola

de neve atinge a parede de madeira. Comemorando, pego um punhado de neve com as mãos

descobertas e tento fazer uma bola. Fico de olho na ponta no canto do quartinho, mas meu

irmão não está mais ali perto.

Meus olhos seguem as pegadas dele na neve, e me ligo, tarde demais, que ele

está indo

direto para o outro lado do quartinho.

Eu me viro bem a tempo de ele me acertar com outra bola de neve, dessa vez bem no peito.

Sem perder um segundo, dou um passo para trás e arremesso.

A bola atinge o ombro do Chase e explode nele, e sei, pelo jeito como ele arqueia as costas,

que a neve escorreu para dentro da camisa dele. Com uma calça de pijama, camiseta e um par de

tênis sem meia, vejo que ele está tão mal equipado para a neve quanto eu.

Meus dedos estão vermelhos por causa do frio, e o cinto do meu roupão se desamarrou,

revelando a camiseta verde velha e o short xadrez que combina com ela, mas não estou nem aí.

Pego mais neve e saio correndo, virando-me para jogar mais uma bola no meu irmão.

Erro, mas ele também erra. Tento me abaixar e pegar mais um punhado, enquanto corro

para a porta dos fundos, porém minha pantufa fica presa em algum buraco no gramado,

enquanto meu pé vem comigo. Quando vejo, estou rolando na neve.

E, apesar de parecer que meu corpo inteiro está num freezer, caio na gargalhada.

Meu irmão vem andando em minha direção, e me ajuda a levantar.

— Que loucura, né? — comenta ele, apontando para o gramado.

Faço que sim com a cabeça, mas não explico que essa é a coisa menos louca que aconteceu

comigo nas últimas duas semanas.

— Você quer andar de trenó? Acho que nosso velho trenó ainda está na garagem.

Sorriso, fazendo que sim com a cabeça com toda a animação, porque andar de trenó parece a

melhor ideia que meu irmão já teve.

— Legal. Vamos em uma hora, então.

Sigo meu irmão de volta para casa, e aí percebo que ele não está prestando atenção. Não

resisto e pego mais um punhado de neve, jogando tudo nele.

— Ei!

— Isso é pela primeira bola de neve traiçoeira de hoje.

Meu irmão fica pensando por um momento, as sobrancelhas pretas e grossas enrugadas, e

então dá de ombros.

— Beleza, é justo.

Entramos em casa e ele vai para o quarto dele, enquanto me apoio no balcão da cozinha.

Tiro meu roupão molhado e chuto para longe as pantufas, arrancando minhas meias úmidas.

Minha pele queima e formiga enquanto se aquece novamente, e minhas mãos estão cobertas por

um vermelho bem brilhante, assim como os meus dedos dos pés.

Tem uma pilha de pãezinhos em uma cesta, então pego um, arranco um pedaço e o enfio

na boca. Possivelmente, pareço um hamster, como a Ann e aquele bolinho de canela, mas ainda

estou me sentindo meio vazia porque os desejos terminaram. Quero preencher esse vazio

enorme, e só consigo pensar em comida.

Na noite passada, a Ann e o Ken decidiram tirar o pônei do quartinho de fininho e o levar

para dar uma volta. Eles ficaram fora por mais de uma hora e meia e, quando ela voltou, ficamos

fofocando por mais uma hora, até depois das duas da manhã. Deitamos na minha cama e ficamos

olhando para o teto, e contei tudo para ela sobre o Ben e o nosso beijo, e ela falou sobre o

encontro dela e como o Ken é romântico.

Acho que eles se deram superbem, o que é legal. Ele comprou uma rosa para ela de um

vendedor na rua, e ela não largou da flor a noite inteira. Seu sorriso era mais verdadeiro e

genuíno que qualquer sorriso que já vi na vida.

Não sei onde esses dois estão agora. E acho que nunca saberei. Mas espero que, de alguma

maneira, eles estejam juntos.

Minha mãe chega bem na hora em que enfio outro pedaço de pão na boca, apesar de não ter

mais espaço lá dentro. Eu provavelmente pareço ridícula, mas isso está me fazendo sentir melhor.

Ela não olha para mim, e só enfia umas pastas na bolsa de trabalho. Seu cabelo está preso no

coque apertado e perfeito de sempre, e ela está usando um suéter roxo, bonitinho, com calça

social preta. Percebo, com o coração doendo, que ela ainda está brava comigo. Talvez os desejos

tenham terminado, mas ela se lembre da nossa briga, porque não está nem olhando em minha

direção.

Ela coloca as pastas na bolsa enquanto lê uma mensagem no BlackBerry ao mesmo tempo,

franzindo a sobrancelha para a mensagem.

— Tenho algumas reuniões marcadas para hoje, então preciso sair logo — diz ela, ainda não

olhando para mim.

Será que ela já olhou lá para fora? Será que ela sabe que está nevando, e que esses são os

maiores flocos de neve que eu já vi?

Faço que sim com a cabeça, minha boca tão cheia que não posso falar. Ela não percebe. Ela

está fazendo cara feia agora, folheando a agenda. A cena — de total concentração — que já vi um

milhão de vezes.

— Você viu o cartão de visita daquela confeitaria onde comprei seu bolo de aniversário? —

Ela para, ainda folheando a agenda. — Eu dei um para você? Eu tinha alguns, e agora...

Arregalo os olhos e tento engolir o pedaço de pão na minha boca, mas dei uma mordida

inacreditavelmente gigante.

— Ah, deixa pra lá, achei. Vou me encontrar com a Jean mais tarde, para falar sobre o

aniversário de dezesseis anos da filha dela, e acho que ela adoraria um bolo de lá.

— Minha mãe

fica quieta e olha para mim. — Acho que a filha dela está na mesma escola que você. A Janae.

Um doce de menina.

Meu queixo cai e deve mostrar a metade do pão mastigado na minha boca.  
Minha mãe não

percebe, porque está ocupada demais flutuando até a porta. Eu tapo a boca com a mão para não

rir, enquanto me esforço para engolir a comida.

Vamos torcer para a Janae ser do tipo de menina que faz desejos de aniversário.

Engulo o pão e faço tudo descer com suco de laranja, para tentar falar de novo.

— Mãe! — chamo-a, levantando-me do banco.

Ela volta para a cozinha.

— Oi?

Eu suspiro e me afundo de novo no banquinho, sem saber como começar. Aperto os dedos

contra o granito gelado, vendo como eles deixam pequenas marcas mornas e que soltam

fumacinha, que desaparecem um segundo depois.

— Desculpe. Pelo... pelo que eu disse. Eu sei que você faz o melhor que pode e que me dá

tudo e muito mais.

Olho para ela, esperando que ela estivesse checando seus e-mails no BlackBerry, mas não. Ela

está olhando para mim. Minha mãe apoia o quadril no balcão e aperta os lábios.

— Obrigada. E desculpe também. Sinto muito por forçá-la a ter aquela festa. Eu sabia que

você não queria, mas achei que, depois que começasse, se divertiria tanto que

não faria diferença

nenhuma. Eu deveria ter escutado você.

Faço que sim com a cabeça e nos olhamos nos olhos por um tempão; e não posso deixar de

pensar que talvez um novo entendimento esteja rolando entre nós.

— Estou superatrasada e tenho de ir. — Ela começa a se virar, mas então para.

— Ah, eu

deixei dinheiro na mesinha perto da porta.

Que decepção. Mesmo depois de tudo isso, estamos de volta a essa situação?  
Vinte dólares

para a pizza; vou chegar tarde; não fiquem acordados até tarde, blá, blá, blá...

Mas então ela olha para mim de novo.

— Eu estava pensando... Você pode ir alugar um filme? Alguma coisa que o Chase consiga

assistir. Vou pegar um pão de alho no mercado e podemos fazer espaguete.  
Chego em casa às

sete.

Seus lábios quase formam um sorriso, enquanto olhamos uma para a outra.

E então ela desaparece pela porta.

Talvez os desejos tenham terminado.

Mas tenho a impressão de que a vida nunca mais será a mesma.

Agradecimentos

Muito obrigada à minha agente, Zoe Fishman, por ter todas as respostas, e à  
minha editora,

Lexa Hillyer, por fazer todas as perguntas certas.

As pessoas a seguir também merecem minha mais sincera gratidão:

Meu marido, Dave, que sempre sabe como me fazer rir, mesmo quando estou estressada com

um prazo; Cyn Balog, pelos telefonemas e e-mails, e por tornar tudo isso tão divertido; Rhonda

Stapleton e Julie Linker, porque foi mesmo como um acampamento de verão, e minha barriga

ainda está doendo de tanto dar risada; meus colegas, por comprarem tantas cópias de Prada and

prejudice que o livro acabou virando um best-seller local, para surpresa da livraria; meu irmão mais

velho, Brian, pois sua arte nunca deixa de me inspirar; meu irmão mais novo, Danny, porque

you sempre aparece na hora em que preciso para me tirar do aperto; minha mãe e meu pai, por

sempre acreditarem em mim e me incentivarem; Rachel, porque a vida não seria nem a metade

da diversão que é se não fosse por você e por aquele chapéu de baladeira; e minhas primas,

porque roubei seus nomes para este livro: Nicole Kaiser, Kayla Harder e Janae Prince. Mas juro

que, exceto pela similaridade nos nomes, as personagens são totalmente fictícias.

Um agradecimento especial a Gabriella Forello e sua família, que sequer piscaram quando

pedi uma tradução para o italiano de “Ai, meu Deus” e “porcaria”.

E, finalmente, muito obrigada a todo mundo que comprou Prada and prejudice e me

mandou e-mails, compartilhando suas opiniões. Aqueles e-mails sempre me ajudam a enfrentar

um prazo maluco e significam tudo para mim.

## Document Outline

- [Capa](#)
- [Folha de rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Sumário](#)
- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [22](#)
- [23](#)
- [24](#)
- [25](#)
- [26](#)
- [27](#)
- [28](#)
- [29](#)
- [30](#)
- [31](#)
- [32](#)
- [33](#)
- [34](#)
- [35](#)

- [36](#)
- [37](#)
- [38](#)
- [39](#)
- [Agradecimientos](#)